**PRÁTICAS CORPORAIS NA SAÚDE:
NÓS, TANGÊNCIAS E SAÍDAS**

MARCOS WARSCHAUER

Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

Práticas corporais na Saúde: nós, tangências e saídas.

Marcos Warschauer

Tese apresentada para ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Serviços de Saúde Pública

Orientadora: Profa. Dra. Cleide Lavieri Martins

São Paulo
2017

Práticas corporais na Saúde: nós, tangências e saídas.

Marcos Warschauer

Tese apresentada para ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Serviços de Saúde Pública

Orientadora: Profa. Dra. Cleide Lavieri Martins

Versão revisada

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Biblioteca/CIR: Centro de Informação e Referência em Saúde Pública
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Warschauer, Marcos
- Práticas corporais na Saúde: nós, tangências e saídas.
/ Marcos Warschauer; orientadora Cleide Lavieri
Martins. -- São Paulo, 2017.
271 p. (versão impressa)
254 p. (versão digital)

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo, 2017.

1. Práticas Corporais. 2. Cartografia. 3. Intimidade.
4. Relato Autobiográfico. 5. Promoção da Saúde. I.
Martins, Cleide Lavieri , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Diferente do que pensei escrever este agradecimento me custou algumas noites. Por onde começar? Quem agradecer primeiro sem causar algum constrangimento? Poderia começar pela orientadora ou pelos educadores sociais do De Bem com a Vida, poderia ser pela família ou pelos amigos. Filhos? Sim, filhos certamente encabeçariam a lista. O fato é que quanto mais eu tentava me convencer de um critério de escolha, mais exposta ficava minha debilidade. Ontem, na madrugada, deitado no chão e olhando para a varanda encontrei a resposta. Lá estava ela, White Spider Lily (Hymenocallis) uma flor que só abre uma vez por ano e é um espetáculo quando floresce. Com ela, deixo de lado os significados e avanço sobre o inesgotável fundo de sentidos demonstrando toda a minha gratidão.

Ilustração 1: Desenho da flor White Spider Lily (Hymenocallis) – Marcos Warschauer, 2017.

RESUMO

WARSCHAUER, Marcos. Práticas corporais na Saúde: nós, tangências e saídas [Tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2017.

O relato a seguir retrata o entrecruzar de percursos do autor *pesquisador* e o autor *viajante* na busca de novos caminhos para compreender as práticas corporais no campo da saúde pública. O autor pesquisador, profissional de educação física, que há mais de quinze anos trabalha com práticas corporais na Saúde, vive, briga e se indigna com sua própria formação que o conduziu para um mundo prescritivo, com regras e leis bem específicas: o olhar da atividade física na prevenção de doenças num corpo segmentado. O autor viajante parte num veleiro em busca de novos ventos fazendo uso de alegorias com textos metafóricos, imagens, poesia, música e cartas. O resultado dessa mescla de percursos é um texto cartográfico com base no programa De Bem com a Vida (DBV) de São Bernardo do Campo que discute o conceito de atividade física e de práticas corporais a partir da noção de experiência de John Dewey. Avança pela intimidade na debilidade da linguagem e apresenta a ideia de espaço conceitual que norteou a implementação do programa. Em seguida, com a contribuição dos relatos autobiográficos dos educadores sociais do DBV, discute o processo de implementação do programa, seus nós, tangências e saídas e aponta características importantes para os espaços de práticas corporais. Ao final chama a atenção para o espaço de relações e para o espaço do “entre” como potenciais para integrar os diversos profissionais de saúde. O “entre” é um espaço dinâmico que nos aproxima do mundo por meio da brincadeira, do jogo sem regras, inventivo, criativo que sempre se renova e nos faz sonhar com as inúmeras possibilidades da vida. É nesse espaço que ocorrem os beijos molhados, os abraços apertados, os olhares atentos e onde, eu e você, vamos nos encontrar... Boa leitura.

Palavras-chave: Práticas Corporais, Intimidade, Cartografia, Relato Autobiográfico, Promoção da Saúde.

ABSTRACT

WARSCHAUER, Marcos. Body Practices in Health: knots, tangents and outputs [Thesis]. São Paulo: School of Public Health - University of São Paulo; 2017.

The following report depicts the interweaving between the experiences of both authors in relation to their trajectory as *researcher* and *voyager*, in search of new ways to understand body practices in the field of public health. The author acting as researcher, who specializes in physical education and has worked with body practices in health for more than fifteen years, lives, fights and is angered by his experience in education which led him to a prescriptive world, with very specific rules and laws: the perspective of physical activity on diseases prevention in a segmented body. The author acting as voyager sails through allegories made with metaphorical texts, pictures, poetry, music and letters. The result of this blend of trajectories is a cartographic text based on the De Bem com a Vida (DBV) program of São Bernardo do Campo, which discusses the concept of physical activity and body practices based on John Dewey's notion of experience. It addresses the intimacy in the frailty of language and introduces the idea of conceptual space that guided the implementation of the program. Then, with the contribution of the autobiographical narration by the social educators of the DBV, it discusses the process of implementation of the program, its knots, tangents and outputs, and points out important aspects for the spaces of body practices. By the end, it draws attention to the space of relations and to the space of the "in-between" as potential features to integrate the various health professionals. The "in-between" is a dynamic space that brings us closer to the world through games without rules, which are inventive, creative and always renewing themselves, making us dream about the possibilities of life. It is in this space that wet kisses, tight hugs and attentive looks occur, and it is also where we are going to meet... Have a good reading.

Keywords: Body Practices, Intimacy, Cartography, Autobiographical Narration, Health Promotion.

SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO</i>	13
<i>COSTURANDO NA PISTA CARTOGRAFIA</i>	24
<i>(AUTO) INTRODUÇÃO</i>	41
<i>VENTARMOS</i>	57
<i>CORPOS EM EXPERIÊNCIA</i>	84
<i>POEMA BRANCO</i>	103
<i>ESPAÇO CONCEITUAL</i>	116
<i>EXPRESSO EM VIDAS</i>	135
<i>DE BEM COM A VIDA</i>	156
<i>ESPAÇO DO ENTRE...</i>	199
<i>REFERÊNCIAS</i>	220
<i>ANEXO 1 – RESUMO DOS RELATOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCADORES SOCIAIS</i> .	229
<i>ANEXO 2 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA</i>	251

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: DESENHO DA FLOR WHITE SPIDER LILY (HYMENOCALLIS) – MARCOS WARSCHAUER, 2017.....	5
ILUSTRAÇÃO 2: DOM QUIXOTE, MUSEU PEINADO, RONDA, ESPANHA. ÓLEO SOBRE TELA. 81X61 CM. FOTO: MARCOS WARSCHAUER, MARÇO/2017.	12
ILUSTRAÇÃO 3: DON QUIXOTE AND SANCHO SETTING OUT, BY GUSTAVE DORÉ, 1863.	15
ILUSTRAÇÃO 4: DON QUIXOTE AFTER HIS BATTLE WITH THE CAT BY GUSTAVE DORE.....	23
ILUSTRAÇÃO 5: FERNANDO VICENTE. COVERS LITERARY ATLAS.....	25
ILUSTRAÇÃO 6: CARTOGRAFIA MARCOS.....	42
ILUSTRAÇÃO 7: YACHT 'THE SHAMROCK' COMPETING IN AMERICA'S CUP, CA. 1900, BY GEORGE EASTMAN HOUSE.....	59
ILUSTRAÇÃO 8: DANÇA FLAMENCA, TEATRO MUNICIPAL LA CHUMBERA, GRANADA, ESPANHA FOTO: MARCOS WARSCHAUER, JUNHO/2017.	85
ILUSTRAÇÃO 9: RODRIGO FARIA, DE. ARCÁDIA: REVISTA DE LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA, CAMPINAS N. 1, 2014.....	104
ILUSTRAÇÃO 10: THE DON IS PLACED IN A CAGE, BY GUSTAVE DORÉ.....	115
ILUSTRAÇÃO 11: GRAFITE EM PARTE DO “MURO DE BERLIM”. EAST SIDE GALLERY: MÜHLENSTRASSE 3-100, BERLIN, ALEMANHA, FOTO: MARCOS WARSCHAUER, 2011.....	117
ILUSTRAÇÃO 12: SANCHO COMES TO DON QUIXOTE’S AID, BY GUSTAVE DORÉ.....	134
ILUSTRAÇÃO 13: TREM CURITIBA – MORRETES. FOTO: MARCOS WARSCHAUER, NOV./2017. ...	136
ILUSTRAÇÃO 14: THE DON THREATENS THE PEASANT WHO WAS WHIPPING THE SHEPHERD BOY, BY GUSTAVE DORÉ.....	155
ILUSTRAÇÃO 15: DASTARDLY AND MUTLEY IN THEIR FLYING MACHINES, - HANNA-BARBERA. TV CARTOON. 1969.....	158
ILUSTRAÇÃO 16: SKULPTUR “RECONCILIATION” BY JOSEFINA DE VASCONCELLOS. BERLIN, ALEMANHA. FOTO: MARCOS WARSCHAUER, 2011.	200

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: IMAGEM DA PRIMEIRA TELA DE PESQUISA DO GOOGLE SOBRE QUALIDADE DE VIDA (ABR./2017).....	77
FIGURA 2: DESENHO DO ESPAÇO CONCEITUAL PARA PENSAR O ESPAÇO DAS PRÁTICAS CORPORAIS.	126
FIGURA 3: FLUXO ENTRE LEVEZAS E DUREZAS RELACIONADO COM OS NÍVEIS DE ATENÇÃO À SAÚDE DO SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO.	131
FIGURA 4: DESENHO FINAL DO ESPAÇO CONCEITUAL COM OS FUNDAMENTOS DA PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	164
FIGURA 5: CURSO DE FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES.....	167
FIGURA 6: RESPOSTA DE PARTICIPANTE NO CURSO DE FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES SOBRE O QUE É VIDA.	168
FIGURA 7: RESPOSTA DO GRUPO DE AGENTES COMUNITÁRIOS SOBRE O QUE É SER AGENTE COMUNITÁRIO NA UBS.	168
FIGURA 8: MULTIPLICIDADE DE OLHARES.....	170
FIGURA 9: FORMAÇÃO PERMANENTE.....	174
FIGURA 10: NÚCLEO DE TRABALHO DO TERRITÓRIO.	176
FIGURA 11: OUT./2010 – FOTOS DA FESTA DE LANÇAMENTO DO PROGRAMA DBV.	184
FIGURA 12: NOV./ 2010 – OFICINAS DE MASSAGEM.	185
FIGURA 13: NOV./2010 – OFICINA DE SUCOS COM DEGUSTAÇÃO.	185
FIGURA 14: MAI./2011 – VIOLEIROS NA UBS.....	185
FIGURA 15: JUN./2011 – “ENCONTRÃO” NO PARQUE.	185
FIGURA 16: SET./2011 – O PRIMEIRO GRANDE BAILE.	186
FIGURA 17: DEZ./2011 – FILARMÔNICA DE SBC.	186
FIGURA 18: FEV.2012 – DBV E EXPRESSO LAZER.....	186
FIGURA 19: JUN./2012 – ENCONTRÃO NO PARQUE.	186
FIGURA 20: OUT./2012 – DIA DAS CRIANÇAS NAS UBS.	187
FIGURA 21: DEZ./2012 – 2ª MOSTRA DE SAÚDE.	187
FIGURA 22: FEV./2013 – DBV E EXPRESSO LAZER NA UBS.....	187
FIGURA 23: MAI./2013 – OFICINA DE MÚSICA DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA.	187
FIGURA 24: MAI./2013 – “SARAI” NAS UBS.	188
FIGURA 25: JUN./2013 – OFICINAS AGROECOLÓGICAS NAS UBS.....	188
FIGURA 26: IMPLANTAÇÃO DOS BAILES A PARTIR DE 2013.	188
FIGURA 27: AGO./2014 – FESTIVAL GASTRONÔMICO NO PARQUE.	189
FIGURA 28: JUN./2015 – OUTRO “ENCONTRÃO” NO PARQUE.....	189
FIGURA 29: DEZ./2016 – ÚLTIMO ENCONTRO NO PARQUE ANTES DA MUDANÇA DE GOVERNO. ..	189

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: EXEMPLO DO QUADRO DE CATEGORIAS ANALÍTICAS ELABORADO PARA CADA EDUCADOR SOCIAL.....	252
QUADRO 2: TEMAS DO VÍDEO DE BEM COM A VIDA.	253
QUADRO 3: TEMAS DO VÍDEO CONVERSÇÕES.....	254

A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida.¹

Ilustração 2: Dom Quixote, Museu Peinado, Ronda, Espanha. Óleo sobre tela. 81x61 cm. Foto: Marcos Warschauer, março/2017.

¹ Dom Quixote de La Mancha – Segunda parte (1615) Edição eBooksBrasil. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quixote2.pdf>. Acesso em: 19/09/2017, p.720.

APRESENTAÇÃO

A imagem de Dom Quixote, o cavaleiro andante e seu fiel escudeiro Sancho Pança como imagem síntese dessa tese faz alusão aos percursos da vida e das ideias retratadas nesse documento. Insinua a sintonia, a comunicação, o respeito às diferenças existentes nos trabalhos e projetos coletivos. Também faz menção à narrativa que pode ser construída por alguém de fora, um observador de todos os atos e depositário de todos os pensamentos como no livro de Cervantes ou totalmente implicado como neste livro no qual o narrador é detentor somente do seu ponto de vista frente aos dos diversos personagens da história. A imagem também sugere a mistura de realidades e irrealidades, sanidades e demências, liberdade e controle e o descompasso entre o idealismo e a realidade importantes em qualquer projeto de vida. “Dom Quixote, o velho sujeito do conhecimento, foi enfeitiçado e pode apenas fazer experiência sem jamais tê-la. Junto a ele, Sancho Pança, o velho sujeito da experiência², pode apenas ter a experiência, sem jamais fazê-la.”³

² O sujeito da experiência como uma totalidade consumada da experiência, algo de essencialmente finito, presente em cada indivíduo. O sujeito do conhecimento é o intelecto agente que não pode mais atingir a maturidade, mas apenas acrescer os próprios conhecimentos, algo essencialmente infinito.

³ AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2008. (Trad. de Henrique Burigo. Título original: *Infanzia e storia: distruzione dell'esperienza e origine della storia*; 1978), p. 33.

Ilustração 3: Don Quixote and Sancho Setting Out, by Gustave Doré, 1863.

Disquisição na Insônia

Carlos Drummond de Andrade

*Que é loucura: ser cavaleiro andante
ou segui-lo como escudeiro?*

De nós dois, quem o louco verdadeiro?

O que, acordado, sonha doidamente?

*O que, mesmo vendado,
vê o real e segue o sonho
de um doido pelas bruxas embruxado?*

*Eis-me, talvez, o único maluco,
e me sabendo tal, sem grão de siso,
sou — que doideira — um louco de juízo.*

Momento estranho.

Escrevo essa apresentação como quem acabou de sair de um vendaval, como quem ainda sente os efeitos do vento que já não está mais, como quem inicia um percurso já percorrido. É claramente mais um exercício de registro como ato cartográfico que compõem esse texto e que procura dar objetividade às muitas experiências que percorreram meu corpo ao longo da vida.

O texto apresenta capítulos com uma síntese poética no início de cada capítulo composta por imagem, poesia texto e música que faz parte do exercício cartográfico que estou propondo e que busca romper com o tecnicismo da educação física e ampliar possibilidades de expressão aproximando ainda mais as práticas corporais das questões da vida no seu sentido público, privado e íntimo. Por se tratar, muitas vezes, de frases, expressões, imagens e poesias carregadas de sentimentos que fizeram parte da minha vida corro o risco da incompreensão, pois me arrisco numa linguagem poética, fotográfica e textual sem ser poeta, fotógrafo ou escritor, mas por outro lado me sinto tranquilo e consciente deste lugar que escolhi para escrever, um lugar incerto, que chamei de espaço do entre, que não está nem lá e nem cá e que muitas vezes incomoda o lá e o cá. Colocar-me nesse espaço possibilitou realizar vários trabalhos, ajudar e ser ajudado por várias pessoas e me realizar profissionalmente como no pôr em prática o programa De Bem com a Vida (DBV) que é o objeto de estudos desse trabalho. É um espaço que fui me situando ao longo da vida sem perceber, fruto, talvez, da rebeldia que me acompanha desde criança e que se revelou para mim ao final desse trabalho, ou melhor, que acabou por se concretizar sem palavras após percorrer os diversos capítulos, as imagens e poemas que compõem esse texto. Nele me encontrei e hoje com ele me posiciono sem medo para assumir um lugar que por não estar nem lá e nem cá, é muitas vezes invisível, encoberto e achatado pela expressão: “você vai chegar lá”, mas que quando visível me mostrou claramente o lugar das práticas corporais.

De forma resumida, o De Bem com a Vida é um programa de práticas corporais realizado em todas as Unidades Básicas de Saúde da cidade de São Bernardo do Campo (SBC) que teve início em 2010. Envolve diretamente duas Secretarias: a de Saúde e a de Esportes e Lazer. Está embasado nas diretrizes gerais do Sistema Único de Saúde (SUS) que organiza os diversos níveis de atenção e assistência à saúde no Brasil e nas políticas nacionais de Promoção da Saúde, Atenção Básica e

Humanização e tem nos conceitos da integralidade, território, autonomia, equidade e intersectorialidade seus principais pilares. Tem como objetivo a promoção da saúde da população de São Bernardo do Campo por meio (1) de práticas alimentares, corporais e de lazer de qualidade, de maneira autônoma e participativa; (2) do incentivo na construção das próprias atividades de acordo com sua realidade; (3) da motivação e envolvimento para o desenvolvimento do autocuidado e hábitos de vida saudáveis. É desenvolvido por 16 Educadores Sociais (ES) com diferentes formações e experiências (dança, teatro, práticas orientais, circo, música, recreação, entre outras) articulados por intermédio de formação permanente realizada semanalmente com troca de experiências, discussões de conceitos e posicionamentos frente às políticas públicas municipais voltadas para a saúde, esportes e lazer.

Para compreender as conexões e relações formadas a partir das práticas corporais do projeto De Bem com a Vida em SBC recortei o campo e o delimitei aos 16 educadores sociais, pois eles, além de conduzirem as práticas corporais e estarem em contato direto com os usuários, participam do processo de formação permanente semanal e de reuniões de equipe nas Unidades Básicas de Saúde a que estão vinculados, possibilitando a construção de rede de nexos para dar conta do objetivo dessa pesquisa.

O texto a seguir entrecruza dois percursos que tem as práticas corporais como ponto de ligação. O primeiro é o percurso do autor, pesquisador, profissional de educação física que sente, vive, sonha, briga e que se indigna com sua própria formação, porque do garoto brincalhão, apaixonado pelo esporte, popular na escola e curtidor da vida, a Educação Física me conduziu para um mundo prescritivo com regras e leis bem específicas que empobreceu a minha vida com o olhar da atividade física na prevenção de doenças num corpo máquina. Por que? Por que temos que lidar com um corpo esquartejado cuja cabeça orienta nossas vidas e deixa nossas percepções, desejos e sentimentos num plano inferior? Quais possibilidades teria o campo da Educação Física para além desse maquinário racional? Com essas e outras indignações busco compreender outros possíveis caminhos da educação física com base nas práticas corporais no campo da saúde pública, seus nós, tangências e saídas, deixando claro que a ideia de corpo que adoto nesse texto é a da integralidade que pensa não só com a cabeça. Um corpo que aprende e se

potencializa com os afetos nas relações com o mundo que aumentam e diminuem a sua potência de agir. O segundo é o percurso do autor viajante que parte num veleiro em busca de novos ventos fazendo uso de alegorias com textos metafóricos, imagens, poesias, músicas, fotografias e cartas para encontrar diferentes possibilidades das práticas corporais no campo da saúde pública.

O resultado desse entrecruzar de percursos é um texto cartográfico com base no programa De Bem com a Vida e que se apoia nos relatos autobiográficos produzidos e apresentados a partir de 2014 pelos 16 Educadores Sociais, nas políticas de saúde e de esporte e lazer do município e nos contextos políticos desde 2010. Um texto que mistura sonhos, lembranças, ideias e que pretende destacar a noção de intimidade presente em cada um de nós como essencial para nos empoderarmos e viver a vida que vale a pena ser vivida.

Trabalhar com relatos autobiográficos não só possibilitou compreender os nós, tangências e saídas do De Bem com a Vida e de que maneira os educadores sociais implicaram as suas histórias e trajetórias no desenvolvimento das práticas corporais dentro do programa, como também potencializou os encontros semanais de educação permanente na medida em que a organização e a exposição dos relatos possibilitaram o reconhecimento de si e do outro sobre os caminhos percorridos e escolhidos a partir da temática das práticas corporais.

O texto cartográfico produzido não se apresenta como um método pronto, embora seja possível encontrar pistas do método da cartografia, é um exercício cartográfico de composição que traz para o “olho da mente” paisagens, eventos e pessoas que abarcam o DBV e que também pode extrair elos de nossa própria experiência porque o lemos como transcrições de nós mesmos. Faz uso de diferentes materialidades como por exemplos a poesia, fotografia, desenhos, músicas e narrativa que favorecem a representação real e simbólica de um trajeto já percorrido, a compreensão das escolhas feitas ao longo desse percurso e o vislumbrar de outros caminhos a percorrer. É algo aberto que está em constante modificação, uma forma de linguagem que expressa uma realidade que se conecta e desconecta enquanto se caminha. É um exercício do desvencilhar da rigidez que tem uma tangência muito grande com a ideia de práticas corporais desenvolvidas ao longo do texto.

Escrito em primeira pessoa o texto entrecruza o olho e o olhar, o objetivo e o subjetivo, o real e o metafórico e mescla a ideia de livro de histórias e brincadeiras com um livro acadêmico o que possibilita falar das verdades verdadeiras e das verdades não verdadeiras, que recheiam o imaginário de cada um de nós. Nesse sentido, o texto convida o leitor a refletir, sobre o tema da saúde, do corpo e das práticas corporais a partir de diferentes pontos de vista. Falar na primeira pessoa não é estar em busca da individualidade ou num exercício egocentrado, ao contrário, é se expor, caminhar na fronteira do íntimo, privado e público, é publicizar os medos, esperanças, alegrias, tristezas, gostos, desgostos, é perguntar com o outro e responder com ele no doblez da palavra (interno e externo) na expectativa de passar um pouco do que nos passa.

As narrativas vão se desenrolar a partir do meu ponto de vista sobre as diversas histórias contadas, portanto, não pretendo somente relatar e escrever sobre as histórias que se passaram e sim contar o que me passou com relação às histórias. Em outras palavras, esse texto conta experiências que me atravessaram, meus pensamentos, intervenções e percursos que acabaram por me colocar aqui frente a frente com um monstro que desde criança me assombra: o papel em branco.

A escolha por redigir um texto pouco convencional para uma tese de doutorado não é só a produção de algo diferente que possa incentivar o campo da educação física e saúde com outras formas de expressão, mas é deixar claro que o que está em jogo não é a conclusão, são os processos de criação, possibilidades e relações que as práticas corporais permitem para todos que se envolvem com elas e por isso o texto não apresenta um capítulo final de conclusões e considerações finais, elas estão apresentadas dentro de cada capítulo e nas cartas aos educadores sociais ao final do texto.

O capítulo 1 ***Costurando na pista da cartografia*** apresenta o percurso metodológico utilizado para compor a narrativa cartográfica do De Bem com a Vida.

O capítulo 2 chamado de ***(Auto)Introdução*** aproxima o leitor da cartografia cuja interpretação está muito ligada às experiências do leitor, porque nós o lemos como transcrições de nós mesmos e ao mesmo tempo me apresenta como sujeito implicado que tem uma trajetória cheia de sentidos e significados.

O capítulo 3 intitulado **Ventarmos**, apresenta questionamentos e indignações do autor no campo da Educação Física e Saúde e inicia uma viagem ao vento que areja as ideias em busca de novos olhares sobre o campo.

O capítulo 4 nomeado **Corpos em experiência** aproxima o leitor das ideias de experimento e experiência conduzindo a viagem para o despertar das práticas corporais e para o corpo como um legítimo espaço de experiências recheado de sentidos e significados que estão ligados à vida e a saúde.

O capítulo 5 batizado de **Poema em branco**, revela a luta para diminuir o apego pelos significados e dar ênfase aos sentidos implícitos que não são traduzíveis à linguagem da denotação, mas que potencializa o encontro e o respeito pelo outro.

O capítulo 6 chamado de **Espaço conceitual** revela pontos importantes para a construção da ideia de um espaço de práticas corporais potencializado pelas relações proporcionadas pelos encontros com ênfase na participação, convivência e informação para além do fazer.

O capítulo 7 batizado de **Expresso em vidas** coloca nos trilhos todas as ideias arejadas na viagem ao vento trazendo elementos concretos da implementação do De Bem com a Vida. O capítulo é costurado com falas retiradas dos relatos autobiográficos dos educadores sociais que expressam, nas várias experiências e histórias de vida, o desafio da construção de um programa de práticas corporais num espaço desconhecido e dão pistas para compreender o espaço das práticas corporais.

O capítulo 8 chamado de **De Bem com a Vida** Apresenta noções da política de saúde e de esporte e lazer de São Bernardo e coloca na mesa as disputas dos campos, as dificuldades e as necessidades das dificuldades para a construção de um programa de práticas corporais que não está nem na saúde e nem no esporte e lazer e que vai trilhando o seu caminho pelas brechas.

Capítulo 9 nomeado **Espaço do Entre** chama a atenção para um espaço dinâmico que nos aproxima do mundo por meio da brincadeira, do jogo sem regras, inventivo, criativo que sempre se renova e nos faz sonhar com as inúmeras possibilidades da vida.

A ideia do uso da cartografia, dos relatos autobiográficos e das imagens como síntese dos capítulos surgiu da disciplina intitulada Arte, experiência e educação,

cartografias de si: percursos de formação e processos criativos de professores-propositores da professora Dra. Sumaya Mattar do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais ECA/USP (2º semestre / 2013) embora o exercício de representar graficamente questões da minha vida como as paixões e desilusões já tivessem sido exercitadas quando conheci o livro *Atlas da Experiência Humana* de Louise Van Swaaij e Jean Klare. Um dos mapas que produzi é apresentado no capítulo (auto)introdução que teve como base outro mapa que fiz em meados de 2010 que teve a paixão o seu fio condutor.

A ideia do trem veio transportada da disciplina As narrativas da tradição oral e a formação de educadores artistas da Professora Dra. Regina Stela Barcelos Machado do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais ECA/USP (2º semestre / 2014). O trem representa o momento da condução mais concreta do DBV que tem uma condução - locomotiva - que caminha sobre um trilho e carrega o DBV. Tem diferentes vagões que separadamente nos contam muitas coisas e quando o percorremos vamos nos apropriando e percebendo a lógica da estrutura e a composição do todo.

Penso que a vida é uma grande viagem que, ora vamos de barco, ora vamos de trem e, assim, viajamos durante os nossos anos de vida numa relação público-privado, participando, interagindo, ajudando, cuidando e criando a nossa intimidade em busca da vida que vale a pena ser vivida.

Boa viagem...

Ilustração 4: Don Quixote after his battle with the cat by Gustave Dore.

COSTURANDO NA PISTA DA CARTOGRAFIA

Ilustração 5: Fernando Vicente. Covers Literary Atlas

Costurar, situar, cartografar, reconstruir, são apenas algumas das palavras que pulsam na imagem síntese deste capítulo. Neste tricotar do mapa a paisagem não se mantém estática, muda a cada momento, a cada movimento das mãos, a cada fio puxado e é pela observação dos movimentos que se compreende a formação e a transformação da estrutura. “Este mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.”⁴ Este mapa é uma forma de linguagem que expressa uma realidade que se conecta e se desconecta enquanto caminha, mas para isso é preciso desvencilharmos da rigidez dos métodos que buscam representar objetos retirando-o de seu fluxo e nos libertar

⁴ Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 94.

A cartografia como ciência evoluiu junto com as necessidades do homem de ampliar seus horizontes geográficos na busca de novas terras, na conquista de novas fontes de riquezas, no desenvolver relações comerciais locais e, posteriormente com a expansão marítima, na busca de territórios mais longínquos. Ao longo desse processo histórico, a cartografia adquiriu características técnicas e metodológicas específicas refletindo a influência de vários povos. “Da mesma forma que os canhões e os navios de guerra, os mapas foram as armas do imperialismo. Na medida em que os mapas serviram para promover a política colonial e onde os territórios foram reivindicados no papel antes de ser efetivamente ocupados, os mapas anteciparam o império”⁵. À medida que as viagens marítimas aconteciam novos eventos iam sendo incorporados aos mapas por meio de instrumentos que aprimoravam a orientação em alto mar e conferiram maior precisão às distancias representadas, ao mesmo tempo em que, na imposição do poder, os mapas iam se tornando mais imagéticos e persuasivos. Títulos, letras, molduras, dedicatórias, rosas dos ventos, contribuíram para reforçar a significação política dos configurações do poder na sociedade que podiam mostrar a “realidade” com distorções intencionais (fins políticos) ou inconscientes como na geometria subliminar (elemento que pode amplificar o impacto político de uma imagem), nos silêncios dos mapas (exercem uma influência social, tanto por suas omissões quanto pelos elementos que elas representam e valorizam) e na representação de hierarquias (reforçado pelos sistemas de classificação e modos de representação – os chamados sinais “convencionais” ou cartográficos).

Novos estudos e pesquisas têm tratado os documentos cartográficos como produtos de construções sociais e culturais por meio de comunicações dotados de linguagem visual própria que envolve comunicação entre o cartógrafo e o usuário. Nesse sentido a cartografia pode ser entendida como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, volta-se para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização⁶.

⁵ HARLEY, Brian, *Mapas, saber e poder. Confins* [Online], n.5, 2009, p.5. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5724>. Acesso em: 16/10/2017.

⁶ Definição apresentada no XX Congresso Internacional de Geografia organizado pela Associação Cartográfica Internacional (ACI) em 1964.

É preciso ir além das medidas, coordenadas e objetos para cartografar lugares e incluir contextos e significados na folha de papel. “Trata-se de mapeamento que são “medidas” do mundo, podendo ser comunicadas entre pessoas, lugares ou tempos, e que não se restrinjam às imagens do senso comum da cartografia da nossa sociedade”.⁷ O geógrafo britânico John Brian Harley no final dos anos 1980 começou a repensar a cartografia “tradicional” com o objetivo de sugerir que uma epistemologia alternativa, enraizada na teoria social e não no positivismo científico é mais adequada à história da cartografia. Ele conta que os mapas são como livros ou álbuns de fotografias da família e que é possível lê-los como texto cuja imagem tem significado, porque traz para o “olho da mente” paisagens, eventos e pessoas do próprio passado. Os mapas podem extrair as raízes de nossa própria experiência porque nós os lemos como transcrições de nós mesmos. Para Harley o mapa é uma biografia em quatro diferentes sentidos: em primeiro, a própria folha do mapa possui uma biografia como objeto físico elaborado, desenhado. Em segundo lugar, o mapa serve para nos unir às biografias de seus criadores - desenhistas, trabalhadores, impressoras e topógrafos que trabalharam para reproduzir sua imagem. Terceiro, o mapa é uma biografia da paisagem que retrata; uma biografia, mais eloquente do que seria muitos parágrafos do discurso escrito. Em quarto lugar, o mapa vai ao encontro da própria biografia de quem o lê. É uma veia rica da história pessoal, e dá um conjunto de coordenadas para o mapa da memória.⁸

O exercício é simples: pegar um mapa do lugar que nos é familiar (quanto maior a escala, melhor), ler as informações contidas nele, visualizar o espaço representado na mente e relacionar os conteúdos com a nossa biografia. A experiência pessoal e as associações aos lugares dão um significado diferente ao mapa com a sua aparência austera, com a sua escala de precisão e as suas convenções cartográficas. (...) A leitura pessoal do mapa não obedece às regras da geometria, precisão e produção técnica: ela é feita por meio do código privado e íntimo da memória. Os nomes das ruas e das localidades não são uma listagem objetiva, nem um árido exercício de um desenho do trajeto casa-trabalho, mas uma lembrança de pessoas, algumas já mortas, outras distantes, outras ainda caminhando pelo calçamento do povoado. Dessa maneira, o mapa se torna uma autobiografia gráfica, um memorial espacial de uma pessoa, porque ele

⁷ SEEMANN, Jörn Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: Marandola Jr, Eduardo; Holzer Werther; Oliveira, Livia de. *Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, p. 71.

⁸ HARLEY, John Brian. The Map as Biography: Thoughts on Ordnance Survey Map, Six-inch Sheet Devonshire CIX, SE, Newton Abbot. *The Map Collector*, n. 41, 1987, p. 18-20.

*recupera o tempo no espaço e o espaço no tempo, reconstruindo a memória do passado*⁹.

Cartografia também tem sido utilizada como método de pesquisa-intervenção. Pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, com regras prontas ou com objetivos previamente estabelecidos. Trata-se de realizar uma reversão do sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.

*No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um hódos-metá. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.*¹⁰

A Cartografia como método de pesquisa vai compor um traçado das nossas experiências, que agencia sujeito e objeto, teoria e prática num mesmo plano de produção, acompanhando os efeitos do próprio percurso da investigação.

*Considerando que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergente de processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade: o **know what** da pesquisa. Mergulhados na experiência do pesquisar, não havendo nenhuma garantia ou ponto de referência exterior a esse plano, apoiamos a investigação no seu modo de fazer: o **Know how** da pesquisa. O ponto de apoio é a experiência entendida como saber-fazer, isso é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado de experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber da experiência à experiência do saber. Eis aí o caminho metodológico.*¹¹

O método cartográfico tem sido utilizado em pesquisas voltadas para o estudo da subjetividade, pois ela é refratária a um método de investigação que tem em vista

⁹ SEEMANN, Jörn 2012, p. 83-84.

¹⁰ PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 17.

¹¹ PASSOS; BARROS, 2012, p.18.

representar um objeto, assim, necessita de um método capaz de acompanhar o processo¹² em curso.

*As configurações subjetivas não apenas resultam de um processo histórico que lhes molda estratos, mas portam em si mesmas processualidade, guardando a potência do movimento. Ao mesmo tempo, a cartografia é um método transversal porque funciona na desestabilização daqueles eixos cartesianos (vertical/horizontal), onde as formas se apresentam previamente categorizadas. Assim, a operação de transversalização consiste na captação dos movimentos constituintes das formas e não do já constituído do/no produto. O método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios.*¹³

Entendemos por subjetividade um sistema complexo e heterogêneo, socialmente e historicamente construída, composto pelo indivíduo e pelas inúmeras relações que ele estabelece, diz espeito às relações de forças e fluxos em movimento. A subjetividade não é algo abstrato, trata-se da vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir etc. Se realmente a produção de subjetividade está no centro do trabalho contemporâneo, é a vida que aí está em jogo.¹⁴

A cartografia se apresenta como uma possibilidade de aproximação dos fluxos e linhas de forças que compõem um território que, aqui, é entendido como um objeto dinâmico, vivo, repleto de inter-relações nas quais “o pesquisador está interessado e que pode ser percorrido através de múltiplas entradas, marcando caminhos e movimentos, constituindo-se de modo rizomático (DELEUZE, 2000), isto é, com uma lógica que privilegia as conexões e não as superfícies ou os limites externos”.¹⁵ Diferente de uma representação estática como uma fotografia ou um mapa, a cartografia acompanha o que se faz enquanto ocorrem movimentos de

¹² A palavra processo aqui remete a ideia de processualidade como num caminha quando um passo sucede ao outro num movimento contínuo e não de processamento onde a pesquisa é entendida e praticada como coleta e análise de informação. Mais informações em BARROS, Laura Pozzana de, KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75.

¹³ KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 77.

¹⁴ PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

¹⁵ WEBER, Lílian; GRISCI, Carmem Ligia lochins; PAULON, Simone Mainieri. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, nº 4, artigo 4, Rio de Janeiro, Dez. 2012, p. 845

transfiguração da paisagem. É no território onde o poder incide e onde se emergem e se exercem formas de resistência, é um lugar de produção contínua de modos de vida e relações que escapam ao controle.

O território em questão é o programa De Bem com a Vida que diz respeito, a princípio, à política pública de saúde e de esporte e lazer de São Bernardo do Campo e ao conceito de práticas corporais que reúne os Educadores Sociais, gestores, trabalhadores e usuários do SUS. O exercício cartográfico que se segue, procura desenhar a rede de forças à qual o DBV está conectado a partir do olhar do pesquisador e dos 16 educadores sociais contratados pelo programa para conduzir as práticas corporais vinculadas às UBS deste município. Estes educadores, além de conduzirem as práticas corporais, estão em contato direto com os usuários, participam do processo de formação permanente semanal e de reuniões de equipe nas Unidades Básicas de Saúde a que estão vinculados, o que possibilita ampliar o olhar sobre as conexões do programa.

O texto cartográfico produzido não se apresenta como um método pronto, embora seja possível encontrar pistas do método da cartografia, é um exercício cartográfico de composição que traz para o “olho da mente” paisagens, eventos e pessoas que vão compor a paisagem do DBV e que também pode extrair elos de nossa própria experiência porque nós o lemos como transcrições de nós mesmos. O texto não segue uma linha temporal definida, pois em alguns momentos a narrativa parte do meio do processo apresentando estratégias e proposições futuras para continuidade do programa e deste estudo e em outros momentos se situa no presente e olha para trás refletindo e recompondo perguntas que vão dar sequência ao caminhar da cartografia.

Para isso, lançamos mão da narrativa para compor esta cartografia, com a utilização de poesias, imagens, músicas e “viagens” com lembranças e reflexões para dar conta das modulações e dos movimentos permanentes que compõem o DBV ao mesmo tempo em que ocorrem, no território, movimentos de transformação. Foi preciso se deixar levar pelos caminhos e pela escrita para em um só tempo descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade. Intervir é “fazer um mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de

quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes”¹⁶

Um dos mergulhos foi com a elaboração e utilização de relatos autobiográficos dos 16 educadores sociais que compuseram sua história relacionada às práticas corporais baseada em um roteiro que, num primeiro momento, propôs a escrita e reflexão sobre as práticas corporais na vida de cada um deles e que, num segundo momento, propôs a escrita e reflexão sobre os momentos importantes de atuação no programa De Bem com a Vida. Os relatos foram apresentados individualmente por cada um dos ES¹⁷ em dias diferentes e durante cada a apresentação, fomos articulando informações e elaborando perguntas, “como num quebra cabeça, colocando-as no contexto histórico, relacional, social, e sempre buscando, como em todas as modalidades de investigação qualitativa, a lógica interna”¹⁸ dos relatos narrados que apresentam a versão situada dos episódios e não a verdade. Na sequencia, os participantes puderam enriquecer a narrativa com perguntas de aprofundamento e compondo ao exposto suas experiências e reflexões sobre programa De Bem com a Vida.

Após todos terem apresentado, duplas de trabalho foram formadas para uma releitura dos relatos apresentados. Assim, os relatos gravados em áudio e vídeo foram sorteados entre as duplas (dois relatos para cada dupla) e, após escutá-los novamente, compuseram outro relato a partir das falas, destacando o que lhes “saltaram aos olhos”.

O pesquisador-cartógrafo de posse das gravações escutou exaustivamente as falas para, a partir daí, compor o texto cuja processualidade se prolonga no momento da análise do material. O campo de análise que integra o território DBV se distingue, mas não se separa do campo de intervenção, está apoiado em referenciais teóricos e sempre envolvido na situação social concreta. A análise se faz “sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos estão implicados. (...) Todo conhecimento se produz em um campo de implicações

¹⁶ PASSOS; BARROS, 2012, P. 26.

¹⁷ A apresentação foi filmada e o som gravado.

¹⁸ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. 9.ed. Revisada e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 160-161.

cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc.”¹⁹.

A cartografia propõe o acompanhamento de percurso, o registro das transformações, mas sem estabelecer um conjunto de regras a serem aplicadas da mesma forma que não determina um único caminho para atingir um fim. O caminho aqui escolhido é apenas um dos caminhos possíveis para compreender as possibilidades das práticas corporais no sistema de saúde como espaço, processo e composição que potencializa a relação entre o serviço, produção de cuidado e produção de subjetividade,

*sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o hódos-metá da pesquisa.*²⁰

A partir daqui coloco páginas em branco em baixo do braço e assumo um relato em primeira pessoa para compor com um Marcos pesquisador e um Marcos viajante um texto cartográfico do De Bem com a Vida a partir do meu caminhar e do caminhar dos educadores sociais. Para dar o primeiro passo, parti de algumas perguntas disparadoras: Qual a relação do campo Educação Física com programa De Bem com a Vida? Quais foram as aproximações que o programa De Bem com a Vida costurou com a política de promoção da saúde do Brasil? Quais outras relações o DBV teceu? Quais seriam as características dos espaços para o enraizamento do DBV? Quais estratégias o DBV lançou mão para se desenvolver em SBC? Quais foram as dificuldades que o DBV enfrentou?

Frente à impossibilidade de explicitar o que era o De Bem com a Vida e a necessidade de saber responder com mais precisão as perguntas que cotidianamente surgiam nas reuniões de secretaria, de departamento, ou mesmo nas rodas de

¹⁹ PASSOS; BARROS, 2012, p. 19

²⁰ PASSOS; BARROS, 2012, p. 13

conversa, reuni os Educadores Sociais e fiz uma proposta metodológica para tentarmos “escapar” da incapacidade de dar significado ao programa:

Não é de hoje que esbarramos na tentativa de explicar o que é o De Bem com a Vida para quem nos pergunta. Também não é de hoje que estamos tentando reconhecer quais são as conexões e as relações que se estabeleceram a partir das práticas corporais do De Bem com a Vida. Também não é de hoje que estamos querendo entender de que modo essas relações podem estar contribuindo com o fortalecimento dos conceitos de promoção da saúde na atenção básica.

Assim, penso que está na hora de enfrentarmos essas questões. Durante esses cinco anos, acumulamos muitas experiências e fizemos uma gestão, de certa forma, compartilhada porque as ideias eram sempre discutidas e aperfeiçoadas nas nossas reuniões, ou seja, as estratégias metodológicas foram se construindo na relação com as políticas de saúde e de esporte e lazer do município e com os envolvidos no programa, que é, em última análise, o nosso objeto de trabalho, de estudo, de pesquisa, de intervenção, daí o nosso interesse em conhecer melhor esse tal De Bem com a Vida. Vocês também falaram muito ao longo desses anos que o DBV ajuda as pessoas, que vocês se modificaram, começaram a perceber outras relações, mas afinal o DBV ajudou no que? Transformou o que? Perceberam o que? Então me parece que fazer uma cartografia do De Bem com a Vida pode nos ajudar a conhecer melhor o que o programa está mobilizando.

Entendo que na cartografia do De Bem com a Vida também está incluída a nossa vidas, porque todas as ideias, planejamentos e ações estão em constante inter-relação com o que somos e com a nossa formação profissional, numa “inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, entre pesquisar e intervir”²¹ e não por acaso, desde o início, trabalhamos com a ideia de maior liberdade do fazer e na confiança do profissionalismo de cada um. Ou seja, a proposta que estou fazendo para vocês é a de “olhar para a vida” pensando nas práticas corporais no sentido de buscar elementos para compor sua história em relação ao De Bem com a Vida e vice-versa, no sentido de rever os percursos que nos implicaram durante esse

²¹ PASSOS; BARROS, 2012, p. 17.

processo de produção-intervenção que ainda não temos clareza. “O que interessa é o que passa entre os grupos, nos grupos, no que está para além e aquém da forma dos grupos, entre as formas e o atravessamento delas”²². O que interessa também é o que nos passa, o que reflete, o que me atravessa e o que compõe a rede de inter-relações que conecta com os diversos espaços.

Assim, o que estou propondo é que cada um de vocês componha um relato (auto)biográfico com recorte para as práticas corporais para identificar os momentos importantes da trajetória de vida que contribuíram para a escolha de trabalhar com as práticas corporais e, sobretudo, como educador social no sistema público de saúde/lazer/educação. Pode-se dizer que esse é um olhar com duplo exercício que pode ir se misturando, porque é o pensamento sobre as práticas corporais durante a vida de vocês e também sobre os momentos importantes da atuação como educadores sociais do De Bem com a Vida. Assim, a primeira perna é uma reflexão sobre a própria formação profissional a partir da identificação dos momentos chave da trajetória de vida como profissional envolvido com as práticas corporais. É bom dizer que esse é um momento de reflexão e resgate dos acontecimentos que foram importantes e decisivos nas escolhas que vocês fizeram para estarem hoje, aqui, trabalhando como educadores sociais no projeto De Bem com a Vida. É um exercício de memória, individual que exige tranquilidade, tempo e dedicação. Na elaboração do relato, é importante que considerem todas as etapas da vida de vocês, desde a infância até agora. A escrita e forma de apresentação são livres, pode ser uma narrativa com a integralidade dos momentos ou parágrafos separados em momentos distintos, mas o importante é que se faça de maneira cronológica da infância até os dias de hoje. Vou deixar com vocês algumas perguntas que poderão ajudá-los nesse processo de resgate (não é um questionário): A primeira é de que modo as práticas corporais estiveram presentes na vida de vocês? (infância, juventude e idade adulta)? Quais pessoas fizeram parte dessa trajetória? Quais as imagens, experiências que vocês trazem consigo até hoje? Por que você resolveu trabalhar com práticas corporais e que fatos tiveram influência

²² PASSOS; BARROS, 2012, p. 28.

nessa decisão? Por que você resolveu trabalhar no sistema público
(lazer/saúde/educação)?

A segunda perna tem o objetivo de identificar os momentos importantes do seu trabalho como educador social e das relações que vocês conseguiram estabelecer com os diversos atores que estão, de algum modo, ligados ao De Bem com a Vida e refletir sobre as possíveis mudanças na formação de vocês como profissional de práticas corporais a partir da identificação dos momentos chave da experiência obtida durante o período de atuação no projeto. Esse é um momento de reflexão e resgate dos acontecimentos que foram importantes e transformadores na atuação como educador social do projeto De Bem com a Vida e, como na etapa anterior, é um exercício de memória, individual que exige tranquilidade, tempo e dedicação.

Na elaboração do relato, é importante que considere todo o período que está atuando no desenvolvimento dos diversos conteúdos do projeto De Bem com a Vida. Também preparei algumas perguntas que podem ajudá-los nesse processo de resgate (não é um questionário): A primeira é por que você escolheu trabalhar como Educador Social no programa De Bem com a Vida? Quais as expectativas que vocês tinham ou têm com relação ao De Bem com a Vida? O que mudou em relação a sua maneira de ver as práticas corporais? Vocês percebem alguma mudança na prática profissional a partir da participação nesse projeto? Quais as redes de afeto o De bem com a Vida tece? (Redes de afeto: afecções – alteração do modo de reagir a uma impressão, situação, uma ideia – que um corpo imprime sobre o outro e que pode aumentar ou diminuir a potência de agir).

Para finalizar, o que estou imaginando é que cada um fará uma apresentação individual filmada e gravada para todos nós e que após o relato todos poderão fazer perguntas de aprofundamento dos temas relevantes compondo ao exposto suas experiências e reflexões sobre programa De Bem com a Vida.

Para entendermos mais sobre relato autobiográfico preparei um texto que contextualiza e poderá nos ajudar na elaboração dos nossos relatos

autobiográficos.

(Auto)biografia

Todos nós temos nossas histórias que contam nossas trajetórias, realizações, imposições, fracassos e decisões que tomamos ao longo da vida e que hoje nos determinam como somos e como nos conhecemos. Trabalhar com as histórias de vida é se aventurar na singularidade da vida. Cada história reflete não só o caráter individual do se fazer, mas também as conexões que se estabeleceram entre o meio e as pessoas que o cercaram. Cada encontro é transformador, não só na sua própria trajetória de vida, mas também na do outro. Assim, a cada encontro transformamos o mundo que também nos transforma, o que garante a singularidade de cada história de vida.

Para o pesquisador, conhecer essas histórias é um privilégio que possibilita desvendar os elementos construtores e mobilizadores dos projetos de vida: seus sonhos, desejos, paixões e utopias²³. Tal compreensão pode contribuir para o aprofundamento dos programas de práticas corporais com o desvendar de elementos importantes de produção de saúde que motivem os profissionais das diversas áreas da saúde e que justifiquem investimentos significativos por parte dos gestores em programas e projetos.

O recurso biográfico é uma perspectiva metodológica que foi amplamente empregada nos anos 1920 e 1930 pelos sociólogos da escola de Chicago. Entretanto o método entrou em desuso nas décadas seguintes em decorrência da preponderância da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos²⁴ e só a partir da década de 1980 é que o método passa a ser novamente utilizado no campo da sociologia, e pode ser considerado “um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Essa dupla função da abordagem biográfica caracteriza a sua utilização em ciências da educação”.²⁵

²³ MORAES, Sumaya Mattar. *Aprender a ouvir o som das águas: o projeto poéticopedagógico do professor de arte*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002.

²⁴ BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e pesquisa*, v. 28, n. 1, 2002. p. 11-30.

²⁵ DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2010, p. 148.

O sociólogo Franco Ferrarotti, titular da cadeira de sociologia da Università degli Studi di Roma - La Sapienza é um dos cientistas sociais italianos de grande prestígio que tem se destacado pela defesa de uma visão humanista das ciências sociais e de modo particular pelo método biográfico.

Segundo Ferrarotti, na década de 1950, a sociologia era uma ciência instrumental subordinada ao mercado que se vendia ao melhor “lance”, o que fazia da pesquisa social uma produção mecanicista. Entretanto, ao longo da evolução do método nos últimos anos, desencadearam-se importantes embates teóricos na busca do seu reconhecimento enquanto método autônomo de investigação. Durante seus estudos com o método biográfico, Ferrarotti percebeu que havia um círculo hermenêutico que convertia o investigador em investigado o que permitia a perspectiva interpretativa do fato social e colocava ao mesmo tempo o investigado em um plano de paridade com o investigador. Desse modo, o investigador não só estuda o outro, mas também a si mesmo.

*Por exemplo, no momento que interrogamos o outro sobre a classe social, não podemos fazê-lo sem um pressuposto, e o pressuposto em ciências humanas é o ponto de vista do investigador, o que chamamos de “declaração preliminar”, que não é somente uma afirmação de valores, com dizia Myrdal, é uma autoafirmação histórico-político-moral. Esta autoafirmação é o ponto de vista que permite a perspectiva interpretativa do fato social e coloca ao mesmo tempo o investigado em um plano de paridade. Deste modo o investigador não só estuda, mas também estuda a si mesmo*²⁶

Essa mediação entre a história individual e a social não se dá de forma linear e nem constitui um determinismo mecânico tendo em vista que o sujeito é ativo na apropriação do mundo social, traduzindo sua subjetividade em manifestações práticas, ou seja, “podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível

²⁶ INIESTA, Montserrat; FEIXA, Carles. Historias de vida y Ciencias Sociales. Entrevista a Franco Ferrarotti. *Periferia: Revista d'investigació i formació en antropologia*, UAB, Barcelona: v.2, n 5, p. 1-14, dez 2006, p. 7. Disponível em: <<http://revistes.uab.cat/periferia/article/view/162>>. Acesso em 22/09/2017. Por ejemplo, en el momento que interrogamos a otro sobre la clase social, no podemos hacerlo sin un presupuesto, y el presupuesto en ciencias humanas es el punto de vista del investigador, lo que llamo “la declaración preliminar”, que no es solamente La declaración de valores, como decía Myrdal, es la autocolocación histórico-político-moral. Esta autocolocación es el punto de vista que permite la perspectiva interpretativa del hecho social y coloca al mismo tiempo al investigado en un plano de paridad. De este modo, el investigador no sólo estudia al otro, sino que se estudia también a sí mismo. Buscando descubrir a los otros, acaba descubriéndose a sí mismo.

de uma práxis individual”.²⁷ Nesse contexto, o método biográfico torna-se legítimo, pois as narrativas expressam microrrelações sociais e permitem ao pesquisador compreender a dinâmica das redes que se formam no cotidiano dos indivíduos.

A história de vida é uma forma de narrativa que possibilita que as pessoas façam um balanço retrospectivo das suas vidas, olhem para todo o caminho que percorreu, para os acontecimentos da sua vida, suas decisões, atitudes e pessoas que encontraram e foram significativas na sua vida. Pode ser a história de uma pessoa, de um grupo ou de uma organização, mas os relatos são sempre a forma como esses sujeitos interpretam suas experiências.

A autobiografia também é uma forma de narrativa, mas que difere da anterior por se opor à tentativa de totalização inerente à metodologia das histórias de vida, pois se refere somente a determinados trechos da vida da pessoa, grupo ou organizações tendo como referência uma temática específica. Ou seja, “enquanto a autobiografia recupera flashes da memória, as histórias de vida partem sempre de um foco global que procura abarcar todas as dimensões da existência”²⁸.

Ainda que a autobiografia restrinja a dimensão global da história de vida e dificulte a interpretação de outros elementos importantes da formação do sujeito não presentes no relato²⁹, possibilita um aprofundamento nas questões relacionadas ao tema, mantém a singularidade das histórias narradas pelo sujeito que é historicamente constituído e socioculturalmente situado, garante o seu papel de construtor da sua história e, da mesma forma que a história de vida, pode gerar conhecimento, pois se presta à interpretação por parte do investigador.

as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.’³⁰

²⁷ FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, António; Finger, Matthias (Orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 27.

²⁸ MORAES, 2002, p. 80.

²⁹ JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: Nóvoa, António; Finger, Matthias (Orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus. 2010, p. 59-69.

³⁰ FERRAROTTI, 1988, p. 26.

Tendo em vista que a história do “nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos”³¹, é importante, do ponto de vista do método, que, num primeiro momento, os relatos permitam que as pessoas possam fazer um balanço retrospectivo das suas vidas, olhar para todo o caminho percorrido, os fatos, acontecimentos, as situações, atividades e pessoas significativas que encontraram. Num segundo momento é considerar nesse balanço, os recursos, os projetos e os desejos que apontam, também, para o futuro.

*No passado, não há somente as coisas que ocorreram, há também todo o potencial que cada indivíduo tem para prosseguir a sua existência no futuro. (...) os dois tempos são importantes, não podemos pensar no futuro se não há uma reflexão crítica sobre o que foi o passado e se não pensamos também sobre todos os recursos que acumulamos progressivamente no decurso da nossa vida passada, incluindo também os projetos e os desejos que deixamos e que constituem potencialidades para o futuro.*³²

*A apresentação dos relatos será feita nas nossas reuniões de sextas-feiras, mas a participação não é obrigatória. Alguém não gostaria de participar da elaboração desse relato autobiográfico?*³³ Ótimo, já que todos estão no mesmo barco, podemos montar um cronograma com os dias das apresentações...³⁴

E assim fomos...

³¹ FERRAROTTI, 1988, p.27.

³² JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas: entrevista com Marie-Christine Josso. *Aprender ao longo da vida*, n. 2, 2004, p. 16.

³³ Todos os Educadores Sociais foram consultados previamente e concordaram em participar da pesquisa por meio de um termo de consentimento conforme parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP (parecer n. 872.609 de 03/11/2014). Houve grande envolvimento e por isso serei eternamente grato.

³⁴ Os relatos gravados foram organizados em três grandes eixos: 1) Histórias de vida; 2) História de vida com relação ao DBV e; 3) DBV. Esta divisão está apresentada com mais detalhe no anexo 1 na página 199 desse texto.

(AUTO) INTRODUÇÃO

O esplendor,

Álvaro de Campos

o esplendor dos mapas, caminho abstracto para a imaginação concreta,
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.
O que de sonho jaz nas encadernações vetustas,
Nas assinaturas complicadas (ou tão simples e esguias) dos velhos livros.
(Tinta remota e desbotada aqui presente para além da morte,
O que de negado à nossa vida quotidiana vem nas ilustrações,
O que certas gravuras de anúncios sem querer anunciam.
Tudo quanto sugere, ou exprime o que não exprime.
Tudo o que diz o que não diz,
E a alma sonha, diferente e distraída.
Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos!)

Ilustração 6: Cartografia Marcos

³⁵ A introdução tem a função de apresentar ao leitor, de forma resumida, o tema que será desenvolvido e de que forma será apresentado ao longo do trabalho. O que se pretende aqui é apresentar ao leitor o autor e suas relações com os diversos temas, por isso (auto) introdução.

Não pude me afastar da lembrança das minhas aulas de redação do colegial (hoje ensino médio). Lembro-me de uma cujo tema era “O homem é uma ilha”. Eu nunca fui citado como exemplo de um bom redator, ao contrário, era sempre citado como exemplo dos erros a serem evitados. Ciente disso e louco para que aquela aula acabasse, comecei a escrita com uma contestação ao tema. “Não, o homem não é uma ilha, é uma península.”, e aí continuei explicando o equívoco do tema e traçando relação do homem com outros homens. Foi uma escrita de “corpo”... Um corpo que, a priori, estava marcado à proscrição. Foi um ato de rebeldia e enfrentamento como um potente chute giratório com joelhada no vácuo distribuído pelo super-herói da época: Ultraman.

Foi a única vez que a minha redação figurou entre os elogios³⁶

Ao longo desses 15 anos de envolvimento com as práticas corporais, descobri que muitas das coisas que desenvolvo profissionalmente não estão no que eu sei, no que quero ou foram construídas a partir de uma definição, estão no que eu não quero, no que não sei e que a partir daí vou em busca de algo que começa a fazer sentido no caminhar e que o objetivo só se torna claro quando se consuma. O percurso é traçado pelo que me atravessa, pelo que convém, o que junta, o que aumenta a potência de agir, o que cria sentido e dá significado à intervenção em determinado lugar, em determinado tempo e com terminadas pessoas e grupos.

Quando eu decidi entrar nessa história e enfrentar o papel em branco há mais ou menos quatro anos atrás, eu não sabia onde estava com a cabeça, mas ainda tinha convicção de encontrá-la. O tempo foi passando, eu em busca da cabeça, mas ela em outra busca. Hoje, eu ainda não sei onde ela está, mas estou convicto que não vou achá-la. Na verdade (esse é um livro de verdades, embora algumas não verdades façam parte das nossas verdades), eu não quero mais a minha cabeça de

³⁶ Muitos anos mais tarde aprendi que as práticas de “corpo” criam resultados significativos, independentemente se são práticas para contestar ou aceitar determinada posição.

volta, porque quando a perdi descobri a possibilidade de “pensar sem cabeça”, ou melhor, descobri na integralidade do corpo um pensar diferente, com muitos sentidos e alguns significados que provavelmente já haviam se manifestado em alguns momentos da minha vida, como na redação do homem península, mas que só agora me dei conta. Então, não estou só feliz, mas estupidamente feliz por ter perdido a cabeça.

Nesse sentido, do corpo integralidade, entendo que para dar sentido ao texto que se segue é preciso, antes de tudo, contar a minha história de vida, pois que estive muito implicado durante todo o processo de concepção, construção e implementação do DBV a partir do segundo semestre de 2009 até o final de 2016 e, portanto, muito do que foi feito está relacionado às minhas experiências como profissional de educação física. Todavia há várias maneiras de contar uma história, como, por exemplo, para um num livro infantil, num currículo ou numa cartografia.

Minha história pensando num livro infantil é mais ou menos assim: Era uma vez um casal feliz que se apaixonou e resolveram ter quatro filhos. O último da lista, EU, recebeu o nome de Marcos pela associação com São Marcos. O pai, alemão, fugido da segunda guerra veio para o Brasil quando tinha seis anos, formou-se em engenharia e foi professor universitário. Tinha a convicção de que fazer uma boa faculdade determinava o sucesso na vida. Seu lazer era o trabalho. A mãe, brasileira, fez ciências sociais e foi professora de português, acompanhava o pai no pensamento determinista da vida de sucesso. Quanto ao seu lazer, não se sabe a certo, o que dizem é que fazia um pouco de tudo e se perdia nesse tudo pelo pouco que fazia.

Foi a partir dessa relação e dessa forma de ver a vida que o Marcos cresceu. Era brincalhão e adorava jogar bola, mas não gostava muito da escola o que deixava os seus pais muito irritados. Fora das aulas que o aborrecia muito, a escola até que não era de toda ruim, parecia um clube com várias quadras e campos. Por conta dessa aproximação com o esporte, sobretudo os coletivos, decidiu fazer graduação em Educação Física numa faculdade que também lembrava um clube, muita bola, muitos risos, muitas brincadeiras. Entretanto, quando se formou percebeu que a sua formação profissional estava muito distante do jogar, do brincar, do se relacionar, enfim, do que entendia por viver. Tinha se tornado um sujeito meio prescritivo, começou a achar que as relações se davam pela causa e efeito, que existia sempre

um jeito certo e um errado, isso pode e aquilo não pode, determinando sempre dois lados muito distintos. Aquela faculdade que lembrava um clube mais parecia com um sepulcro cheio de relíquias e corpos mortos analisados nas diversas aulas. Pulmões, braços, cabeças, pernas compunham um espaço de disputas com braços que arremessavam bem, pernas que correriam bem, pulmões fortes, mas de corações fracos... Depois de formado e com seus 40 anos aquele menino bincalhão, não sabe o que fazer com tudo isso, porque a vida que sempre gostou de viver havia desaparecido. E agora, José?... Diria a sua mãe.

Hoje em dia a minha história é muito mais contada pela via acadêmica e do trabalho, é o currículo da vida. Isso quer dizer... Chamo-me Marcos Warschauer, sou brasileiro, filho de Claus Leon Warschauer e Aurora da Conceição Parreira Warschauer. Meu pai, alemão, engenheiro, fez mestrado e doutorado pela USP e foi professor na FEA e FGV (administração) e na Poli (engenharia). Minha mãe, brasileira e filha de portugueses, fez sociologia e cuidou com maestria dos quatro filhos. Descontente com a “diferença de investimento acadêmico e social” em relação ao marido, fez mestrado e passou a vida descontente com suas escolhas.

Morei por 25 anos em São Paulo numa mesma casa num bairro bem aceito socialmente e com todos os recursos necessários para uma boa vida, depois fui para Santos e retornei para São Paulo após vinte anos. Fiz a educação básica em escola particular bem conceituada e com muitos espaços para desenvolver atividades esportivas. Formei-me em Educação Física na USP, fiz especialização em fisiologia do exercício e treinamento resistido na Faculdade de Medicina da USP e mestrado na mesma escola da graduação. Agora estou fazendo o doutorado. Fiz vários cursos complementares em diversas áreas, administração, lazer, saúde, entre outros. Trabalhei em clubes e escolas particulares e depois me dediquei ao “espaço” público nas Prefeituras de Santo André e São Bernardo do Campo. Envolvi-me com alguns projetos de pesquisa acadêmica durante o mestrado, publiquei alguns artigos em periódicos e participei de congressos nacionais e internacionais com apresentação de trabalhos. Depois de quase 20 anos formado e com experiências sempre voltadas para o determinismo da vida a pergunta é: o que faço com isso? E agora, José? Diria a minha mãe, Dona Aurora.

JOSÉ

Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Já escrevi e contei essa história várias vezes, nas entrevistas de emprego, na seleção do mestrado e doutorado, em curso, em aulas, mas hoje não me representa. É estranho porque falar sobre a minha história é falar sobre mim e não deveria ser estranho..., e agora, Marcos Warschauer? Diria eu para mim mesmo nas minhas longas conversas pessoais. Então gostaria de contar a minha história a partir de um exercício que fiz com os Educadores Sociais do De Bem coma Vida no período em que estávamos envolvidos com as produções dos relatos autobiográficos. Em outras palavras, vou me apresentar a partir de meu olhar e do olhar do outro na tentativa de construir uma comunicação com diferentes sentidos e significados.

Vou me apresentar a partir de uma imagem, que construí baseado em um livro que se chama *Atlas da Experiência Humana*³⁷. Quando conheci esse livro durante um curso “Rede de Atenção à Saúde: Construindo rede com quem faz rede” na PUC de São Paulo, me encantei! Ali estava uma forma de narrativa que conta sobre as coisas, sobre os sentimentos, apresenta temas. Porque não fazer uma imagem em forma de mapa que falasse sobre mim, sobre o meu trabalho, sobre as minhas paixões tendo em vista que na escrita as palavras não davam conta de dizer o que deveriam? Então desenhei uma imagem cartográfica com a qual venho “brincando” ao longo dos últimos anos. Já foi temática, falando sobre paixão, mas agora, a que apresento aqui, é a que conta a minha história de vida.

A ideia é que você participe da minha história a partir da sua história, assim, vou deixar um espaço em branco para você, se quiser, fazer anotações das diversas lembranças que vão aparecendo na sua cabeça e ir desenhando a sua história. Não tem certo nem errado, podem ser pequenas anotações sobre a minha história de vida ou sobre a sua. Podem conter indicações do que te agrada ou deixa de agradar, discordâncias e concordâncias.

O exercício que fizemos no DBV partiu da imagem que abre esse capítulo. Apresentei a imagem aos educadores sociais sem dizer nada, cada um fez a “leitura” da maneira que quis sem nenhuma prévia orientação. Após meia hora, mais ou menos, pedi para que eles me contassem o que viram do Marcos naquela imagem. Feito isso, contei sobre mim a partir do mapa e o percurso que fiz para montar a imagem. O que vou apresentar agora é o resultado do meu contar com o

³⁷ SWAAIJ, Louise Van; KLARE, Jean. *Atlas da Experiência Humana*. São Paulo: Publifolha, 2004.

contar dos educadores sociais, porque muitas das coisas que eles viram eu não havia visto, mas fazia um sentido muito grande na minha história. É a partir daqui que vão aparecer as ideias, conceitos e palavras-chave no caminhar desse texto.

Vou lançar mão de algumas dessas falas que me “saltaram aos olhos” para compor o texto, um caminhar por diálogos entre mim e eles.

Caminhando entre o meu dito, o dito do outro e o não dito.

Esse mapa teve origem em outro mapa que fiz, uma carta-mapa com destinatário e remetente e com uma temática bem específica: paixão que nos escorrega. Foi uma experiência muito interessante porque conforme fui construindo o mapa com pequenas palavras e expressões, ia contando, entre um dito e um não dito, coisas da minha vida e dessa paixão que escorregava.

Uma coisa que tem na cartografia eu acho que é muito legal nesse tipo de mapa é que você vai construindo e tem coisas que você faz sem perceber (Marcos)

O que me instigava muito era imaginar a leitura desta carta-mapa pelo outro porque estava claro que com esse jeito de expressão, a carta já seria “outra” quando chegasse ao seu destino. O ponto de vista do outro ganharia centralidade, outras relações seriam estabelecidas e muitas das coisas não ditas estariam ditas sem que eu percebesse – e vice-versa.

Cada vez que você olha você acha uma coisa diferente, você partilha o olhar e quando volta a atenção você consegue enxergar coisas que você não enxergava antes. (Andréia Lica)

A carta não foi enviada, foi entregue em mãos, o que possibilitou um diálogo entre o visto e o não visto, entre o falado e o não falado, eternizando o encontro e me ensinando outra forma de comunicação para além do dito. As diferentes formas de interpretação, percepção e olhar sobre as palavras deixou também explícito que a comunicação necessariamente se estabelece no reconhecimento e respeito pelo outro, mesmo que com distintos pontos de vista.

Assim como toda a geografia vai se modificando ao longo dos anos, dos séculos, como uma floresta que se modifica... (Rodrigo)

mares que secam e viram desertos, esse novo mapa é também uma modificação do anterior, não só na temática, mas também na sua origem. Partiu de uma decisão de enfrentamento sobre a não-vida, ou melhor, de um olhar sobre o meu passado, meu percurso de vida e o percurso da vida dos meus pais que me possibilitou ter clareza sobre o que eu não queria e ser mais decidido sobre o percurso da minha vida. O mapa surge a partir de um divisor de águas que passa pelo coração e praticamente o divide em dois. Do lado (esquerdo) a minha não-vida e de outro a minha vida. Não-vida no sentido que a reconheço como minha vida e é ela que me compõe, mas hoje não me representa e é motivo de longas discussões entre mim e eu. É um espaço de durezas, onde há pedras e prisões. Esse espaço no mapa vai escorrendo para baixo e compondo o meu crescimento, minha educação e formação acadêmica. Eu penso que todos nós, ou a maioria de nós, passamos um pouco por isso, uma educação do que pode e do que não pode, do que se “tem que fazer” e do que “não se pode fazer” e isso vai jorrando durante toda a vida em todo o mapa, mas eu não a reconheço como minha, a verdade é essa. Olhando para mim hoje eu acho que poderia ter sido muito diferente, faltou espaço. É importante destacar que em momento nenhum há culpa, quero dizer, o jeito que foi o pai, o jeito que foi a mãe, o jeito que foram os irmãos, o jeito que foi o amigo, eles são jeitos e não cabe em momento nenhum a gente ficar julgando ou pondo valor, mas há muito sentimento envolvido e ficou claro aqui

quando vocês falaram da família e dos seus pais nas suas cartografias, vocês mostraram que ainda há muita sensibilidade e que, portanto, faz parte de um passado bem presente da vida (Marcos).

Diferente do primeiro mapa no qual os sentimentos iam pulando para dentro do papel, a escrita sobre a minha não-vida teve um caminho, uma direção, porque eu queria contar uma história, mas o interessante é que quem olha, muitas vezes, não percebe...

Quando eu olhei o mapa, eu fiquei pensando por onde eu começo, tentando encontrar algum ponto de partida, talvez um roteiro..., começo aqui, vai para lá. Alguma maneira para eu tentar compreender a narrativa, por onde será que eu posso começar... eu imaginei o pai e mãe... (William)

O engraçado é que sempre que eu começava eu ia para o coração, começava e ia para o coração, então, pensando

num mapa humano de sentimentos e de etapas cumpridas, eu fui lendo... Para mim desse coração, desse sentimento maior, foram partindo todas as etapas. (Rose)

O percurso é de cima para baixo e da esquerda para a direita como num texto de duas colunas que estão separadas pelo divisor de águas. É como na nossa leitura e que, por alguma razão, ainda estou preso a isso.

Ficou muito legal esse divisor de águas bem marcadinho, parece que é uma coisa que você tem ainda e que construiu essas duas vias, vamos dizer assim, um conflito do que eu quero para mim como pessoa e para mim como profissional, mas ao mesmo tempo se convergem e se misturam (Romina)³⁸.

No canto superior esquerdo trago a questão da família e da escola. É duro, é escola, é pedra dura, mas também tinha um oásis de liberdade como em todos nós. A escola, escola, escola, está perto de um rio perdido feito de água dura que desagua no mar do outro, bem dura mesmo, até porque eu não era reconhecido com um bom aluno, nem na escola e muito menos pelos pais. Eu nunca reconheci a escola como um espaço interessante a não ser para jogar bola. É que eu estudei em um colégio que era um clube e o que eu fazia melhor ali era jogar bola, o resto eu ia passando sobre pressão e repressão. O meu pai, alemão, fugido da guerra, inteligente, super dedicado à questão do estudo, professor da USP, entendia claramente que o caminho da vida era o estudo, portanto ele gastou todas as suas fichas na educação de quatro filhos em um super colégio. A vida para ele era linear: estuda, casa, filho, morte..., valeu! Essa era a “parada” dele, mas não tinha a minha “parada”, as minhas questões não estão aqui. Por isso vem a ideia de uma mata (d)a família..., obviamente uma brincadeira que eu fiz aqui aproveitando o mapa do relevo e suas relevâncias. O mar do outro ligado a corrente do sucesso num redemoinho infinito (e além...) também é uma marca da família que me conduziu à ideia de sucesso infinito e sempre de olho no outro, porque o outro era sempre melhor.

Frente a todas essas durezas havia uma clareira esportiva na qual eu me desafogava e por onde caminhavam minhas boas relações com as outras pessoas.

³⁸ Romina trabalhava na época na Divisão de Lazer e acompanhou alguns relatos dos educadores sociais durante o ano.

No mapa aparece próximo ao crescimento e este próximo ao deserto da prisão³⁹. Tudo passava pelo esporte e não por acaso resolvi fazer graduação em Educação Física, mas diferente do que eu poderia esperar e que hoje me passa, é que com essa educação física esportiva e segmentada fui encurralado na ideia de corpo morto onde tudo tem um modelo – mata(me) de causa e efeito.

Eu constantemente brinco com vocês falando mal da educação física o que foi gerando incômodos a ponto de alguns de vocês relatarem em suas cartografias e aqui eu gostaria de explicar. (Marcos)

A Educação Física é um campo de conhecimento e intervenção muito amplo que vem ganhando espaços no mundo e no mercado de trabalho, fala sobre as crianças, jovens, adultos e idosos com relevante contribuição, mas o que especificamente estamos tratando aqui no De Bem com a Vida são os assuntos relacionados às práticas corporais e a vida e nesses dois aspectos o referencial teórico que eu adquiri na escola que estudei é muito ruim, criou um apagão profissional. Só se fala do morto, da técnica, da perfeição, do certo e do errado e ainda hoje é assim, eu fiz o mestrado lá para não voltar mais.

Por isso decidi fazer o doutorado na Saúde Pública, entendendo ser este um espaço em que se buscam conexões com o que é público e não determinado pelo privado como na Escola de Educação Física e Esporte da USP. Provavelmente vou encontrar muitas questões sobre o morto, mas com esse mapa de vida que estou apresentando eu também não estou tão vivo assim. De qualquer forma é por essa fenda abaixo do divisor de águas que eu estou tentando conectar os lados e caminhar em busca do vivo.

Minha busca no mestrado era conectar a não-vida com a vida, o morto com o vivo, o certo com o certo e isso me proporcionou encontrar um pequeno rio que se derramava a partir do lago das paixões que, por sua vez, era formado pelo encontro do fio de esperança com o enamorar-se que escorria do coração. Um encontro sensível que entre boca, língua, mão, me apresentou às questões de pele. Um salto de vida.

³⁹ É interessante pensar como o esporte que na minha não-vida representava a clareira sobre as diversas amarras, agora, no meu trabalho, representa a amarra sobre a clareira que estou em busca.

Então é aí que vocês vão me conhecer mais, desse lado, o lado da minha vida que é bem diferente do outro. O William vai falar que vocês se reconhecem um pouco aqui e de certa forma é isso mesmo, esse despertar para outro lado que tem muito a ver com o que a gente faz aqui hoje no De Bem com a Vida, do que a gente discute e experimenta. A busca pela experiência!

Tem algumas coisas aí no mapa que já nos pegou no meio do caminho, fomos acontecendo juntos em determinado momento. (William)

Não há muito roteiro do lado da vida, ele foi feito como no primeiro mapa as palavras foram saltando para dentro do papel e é para ser lido por todos os lados, de todos por todos os ângulos sem correr o risco de perder o tempo e nem se perder no espaço, é como disse a Rose, uma leitura de coração.

a gente vai caminhando... e as mudanças podem acontecer em qualquer ponto e elas ressignificam o seu olhar para todos os pontos ao mesmo tempo e você tem liberdade de caminhar por esses lugares, revisitá-los, é o olhar que vai mudando (William)

Nesse lado do mapa eu fiz uma brincadeira com duas palavras muito fortes que também estão muito presentes aqui no nosso trabalho que dizem respeito ao olhar e ao sorriso, mas elas estão escondidas em mim ou eu sou quem estou atrás delas... sei lá, então vou dar um tempo e vê se encontra um tempo para me encontrar sem contratempo por algum tempo....

Tempo Sem Tempo

José Miguel Wisnik

vê se encontra um tempo
 pra me encontrar sem contratempo
 por algum tempo
 o tempo dá voltas e curvas
 o tempo tem revoltas absurdas
 ele é e não é ao mesmo tempo
 avenida das flores
 e a ferida das dores
 e só então
 se sopetão
 entro e me adentro no tempo e no vento
 e abarco e embarco no barco de Ísis e Osíris
 sou como a flecha do arco do arco-íris
 que despedaça as flores mais coloridas em mil fragmentos
 que passa e de graça distribui amores de cristais totais sexuais celestiais
 das feridas das queridas despedidas
 de quem sentiu todos os momentos

Se você achou parabéns! Se não, parabéns também. Vou dar duas dicas do que procurar com o olhar: estou de olho no vale do olhar... Quanto ao sorriso... está próximo a montanha do encanto. Aí estou eu no mapa. Fiz o mapa sobre a minha foto, a corrente do desejo delimita a minha cabeça careca, o rio de liberdade passa pelo ouvido e deságua pela orelha. Há sempre um jogo de sensações e de palavras delicioso de se fazer nesse lado, tudo pode. É sempre divertido. Acho que isso dá um pouco da dimensão do que estou tentando falar. Cada vez que olho para esse mapa vejo coisas diferentes e tenho vontade de mudar algumas. Aqui não é isso ou aquilo, cada um tem o seu olhar, o seu vale, o seu ponto de vista. Tem tristeza, tem felicidade, tem lágrimas de felicidade e de tristeza. Tem (gostos)^N e vontades... de pegar, de apertar, corpos nascentes, desejantes, vivos, e cheios de tesão.

Coloquei a culinária e a fotografia porque elas surgiram na minha vida com a vontade de revelar as imagens da vida, de buscar ângulos diferentes e coisas

diferentes e com isso começo a perceber coisas que se perdiam nessa correria da não-vida: os gostos, os cheiros, as plantas e as árvores e a encontrar pessoas que por vezes estão sentadas embaixo dessas árvores, desejantes de poesia.

JABUTICABA

No meio do caminho tinha uma árvore
tinha uma árvore no meio do caminho
e eu, sem tempo, não dei conta.

Quando te encontrei à sombra da árvore
o tempo deixou de ser o tempo
e da beleza da árvore me dei conta...

No meio do caminho tenho um encontro
Tenho um encontro no meio do caminho
E eu, com tempo, me dou conta...

Na beleza desse encontro
o tempo não dá conta
do carinho que eu tenho por você...

Essa multiplicidade nos permite Ventarmos e navegar nesse oceano de possibilidades, virar o cabo da boa esperança e encontrar a baía de todos os eus. Essa baía é muito importante, porque a gente é muitos, somos feitos do nosso passado, com as nossas crises, defeitos, amarras e tudo o que eu já falei e brinquei sobre a minha não-vida, mas não nos impossibilita de olhar, de desejar, de sonhar, de acreditar. Penso que isso revela um pouco da essência do De Bem com a Vida (DBV), porque quando se cria possibilidade para as pessoas se reconhecerem e se expressarem elas passam a ser capazes de olhar para as suas escolhas e ao invés de dizer “Olha como fui tonta” elas vão passar a dizer “olha quantas são as possibilidades que eu tenho para fazer diferente”.

Isso também estava muito forte em mim, marcado pelo excesso do certo e do errado, na linearidade da vida e dos tempos. Desde quando eu decidi fazer educação física eu nunca pensei em fazer outra coisa, como fotografia ou cinema. Eu nunca pensei... Não é que eu não tive disposição ou falta de acesso, eu nunca p.e.n.s.e.i., porque a etapa era da formação (Educação Física) e depois vinha a

grande etapa do trabalho que somado ao casamento e aos filhos resultava em vida e ponto⁴⁰.

Mas se vocês olharem o mapa como um todo, deixando de segmentar um lado e outro, vão perceber que essa forma de expressão e de reflexão da vida permite um olhar sobre o corpo com seus inúmeros sentimentos

you see the feelings... and the feeling is what gives life to the body, what makes the body be the body, this body that you are bringing in the text. These are the feelings that you have today with respect to your life that appear here and that are very similar to the feelings that each one has in life, so it is very us, it is your cartography, but it is us (Maria das Graças)

E agora respondendo a pergunta...

You could say where you are on the map today? (Maria do Carmo)

Acho que não tem um lugar, transito entre um lado e outro o tempo inteiro, luto muito para estar mais próximo do espaço que tem mais liberdade e que

it is a little of what people do here in DBV people try to rescue the singularity of each one of the participants for them to be part of this context, but certainly I am not on the left side, although I always have someone wanting to pull me there.., and there are things that pull me.. (Marcos)

Now the term cartography made sense... (Clarissa)

⁴⁰ Esse ponto é do meu pai e para ele.., saudades.

VENTARMOS

O veleiro como imagem síntese desse capítulo faz referência às inúmeras possibilidades que o velejador encontra ao estar no oceano e que eu como velejador encontrei na minha busca. Também insinua a sintonia que deve existir entre o velejador, o barco, o vento, os obstáculos, o acaso e as intempéries que vão surgindo à medida que navegamos. Vento, calor, lento, rápido, sintonia, possibilidades de estar e se encontrar no tempo. Entre os inúmeros afetos gerados pelo nosso corpo quando nos encontramos com outros corpos e com o mundo que nos cerca, nos deparamos com alegrias, tristezas, medos, esperanças, amores, ódios... São vários os aprendizados e caminhos que podemos percorrer. As dúvidas aparecem quando percebemos que somos os autores das nossas vidas, que há caminhos e encontros que aumentam nossa potência de agir e outros que, ao contrário, nos deixam mais próximos da morte.⁴¹ Um lufar de liberdade!

⁴¹ Excerto retirados/modificados do trabalho feito na disciplina Arte, experiência e educação, cartografias de si: percursos de formação e processos criativos de professores-propositores da professora Dra Sumaya Mattar do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – 2º semestre / 2013 – com agradecimento especial a minha querida e eterna dupla Adriana Ferla.

Ilustração 7: Yacht 'The Shamrock' competing in America's Cup, ca. 1900, by George Eastman House.

O que você quer saber de verdade?

Marisa Monte

Vai sem direção

Vai ser livre

A tristeza não

Não resiste

Solte os seus cabelos ao vento

Não olhe pra trás

Ouça o barulhinho que o tempo

No seu peito faz

Faça sua dor dançar

Atenção para escutar

Esse movimento que traz paz

Cada folha que cair,

Cada nuvem que passar

Ouve a terra respirar

Pelas portas e janelas das casas

Atenção para escutar

O que você quer saber de verdade

O encontro com a Educação Física que parecia ser livre, interessante e criativo, como possibilidade de pensar o corpo nas suas potencialidades foi se desconstruindo à medida que me transformava em profissional e me aproximava de espaços até então desconhecidos, para não dizer inexistentes, que me foram, posteriormente, apresentados como espaço público.

Estava preso!

Foi nesse espaço, dito público que percebi o “apagão” profissional – muito contemporâneo nos tempos de crise hídrica – e a fragilidade da minha formação. Irritante! Senti um não sentir. A saída foi virar de bordo e retornar para encontrar o que havia deixado: o corpo, a experiência, as práticas corporais, o espaço público, a arte, a poesia e tudo mais que no vivo se apresenta e representa.

Ocorre que eu estava impregnado e contaminado por uma ideia de saúde como ausência de doença que, por muitos anos, me invadiu por meio das revistas de grande circulação, ratificada pela medicina moderna e reafirmada pela maioria das pesquisas e produções tecnológicas que tem a saúde como objeto.

Localizar, especificar e intervir, eis aí a tríade perceptiva que sustenta todo esse pensamento centrado na doença⁴² e explicado pela racionalidade médica⁴³ com base na observação e nas mudanças morfológicas, orgânicas e estruturais. Assim, o resultado de uma simples ida ao médico passa a ter “sentido” quando acompanhada de prescrição medicamentosa e avaliação por meio de equipamentos de alta tecnologia e complexidade “definindo” a saúde como ausência de doença.

Estava doente!

Essa forma de pensar e agir sustenta a separação radical de dois lados, de um dentro e um fora da caverna⁴⁴, ou ainda, de dois mundos e enaltece as diferenças entre homens e mulheres, pretos e brancos, homo e heterossexuais...

⁴² BATISTELLA, Carlos. Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde. In: FONSECA, Angélica Ferreira e CORBO, Ana Maria D’Andrea (Org.) *O território e o processo saúde-doença*. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

⁴³ LUZ, Madel Therezinha. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2005. Toda racionalidade médica supõe um sistema complexo, simbólica e empiricamente estruturado em seis dimensões: uma morfologia humana, uma dinâmica vital, uma doutrina médica, um sistema de diagnose, um sistema de intervenção terapêutica e uma cosmologia.

⁴⁴ PLATÃO. *A república*. s/d. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

De um lado um mundo percebido, as opiniões e as imagens das coisas trazidas pelos órgãos do sentido, hábitos, tradições, interesses e de outro as ideias que se referem à essência íntima, invisível, verdadeira das coisas que só podem ser alcançadas pelo pensamento puro. No mundo dualista é a reflexão e o trabalho do pensamento que nos permite conhecer a verdade universal e necessária enquanto que as percepções sensoriais nos enganam, nos levam a perceber um mundo falso, mentiroso, inconsistente.

Estamos doentes!

Essa dualidade por muito tempo orientou as minhas práticas como profissional de saúde e a maneira como eu percebia as pessoas, pois assim como o mundo é dois, o ser humano também era dividido, separado entre corpo e mente. O corpo regido pelas sensações que nos enganam a cada momento, mutável, inconsistente e mentiroso e alma, pura, imutável, que nos possibilita a aproximação com a verdade.

Comprei um veleiro e me atirei ao mar. Imaginava que se o mundo é dois, eu poderia encontrar o outro e nele encontrar outras pessoas, seres humanos mesmo, mais interessantes, menos amargos, mais inteligentes e que poderiam me ensinar a viver. Tinha convicção de que as dificuldades que encontrava com a minha prática profissional poderiam ser transformadas com os ensinamentos dessas pessoas e com a possibilidade de olhar para outro lugar. E mais, poderia trazer esse modelo de vida e essa forma de organização para o mundo de cá e ajudar muita gente, ensinando o que deveriam e o que não deveriam fazer.

Ventou! O veleiro foi e eu com ele... À medida que fui me distanciando, comecei a me encantar com a natureza, perceber outros traços, outras imagens, era como em um sonho que me aproxima de mim mesmo e que me ensinava olhar para dentro.

Buscava com o leme uma distância apropriada e um ângulo favorável para poder observar e descrever melhor⁴⁵, para mim mesmo, o que via por dentro.

A busca pela superação enganosa de um mundo sentido pelo corpo enaltece os métodos de racionalização⁴⁶ e culpabiliza o sujeito pelo descontrole do seu corpo desejante. Essa lógica baseada nas ciências exatas e biológicas estrutura um campo de pesquisa e intervenção cada vez mais especializado, soterra o sujeito e expõe suas partes para estudo. É compreensível que as ciências médicas necessitem de patologias objetivas, mas uma pesquisa que faz desaparecer seu objeto não é objetiva. A clínica deveria colocar os profissionais de saúde e, sobretudo, os médicos em contato com indivíduos concretos e não com seus órgãos ou funções⁴⁷.

Uma sensação estranha ia invadindo o meu corpo e me desconstrava, por um lado tinha a convicção do que aquela viagem traria e de que me ajudariam a encontrar o caminho correto do bom profissional, mas por outro o não caminho também apontava como uma possibilidade de um caminhar.

De repente o vento diminuiu muito e o veleiro quase parou...

Lembrei-me do meu primeiro emprego como professor de condicionamento físico, a preparação da aula consistia basicamente na divisão: parte aeróbica, muscular localizada e alongamento-relaxamento. A preocupação era variar as aulas e não “perder” alunos para manter o emprego. Assim, havia alternância entre tipos de abdominais supra, infra e oblíquos, atividades com peso e bastão, perna ou braço e

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Benjamin traz a ideia da necessidade de um distanciamento e de um ângulo favorável para que o observador consiga outros traços, sobretudo em uma experiência quase cotidiana.

⁴⁶ DESCARTES, René. *Discurso do Método*. s/d.; Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁴⁷ CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o patológico*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

caminhadas na sala ou na pista. O espaço era propício, pesinhos colchonetes, “steps” e música, a sala ficava cheia e as pessoas gostavam. Muitos estavam em busca de melhorar o condicionamento físico para melhorar a saúde, outros em busca de conversas.

Não me lembro muito das pessoas.

Percebi que estava na contramão, pois não há um conceito único de saúde. A ideia de saúde está ligada aos modos de organização da sociedade, da produção e do trabalho em determinado tempo e espaço e o sujeito deve ser o autor do seu próprio conceito de saúde, ainda que ele faça parte de uma determinada coletividade. Somente o indivíduo é quem avalia as transformações, porque é ele que sofre suas consequências no momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que as novas situações lhe impõem.⁴⁸

O vento começou a ficar mais forte, tive que afrouxar a vela para não ganhar muita velocidade, pois havia muitos obstáculos pela frente que foram aos poucos contornados com maestria numa sequencia de bordos, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, esquerda, esquerda, esquieeeerda... Ali descobri que se eu mantivesse o barco mais a esquerda a vida pulsaria com mais intensidade, com mais sensibilidade, com mais desejo, mas havia um dito obstáculo que não saia da minha frente, estava por todos os lados: eu.

O mundo está mudando rápido... e eu impregnado com conceitos de outro tempo e de outro lugar.

⁴⁸ CANGUILHEM, 2002.

O mundo está mudando rápido... e o aparato biomédico baseado no conhecimento anatomopatológico e na abordagem mecanicista do corpo não está sendo capaz de atuar sobre os condicionantes e determinantes da vida.

O mundo está mudando rápido... e a importância de cuidar da vida e reduzir a vulnerabilidade ao adoecer estava se revelando.

O mundo está mudando rápido... e eu? E agora, José?

Era necessário encarar contra ventos, distanciar para aproximar, desconstruir para construir, buscar diferentes entendimentos sobre o conceito de saúde para dar sentido e compor outros significados⁴⁹ às ações, porque os colchonetes, pesinhos, bastões, bolas e espelhos, não davam mais conta de mim.

Nesse momento o vento parou e o que eu experimentei foi a imensidão do mar, a imensidão da vida e das possibilidades. Avistei uma garrafa boiando. Não me pareceu um acaso frente ao não vento e a imensidão do mundo. Remei, remei, remei... Certamente havia uma correnteza contra, Remei remei..., remei mais⁴⁹, remei... e peguei. Dentro havia uma carta, um pedaço de papel todo enrolado e já envelhecido pelo tempo e entre o que se podia ler do borrado e do rasgado pelo tempo era:

“Ottawa, 1986 – ... capacitação da comum... para atuar... melhoria ... qualidade de vida e saúde, incl... participação no controle deste processo. ... atingir um estado ... completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos ... identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. ... recurso para a vida, e não ... objetivo de viver. ... um conceito positivo, ... recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsab...clusiva do setor saúde, e vai para além ...

⁴⁹ Nesse contexto, entendemos por sentido as ressonâncias internas que acompanham as práticas corporais, sejam elas de corpo ou de linguagem. É interessante notar que essas conotações, mesmo que sejam de uma prática inteligível, não estão inteiramente ao arbítrio do sujeito da prática, vem, de certo modo, da própria prática. Por significado, entendemos o que a prática corporal adquire graças a um acordo explícito entre os envolvidos, acordo que depende da vontade. Nenhum acordo entre as pessoas é capaz de modificar o sentido da prática.

*bem-estar global....*⁵⁰

A ideia da promoção da saúde ganhava espaço no meu pensamento, alimentada por propostas de políticas públicas que pudessem incluir mais as pessoas e que apontassem para uma visão expandida, “transversal, integrada e intersetorial, que pudesse dialogar com as diversas áreas do setor sanitário, os outros setores do Governo, o setor privado e não governamental, e a sociedade, compondo redes de compromisso e corresponsabilidade quanto à qualidade de vida da população em que todos sejam partícipes na proteção e no cuidado com a vida.”⁵¹

Com esta “visão ampliada”, era possível vislumbrar a saúde como um recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, tendo como pré-requisitos, a paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade⁵² onde as ações para a sua promoção objetivassem “promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes – modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais.”⁵³ Essa proposição me ajudou a ver a necessidade da superação do modelo biomédico, centrado na doença como fenômeno individual e na assistência médica curativa, desenvolvida nos estabelecimentos médicos-assistenciais, como foco essencial da intervenção e também me mostrou outros rumos para a Educação física, sobretudo com relação ao corpo e suas práticas.

⁵⁰ OPAS Cartas - *Documentos que norteiam a Promoção da Saúde*. Disponível no endereço eletrônico da OPAS: <https://www.opas.org.br/carta-de-ottawa/>. Acesso em 10 set. 2017. (OPAS: Carta de Ottawa, 1986). O processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global.

⁵¹ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Política Nacional de Promoção da Saúde*. Portaria nº 687 MS/GM, de 30 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos em Saúde), 2006, p.15.

⁵² OPAS: Carta de Ottawa, 1986.

⁵³ BRASIL, 2006, p.17.

Paradeira! Não havia vento, sequer uma brisa. Percebi na pele a relação inversa entre tempo e movimento e tempo e ritmo. Interessante! Quanto menos vento, menos movimento e mais tempo e quanto mais tempo mais lento o movimento.

Temmmmpo paaaaara olharrrrr, pensarrrr, refletirrrrr.

O elemento tempo-ritmo⁵⁴ interior estava muito presente, muito “perceptível” e talvez até “demonstrável” na visibilidade do tempo-ritmo exterior, deixava de ser uma simples experiência sensorial como normalmente ocorre em nossas experiências interiores que estão fora do alcance da vista⁵⁵. Minhas memórias emotivas, meus sentimentos, estavam ali “a flor da pele” e isso me ajudava a valorizar os acontecimentos e as passagens de um a outro. Tempo para tudo, tempo para o que eu quisesse. Olhei para aquele pedaço de papel tentando entender porque alguém colocaria essa carta numa garrafa e lançaria ao mar. Provavelmente porque era uma mensagem importante e queria que se chegasse a algum lugar. De qualquer forma e frente ao tempo que sobrava enquanto não soprava me dediquei à leitura e deixei a imaginação atravessar a carta e tomar conta de mim. Que venha Kairós⁵⁶!

Atingir um estado ... completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos me pareceu ser muito interessante, um estado que tem tudo e com tudo resolvido. Que interessante! Quem seria o governante? O que governaria o governante nesse estado completo? Que lugar seria este? Estaria longe? Poderia navegar para lá e conhecê-lo de perto? Foram várias as perguntas que em segundos

⁵⁴ “**Tempo**” é a rapidez ou a lentidão do andamento de qualquer das unidades previamente estabelecidas, de igual valor em qualquer compasso determinado; “**Ritmo**” é a relação quantitativa das unidades – de movimento, de som – como o compasso determinado como unidade de extensão para certo tempo e compasso; “**Compasso**” é um grupo recorrente (ou supostamente recorrente) de valores de duração igual, aceito como unidade e marcado pela acentuação de um dos valores. STANISLAVSKI, Constantin, 2001, p 252.

⁵⁵ STANISLAVSKI, Constantin, (1863-1938) *A construção da personagem*, tradução Pontes de Paula Lima. 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

⁵⁶ Na mitologia grega encontramos duas representações de tempo. O tempo de Kronos (duração controlada) e o tempo de Kairós (momento certo ou oportuno) que era representado por um jovem atlético, com asas nos pés que transitava em velocidade vertiginosa por todo o mundo de forma aleatória, sendo impossível se prever um encontro com ele.

voaram pela minha cabeça e uma sensação de completude pairou sobre mim.
 Procurei mais dicas na carta para ver se havia alguma direção, mas não encontrei.
 Fiquei imaginando esse lugar... Eu sentado com tudo a minha volta, qualidade de
 vida, saúde, sem preocupações, sem necessidades, sem falta. Mas... Teria vento? Bolo
 de cenoura? Amendoim, carne, cerveja, vinho, cachaça, chocolate, teria? E
 confusão? Um pouco pelo menos..., eu gosto de confusão!

Engraçado, está estranho!

No momento seguinte, perdi a esperança de encontrar esse Estado... completo e me
 lembrei de quando era menino, das artes que fazia e do medo que sentia. O corpo
 tremia, suava frio na esperança que ninguém descobrisse, mas isso não impedia a
 vontade de fazer nova arte, na verdade eu precisava do medo para me divertir e
 para me sentir vivo

Claro! Por supuesto!” Natürlich! Of Course! Φυσικά! Se estou completo não pode
 haver esperança!

“Não há esperança sem medo e nem medo sem esperança”⁵⁷

A esperança se constrói na falta. Como é possível identificar aspirações, satisfazer
 necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente num lugar sem
 esperança?

E esse vento que não vem!

Ao navegar por essas águas, “topei” com dois lados do mesmo caminho. Por um
 lado as discussões no âmbito da América Latina (décadas de 1970 e 1980), com
 intensa mobilização da população e de profissionais de saúde. A VIII Conferência
 Nacional de Saúde definiu saúde como resultante das condições de alimentação,
 habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer,
 liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. E trouxe

⁵⁷ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 143-144. A esperança é uma
 alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida. O
 medo é uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma
 dúvida.

enormes subsídios para a discussão e implementação do Sistema Único de Saúde do Brasil apontando para a ideia da promoção da saúde brasileira com participação social e transversalidade nas ações, indicando para a necessidade de novas formas de organização social e de produção para a redução das desigualdades sociais.⁵⁸

Já em águas profundas, esbarrei com a implementação de uma Política Nacional de Promoção da Saúde⁵⁹ (PNPS) “brasileira” de 2006 elaborada a partir de um texto de 2002 produzida exclusivamente por técnicos e consultores do ministério da saúde do Brasil e depois construída com o envolvimento de gestores do SUS (Conass e Conasems) e academia que buscavam criar mecanismos para se pensar a saúde de maneira mais integral e com o reconhecimento da importância e necessidade de constantes diálogos com os movimentos sociais⁶⁰. Entretanto, pressionada por organizações e financiamentos internacionais, o que se construiu e se viu foi uma política que não integrou os elementos de embasamento teórico presentes na sua introdução com as ações específicas, fortalecendo uma dimensão preventivista.⁶¹

Estava lá, no meio daquele marzão e me sentia dois. Uma parte de mim queria voltar, outra parte não. Que dúvida! Porque havia dois de mim? Sempre fui tão determinado, decidido, determinado nas escolhas dos caminhos que apareceriam na minha frente. Comecei a perceber que a parte que queria voltar estava incomodada com a falta de caminho, com a incerteza, com as dúvidas, com o risco do que viria pela frente. A outra parte não, se divertia com a novidade da incerteza. Detive-me nesse pensamento intrigado com a dificuldade que eu tinha para não normatizar as coisas. Quando o pensamento do querer voltar me invadia, brotavam na minha cabeça palavras duras, exatas, com sentido claro, como risco, desnecessário, frio, fome, chuva, doença que me faziam pensar em voltar para terra firme o mais rápido possível, eram palavras que não tinham cheiro, nem gosto e

⁵⁸ BRASIL. Ministério da Saúde. **VIII Conferência Nacional de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 1986. (Anais). http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf. Acessado em 25/09/2012.

⁵⁹ BRASIL, 2006.

⁶⁰ ROCHA, Dais G; et al. Processo de revisão da Política Nacional de Promoção da Saúde: múltiplos movimentos simultâneos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 11, p. 4313-4322, 2014.

⁶¹ FERREIRA NETO, João Leite et al. Processos da construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 1997-2007, Oct. 2013.

nem relevo. Quando o pensamento do querer ir me conquistava, as palavras passavam a ter cheiro, gosto, relevo. Quero dizer, o vento que não ventava me remetia à esperança de encontrar um lugar novo, novos sabores, novos cheiros, e assim compor com a minha vida outro caminho.

Havia muito tempo para pensar nisso, deixei o pensamento ir longe tentando decidir se vou ou volto. Pulei na água para me refrescar, pois o sol estava forte e não havia vento. A sensação de frescor, do gosto da água salgada, da flutuação do meu corpo me remeteu a dureza da minha trajetória como profissional e das escolhas que eu fiz. Tinha me afastado das experiências e adentrando aos experimentos. Com as palavras duras, aprendi a ser duro, a querer dar significado a tudo, a dizer o que é e o que não, a apontar o que é certo e o que é errado e o que pode e o que não pode, atribuía significado a tudo, as imagens, as expressões, aos conceitos, a educação dos meus filhos sem ao menos refletir um pouco. Afastei-me do sabor das dúvidas para me entregar as certezas.

Um sorriso apareceu no meu rosto, estava boiando e com dúvida.

Por outro lado do mesmo caminho encontrei um rumo diferente para a educação física que eu conhecia e que encontrava no espaço público maior legitimidade e ressonância. Uma educação física que considerava o outro por meio das práticas corporais que até então eram, para mim e para muitos, sinônimo da atividade física. O diferente soava entre o que reduz e o que amplia. Reduz porque a atividade física que me foi apresentada era definida como

qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resulta em gasto de energia. A quantidade de energia necessária para realizar uma atividade pode ser medida em quilojoules (kJ) ou quilocalorias (kcal) (...) pode ser categorizada em uma variedade de maneiras. Uma abordagem comumente usada é segmentar a atividade física com base nas porções identificáveis da vida diária durante as quais a atividade ocorre. A categorização mais simples identifica as atividades físicas que ocorrem durante o sono, no trabalho e no lazer. (...) A atividade física de lazer, pode ser subdividida em categorias como esportes, exercícios de condicionamento, tarefas domésticas (por exemplo, jardinagem, limpeza e

reparos domésticos) e outras atividades e que pode ser expressa pela seguinte fórmula:

$$\text{kcal}_{\text{total}} \text{ atividade física diária} = \text{Kcal}_{\text{dormir}} + \text{kcal}_{\text{trabalho}} + \text{kcal}_{\text{lazer}}^{62} \text{ (condicionamento físico)} \\ + \text{kcal tarefa domésticas} + \text{kcal outras}$$

Assim, a atividade física colocava num mesmo cesto diferentes tipos de práticas de corpo muitas vezes determinadas por meio de testes de laboratório, tabelas de Kcal e fórmulas matemáticas. Nesse sentido, uma caminhada no parque ou o subir escadas estão juntos do jogar capoeira, dançar e também do fazer sexo, do beijar e do abraçar. Essa forma de expressão (matemática) pode nos proporcionar alguns aspectos curiosos, como o divulgado pela revista GQ Brasil da Editora Globo que publicou em 05/10/2015⁶³ uma pequena reportagem mostrando que se gasta cerca de 290 kcal numa relação sexual intensa, comprovada por um aplicativo interativo britânico (sexercise), o que nos dá a possibilidade de compreender a expressão “vamos gastar 290 kcal” como um convite ao sexo.

Minha mãe em Kcal:

Pensei na minha mãe, na sua vida dedicada aos filhos, nas suas inquietações como mãe e mulher, nos seus temores, sonhos e frustrações e nas suas reclamações com a grande quantidade de tarefas que tinha que realizar em casa para que tudo funcionasse bem.

Por muito tempo ela cuidou de quatro filhos, comprava roupa, comida, levava à escola, ao médico, limpava a casa, cuidava do jardim, recolhia o cocô do cachorro, fazia o café, o almoço e o jantar todos os dias e ainda, “de quebra”, trabalhava pelas manhãs como professora numa escola (só para citar as atividades visíveis, porque há o invisível – preocupação, escuta, olhar atentos 24h por dia entre

⁶² CASPERSEN, C.J.; POWELL, K.E.; CHRISTENSON, G.M. Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. *Public Health Reports*. 1985, 100, 2, 126-31, p. 126-127.

⁶³ <http://gq.globo.com/Prazeres/Sexo/noticia/2015/10/calculadora-do-sexo-veja-quantas-calorias-voce-queima-durante-acao.html> (acessado em 09/05/2017).

inúmeras outras)⁶⁴. Nunca parei para pensar, e acho que ela também não, que tudo isso que ela fazia podia ser transformado em energia gasta, medida de maneira relativamente simples e, ainda melhor, podia determinar sua condição de mulher ativa e, portanto saudável, com menor risco de adoecer.

Ainda bem que isso nunca passou pela minha cabeça, porque mesmo que a conta das Kcal, ao final, a deixasse do lado do saudável, do pouco risco de adoecer o que poderia justificar as suas atividades como supermãe saudável, eu estaria em grande risco. Claro, poderia “sem risco” e por meio das tabelas de consumo de Kcal determinar seu gasto durante o sono, determinar o seu gasto no trabalho de ensinar português aos pequenos alunos da escola, mas seria de alto risco quando tentasse explicar a ela que limpar a casa, recolher o cocô do cachorro, fazer o café da manhã, o almoço e o jantar, entre as inúmeras outras coisas, faziam parte do seu lazer e, portanto, não havia motivo algum para ela ficar reclamando das suas tarefas, visto que ela gastava grande parte da sua energia como supermãe ativa no seu lazer e não no seu trabalho.

Amplia porque o conceito de práticas corporais leva em consideração o ser humano em movimento, a sua gestualidade, os seus modos de se expressar, atribuindo sentidos e significados ao movimento e à intervenção, o que torna muito diferente a caminhada no parque, o subir escadas, o “jogar” capoeira, o dançar, o beijo, o abraço e o sexo, como exemplos. Claro que não na perspectiva do Kcal, da matemática ou ainda do “homem máquina”, mas numa perspectiva mais humana, ou seja, das práticas corporais tratadas pelas ciências humanas e sociais, pela arte, pela filosofia e pelos saberes populares, mas sem desprezar as ciências biológicas,

⁶⁴ Há uma série de atividades fundamentais para a satisfação direta e diária das necessidades humanas (saúde, higiene, comida, carinho ...) que não recebem o reconhecimento social e são feitas na invisibilidade. Para definir essas atividades, há quem fale de trabalho reprodutivo (em oposição ao trabalho produtivo em termos econômicos); quem trate como trabalho não remunerado (frente ao remunerado); e aqueles que preferem defini-las como trabalhos de cuidados (termo que inclui não só a dimensão material dessas tarefas, mas também o relacional e afetivo). Este trabalho é feito, em sua maioria, por mulheres o que dificulta o seu acesso ao trabalho remunerado e plena participação na vida social. Concentro-me aqui ao visível, mas reconheço a imensidão do invisível e a sua enorme importância para discussão de direitos humanos e dos valores atribuídos socialmente sobre determinada prática, por exemplo, uma mulher que cuida bem dos filhos e da casa faz bem o seu trabalho de mãe e dona de casa, mas um homem que faz o mesmo trabalho é reconhecido como um excelente marido.

dado que esta dimensão é fundamental e constituinte do humano⁶⁵. As práticas corporais agregam as mais diversas formas do ser humano se manifestar por meio do corpo e se apresentam como uma possibilidade importante para a formação humana e o cuidado em saúde desde que estejam sintonizadas com os desejos, as necessidades e os interesses dos indivíduos e coletivos.

Por hora isso me bastava, adentrava um mundo diferente, cheio de possibilidades e desafios. Entretanto, começava a perceber que essa diferença que vagava entre o que reduz e o que amplia não era tema de discussão na maioria dos artigos que se dedicavam a discutir a Política de Promoção da Saúde incluindo a própria política que, apoiada no VIGITEL⁶⁶ (Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para DCNT), classificava os indivíduos pelo nível de atividade física realizada na semana⁶⁷.

A inclusão do tema da atividade física como prioridade na PNPS passa pela compreensão de que a inatividade física é um dos principais fatores de risco para a mortalidade mundial. Estudo de Lee⁶⁸ apontou que em todo o mundo o sedentarismo causaria cerca de 6% da carga de doença cardíaca coronária, 7% do diabetes tipo 2, 10% de câncer de mama e 10% de câncer de cólon. Estima-se que a inatividade resultaria em 9% da mortalidade prematura, ou cerca de 5,3 milhões dos 57 milhões de mortes ocorridas no mundo em 2008⁶⁹.

Quanto mais eu buscava a compreensão dos termos, mais eles ficavam perdidos e com mais cara de que “davam para o gasto”. O Glossário temático da Promoção da

⁶⁵ SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Org). **Práticas corporais – gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, v.1. 2005.

⁶⁶ Inquérito telefônico realizado anualmente em 26 capitais brasileiras e no Distrito Federal desde 2006 e que, no ponto de vista da atividade física classifica as pessoas com ativo, inativo ou com prática insuficiente, tendo com referencial o equivalente a pelo menos 150 minutos semanais de atividades de intensidade moderada ou pelo menos 75 minutos semanais de atividades de intensidade vigorosa e divididos em quatro domínios: no tempo livre (lazer), na atividade ocupacional, no deslocamento e no âmbito das atividades domésticas.

⁶⁷ MALTA, Deborah Carvalho et al. A implementação das prioridades da Política Nacional de Promoção da Saúde, um balanço, 2006 a 2014. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 11, p. 4301-4312, Nov. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014001104301&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em 23/03/2017.

⁶⁸ LEE, I-Min. et al. Effect of physical inactivity on major non-communicable diseases worldwide: an analysis of burden of disease and life expectancy (for the Lancet Physical Activity Series Working Group.). **The Lancet** v. 380, n. 9838, p. 219–229.

⁶⁹ MALTA Deborah Carvalho, et al. Política Nacional de Promoção da Saúde, descrição da implementação do eixo atividade física e práticas corporais, 2006 a 2014. **Rev Bras Ativ Fis e Saúde**, Pelotas/RS, v. 19, n. 3, p. 286-299 Mai/2014, p. 288.

Saúde do Ministério da Saúde⁷⁰, por exemplo, define atividade física com relação ao gasto de energia e práticas corporais como expressão individual ou coletiva do movimento corporal, todavia não há nenhuma diferenciação dos termos quando são utilizados no texto da PNPS.

Atividade física, fem. Movimento corporal que produz gastos de energia acima dos níveis de repouso. Nota: relaciona-se a caminhadas, corridas, práticas esportivas e de lazer. Ver Exercício físico; Práticas corporais.⁷¹

Práticas corporais, fem. pl. Expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindo do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer). Notas: i) Manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam significados que as pessoas lhe atribuem, e devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural. ii) Existem várias formas de práticas corporais: recreativas, esportivas, culturais e cotidianas. Ver Atividade física, Exercício físico.⁷²

De maneira geral, a distinção entre atividade física e práticas corporais está ligada ao tipo de racionalidade ocidental como, por exemplo, as diferentes formas de ginásticas, as modalidades esportivas e as caminhadas; e a oriental, como o Tai Chi Chuan, o Lian Gong, Chi Kung e a Yoga,⁷³ ou ainda pela relação que as práticas corporais estabelecem com as ciências humanas e sociais em contrapartida à relação que a atividade física encontra com as ciências biológicas e exatas⁷⁴ e que, de certa forma, contribui com a visão dualista de homem e de mundo e deixa para o *sensu comum* a ideia de que a distinção do termo está relacionada ao tipo da prática e não ao conjunto de ações voltadas para o cuidado do corpo e à humanização das relações.

Se nos perdemos entre o “fazer e fazer” e o “fazer e perceber”, nos perdemos também com a ideia de qualidade de vida que constantemente tramita nos textos

⁷⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático: promoção da saúde** / Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. – 1. ed., 2. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

⁷¹ BRASIL, 2013, p. 17.

⁷² BRASIL, 2013, p. 28.

⁷³ CARVALHO, Yara Maria de. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. **Revista Brasileira Saúde da Família**, Brasília, n. 11, p. 33-45, jul/set. 2006.

⁷⁴ LAZZAROTTI FILHO, Ari. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n.1, p. 11-29, janeiro/março de 2010.

acadêmicos, nas revistas de grande circulação, está presente nas políticas de saúde, é parte do objetivo da PNPS e é o ideal de vida para muitas pessoas, sobretudo para aquelas que vivenciam a correria no dia-a-dia, o stress, a falta de tempo para o lazer.

São muitas as publicações que visam à compreensão do termo qualidade de vida. O que se verifica é que as abordagens e conceptualizações aparecem de forma diversificada e, por muitas vezes, divergentes. A falta de consenso teórico leva muitas pesquisas a utilizarem o conceito qualidade de vida como sinônimo de saúde, bem estar e estilo de vida. Esta imprecisão teórico-metodológica não só dificulta a investigação, o entendimento e o diálogo entre as diferentes áreas que trabalham com o tema⁷⁵, mas possibilita a apropriação do termo pelo capital (mercado) transformando-o em matéria de consumo. Não quero aqui, definir o tema ou mesmo contribuir com a sua definição, mas chamar a atenção para a apropriação do termo pelo capital e que muitos profissionais de Educação Física embarcam nessa viagem.

No âmbito da saúde, mais precisamente na PNPS de 2006⁷⁶ o termo qualidade de vida é apresentado como objetivo principal

*Promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidades e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes – modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais.*⁷⁷

Mas somente em 2012 há uma tentativa de conceitualização em seu glossário temático fazendo referência às noções subjetivas de conforto, bem-estar e realizações individuais e coletivas:

Qualidade de vida, fem. Grau de satisfação das necessidades da vida humana – como alimentação, acesso a água potável, habitação, trabalho, educação, saúde, lazer e elementos materiais – que tem como referência noções subjetivas de conforto, bem-estar e realização individual e coletiva.

Notas: i) Deve-se levar em consideração três aspectos: Histórico – uma determinada sociedade tem um parâmetro de qualidade de vida diferente da mesma sociedade em outro momento histórico; Cultural – os valores e necessidades são construídos e hierarquizados diferentemente pelos povos,

⁷⁵ PEREIRA, Érico Felden; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SANTOS, Anderlei dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.26, n.2, p. 241-50, abr./jun. 2012.

⁷⁶ Brasil, 2006.

⁷⁷ Brasil, 2006, p. 17.

revelando suas tradições; Estratificações ou classes sociais – em sociedades em que as desigualdades e as heterogeneidades são muito fortes, os padrões e as concepções de bem-estar são também estratificados. Assim, a ideia de qualidade de vida está também relacionada ao bem-estar das camadas superiores e à passagem de um limiar a outro;
*ii) Na concepção da qualidade de vida, é importante levar em consideração, também, valores não materiais, como: amor, liberdade, solidariedade, inserção social, realização pessoal, felicidade.*⁷⁸

Uma tentativa de sistematização de avaliação do termo foi feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com a colaboração de 15 centros colaboradores em todo o mundo, que desenvolveu um instrumento chamado WHOQOL-100 para medir a qualidade de vida para ser utilizado em vários cenários culturais, diferentes populações e países e, assim, permitir a comparação dos dados ao redor do mundo. Partindo do pressuposto de que saúde é o completo bem-estar físico, psíquico e social, foram identificados três aspectos fundamentais do constructo (1) subjetividade; (2) multidimensionalidade; (3) presença de dimensões positivas (ex. mobilidade) e negativas (ex. dor) que foram fundamentais para a definição do termo Qualidade de Vida como sendo a “a percepção que um indivíduo tem de sua posição na vida no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que vivem e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”⁷⁹.

O reconhecimento da multidimensionalidade está refletido na estrutura do instrumento que tem como base seis domínios (principais aspectos que determinam a Qualidade de Vida de uma pessoa): domínio físico; domínio psicológico; nível de independência; relações sociais; meio ambiente; e crenças pessoais (espiritualidade/religião) e diferentes facetas para cada domínio. No caso do domínio físico, por exemplo, o que determinaria a Qualidade de Vida seriam as facetas 1. Dor e desconforto; 2. Energia e fadiga; 3. Sono e repouso.

Por ser um conceito multidimensional e complexo outros países foram incluídos no estudo, inclusive o Brasil com o desenvolvimento da versão em português do “WHOQOL-100”⁸⁰ e da sua versão abreviada de vida “WHOQOL-bref”⁸¹

⁷⁸ BRASIL, 2013, p. 29.

⁷⁹ WHO – World Health Organization. *WHOQOL: Measuring Quality of Life* 2017. Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/whoqol-qualityoflife/en/>. Acesso em 22/mai/2017.

⁸⁰ FLECK, Marcelo Pio de Almeida, et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). *Rev. Bras. Psiquiatr.* São Paulo, v.21, n.1, p. 19-28 Jan/Mar 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44461999000100006>. Acesso em 22/05/2017.

vida (prática de atividade física, alimentação saudável com respaldo em artigo científico publicado na revista “The Lancet” e termina com receita de atitudes individuais

Uma pesquisa publicada recentemente no periódico científico “Lancet” mostrou que, apesar de todos os avanços da ciência, da medicina e da tecnologia, a qualidade de vida do ser humano continua baixa. (...) Isso porque, de acordo com o estudo, a maioria das pessoas que vivem nos países com as maiores expectativas de vida está passando esses anos adicionais de vida doente ou hospitalizada. De acordo com os autores, as principais causas que contribuem com o maior grau de perda de saúde são doenças cardiovasculares, infecções respiratórias e problemas psiquiátricos, como depressão. Segundo eles, todas poderiam ser prevenidas com a adoção de um estilo de vida mais saudável. (...) Nos países com as maiores expectativas de vida, ocorre uma maior prática de atividade física, além da ingestão de alimentos frescos e cultivados localmente (...) também têm o hábito de andar a pé quando precisam ir a algum lugar, praticam jardinagem e voluntariado e cuidam de membros da família. Já os lugares com expectativas de vida mais baixas são marcados pela predominância de empregos sedentários, isolamento social, disparidades socioeconômicas, stress crônico, dietas ricas em alimentos processados e de baixo valor nutricional e vida sedentária. Confira algumas atitudes fáceis de incorporar no dia a dia e que ajudam a viver mais e melhor.

1. Case-se; 2. Beba café; 3. Saia do sedentarismo; 4. Inclua peixe no cardápio; 5. Adote um estilo de vida saudável; 6. Coma mais vegetais e menos carne vermelha; 7. Cultive o apoio social; 8. Pare de ficar obcecado

82

Este é apenas um exemplo de muitos outros que se obtém com uma simples pesquisa com termo qualidade de vida, mas o que se observa, de forma geral, é que o termo qualidade de vida que acompanha as imagens e textos deste segmento de comunicação se refere à felicidade e determina o comportamento das pessoas responsabilizando-as pelas escolhas que fazem desconsiderando o contexto em que vivem e, muitas vezes, supondo um respaldo nas revistas de produção de conhecimento acadêmico científico como tentativa de legitimar determinado conteúdo ou ideia. Ou seja, procura demonstrar que a qualidade de vida pode ser “alcançada” se seguirmos determinadas orientações genéricas como casar, beber

⁸² REDAÇÃO. Como hábitos diários podem influenciar a longevidade. **Revista Veja**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/saude/como-habitos-diarios-podem-influenciar-a-longevidade/>. Acessado em: 22/05/2017.

café, incluir peixe no cardápio, mais vegetais e menos carne vermelha tratando todos da mesma forma como se tivéssemos as mesmas necessidades, interesses e desejos. Nesse sentido, relaciona qualidade de vida à ausência de doenças e vida mais longa, desconsiderando as condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham, ou ainda “os determinantes e condicionantes da saúde que são, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais”⁸³.

Não parece possível encontrar qualidade de vida na tristeza, pelo menos é o que nos mostra as inúmeras imagens da pesquisa do termo qualidade de vida no Google. Assim como unha e carne, felicidade e qualidade de vida compõem um binômio “feliz”. Tão feliz que pesquisas mostram que as altas taxas de insatisfação e menor qualidade de vida estão nos países mais pobres estabelecendo uma relação direta entre felicidade e dinheiro, nos conduzindo para a ideia da “maior felicidade com o maior número” – de carros, celulares, dinheiro, viagens, assim, não há dúvidas, quanto mais dinheiro e bens adquiridos você tiver, maior será a sua felicidade e, portanto, sua qualidade de vida. Será?

O texto *What's wrong with happiness?* de Michael Rustin discute, na sua primeira parte, os caminhos da nossa felicidade. Ele mostra que com relação à felicidade autorelatada apenas poucos pontos percentuais separam países com os níveis de renda médio de 20 a 35 mil dólares (per capita anual), daqueles que estão abaixo da barreira dos 10 mil dólares. Além disso, grande quantidade de “valor” (em termos do que dá satisfação) é gerada fora da esfera de troca de mercado. Os “bens” gerados por muitas atividades dentro da casa (cozinhar refeições, brincar com as crianças, ter uma conversa, divertir-se com amigos) são invisíveis para o mercado e para o PIB nacional. Por exemplo, pais que ficam em casa alguns dias por semana para cuidarem de seus filhos pequenos em vez de realizarem trabalhos remunerados, estão reduzindo a sua própria renda (e o PIB nacional), mas o benefício para eles e para as crianças pode ser maior do que aquele trazido por alguns dias de ganhos extras. Nos termos da economia monetária eles serão mais pobres, mas em termos

⁸³ BRASIL. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080.htm>. Acesso em 20/10/2017. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

de sua economia psíquica, relacional e social, eles podem ser mais ricos, e seus filhos ainda mais.

Assim, o mercado define felicidade e qualidade de vida a partir de valores individuais impossibilitando a percepção de alternativas para a vida de qualidade o que torna

*impossível ver que a maioria das satisfações são encontradas em contextos de relacionamento, de modo que o bem-estar de um indivíduo não pode ser separado do bem-estar daqueles a quem estão relacionalmente conectados. Por exemplo, o bem-estar dos pais está ligado ao bem-estar das crianças, dos professores ao de seus alunos, dos artistas ao público que aprecia o que eles criam. As dimensões sociais necessárias do bem-estar e sua localização em diferentes modos de vida possíveis são negligenciados por modelos que privilegiam as satisfações individuais e as transações econômicas pelas quais se espera que sejam asseguradas.*⁸⁴

O mercado avança não somente sobre a qualidade, a vida e a felicidade, mas também avança sobre o corpo definindo um determinado tipo de corpo modelo, esportivo e erótico que possibilita vender mais produtos (revistas, xampus, maquiagem, roupa, entre tudo) e atribuindo valor à educação dos corpos e promove a regulação da saúde com programas de atividade física muitas vezes apoiados pelo poder público⁸⁵. Um corpo em mistura que dificulta localizar seus limites entre o que é esporte, modelo e beleza⁸⁶ do qual o mercado se apropria com muitas ofertas de técnicas, espaços ideais para a realização de práticas, pessoas onde corpos perfeitos, bonitos e felizes se encontram e se não estamos adequados à norma, nos fazem sentir culpados, infelizes pelo corpo que desejamos e não temos.

Na mesma mão, mas com ilusão de contra (mão), aparecem estudos com críticas às práticas de corpo mais hard em razão do esforço que demandam dos seus praticantes que promovem corpos sarados e bem definidos como a musculação e as diferentes modalidades de ginástica aeróbica e enaltecendo, de certa forma, as práticas que comportam outras representações de corpo e de saúde nas quais a

⁸⁴ RUSTIN, Michael. What's wrong with happiness? *Soundings*, n.36, p. 67-84 July. Disponível em: https://www.lwbooks.co.uk/sites/default/files/s36_06rustin_1.pdf. Acesso em: 22/05/2017, p. 76.

⁸⁵ FRAGA, Alex Branco. Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

⁸⁶ MASSIMO Canevacci. Corpos Ubíquos. In: Carvalho, Yara Maria de; Fraga, Alex Branco; Gomes, Ivan Marcelo (Org.). *As práticas corporais no campo da saúde*. São Paulo: Hucitec Editora, 2016, p. 94-123. Massimo Canevacci trás a ideia de corpo no sentido de um corpo cheio de mentes (mindful-body) com relações complexas e móveis entre instintos, estética, sensualidade, linguagem, etc., um corpo que mistura beleza, estilo, esporte, etc e que caracteriza a contemporaneidade com distintos modelos em diferentes culturas e também entre diversos indivíduos – ubiquidade corporal.

harmonia e o equilíbrio aparecem como base da vitalidade, como o alongamento, a hidroginástica, a ioga, biodança, capoeira, entre outras que são denominadas práticas suaves.

os professores e instrutores de ginástica, alongamento, hidroginástica, danças, ioga, tai chi, etc insistem frequentemente na necessidade de os praticantes buscarem superar seus limites, indo gradativamente, “um pouco mais além” cada dia para adquirirem mais vitalidade de autonomia (...). No contexto das academias de aeróbica e musculação, entretanto, os indivíduos têm pressa em adquirir um corpo “saudável”, isto é modelado, que possa ser utilizado como instrumento de ascensão ou promoção social, ou para a conquista de pares com mesmo nível de beleza e saúde no mercado sexual. Também para conseguir inserção no setor do mercado de trabalho baseado na forma estética do corpo, como as profissões de modelo, ator, etc.⁸⁷

Isso tudo me parece uma forma de comunicação concreta e abstrata, correta e incorreta, precisa e nebulosa, e, sobretudo, tensa porque coloca tudo em duas mãos, a que vai e a que vem, ratificando a dualidade cartesiana e impondo aos “comuns” a ideia de lado, ou melhor, o lado certo e o lado errado e assim voltamos às contraposições entre homens e mulheres, pretos e brancos, homo e heterossexuais, coxinhas e não coxinhas que movimentam o mundo.

De volta à Política Nacional de Promoção, muitas águas rolaram, muitos ventos ventaram e muitas disputas pleitearam entre emancipação e regulação, amplo e restrito e protagonismo e responsabilização compondo um cenário muito peculiar da promoção da saúde no Brasil que, apesar das disputas políticas, aponta para a potência da promoção da saúde na articulação com a Atenção Primária e rede e na articulação de práticas em projetos nos territórios e comunidades como fonte geradora de autonomia em oposição à regulação⁸⁸.

Com todo esse cenário aliado às novas demandas políticas e agendas nacionais e internacionais do governo brasileiro o Ministério da Saúde propôs uma ação de

⁸⁷ LUZ, 2005, p. 111.

⁸⁸ SILVA, Patrícia Ferrás Araújo da; BAPTISTA, Tatiana Vargas de Faria. Os sentidos e disputas na construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 441-465, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n2/0103-7331-physis-24-02-00441.pdf>. Acesso em: 16/05/2017.

atualização e reflexão sobre a PNaPs⁸⁹ com o envolvimento de “diferentes setores como forma de ampliar o escopo desta política para além do setor saúde, visando o diálogo, a sinergia e a construção de possibilidades para fazer frente às iniquidades e aos determinantes sociais”⁹⁰. Entre os ganhos resultantes deste processo é possível destacar a ampliação da participação social, a aproximação e a problematização das práticas de promoção da saúde em diferentes contextos do território brasileiro da política e o reconhecimento da importância da Atenção Básica e da Estratégia de Saúde da Família para a implementação da promoção da saúde no SUS.⁹¹ Por outro lado, conceitos como atividade física, práticas corporais e empoderamento sem reflexão crítica podem impulsionar ações na direção de práticas focalizadas na mudança de hábitos com enfoque mais para o controle do que para a emancipação.

De qualquer forma, a PNaPs, que faz parte do chamado Pacto da Saúde⁹², representou avanço importante na elaboração de políticas de saúde no Brasil e, no que tange ao campo da Educação Física, também avançou ao destacar as práticas corporais/atividade física nas suas ações específicas⁹³, entretanto nesse emaranhado conceitual, parece-me necessário uma melhor compreensão desses dois termos não para fazer escolhas, definir lado ou atribuir valor, mas para que possamos compreender e propor os projetos e os programas que envolvem as

⁸⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. ***Política Nacional de Promoção da Saúde: PNaPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006*** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância à Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. A sigla da Política Nacional de Promoção da Saúde foi alterada durante a sua revisão em virtude do decreto Nº 8.243, de 23 de maio de 2014 que institui a Política Nacional de Participação Social – PNPS.

⁹⁰ ROCHA, 2014, p.4315.

⁹¹ ROCHA, 2014.

⁹² O Pacto pela Saúde é um conjunto de reformas institucionais do SUS pactuado entre as três esferas de gestão (União, Estados e Municípios) com o objetivo de promover inovações nos processos e instrumentos de gestão, visando alcançar maior eficiência e qualidade das respostas do Sistema Único de Saúde. Ao mesmo tempo, o Pacto pela Saúde redefine as responsabilidades de cada gestor em função das necessidades de saúde da população e na busca da equidade social. (<http://conselho.saude.gov.br/webpacto/>) Faz parte da Série Pactos pela Saúde 2006 as seguintes publicações: Diretrizes Operacionais dos Pactos pela Vida, em defesa do SUS e de Gestão; Regulamento dos Pactos pela Vida e de Gestão; Regionalização Solidária e Cooperativa: orientações para sua implementação no SUS; Política Nacional de Atenção Básica; Diretrizes para a Programação Pactuada e Integrada da Assistência à Saúde; Diretrizes para a Implantação de Complexos Reguladores; Política Nacional de Promoção da Saúde; Diretrizes e Recomendações para o Cuidado Integral de Doenças Crônicas Não-transmissíveis; Política Nacional de Educação Permanente em Saúde; Colegiado de Gestão Regional na Região de Saúde Intraestadual; Pactuação unificada de indicadores; Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento; Diretrizes Nacionais da Vigilância em Saúde.

⁹³ Ações específicas da Política Nacional de Promoção da Saúde: Alimentação Saudável; Prática corporal/atividade física; Prevenção e controle do tabagismo; Redução da morbimortalidade em decorrência do uso abusivo de álcool e outras drogas; Redução da morbimortalidade por acidentes de trânsito; Prevenção da violência e estímulo à cultura da paz; Promoção e; Desenvolvimento sustentável.

práticas corporais e as atividades físicas. Estou seguro que essa caracterização dos termos não é e nunca será simples, pois envolve poucas palavras e muitos sentidos, ou ainda, envolve algum significado e muitos sentidos. Por entender ser fundamental a compreensão dos projetos e programas de práticas corporais e atividades físicas que circulam aos montes pelo campo da saúde pretendo avançar por outros caminhos, não do antônimo para contrapor o sinônimo entre práticas corporais e atividades físicas, mas me arriscar, mais uma vez, me lançando ao mar para tentar, a partir da composição entre experiência, presença e intimidade, encontrar um porto de atracação.

CORPOS EM EXPERIÊNCIA

É esta incapacidade de traduzir-se em experiência que torna hoje insuportável a existência cotidiana.

Giorgio Agamben

Ilustração 8: Dança Flamenca, Teatro Municipal La Chumbera, Granada, Espanha Foto: Marcos Warschauer, junho/2017.

A arte da dança flamenca como síntese desse capítulo faz alusão às conexões dos corpos em experiência. Na geometria das paixões são inúmeras as potencialidades geradas no encontro dos corpos: alegria e tristeza; amor e ódio; atração e aversão; esperança e medo... A imagem insinua a sincronicidade dos vários movimentos, não só entre os dançarinos que vão criando os seus movimentos a partir do outro, com seus gestos, expressões e emoções sem relação de causalidade, mas também entre a música, o canto, a dança e o público. A cada apresentação uma nova experiência vivenciada que vai ganhando profundidade e largueza e quando o espectador incorpora a dança de maneira coerente e com percepção desfrutada acaba por se tornar parte dela e o espetáculo ganha em complexidade com maior domínio entre o fazer e o perceber que se modificam com o desenrolar da trama. A imagem também faz referência à possibilidade do convívio plácido entre os diferentes, pois o Flamenco teve origem no encontro da cultura cigana com mourisca influenciada pelos árabes e judeus.

A cada distância uma presença⁹⁴.

A aventura de me lançar ao mar para encontrar respostas estava começando muito antes de encontrar o outro como eu pensava no começo, eles não seriam capazes de dar resposta e eu tão pouco. Havia algo entre a verdade do outro e a minha verdade e eu não sabia o que era. Percebia a coisa extensa, percebia o meu corpo ocupando um lugar junto ao mar que aguçava os meus sentidos e me desobrigava a atribuir significado a tudo aquilo que me passava. O outro como resposta estava se desconstruindo.

Intensidade... Talvez essa fosse a palavra, mas não estava certo frente ao que sentia ao lidar com a experiência não interpretativa. Não havia modelo, não havia outras pessoas para ensinar, não havia outro lugar para conhecer, não havia certo nem errado, não havia nada, só havia o tudo. Apesar da imensidão do mar, havia um claro caminho a seguir que poderia restabelecer a “coisidade do mundo” e reativar a sensação pela dimensão corpórea em busca do que há no espaço da experiência não conceitual [Erlebnis]⁹⁵. O caminho era longo, precisava dispensar alguns pesos para o veleiro ganhar velocidade. Olhei a minha volta e vi uma caixa cheia de significados. Joguei ao mar.

Era uma vez..., um corpo.

Há várias formas de entender um corpo, para não dizer que há várias formas de corpos. Assim, é bom deixar claro que nessa história não estou falando do corpo das

⁹⁴ Nesse contexto, presença refere-se às coisas [res extensae] que são tangíveis aos nossos corpos e não são apreensíveis, necessariamente, por uma relação de significado.

⁹⁵ JASMIN, Marcelo. Efeitos de uma intensa presença (Apresentação). In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. ***Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir***. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2010, p. 9. “Gumbrecht se aventura em caminhos intelectuais que permitiriam restabelecer a “coisidade do mundo”, na busca do que há no espaço da vivência ou experiência não conceitual [Erlebnis] e pode dispensar a redução hermenêutica ao significado. (...) O ritmo ou o volume de um poema, por exemplo, ativam os sentidos de um modo que não se deve confundir com a atividade hermenêutica que atribui significados culturais determinados ao que tal poesia diz, assim como a vibração das cordas de um violino atinge os nossos corpos a despeito do que possamos interpretar acerca da melodia em execução.”.

revistas de fitness, do modelo fashion, daquele corpo sarado, modelado, levantado, esticado, mexido e remexido, nem mesmo do corpo apresentado na faculdade de educação física ou de medicina, um tal corpo objeto de estudo e pesquisa, inerte, deitado, pelado, morto, mexido e remexido pelos outros a revelia do seu ex-dono. Seria interessante falar desse corpo, pois eu o conheço bem, estudei a fundo: peitoral, deltoide, externo, glabella, opstocrânio, fâscia lata, coxas, nádegas, língua, bunda,... Opa! Já não parece tão morto assim. Também não é desse corpo erótico que estou tratando apesar de muito falado, mostrado e apreciado pelas revistas, publicidades e mesmo no próprio campo da Educação Física com seus músculos à mostra e roupas sensuais. Estou falando de um corpo como outro qualquer, desse que estamos acostumados a ver por aí, perambulando na rua, correndo nos parques, nadando no mar, trabalhando nos escritórios, fazendo churrascos, olhando alguém contar uma história ou mesmo contando uma história. Um corpo, que poderia ser o seu, o meu, o do amigo, do inimigo e a depender do tamanho da briga “o da mãe”. Há sempre quem queira enfiar no meio dessa história o corpão da vizinha ou do vizinho, da amiga do amigo ou do amigo da amiga, mas aqui também não é o momento. O corpão das primas que aparece com frequência nas rodas de conversa dos machos de plantão também é outra história, porque além das fantasias, esse corpo contém várias ideias que quando entre si só são explicados pela matemática. Portanto, para não termos distrações, vamos nos concentrar num corpo específico.

Era uma vez um corpo, o meu corpo!

O meu corpo nasceu... Não. Nasci... Não, não. Nascemos, acho que fica melhor assim.

Nascemos no dia dois de agosto de 1990 por volta das 8 horas da noite em Santos. Nascemos, eu e meu corpo, do meu pai. Quem disse que homem não pari, não é mesmo? Minha mãe estava ali, chegou atrasada como sempre, mas estava ali ao lado do meu pai e nem tchum! É obvio que vocês já estão fazendo contas e verificando a impossibilidade de um sujeito cinquentão em 2017 ter nascido em 1990. As histórias são assim, parece que é, depois deixa de ser e no final simplesmente é o que é.

Meu pai nem percebeu, pelo menos eu acho. Tinha muita gente naquele dia, quase 400 pessoas. Era gente para tudo que era lado. Tinham amigos, alguns próximos e

queridos, outros mais distantes. Tinha padre, tinha gente trabalhando, tinha gente espiando, mas o que mais tinha eram pessoas estranhas, gente que eu nunca tinha visto. No exato instante do nascimento do meu corpo fui transportado para outro lugar, um lugar sensível, diferente, silencioso, aconchegante, perfeito para o encontro. Um lugar com inúmeras possibilidades, que integra, que junta, que dá sentido, que produz vida. Lá encontramos, eu e meu corpo, com outro corpo, arredondado, quente, afetuoso, gentil e forte. O corpo do meu pai. Um instante mágico, marcante, inesquecível, digno de uma experiência verdadeira. Aliás, muito provavelmente essa não foi a primeira vez que nascemos, mas foi a que marcou primeiro e me apresentou a outro lugar.

O quarto filho da minha mãe, eu, aconteceu em 28 de fevereiro de 1965, portanto o meu corpo experimentou esse lugar de encontros quando eu tinha 25 anos, mas só voltei a experimentá-lo com mais frequência depois dos 40. Foi como um vício. A cada nova experiência, a cada novo encontro surgia a necessidade de outros encontros, outras experiências e que com o passar do tempo percebi que um corpo só é corpo quando conectado em si e com outros corpos.

Pode parecer simples e óbvio, mas devo admitir que antes dessas experiências eu pensava que um corpo se fazia por ele mesmo, ou melhor, o sujeito se fazia por ele mesmo e o corpo, casca, o acompanhava. Foi assim durante 40 anos: a busca da autonomia e do trabalho em um corpo casca.

Veio o casamento: busca da autonomia e do trabalho em um corpo casca.

Vieram os filhos: busca da autonomia e do trabalho em um corpo casca.

As mudanças de emprego: busca da autonomia e do trabalho em um corpo casca.

O encontro com o meu corpo e a conexão com outros corpos tornou-se uma busca. A experiência passou a ter outro significado assim como a autonomia, o trabalho e... o corpo casca.

Por que será que aquele abraço e não outro se mantem na minha memória de forma tão intensa? Se repensar a minha infância, tempo de maior relação com o meu pai não é difícil lembrar outros abraços. Lembro-me, por exemplo, dos Natais. Momentos que também ficaram marcados na memória, mas com um viés bem diferente. Mecânica e sistemática podem ser duas palavras que definam bem esse tal dia 24 de dezembro. Organização da ceia – discutida e nervosa lembrando mais

uma tarefa do que uma festa. Missa para todos por volta das oito da noite – não havia conversa, vai quem quer e quem não quer vai também, interminável. Retorno para finalizar, esquentar e servir a ceia – quase lá. Em fim a ceia – não me recordo desse momento. Em seguida o momento mais esperado pelas crianças a entrega dos presentes e os abraços. Presente da mãe, abraço na mãe, presente dos irmãos, abraço nos irmãos, presente do pai, abraço no pai. Aqui está o que estávamos procurando. O abraço no pai. E como foi esse abraço? Igual o da mãe, igual ao dos irmãos e ao da missa. É que na missa também tinha abraço, momento que ao mesmo tempo gostava e odiava. Gostava porque quando o padre dizia saudemos uns aos outros a missa estava terminando e odiava porque tinha que cumprimentar as pessoas do lado, da frente, de trás, coisa esquisita. Quem será que iria querer dividir comigo aquele momento tão estranho?

O que temos então de diferente entre “aquele abraço” e os de Natal? Do ponto de vista da ação nada, dois corpos que se aproximam, os braços são abertos, os corpos se encaixam e os braços se fecham ao redor do corpo do outro, mas do ponto de vista da qualidade muita diferença. De cara percebo que, no abraço do meu Natal, se o meu pai fosse trocado pela minha mãe ou pelos meus irmãos ou ainda pelo sujeito ao lado na igreja pouca coisa mudaria, era uma atividade “automática demais para permitir uma sensação daquilo a que se refere e para onde vai. Ela chega ao fim, mas não um desfecho ou consumação na consciência. Os obstáculos são superados pela habilidade sagaz, mas não alimentam a experiência”⁹⁶.

“Aquele abraço” não foi mecânico, não existiria sem o pai e sem o filho. Não existiria em outro tempo ou espaço, é como se eu o sentisse hoje, ele definitivamente está incorporado, está acima do que era sabido antes e envolve uma reconstrução. Em outras palavras, “aquele abraço” não está somente na minha consciência, ele foi construído com uma qualidade estética que completa o abraço. Ele percorre meu corpo e me reconstrói.

O abraço no meu pai certamente foi uma experiência singular, estética que se originou em um lugar específico, caminhou por todo o meu corpo e se consumou. Hoje, mais atento aos belos encontros que a vida permite, percebo que essa

⁹⁶ DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 114/115.

experiência poderia ter sido muito mais significativa se eu tivesse ido ao encontro da experiência do receptor.

Ter uma experiência! É assim que John Dewey nos convida a refletir sobre a vida, porque essa nossa vida que muitas vezes nos passa despercebida por toda a vida não é constituída por uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias com enredos e ritmos particulares, com início determinado e movimentos para o seu fim. Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção, sem vazios para o movimento que vem a seguir e sem o sacrifício da identidade singular das partes. Não há buracos ou ligações mecânicas quando temos uma experiência singular, mas há pausas e repousos que pontuam e definem a qualidade do movimento, dificultando a sua dissipação e evaporação displicente⁹⁷.

*A experiência singular tem uma unidade que lhe confere seu nome – aquela refeição, aquela tempestade, aquele rompimento da amizade. A existência dessa unidade é constituída por uma qualidade ímpar que perpassa a experiência inteira, a despeito da variação das partes que a compõem.*⁹⁸

O exato momento do encontro do meu corpo com o do meu pai... Ah! Aquilo é que foi experiência.

Ao repassar mentalmente essa experiência, *depois* que ela ocorreu, foi possível constatar que uma propriedade, a do afeto e não outra foi dominante e caracterizou aquela experiência como um todo. Refiro-me ao afeto do ponto de vista Espinosano: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e ao mesmo tempo as ideias dessas afecções”⁹⁹.

Para se ter uma experiência real, Dewey destaca a necessidade da estética e da consumação de um movimento, mesmo que ele seja intelectual, corporal ou emocional.

⁹⁷ DEWEY, 2010, p. 111.

⁹⁸ DEWEY, 2010, p. 111.

⁹⁹ SPINOZA, 2009, p. 98.

Estética é a tradução da palavra grega aesthesis, que significa conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade. Foi empregada para referir-se às artes, pela primeira vez, pelo alemão Baumgarten, por volta de 1750. Em seu uso inicial, referia-se ao estudo das obras de arte enquanto criações da sensibilidade, tendo como finalidade o belo. Pouco a pouco, substituiu a noção de arte poética e passou a designar toda investigação filosófica que tenha por objeto as artes ou uma arte. Do lado do artista e da obra, busca-se a realização da beleza; do lado do espectador e receptor, busca-se a reação sob a forma do juízo de gosto, do bom gosto.¹⁰⁰

O propósito¹⁰¹ de uma experiência de pensamento, por exemplo, é tirar uma conclusão ou chegar a ela, o que mascara a relação da conclusão com a fase que consoma a experiência em evolução. Ou seja, tem-se a ideia de que as formulações são instigadas a partir de proposições separadas das premissas e das conclusões. “Na verdade, em uma experiência de pensamento, as premissas só emergem quando uma conclusão se torna manifesta (...). Quando se chega a uma conclusão, ela é a de um movimento de antecipação e acumulação (...). A “conclusão” não é uma coisa distinta e independente; é a consumação do movimento”¹⁰².

Sem aquela caixa pesada de significados o barco ficou bem mais leve, rápido, arisco, difícil de controlar e sua velocidade foi aumentando a cada pensamento. Perdi o sentido! Não sabia para onde estava indo e nem qual seria a conclusão daquela viagem, mas ao mesmo tempo eu sei que estou no meu caminho e que essa experiência, esse fazer elíptico estava me deixando ainda mais feliz. Essa forma de fazer sempre me acompanhou desde pequeno e foi sempre um embate na família e no contra escola, pois apesar de parecer um garoto displicente, sem propósito, eu sempre tinha alguma direção, alguma paixão que me movia e me fortalecia para enfrentar os prepostos. Não foi simples. Por quê? Porque, porque, porque, porque, porque, sempre havia um porque, havia sempre a necessidade de

¹⁰⁰ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Editora Ática. 2000, p. 411.

¹⁰¹ DEWEY, John. *Experiência e educação*. 3 Ed. São Paulo: Editora. Nacional, 1979, p. 66. Um propósito é um fim em vista, isto é, envolve previsão das consequências que resultam de ação por impulso. Previsão das consequências envolve a operação da inteligência. Requer em primeiro lugar, observação das condições objetivas e das circunstâncias.

¹⁰² DEWEY, 2010, p. 113.

explicação. Por hora, distante da caixa de significados, consigo refletir um pouco e perceber que havia sempre a necessidade da comprovação científica da experiência na tentativa de traduzir as impressões sensíveis na exatidão e determinações e assim, prever impressões futuras transferindo a possibilidade da minha experiência o mais completamente possível para fora de mim. O curioso é que a ideia de uma experiência separada do conhecimento tornou-se tão estranha a ponto de esquecermos que até o nascimento da ciência moderna, experiência e ciência possuíam cada uma o seu próprio lugar. E mais, os sujeitos que lançavam mão também eram distintos: o da experiência era o senso comum presente em cada um de nós, enquanto que o da ciência era o sujeito do intelecto ou da razão¹⁰³.

De qualquer forma lá estava eu, velejando por caminhos feitos de mar, jogando entre o sentido e o significado em busca de alguma resposta ou alguma coisa que me deixasse mais permeável às experiências da vida. O problema é que quanto mais só, mais acompanhado estava. Um tal “eu mesmo” me acompanhava de perto, e no primeiro descuido, entrava na minha frente com várias perguntas relacionadas a esse caminhar tortuoso enchendo o barco com caixas e mais caixas de significados. O que estou fazendo aqui? Para que serve isso? Porque resolvi fazer o doutorado? Onde vou chegar com isso? Mas eu vou, com muita determinação e com “eu mesmo” na cola em busca de algo que acredito ou que me passa, e que sei que ao final se revelará como algo diferente.

Nesse momento, por exemplo, navegando na escrita desse parágrafo, sei o que quero, penso em desistir, avanço um pouco mais, mudo de direção, mas tenho a certeza de que uma conclusão que se fará ao longo do caminho e que provavelmente será bem diferente do que pensava de início e cuja premissa só se revelará ao final.

Apesar de aparentemente ter me livrado da caixa de significados, havia sempre outra que se enchia a cada sentido. Não consegui me livrar dos significados e comecei a me entender no pensar e no perceber. Deixei o barco correr e relaxei entre o sentir e o significar, entre o estético e inestético, entre o atento e o displicente, entre Kairós e Kronos e ainda entre a adversidade dos conceitos de atividade física

¹⁰³ AGAMBEN, 2008.

*e das práticas corporais que por anos tomaram conta da minha cabeça e da minha
prática profissional.*

Por “sentido implícito” (ou, abreviadamente “sentido”) entendemos toda a galáxia (ilimitada) de conotações e ressonâncias internas que acompanham a qualquer palavra dita (a phoné, a voz especificamente humana); é necessário observar que nenhuma dessas conotações (nem se quer a totalidade delas, supondo que esta expressão seja inteligível) seria capaz de dotar essa palavra de um significado explícito, mas talvez seja mais interessante notar que estas conotações não estão inteiramente ao arbítrio do falante se não, de certo modo, vem da própria língua. Chamaremos de “significado explícito” (ou simplesmente “significado”) o que as palavras adquirem graças a um acordo explícito entre os locutores, acordo que depende da vontade desses falantes, acordo que depende da vontade dos locutores. Nenhuma palavra pode adquirir significado “recto” (logos: dizer algo de algo) se não for por acordo entre os locutores, mas nenhum acordo entre os locutores é capaz de retificar a curvatura interna do sentido. Quem compartilha a mesma “ressonância” implícita se sente participante de uma mesma comunidade linguística involuntariamente compartilhada, enquanto que quem pactua acordos explícitos constitui uma associação pública deliberadamente sustentada. É fácil ver, portanto, que o significado explícito e o sentido implícito constituem respectivamente, nos termos anteriormente expostos, a publicidade e a intimidade da linguagem, seu lógos e seu phoné.¹⁰⁴

A mesma ideia se aplica aos movimentos do nosso corpo. Há atividades que são caracterizadas pela sua automatização e não permitem uma sensação daquilo que se refere e nem para onde se vai. Obstáculos são superados, chega-se a um fim, mas não a um desfecho ou consumação na consciência. Os movimentos são realizados sem a ligação do que veio antes com o que vem depois, não há interesse que possibilite a seleção ou a rejeição do que será organizado na experiência em evolução. “As coisas acontecem, mas não são definitivamente concluídas nem decisivamente excluídas; vagamos com a correnteza (...) uma coisa substitui a outra,

¹⁰⁴ PARDO, José Luís. Políticas de la intimidad. Ensayo sobre la falta de excepciones”, *Lógos. Anales del Seminario de Metafísica*, v. 32, n. 1, p. 145-196, 1998, p. 178. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ASEM/article/viewFile/ASEM9899110145A/16745>. Acessado em: 30/05/2017.

mas não a absorve nem a leva adiante”¹⁰⁵, são definitivamente experiências inestéticas.

O **movimento inestético** situa-se entre dois polos, de um lado o movimento começa em nenhum lugar particular e termina em um lugar inespecífico. Do outro lado está a suspensão e constrição que avança pelo movimento que se seguem com ligações apenas mecânicas entre si. Existem inúmeros movimentos que transitam entre esses dois polos que, muitas vezes, passam a ser vistos como a norma de toda a experiência. Assim, quando se busca o estético em movimentos automatizados, ele contrasta tanto com a imagem formada que é impossível combinar suas qualidades especiais com as características da imagem, o que coloca o estético em um lugar externo ao movimento¹⁰⁶. Em suma, nenhuma experiência de corpo se constitui em uma unidade a menos que tenha qualidade estética.

Nesse sentido, entendo a atividade física como um conceito que parte do referencial da física newtoniana, tem como base os movimentos corporais que resultam em gasto energético proporcional ao trabalho muscular e que se caracteriza por movimentos inestéticos e automáticos que não permitem, ao sujeito da prática, a sensação do que se refere e nem para onde se vai. Não é a praticidade e o conteúdo que aproxima ou afasta o movimento da ideia de atividade física, é a submissão às convenções, a incoerência e complacência displicente, a desatenção para com as pendências, a monotonia, a submissão coagida.

Nesse sentido, uma experiência de movimento de corpo pode ser também entendida como forma de expressão artística, pois compreende não somente o sujeito (artista) que se movimenta com seus gestos e expressões e emoções, mas também o espectador e receptor que quando a incorpora¹⁰⁷ de maneira coerente e com percepção desfrutada, torna-se parte dela.

As emoções significativas são qualidades de uma experiência complexa, que se modificam com o desenrolar da trama. “A natureza íntima da emoção manifesta-se na experiência de quem assiste a uma peça no palco ou lê um romance. É concomitante ao desenvolvimento da trama; e a trama requer um palco, um espaço

¹⁰⁵ DEWEY, 2010, p. 116.

¹⁰⁶ DEWEY, 2010, p. 117.

¹⁰⁷ Incorporar é mais do que tomar consciência é acrescentar algo sobre o que se sabia antes, envolve uma reconstrução que pode ser prazerosa ou dolorosa.

em que se desenvolver e tempo para desdobrar”¹⁰⁸. Não podemos pensar nas emoções como alegria, tristeza, medo, raiva, esperança como se fossem entidades prontas e separadas. Numa experiência significativa, as emoções aparecem juntas, ligadas aos acontecimentos e objetos e fazem parte do eu interessado no movimento em direção a um desfecho. Assim, ter uma experiência é afetar e ser afetado pelas paixões num *continuum* ganho e perda de potência de agir, mas não desapegada a um propósito.

Uma experiência tem padrão e estrutura porque não é apenas uma alternância do fazer e do ficar sujeito a algo, mas também porque consiste nas duas coisas relacionadas e essa ação é que confere significado¹⁰⁹.

O barco deslizava sobre as águas, não se ouvia nenhum ruído, nem do vento, nem do barco e o meu pensamento estava longe..., voltei a lembrar de quando estava estudando Educação Física.

Foi uma época marcada pelo retorno do exterior de muitos professores que foram estudar (doutorado?) e da implantação de vários laboratórios como o de fisiologia. Foi, ou pelo menos é o que ficou marcado em mim, um período de forte aceleração das informações e dos experimentos¹¹⁰ relativos ao corpo quando submetido a condições adversas (corridas intensas, submersão, treinamentos de resistência, entre outras muitas) e as suas biomecânicas. Isso fazia muito sucesso (e ainda faz) entre os alunos porque era muito palpável, estava ali, na frente, no real. Por exemplo, o sujeito subia na esteira de corrida e se punha em movimento, todo ligado (nos aparelho é claro), e as informações começavam a pular na nossa frente, o coração acelerava, a pressão alterava, o fluxo de oxigênio aumentava, era um experimento e tanto. Muito desse sucesso poderia também estar relacionado à formação escolar básica, por exemplo, na minha formação aprendi como extrair a

¹⁰⁸ DEWEY, 2010, p. 119.

¹⁰⁹ DEWEY, 2010.

¹¹⁰ Levava e leva ainda também o nome de experiência, mas aqui estou demarcando o que, muitos anos depois, entendo por experimento (com foco na informação, sistemáticas) e por experiência (com foco no sujeito que experimenta).

clorofila das folhas, como fazer perfume ou ainda como era o deslocamento em ambientes com pouco atrito. O sucesso também poderia estar relacionado à própria criação, quando era pequeno, por exemplo, eu morava numa casa grande e meu irmão tinha um laboratório no fundo de casa onde fazia as suas “experiências”. Sei que ele gostava de investigar algumas coisas com relação à química e biologia. No seu laboratório tinha Bico de Bunzen, Béquer (Becker), Erlenmeyer, destilador, bisturi, era um arsenal de coisas muito interessantes para uma criança e mais interessante ainda era o que eu via saindo dali, entre outras coisas, bichos empalhados e perfumes. Isso era maluco, porque a experiência era tão ali, na minha frente que chegava até a ser “presenteável”. Explico. Na escola no final de cada ano era comum a brincadeira impositiva de amigo secreto. Não lembro exatamente do ano, mas era por volta da quinta ou sexta série (sexto ou sétimo ano). Lembro que eu, como aluno super(desen)envolvido com esse tipo de brincadeira de desiguais (muitos tinham muito dinheiro e poucos tinham pouco dinheiro) eu sempre esquecia de comprar o presente da minha amiga secreta. O fato é que me lembrei na véspera, um domingo, da tal brincadeira. Não tive dúvida, passei pelo laboratório do meu irmão e peguei um roedor “bonito” e muito bem empalhado. Não me lembro da menina, mas a cara que ela fez quando abriu o pacote é inesquecível. (talvez esse seja um caso de experiência dentro do experimento).

O sucesso da experiência na Educação Física com humanos e ratos, poderia também estar na forma que adquiríamos o conhecimento, nas informações contidas nos livros, nas aulas expositivas, pelo processamento das informações e pelo avanço de uma sociedade da informação que nos faz ter a ideia de que o conhecimento está centrado na informação. Assim, a minha ideia sobre experiência foi sendo construída com esse referencial e é muito possível que tenha colaborado na minha escolha pela Educação Física.

Por aqui há uma pincelada estética sobre o conceito de práticas corporais que podem nos ajudar, tendo claro que o seu significado é construído em relação aos

acordos entre os interlocutores e que, de modo geral, tem sido “traduzido” como sinônimo de atividade física frente aos interesses mercadológicos que aparecem massificados pelos meios de comunicação e respaldados pela comprovação científica que se efetua no experimento e transfere “a experiência o mais completamente possível para fora do homem: aos instrumentos e aos números”¹¹¹. Pinceladas que podem aproximar as práticas corporais e artes às ciências por meio da beleza, pois a “ciência sem dimensão estética é fraca, é quase morta, não tem sentido”¹¹².

Ainda no ventar da experiência, Larrosa¹¹³ aponta para a experiência que me passa, não a que passa como os abraços de natal, mas para “**isso que me passa**” como o abraço do meu pai. O corpo em experiência, no caso o meu corpo, precisa de um acontecimento, precisa de um “isso”, de algo que não sou eu, que não depende de mim, que não é resultado das minhas ideias, dos meus sentimentos, das minhas intenções, ou seja, que é outra coisa que não eu. Não é possível uma experiência de corpo sem a aparição de alguém, de algo, de outra coisa para além do eu, (alteridade), de um acontecimento que é exterior a mim (exterioridade), que é estrangeiro, que está fora de mim. Algo que está alheio a mim (alienação), que não pode ser previamente capturado ou anteriormente apropriado.

Entretanto e apesar de externo, a experiência pressupõe um passar por mim, não um passar ante mim ou à frente de mim, mas um passar em mim, que me atravessa, que passa em “*me*”, porque eu sou o lugar da experiência e é em mim que a experiência tem lugar (nas minhas ideias, ou nas minhas palavras, ou nas minhas representações, ou nos meus sentimentos, ou nos meus projetos, ou nas minhas intenções, ou em meu poder, ou em minha vontade).

A experiência é um movimento de ida e volta. De ida porque pressupõe, como já foi dito, um movimento de exterioridade, e assim é necessário que saia de mim, que vá ao encontro do que passa, do estrangeiro, do fora e que nesse encontro possa refletir e voltar (reflexibilidade), mas não basta que volte para o meu corpo é necessário que produza efeito em mim, que me transforme. Eu sou o lugar da

¹¹¹ AGAMBEN, 2008, p. 26.

¹¹² CANEVACCI, 2016, p 98.

¹¹³ LARROSA, Jorge. Experiencia y alteridad en educación. IN: SKLIAR, Carlos; LARROSA, Jorge. *Experiencia e a alteridad en educación*. 1ª. Ed. – Rosário: Homo Sapiens Ediciones, 2009.

experiência (subjativa), o acontecimento afeta a mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu quero, no eu tudo. Não há experiência em geral, não há experiência sem sujeito ou de ninguém. Há sempre um sujeito na experiência e, portanto, ela é única. Esse sujeito é permissivo, capaz de deixar que algo lhe passe por suas palavras, por suas ideias, por seus sentimentos, por suas representações. Há de ser um sujeito aberto que se deixa afetar e que se deixe transformar. Numa experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência da sua própria transformação. Ou ainda, a experiência que o forma, o transforma. O sujeito da experiência não é um sujeito alheio, parado, posto, é um ser “fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova”¹¹⁴ e está sempre aberto à sua própria transformação, permissivo, sensível, vulnerável, (ex)posto. O resultado da experiência é a formação e a transformação do sujeito da experiência que não é o sujeito do querer, do poder ou o sujeito do saber, mas o sujeito da formação e da transformação.

Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação.

Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação. Daí que o sujeito da formação não seja o sujeito da aprendizagem (a menos que entendamos aprendizagem em um sentido cognitivo), nem o sujeito da educação (a menos que entendamos educação como algo que tem que ver com o saber), mas o sujeito da experiência.¹¹⁵

Enfim, a experiência pressupõe uma saída de si para outra coisa e ao mesmo tempo pressupõe algo que passa desde o acontecimento para mim. Esse “passar” não tem nada de previsível, é incerto, está imerso no risco e no perigo. É uma passagem, um percurso, um caminho, um transitar por um território que é o próprio sujeito da experiência, um sujeito território. Ali, quando algo passa deixa um vestígio, um rastro, uma marca, uma transformação que pode ser nas palavras, nas ideias, nas representações ou nos meus sentimentos. Esse sujeito, portanto, não é um sujeito

¹¹⁴ LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Traduzido por Cynthia Farina, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 17.

¹¹⁵ LARROSA, Jorge, 2009, p. 17.

ativo, agente da sua própria experiência, é um sujeito paciente, passional, apaixonado, um sujeito que se sujeita sem ser objeto.

Definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação. (...)O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis.¹¹⁶

Assim, um corpo em experiência está implicado em três grandes dimensões: a do acontecimento (na exterioridade, alteridade e alienação); a do próprio sujeito (reflexibilidade, subjetividade e transformação) e a do movimento (passagem e paixão).

A partir do exposto e das leituras sobre experiência de Dewey, Larrosa, Agamben e Espinosa (sem a pretensão de esvaziar ou retificar o seu sentido implícito), gostaria de apresentar o meu entendimento sobre o conceito de práticas corporais:

São movimentos de corpos em conexão, onde pensamento e extensão são atributos de uma única e mesma coisa¹¹⁷. Os movimentos podem ter maior ou menor complexidade – um jogo, uma luta, uma dança - mas mesmo aparentemente parado, há movimento no corpo: o coração que pulsa, o pulmão que respira, uma ideia que circula aumentando ou diminuindo nossa potência de agir. Do mesmo modo, as práticas corporais podem ser práticas de pensamento onde também existem ganhos e perdas de potência como, por exemplos, nas práticas de relaxamento, yoga, massagens, nas poesias, leituras, pinturas, esculturas ou na culinária com todos os seus cheiros gostosos e seus gostos cheirosos.

Estão intimamente ligadas às artes, porque utilizam o corpo como material. “Toda arte faz algo com algum material físico, o corpo ou alguma coisa externa a ele, com ou sem o uso de instrumentos intervenientes, e com vistas à produção de algo visível, audível ou tangível”¹¹⁸, porque é uma prática de amor incondicional, se importa “profundamente com o tema sobre o qual a habilidade é exercida”¹¹⁹ sem condições ou limites. O homem, canta, dança, gesticula, luta, molda, desenha, pinta,

¹¹⁶ LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002, p. 21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em : 10/08/2015.

¹¹⁷ SPINOZA, 2009.

¹¹⁸ DEWEY, 2010, p. 126.

¹¹⁹ DEWEY, 2010, p. 128.

lê, desbasta, entalha, molda e a suas práticas se tornam artísticas quando o resultado percebido é de tal natureza que suas qualidades controlam a questão da produção.¹²⁰ Assim, só podem ser práticas corporais as que são norteadas pela intenção, com um propósito de se criar algo que seja fruído na experiência imediata da percepção e, por tanto, tem qualidades que faltam às atividades espontâneas ou não controladas. Uma prática corporal como arte tem que ser moldada, não no sentido de molde para reprodução, mas no sentido do cuidado, tanto de si como do outro, pois “o artista ao trabalhar, incorpora em si a atitude do espectador”¹²¹ e busca agregar às suas práticas as questões relativas ao outro – alteridade.

São movimentos estéticos, estão ligadas às questões da apreciação, percepção e prazer. São, portanto, práticas amorosas e se importam com o tema no qual estão envolvidos. Quando autêntica, as práticas corporais controlam ao mesmo tempo o fazer e o perceber, pois ao manipularmos, tocamos e sentimos, ao olharmos, vemos e sentimos; ao escutarmos, ouvimos e é graças a isso, a essa intimidade, que o fazer posterior é cumulativo e não simples questão de capricho ou rotina. As práticas corporais autênticas despertam intimidade que só pode ser alcançada pela relação entre o que é feito e o que é sofrido, ampliando a percepção do sentido das coisas que são compatíveis ou incompatíveis.

Têm que ser vivenciada, necessita de amadurecimento, para percepção das conexões envolvidas e adquirir profundidade e largueza. Está limitada nas relações entre o estar sujeito e o fazer e, deste modo, está sujeita à interferência do excesso do fazer ou do excesso de receptividade. O desequilíbrio para qualquer desses lados torna a experiência parcial e distorcida. “O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação (...) passa a buscar, mais ainda inconscientemente do que por uma escolha deliberada, situações em que possa fazer o máximo de coisa no prazo mais curto possível”¹²². Em meio a esse excesso de coisas o que se valoriza é o simples passar pelas coisas independentemente da

¹²⁰ DEWEY, 2010.

¹²¹ DEWEY, 2010, p.128.

¹²² DEWEY, 2010, p. 123.

percepção de qualquer significado. Olha a foto! Olha o registro! Mais foto! Mais registro! Esse excesso de receptividade, comum nos dias de hoje, expropria o sujeito da possibilidade de conhecer o sentido da prática corporal onde nada cria raízes.

Requerem tempo e espaço. Espaço para se desenvolver, para encontrar conexões, para agir com o ganho ou a perda de potência. Espaço para se relacionar com a trama, espaço para se relacionar com o outro. Tempo para amadurecimento, para a reflexão, para fazer parte de uma situação inclusiva e duradoura, pois está limitada pelas causas que interferem. Necessitam de tempo para o acúmulo, pois com o alargamento de uma base de experiências anteriores a relação entre estar sujeito a algo e o fazer vai se refinando, ou ainda, quanto maior o acúmulo de experiências vividas pelo sujeito, mais rigorosa será a avaliação sobre a qualidade da prática e maior será a possibilidade de associação entre os sentidos do corpo. Um tempo da não produção, onde tempo não é dinheiro e que contrapõe Kronos que é o tempo do relógio (cronologia, cronograma, cronometro), um tempo controlado e que se finda. Kronos é o destruidor das suas próprias criações, irreduzível, lógico, quantificável, comum e previsível, que pode ser mensurado e dividido em anos, meses e dias, horas, segundos, um tempo que deixa o passado para trás, engole o presente na possibilidade de um futuro. As práticas corporais necessitam de um tempo que também permita contratempos, o andar contra relógio, um tempo subjetivo, não racional, qualificável, pessoal, imprevisível e mutável, que não pode ser compartilhado com o outro, que só pode ser entendido plenamente por aquele que o vive, um tempo de Kairós que ao contrário de Kronos transcorre de forma relativa a cada um que o percebe e o vivencia, é a oportunidade agarrada, a eternização do momento na presentificação da sua elaboração. Kairós é representado pela figura de um jovem atlético, com um topete na frente, careca na nuca e com asas nos pés. Tem como principal característica transitar rapidamente pelo mundo de forma aleatória o que torna impossível a previsão de um encontro. Agarrá-lo num possível encontro só pelo topete da frente, pois na hesitação, a careca da nuca não permitirá detê-lo¹²³.

¹²³ MARTINS, José Clerton de Oliveira, et al. De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, vol. 15, n. 2, p. 219-228, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v15n2/v15n2a05.pdf>. Acesso em 25/04/2017.

Esse corpo em experiência que constrói a vida que vale a pena ser vivida tem movimentos de clara relação com o exterior, um percurso que vai ao estrangeiro em busca da possibilidade da reflexão e quando volta para dentro se implica; Seu lugar é o próprio sujeito da experiência, singular, subjetivo e não é replicável.

Esse corpo em experiência se relaciona com as práticas corporais não pela atividade, seja ela de caminhada, corrida, fitness, yoga, massagem, musculação, escalada, leitura, pintura, sexo ou pela ideia de contraponto com o conceito de atividade física, mas pela relação que estabelece com o movimento, com a prática, com a atividade ou com o exercício que o forma e o transforma. A prática de corpo ou corpo em experiência ou prática corporal é definitivamente uma arte.

Com tudo isso, podemos perceber que não é possível compreender as práticas corporais pela hermenêutica, mas nas suas “sutilezas” dos sentidos que evoca, na sua relação com as experiências, na relação com o que é público e o que é privado, na ressonância entre o sentido implícito e o significado explícito e na intimidade que mora na ruga do *doblez* irredutível da fala humana.

O vento começou a ficar mais forte e já era possível mirar algumas nuvens escuras no horizonte. O barco começou a ganhar velocidade e o céu anunciava uma tempestade. Estava rápido, mas eu não pretendia afrouxar a vela, ao contrário, cacei mais o vento, o barco inclinou... Peguei o trapézio, me pendurei para fora do barco para não perder velocidade. Equilibrar entre o que eu sentia e o que eu fazia era algo novo, difícil, um forte exercício de permissividade. Fechei os olhos e fui percebendo o inclinar do barco com o meu inclinar, uma puxada na vela, uma virada no leme, uma alteração no vento modificava todo o conjunto, exigia uma nova leitura e um novo equilíbrio. Não era possível sistematizar os movimentos embora houvesse regras definidas que se desconsideradas virariam o barco. Ia aprendendo a cada movimento... Barco para lá, Marcos para cá...

Marcos e barco foram se construindo num só corpo, num abraço, naquele abraço e tudo “isso que me passava” estava sendo realmente uma grande experiência, uma experiência de corpo, um corpo em experiência.

POEMA EM BRANCO

Todo o tempo do mundo – incluindo uma
conversação sempiterna ou um computador
de capacidade ilimitada – não bastaria para
aclarar o sentido de um dito.

José Luis Pardo

Um poema branco
Escrito com letras brancas
Na página branca do livro que não tem palavras
Mas apenas folhas brancas
Ainda está por ser escrito.
A próxima página branca
Quer a tinta negra que exala do seu pensamento
Quer a tinta vermelha que escorre do seu corpo

Ilustração 9: Rodrigo Faria, de. Arcádia:

Revista de Literatura e Crítica Literária, Campinas n. 1, 2014.

O poema que ainda está por ser escrito como imagem síntese deste capítulo faz referência ao inesgotável fundo implícito de sentidos que cada palavra pode provocar no leitor ou no ouvinte. Ilumina a debilidade da palavra frente aos seus inúmeros sentidos e insinua que o pensar não é só raciocinar ou argumentar, mas é dar sentido ao que somos e ouvidos às distintas vozes que cada palavra faz ressoar intimamente.

É na intimidade onde residem as diferenças individuais dos seres humanos e o sentido implícito das palavras, assim, respeitar as palavras também é respeitar a si próprio, é respeitar a sua intimidade.

Liberdade!

Estava eu a toda a velocidade, o vento batendo no rosto, dono das minhas ações. Com o leme nas mãos poderia ir para onde quisesse. Pensei em meu pai. Imaginava que tudo o que ele menos iria querer é que traçasse um rumo sem rumo, estaria ele certo? As caixas de significados iam se empilhando aos montes. O que faria com tudo aquilo? Soltei a vela! Uma estranha sensação me dominou, me senti como nos desenhos animados no qual o personagem pode caminhar tranquilamente sobre o vazio até que perceba ou que se dê conta e aí despenca irremediavelmente criando um clima de alegria para quem assiste o desenho e de desespero para o personagem.

Onde estaria a alegria neste meu desespero?

Voltei a me sentir dois, uma parte queria voltar e a outra não, mas havia algo de diferente dessa vez. Agora a parte que queria voltar não era por medo, incerteza ou dúvida era por gana, ímpeto, desejo, vontade de trabalhar com as práticas corporais, porque agora eu já sabia um pouco mais o que elas eram. Sentia-me forte, estava em condições de estabelecer um novo propósito e levá-lo a efeito. Não viajava mais na carona do impulso e do desejo, estava convicto de outro caminho para a minha prática profissional no campo da Educação Física. Precisava parar, organizar aquele monte de caixas e traçar novo plano, o desafio agora era: como construir com outras pessoas um trabalho com as práticas corporais focado nas experiências que atravessassem todos os envolvidos?

Estava decidido!

Vou voltar.

Sabiá

Antônio Carlos Jobim - Chico Buarque

Vou voltar
 Sei que ainda vou voltar
 Para o meu lugar
 Foi lá e é ainda lá
 Que eu hei de ouvir cantar uma sabiá,
 Cantar uma sabiá
 Vou voltar
 Sei que ainda vou voltar
 Vou deitar à sombra de uma palmeira que já não há
 Colher a flor que já não dá
 E algum amor talvez possa espantar
 As noites que eu não queria
 E anunciar o dia
 Vou voltar
 Sei que ainda vou voltar
 Não vai ser em vão
 Que fiz tantos planos de me enganar
 Como fiz enganos de me encontrar
 Como fiz estradas de me perder
 Fiz de tudo e nada de te esquecer

Fiz o bordo, o barco literalmente voava no vento e era quase incontrolável, tinha a
 sensação de que ele, barco, sabia exatamente para onde estava indo. Larguei mão,
 deixei ele me conduzir e a imaginação tomar conta de mim.

Lembrei-me dos passeios a cavalo que fiz nas cidades do interior de São Paulo e
 dos acampamentos de férias que trabalhei durante o período de graduação. Era
 sempre uma “briga” fazer o cavalo trotar ou galopar na direção do destino do
 passeio, mas quando o cavalo percebia que começávamos a voltar, era outra
 “briga”: segurá-lo e manter-se em cima, principalmente quando, no veloz galope, o
 cavalo resolvia fazer uma curva inesperada adentrando um atalho e eu, passageiro,
 me segurava do jeito que dava para não cair.

Ali, naquele barco, não havia atalho, mas eu poderia aproveitar o momento “passageiro” e tentar organizar o amontoado de caixas de significados que se formaram ao longo da viagem para conseguir elaborar uma estratégia na qual outras pessoas pudessem compreender o que “me passava” sabendo que as palavras por si só não dariam conta de contar.

*Ser passageiro por algum tempo até que não era tão mau assim, então decidi deixar as caixas por ali mesmo e desfrutar a levada do barco, já que, aparentemente, ele sabia o porto de destino e aproveitei para ler um pouco. Encontrei, em uma das caixas, um livro que se chama *La Intimidad* de José Luis Pardo, achei o título interessante, tendo em vista que estava há muito tempo no mar e a minha única companhia era eu mesmo, comecei a ler. A leitura se transformou em apropriações, reflexões, citações de trechos deste livro¹²⁴ misturada com palavras e trechos de outros textos que foram se mesclando entre os ditos e não ditos das práticas corporais com os ditos e não ditos das palavras e mais palavras que saltavam do livro e pulavam na minha cabeça.*

Palavras são palavras mesmo que não as pronunciemos, elas determinam nosso pensamento, porque pensamos com elas, não pensamos com o pensamento. “Pensar não é somente raciocinar, ou calcular, ou argumentar, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (...) também tem a ver com palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos.”¹²⁵ Há grande diferença entre o que é falado e o que é dito, mas o falado e o dito se caracterizam por um *doblez* irredutível. É como dizer que o ser humano tem duas caras (ou melhor, cara e cruz). Falar é ter uma língua de duplo fio, de duas caras que são mutuamente irredutíveis já que se apoiam uma na outra e é essa ligação que confere realidade à linguagem humana.¹²⁶

¹²⁴ PARDO, José Luiz. *La Intimidad*. Valência Pre-Textos, 1996. Segunda reimpressão, 2013.

¹²⁵ LARROSA, 2002, p. 19.

¹²⁶ PARDO, 1996, p. 117.

A cara externa dessa dobrada – da dobrada do sujeito ou da linguagem – está o significado linguístico das palavras e da identidade social das pessoas, ou seja, tanto o significado quanto a identidade social têm que ser público. Isso quer dizer que para saber exatamente o que alguém está falando é necessário que o significado explícito seja pactuado, assim como numa lei pública ou numa política pública ou num concurso público, por exemplos. Desse modo, a cara pública da palavra só se sustenta sobre a limitação dos seus diversos significados, isso quer dizer que para limitar a debilidade natural da linguagem inventou-se uma força artificial que contém um determinado significado e isso também acontece com a lei pública, a política pública ou o concurso público que limitam a debilidade humana¹²⁷.

Limitar a debilidade da linguagem ou as fraquezas do significado é um modo de reconhecer sua existência a partir da sua deficiência. Nesse sentido, pactuar uma lei ou uma política pública, na tentativa de que as palavras cheguem efetivamente a dizer algo ou a fazer algo, é assumir a sua deficiência, porque as palavras por si só, sem a força desses contratos, não chegariam jamais a dizer explicitamente ou a fazer absolutamente nada. Assim, respeitar a lei, respeitar o contrato que rege a cara pública da linguagem é também respeitar o inesgotável fundo implícito de sentido que pertence a todas as palavras ditas, sem violá-las e sem torná-las pública¹²⁸ e é exatamente nesse fundo abundante de sentidos que mora a outra cara da linguagem, a cara interna – a dobrada interna do sujeito ou da linguagem – ou ainda, a chamada intimidade. Isso é dizer que a cara pública ou a publicidade desse *doblez* é sustentada sobre o respeito da sua outra face, a cara da intimidade.

É na intimidade onde residem as diferenças individuais dos seres humanos (ou a falta de identidade) e o sentido implícito das palavras (ou a falta de significado), duas coisas que são estritamente íntimas. O implícito da linguagem não é o explícito reprimido ou encoberto, é algo não explicável, não traduzível à linguagem da denotação, é algo que quando se explicita ou se traduz, se destrói e se faz perder.¹²⁹

Por exemplo, quando alguém tenta reforçar as suas relações íntimas contando suas confidências para seu amante, amigo, parceiro ou seus pecados para o padre, simplesmente faz desaparecer a intimidade transformando-a em privacidade.

¹²⁷ PARDO, 1996, p. 118.

¹²⁸ PARDO, 1996, p. 119.

¹²⁹ PARDO, 1996, p. 68.

A intimidade só existe quando não é explicitada e quando não gera nem direitos e nem obrigações, ou seja, quando a falta de significado ou excesso de sentido não se converte em lei que deva ser cumprida entre os implicados. A força da intimidade reside na própria debilidade da palavra uma vez que não pode ser explicitada ou convertida em lei, porque a lei é um contrato explícito, um artifício resultante de uma negociação e isso implica que a intimidade se mantenha no limite do inegociável, ou seja, num lugar que não se pode transformá-la em objeto de contrato nem de convenção explícita. Isso também é dizer que a palavra não necessita de forças artificiais de contratos para soar nos espaços que são dotados de negociação, ou seja, no espaço público e no espaço privado. Íntimos são aqueles que não têm que dar explicações, que não necessitam explicitar que estão aborrecidos para que o seu incômodo seja notado¹³⁰, ou seja, a intimidade é o conteúdo não informativo da linguagem, por isso parece desaparecer quando consideramos a linguagem como um mero sistema de transmissão de informação.

Olhei para aquele amontoado de caixas de significados com o rabo do olho. Nunca gostei muito dos significados, sobretudo quando todos ficavam amontoados, mas tinha aprendido nesta viagem a respeitá-los porque isso também era me respeitar, respeitar todos os meus sentidos, me permitir a não ficar me expondo o tempo inteiro e tentando me fazer entender. Estava claro, respeitar aqueles significados era também respeitar a minha intimidade.

Isso me fez repensar no desafio que estava indo enfrentar, nas dificuldades de construir com outras pessoas um trabalho com as práticas corporais. Como iria fazer para que as pessoas compreendessem o que estava sendo proposto com um trabalho de práticas corporais se agora estava consciente da debilidade das palavras? Mais uma vez fiquei com medo, medo e receio de começar, me sentia aquele menino travesso da infância que precisava do medo para se divertir e se sentir vivo.

¹³⁰ PARDO, 1996, p. 79.

Talvez eu não devesse me preocupar com isso. Talvez pudesse, mais uma vez inverter a pergunta. Como o trabalho com as práticas corporais poderia oferecer elementos para que as pessoas pudessem compreender o que estava sendo proposto?

Talvez a primeira ponta dessa nova pergunta estivesse no espaço. Talvez fosse possível criar um espaço de práticas corporais não pautado na informação, para que sobrasse espaço para os sentidos e, portanto, com respeito à intimidade. Ou ainda um espaço que permitisse aos participantes a percepção dos diversos sentidos contidos na prática sem ter que torná-los públicos para outrem e também para si mesmo (porque pensamos com palavras), respeitando assim a sua intimidade. Ou ainda, um espaço que valorizasse o fluxo contínuo de sentidos-significado e significado-sentidos com empoderamento dos sentidos na pactuação de significados. Talvez pudesse adentrar a um espaço de poucas conclusões e muitas dúvidas, de muitas conotações e poucas denotações, de muito silêncio e pouco ruído, mas sempre respeitando o fluxo do ir e vir entre sentidos e significado.

Que espaço seria esse?

Cada palavra dita tem uma quantidade inesgotável de sentidos, sempre quer dizer algo mais do que disse e nunca pode dizer tudo o que queria, assim a ressonância íntima de uma palavra é substancialmente incalculável e contém muitas vozes distintas e nenhuma delas é uma.

Toda palabra lleva en su ser la marca ilegible de la intimidad, el modo en que les sonó y les supo a quienes la dijeran, y el modo en que le suena y le sabe a quién hoy la dice, su voz; y, evidentemente, esta maca sólo puede ser implícita: yo nunca sabré cómo le sonó a otro esta palabra que yo ahora digo, ni siquiera sé cómo le suena a aquel a quien se la digo, pero saboreo ese no-saber (sé de él) en el gusto que la palabra deja en mi boca. No siento lo que el otro dijo o lo que el otro siente, siento lo que calló, siento su silencio que nunca podré convertir en significado porque, justamente,

Toda a palavra leva em seu ser a marca ilegível da intimidade, o modo como soou e supôs aqueles que a disseram, e a forma como ela soa e hoje sabe-se quem a disse, sua voz; e, evidentemente, esta maca só pode ser implícita: eu nunca saberei como soou ao outro esta palavra que eu agora digo, nem sequer sei como soa àquele a quem eu digo, mas saboreio esse não saber (sei que) no gosto que a palavra deixa na minha boca. Não sinto o que outro disse ou o que o outro sente, sinto o que calou, sinto o seu silêncio que nunca poderei converter em significado, porque, justamente, é

*es sentido (por mí), un sentido que nunca podré convertir en información porque justamente es sabido (sápido) para mí. Y me lo calo. Lo mantengo en secreto al decir esa palabra, guardo ese secreto cada vez que hablo. Es, por tanto, un secreto a voces, porque mi voz lo comunica a cada vez que suena porque es el secreto que comparten (que guardan juntos) todos los que tienen voz (es decir, animalidad específicamente humana) tengan o no tengan, en la ciudad, voto. No es que el otro nunca pueda estar seguro de lo que yo quiero decir, es que ni siquiera yo puedo estarlo de todo lo que quieren decir – e implícitamente dicen – las palabras que me oigo pronunciar. Uno nunca está seguro con las palabras, precisamente porque transmiten intimidad, porque la contagian.*¹³¹

sentido (por mim), um significado que nunca poderei converter em informação porque justamente é sabido (sápido) para mim. E me calo. Eu mantenho em segredo ao dizer essa palavra, guardo esse segredo cada vez que falo. É, portanto, um segredo de vozes, porque minha voz comunica a cada vez que soa, porque é o segredo que compartilham (que guardam juntos) todos os que têm voz (ou seja, animalidade especificamente humana), tenham ou não tenham, na cidade, voto. Não é que o outro nunca possa estar seguro do que quero dizer, é que nem sequer eu posso estar de todo o que querem dizer – e implicitamente dizem – as palavras que me ouço pronunciar. Você nunca está seguro com as palavras, precisamente porque transmitem intimidade, porque contagiam.

Dizer que as palavras têm “duplo sentido” não equivale a dizer que elas têm dois significados, senão que nem sequer tem um¹³². O importante em uma conversação não é o poder das palavras, mas sua impotência, não é o que se diz, mas o que se quer dizer e esse indizível é precisamente o que se comunica quando se fala. É preciso prestar atenção às palavras para escutar o que elas dizem desde dentro, não o seu significado mais profundo, mas a sua pele, seu tato, o seu cheiro, o seu clamor, o que elas sabem, o que elas nos contam. Reconhecer a intimidade das palavras é como se sentir, se perceber e se conhecer.

Sé que el lenguaje tiene intimidad porque las palabras que oigo decir tiene una vida interior, un repliegue o una densidad que puedo respetar o no – pero, si no la respeto, si echo a perder su intimidad, ya no me saben ni bien ni mal – , porque las palabras se tienen a sí mismas en mi boca; y en ello reside mi intimidad, en ese repliegue de las palabras es en donde yo tengo mi morada íntima, en donde me tengo a mí mismo; ello es lo que hace que mi decir sea también un

Sei que a linguagem tem intimidade porque as palavras que eu ouço dizer têm uma vida interior, um redobrar ou uma densidade que posso respeitar ou não – mas se não a respeito, se deixo a perder a intimidade, já não sei nem bem nem mal – porque as palavras se têm a si mesmas na minha boca; e aí é que reside minha intimidade, nesse redobrar das palavras é onde eu tenho a minha morada íntima, onde eu me tenho a mim mesmo; isto é o que faz que

¹³¹ Pardo, 1996, p. 124-25.

¹³² Pardo, 1996, p. 69.

saber decir, que tenga sabor a dicho. Porque, del mismo modo que no puedo tocar el lápiz que sujeto con mis dedos sin sentirme a mí mismo tocándolo, tampoco puedo nombrar las cosas sin sentirme a mí mismo (si oír mi propia voz) nombrándolas. Yo diría que eso a lo que me saben las palabras son las cosas que ellas nombran; diría que eso a lo que me sabe la palabra “yo” soy yo mismo. Pero nunca lo diría en público ni en privado porque no estoy seguro y porque, además, me faltan las palabras. Mis íntimos lo saben, saben a lo que a mí me saben las palabras (aunque sólo sea porque saborean su no saberlo). Y, sin embargo, puedo jurar que yo jamás se lo he dicho.¹³³

meu dizer seja também um saber dizer, que tenha sabor no dito. Porque, do mesmo modo que não posso tocar a caneta que mantenho com meus dedos sem sentir a mim mesmo tocando-a, tampouco posso nomear as coisas sem sentir a mim mesmo (sem ouvir minha própria voz) nomeando-as. Eu diria que isso que sabem as palavras são as coisas que elas nomeiam; diria que isso que sabe a palavra “eu” sou eu mesmo. Mas nunca diria em público nem em privado porque não tenho certeza e porque, também, me faltam as palavras. Meus íntimos sabem, sabem o que a mim sabem as palavras (ainda que só sei porque saboreiam seu não saber). E, no entanto, eu posso jurar que eu nunca disse.

A conversação íntima é aquela em que se participa não para informar-se de algo que o outro sabe ou para fazer algo ao outro, senão para ouvir como soa o que disse o outro e que pode nos agradar ou não, pode cair bem ou mal. Uma conversação íntima é aquela em que nunca se pode estar seguro do significado das palavras que ouço, nem determinar a responsabilidade de seus efeitos. É aquela em que o calar tem sentido.

Sin embargo, y para terminar, conviene caer en la cuenta de que estas dos dimensiones del lenguaje o de lo humano – la pública y la íntima –, aun siendo necesariamente distinguibles (pues su no distinción acarrea los sinsabores ya citados), son también necesariamente inseparables. Sería falso dar la impresión de que existen, por una parte, en la cara externa del doblez, “conversaciones públicas” que son meramente informativa y exclusivamente explícitas, mientras que, por otra parte, en la cara interna del pliegue, se producen “conversaciones íntimas” si más. No hay dos tipos de conversaciones sino sólo una – el lenguaje humano hablada, la palabra dicha –, que tiene siempre, por ser real, dos

No entanto, finalmente, convém levar em conta de que essas duas dimensões da linguagem ou do humano – a pública e a íntima – mesmo sendo necessariamente distinguíveis (porque a sua não distinção carrega os sabores já mencionado), são também necessariamente inseparáveis. Seria falso dar a impressão de que existem, por um lado, na cara externa da dobrada “conversações públicas” que são meramente informativas e exclusivamente explícitas, enquanto que, por outro lado, na cara interna da dobra, se produzem “conversações íntimas” sem mais. Não há dois tipos de conversa, apenas uma – linguagem humana falada, a palavra dita – que tem sempre, por ser real, duas dimensões, já que o homem tem um pé

¹³³ Pardo, 1996, p. 126-127.

dimensiones, ya que el hombre tiene un pie apoyado en la cara del lenguaje i otro en su cruz o, con otras palabras, se sostiene sobre el filo mismo de la lengua, sobre el borde del doblez sin caer de un lado ni del otro definitivamente, sin ser sólo un animal vociferante ni sólo una máquina charlatana.

*Saber hablar es saber distinguir las dos cara del doblez sin separarlas, respetando al mismo tiempo la ley negociada y lo innegociable. Eso – diferenciar la intimidad sin echarla a perder, distinguir sin separar – no pude hacerlo un bisturí físico, lógico o legal. El único órgano capaz de distinguir sin separar es, como to el mundo sabe, la lengua.*¹³⁴

apoiado na cara da linguagem e outro na sua cruz ou, em outras palavras, se sustenta sobre o fio da língua, sobre a borda da dobrada, sem cair de um lado ou do outro, definitivamente, sem ser apenas um animal vociferante, nem apenas uma máquina charlatona.

Saber falar é saber distinguir as duas caras da dobrada, sem separá-las, respeitando ao mesmo tempo a lei negociada e o inegociável. Isso – diferenciar a intimidade sem estragá-la, sem perde-la – não posso fazer um bisturi físico, lógico ou legal. O único corpo capaz de distinguir sem separá-lo é, como todo o mundo sabe, a linguagem.

Lá vai o Barco

Lá vai o *Marcos*

Barco e *Marcos*

Marcos e Barco

~~Barcos-Marco~~

Marco-barcos...Marco-barcos...Marco-barcos...Marco-barcos.....

Juntos, marco-barcos “seguia” em um só corpo. Um corpo de experiências, um corpo de palavras que a cada lufada exibia, um espaço com muitas vozes..., que revelava o que eu era, o que eu fazia, o que eu percebia, o que eu sentia, que revelava um espaço de fluxo de sentidos e significado que aguçasse o reconhecimento de si.

Que espaço seria esse dentro de um sistema de saúde?

Cada pensamento-palavra era uma luta entre marco e barcos, um campo de “disputa” de cada palavra, seja no encontro, na imposição, no silêncio ou na desativação. Lufava barcos e pensava Marco em um jogo de cuidar, de inventar, de impor, de escolher, de proibir, de transformar palavras. O que estava em jogo não eram apenas palavras, era algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que

¹³⁴ Pardo, 1996, p. 128/129.

exclusivamente palavras, era um encontro de corpo com palavras, era um lufar de pensamento das práticas corporais na arte da palavra, era o pensamento em palavras sobre um programa de práticas corporais que pudesse dialogar com o outro na fronteira entre o íntimo, o privado e o público.

The Don is placed in a cage (I, 46).

Ilustração 10: The Don is placed in a cage, by Gustave Doré.

ESPAÇO CONCEITUAL

Ilustração 11: Grafite em parte do “Muro de Berlim”. East Side Gallery: Mühlenstraße 3-100, Berlin, Alemanha, Foto: Marcos Warschauer, 2011.

A pintura no muro de Berlim que separava o lado oriental do ocidental faz alusão as possibilidades que temos frente à manipulação dos espaços. Sugere também a ideia do espaço como guia na constituição de um fluxo unidirecional que movimenta as pessoas em busca de uma suposta liberdade. Transmite a noção do acesso restrito e do espaço como orientador e formador de comportamentos. Insinua a unificação das vozes, a individualidade, o estresse, o olhar restrito e a sistemática que compõem um espaço de poucas relações e muito controle. Também faz a contraposição entre a concentração de pessoas nas grandes cidades, o monopólio dos meios de comunicação, a uniformização das produções, regulações (profissionais, visuais, temporais e espaciais) com a necessidade de se olhar para fora, olhar para o que foi sacrificado, o que não existe mais, num exercício de chamar a atenção para as diferenças, para o que é distinto, para a alteridade.

Aboio

Caetano Veloso

Urbe imensa
 Pensa o que é e será e foi
 Pensa no boi
 Enigmática máscara boi
 Tem piedade
 Megacidade
 Conta teus meninos
 Canta com teus sinos
 A felicidade intensa
 Que se perde e encontra em ti
 Luz dilui-se e adensa-se
 Pensa-te

Turbulência!

O céu estava preto e anunciava uma senhora tempestade. O mar estava revoltado com grandes marolas que jogavam o barco para cima e para baixo num balé desconcertante. Um imenso rodadoiro começava a se formar à minha frente, mas eu seguia firme, confiante na relação marcos-mar-barco e nas diversas experiências que compunham a minha vida. O barco se aproximava do redemoinho e já era possível perceber a sua presença. Era forte, muito forte, um fluxo espantoso de água rodopiava à minha frente, eu nunca tinha passado por algo assim. O céu completamente fechado numa composição de pretos e brancos, lindíssima e inesquecível. Segurei firme o leme, virei sem hesitação à esquerda, cacei o vento com determinação e avancei em direção à tempestade. O barco começou a circular na onda do redemoinho, minhas ideias circulavam também. A tempestade começou bem dentro da minha cabeça.

Mergulhei no passado em busca das experiências com as práticas corporais, tanto no trabalho como na pesquisa intervenção. Recordei da pesquisa multicêntrica que participei em Curitiba e no Recife com o objetivo de avaliar dois programas, o CuritibaAtiva¹³⁵ e o Academia da Cidade do Recife¹³⁶. Em Curitiba, visitamos diversos locais onde o programa CuritibaAtiva atuava e em praticamente todos foi encontrada boa estrutura física, com muito material de apoio como colchonetes, pesos, arcos, elásticos, bolas de diversas cores e tamanhos, além de quadros de horários que indicavam quais práticas seriam ministradas. As atividades eram realizadas em centros esportivos ou em salas apropriadas nas chamadas “Ruas da Cidadania”. Em todos os locais visitados, os conteúdos das aulas eram muito parecidos, pré-formatados e se assemelhavam muito ao mundo fitness das academias de ginástica convencionais e com vagas limitadas por número de alunos por professor. Os profissionais que conduziam as práticas eram “educadores físicos”¹³⁷ que sistematicamente submetiam seus alunos aos testes de avaliação física como dobras cutâneas, flexão de braço, abdominais, entre outros.

Na avaliação do CuritibaAtiva, o estudo destacou: 1) a necessidade de maior participação dos alunos nas discussões sobre os conteúdos ministrados e novas proposições que contemplassem os desejos e interesses dos envolvidos; 2) a necessidade de formação ampliada que promovesse reflexões entre os profissionais sobre os diversos conteúdos ministrados e testes de avaliação física de desempenho aplicados que, sem argumentações e considerações, reforçava a ideia de que a atividade física por si só produz saúde; 3) A existência de vagas limitadas criou lista de espera, que criou sistemáticas de controle de presença, que criou exceções para excessos de faltas, que criou sistemas de controle da lista de espera, além de restringir o acesso a uma determinada parcela da população.

No mesmo estudo, mas na cidade do Recife, o trabalho de campo também foi realizado em vários locais de desenvolvimento do programa. O que se observou foi que os locais não eram, na sua maioria, centros esportivos ou salas específicas para

¹³⁵ CARVALHO, Yara Maria de, et al. Avaliação qualitativa de programas e políticas públicas voltadas para a saúde da população programa CuritibaAtiva. In: *XI Congresso Paulista de Saúde Pública; 2009; São José dos Campos/SP; (Anais)*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública; 2009. V.18, p. 170-171.

¹³⁶ HALLAL, Pedro, et al. Avaliação quali-quantitativa do programa Academia da Cidade, Recife(PE): concepção dos professores. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, V. 14, n. 1, 2009.

¹³⁷ Uso o termo “educador físico” no lugar de profissional de educação física, pois a lógica construtiva do programa avaliado indicava a ideia da educação sistemática do corpo.

a prática das atividades, pois aconteciam em parques ou grandes praças. Entretanto, os lugares possuíam locais específicos para guardar os materiais de apoio – colchonetes e pesos, entre outros – e abrigar os “educadores físicos” e avaliadores físicos. Por se tratar de locais “abertos”, os educadores físicos que ali atuavam apontaram descontentamento com relação à segurança (pouca iluminação), estrutura precária e pouco material de apoio às aulas. Com relação à participação, os relatos dos educadores físicos apontaram para a ideia do ir fazer as aulas, participar de palestras e atividades festivas.

Os resultados apontados nessa pesquisa foram semelhantes aos obtidos em Curitiba, indicando: 1) a necessidade de maior participação dos alunos nas discussões sobre os conteúdos ministrados e novas proposições que contemplassem os desejos e interesses dos envolvidos; 2) a necessidade de formação ampliada que promovesse reflexões entre os profissionais sobre os diversos conteúdos ministrados e testes de avaliação física de desempenho aplicados que, sem argumentações e considerações, reforçava a ideia de que a atividade física por si só produz saúde.

Relembrei da experiência de consultoria de um ano em Guarulhos junto à Secretaria de Saúde^{138;139;140;141}. Lá existia um programa já implantado, chamado Pratique Saúde que se propunha a desenvolver atividades físicas com a população tendo as Unidades Básicas de Saúde (UBS) como referência, além do apoio dos profissionais de saúde que ali atuavam. Os profissionais contratados para conduzir este programa eram todos concursados, com formação em educação física, mas com pouca experiência e conhecimento nas discussões teóricas e conceituais do campo da saúde pública. O meu trabalho, então, se concentrou em ampliar a visão desses profissionais em torno desses conceitos e formar um grupo de trabalho que pudesse

¹³⁸ WARSCHAUER, Marcos, et al. Assessment of the program “Practice your health” in Guarulhos (São Paulo/BRAZIL): the environment in question. In: *21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013, Pattaya. (Anais)*. 21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013.

¹³⁹ WARSCHAUER, Marcos, et al. Assessing the program “Practice your health” municipal health Guarulhos/SP - Brasil. In: *21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013, Pattaya. (Anais)* 21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013.

¹⁴⁰ MARTINS, Cleide Lavieri, et al. Avaliação do Programa Pratique Saúde em Guarulhos SP: atividade física e seus benefícios. In: *12 Congresso Paulista de Saúde Pública, 2011, São Bernardo do Campo. (Anais)* São Paulo: São Paulo: Faculdade de Saúde Pública; 2011.

¹⁴¹ D'URSO, Lourdes, e. al. Avaliação do Programa Pratique Saúde em Guarulhos SP: Processo de Trabalho e Gestão. In: *12 Congresso Paulista de Saúde Pública, 2011, São Bernardo do Campo (Anais)*. São Paulo Faculdade de Saúde Pública; 2011.

fazer discussões com relação às práticas corporais e saúde dentro das UBS, além de ajudar no desenvolvimento do Pratique Saúde.

No desenrolar dos trabalhos, houve grande dificuldade dos profissionais de educação física (talvez até resistência) na apropriação dos conceitos e conteúdos de promoção da saúde e entendimento da proposta de trabalho integrado com o *modus operandi* da Saúde. Parte do grupo se “vestia de médico” e estabelecia com os seus participantes uma relação similar a do médico e paciente, prescritiva e embasada na ideia de atividade física produtora de saúde. Utilizavam “sala consultório” na UBS para realizar avaliações físicas e prescrições de exercícios para os novos participantes, além de disponibilizar horários específicos para avaliação e atendimento individualizado no quadro geral de aulas. A outra parte se apropriou das discussões realizadas nos encontros semanais, com postura mais participativa, buscando compreender as necessidades da população e construindo com os profissionais das UBS um trabalho mais integrado. Essa divergência influenciou na harmonia do grupo, alguns tentaram assumir a coordenação do grupo e impor uma posição mais prescritiva e conteudista enquanto outros escolheram o caminho da individualidade e passividade dentro do grupo, se concentrando no desenvolvimento do projeto em conjunto com os profissionais de saúde da sua região de trabalho. A perda da harmonia refletiu também na relação dos trabalhos com a Secretaria de Saúde com disputas de poder interno e reivindicações trabalhistas chegando até a ser cogitada a ideia de não haver mais “encontros de classes profissionais”.

As lições aprendidas com essa experiência em Guarulhos apontaram para: 1) a dificuldade de trabalhar com um grupo de mesma formação acadêmica, no caso educação física, pois as discussões se tornaram muito circulares e, muitas vezes, autocentradas; 2) a dificuldade no trabalho com o referencial hegemônico da atividade física, centrado na ideia da atividade física produtora de saúde e prescritiva que, nessa experiência, emperrou o entendimento de saúde ampliada, participação social, trabalho coletivo, alteridade, integralidade, equidade e autonomia.

E, por fim, a experiência de Santo André^{142;143;144} com duração de seis anos dedicados à implementação de um programa de caminhadas ligada às UBS do

¹⁴² WARSCHAUER, Marcos. Lazer e saúde: as práticas corporais no sistema público de Santo André. 2008. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

município, gestão e pesquisa de avaliação de processo ao final dos trabalhos. O programa chamado Caminhando para a Saúde, foi pensado inicialmente como proposta de prevenção de doenças (depressão, obesidade, hipertensão, etc) e controles físicos (peso, altura, IMC, circunferência abdominal e, em algumas UBS, glicemia) que eram realizados mensalmente. As caminhadas eram bem vistas pela maioria dos profissionais de saúde, que incentivavam a prática além da indicação do programa por alguns médicos da UBS. No início houve a tentativa de realizar as caminhadas com os profissionais de saúde das UBS como orientadores das caminhadas, entretanto essa estratégia não prosperou porque o trabalho com o atendimento ao público dentro da UBS era intenso e a maioria não “comprou a ideia” de assumir mais uma tarefa e/ou responsabilidade. A opção foi a contratação de monitores (estudantes ou recém-formados em Educação Física) pelo Departamento de Lazer da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, tendo em vista que a Secretaria de Saúde não tinha experiência nesse tipo de contratação. Assim, o Lazer passou a fazer a gestão do projeto com reuniões formativas semanais com os monitores e organização do calendário de atividades. Nos últimos anos houve a tentativa de reestruturar o Caminhando para a Saúde com vistas à promoção da saúde.

Apesar de ser um programa de caminhada, o que se viu ao longo dos anos foi que muitos materiais de apoio foram elaborados com material reciclado (pesinhos, bastões) ou comprados pelos grupos (elásticos) e junto com a caminhada, exercícios ginásticos foram introduzidos reproduzindo, de certa maneira, os conteúdos do mundo fitness, embora não houvesse restrição quanto ao número máximo de participantes por professor ou faixa etária definida.

As lições aprendidas com essa experiência apontaram para: 1) a intersetorialidade com o Lazer como elemento importante na contratação dos monitores de caminhada, na reflexão sobre a ideia da atividade física produtora de saúde e como porta de entrada para a introdução de outros conteúdos como passeios, oficinas, gincanas culturais, práticas orientais, dança. 2) O emprego de profissionais de saúde

¹⁴³ WARSCHAUER, Marcos; CARVALHO, Yara Maria de. O conceito “Intersetorialidade”: contribuições ao debate a partir do Programa Lazer e Saúde da Prefeitura de Santo André/SP. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 191-203, 2014.

¹⁴⁴ WARSCHAUER, Marcos; D'URSO, Lourdes. Ambiência e formação de grupo em programas de caminhada. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 18, supl. 2, p. 104-107, Abr/Jun 2009.

para conduzir as caminhadas não foi uma boa estratégia, tanto pelo acúmulo de trabalho, como pela sistematização dos conteúdos da atividade física ratificando a forte ligação da atividade física com as enfermidades. 3). A não existência de “vagas” deixou o programa mais inclusivo e com maior flexibilidade de gestão.

A tempestade havia passado, agora era só, como se diz no interior, um “torozinho de parpita”. Havia uma clareza no céu e eu me sentia cada vez mais disposto a me lançar em uma nova experiência. Era preciso encontrar um espaço que permitisse o enfrentamento das minhas amarguras como profissional de educação física: o corpo dividido, as atividades prescritivas, as filas, as comparações, o olhar restrito, o excesso de significâncias, o corpo submisso, o campo fechado, o tempo corrido, a falta de criatividade imposta, a individualidade, a desigualdade, a dependência e muito mais que sempre pingava enquanto chovia. Um espaço que permitisse as formações e deformações, de olhares múltiplos, com experiências e ideias que tivessem potência para a subversão da lógica hegemônica e pudessem se constituir num todo organizado que fizesse surgir qualidades que não existiam¹⁴⁵.

As experiências de Curitiba, Recife, Guarulhos e Santo André aliadas ao conceito de ambiência¹⁴⁶ me ajudaram na reflexão sobre a relação entre os lugares onde eram realizadas as práticas corporais e os seus conteúdos. Por exemplo, quando pensamos numa academia de ginástica várias coisas nos vêm à cabeça, entre elas os diversos tipos de ginásticas oferecidas, os equipamentos – pesos, arcos, caneleiras, bolas, barras – a vestimenta apropriada, o exercício considerado correto

¹⁴⁵ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 8.ed. revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

¹⁴⁶ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da **Política Nacional de Humanização. Ambiência**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. **Ambiência** na política de humanização refere-se: 1- ao espaço que visa à confortabilidade e que valoriza elementos do ambiente que interagem com as pessoas – cor, cheiro, som, iluminação, morfologia... 2- ao espaço como possibilidade de produção de subjetividades (encontro de sujeitos) por meio da ação e reflexão sobre os processos de trabalho. 3- ao espaço usado como ferramenta facilitadora dos processos de trabalho que favorecem a otimização de recursos, o atendimento humanizado, acolhedor e resolutivo.

e o incorreto, o atestado médico que nos permite o acesso. Quando pensamos numa determinada prática, como por exemplo, ginástica localizada, inúmeras ideias também nos vêm à cabeça como pesos, caneleiras, música, espelho, roupas apropriadas, exercícios certos e errados, o professor que nos diz o que fazer e o que não fazer, mais vezes, mais força, mais empenho, o melhor e o pior. Há, portanto, um imbricar do lugar e do conteúdo que orienta a nossa prática, o nosso comportamento, a nossa vida, ou seja, esperamos que aconteça algo previsto dado um lugar determinado ou vice-versa e por aí vai. Um cinema é para ver filmes, um teatro é para assistir uma peça, um restaurante é para comer, um parque para atividades de esporte e lazer, uma unidade básica de saúde para atividades relacionadas à falta de saúde ou para tratar de enfermidades, claro que podem ocorrer outras atividades, mas de um modo geral o que se espera é isso.

Então, como seria, ou como poderíamos imaginar o espaço utilizado por um programa de práticas corporais quando pensado a partir dos seus conteúdos? Diante da dificuldade da resposta, tendo em vista a ampla quantidade de sentidos que se despertam a partir dos conteúdos das práticas corporais vou inverter a pergunta: como não deveriam ser ou como não gostaríamos de imaginar os espaços das práticas corporais quando pensados por meio dos conteúdos dessas práticas? Não seriam os locais típicos das academias de ginástica, não seriam locais repletos de materiais como peso, arcos, caneleiras, bolas, barras e espelhos. Não seriam locais de acesso restrito com vestimentas impositivamente apropriadas, não seria o território¹⁴⁷ do atestado médico como mecanismo de culpabilização do outro ou de desresponsabilização. Não seriam os locais em que as relações se estabelecessem de forma prescritiva, como faça isso, não faça aquilo, isso é certo, isso é errado, mais força, muito mais força, mais vezes ou mais empenho, com filas e esperas, embora tendo clareza que muitos desses componentes também poderiam estar presentes, mas sem serem soberanos.

¹⁴⁷ RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993. Ao apropriar-se de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator o "territorializa" e o transforma pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam. O território é um espaço onde se projetou um trabalho, despendeu energia, produziu conhecimento, circulou informação e, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si.

Era interessante pensar espaço nesse marzão e eu aqui pequenininho... Então resolvi pensar menor e comecei a matutar sobre o espaço veleiro! “De cara” pensei: ninguém compraria um veleiro para deixar em casa, um veleiro era para velejar, assim como um caiaque para “caiacar” e um barco para “barcar”. Eu, por exemplo, quando comprei esse veleiro, algumas páginas atrás, o vendedor queria saber onde eu iria velejar, se era no mar, no rio, na represa, para que ele pudesse me dar algumas dicas ou sugerir uma melhor embarcação e quem sabe ensinar uns truques para uma boa condução. E era mesmo isso que eu esperava do vendedor dentro do espaço loja e, no espaço veleiro, eu esperava segurança, dirigibilidade, velocidade e conforto. Entretanto, o que eu percebi nessa história toda e também, nessa história de comprar veleiro foi algo muito além disso. No fundo, eu comprei o veleiro para fugir de mim mesmo e buscar outras perspectivas de mundo, de mar, de barco, de Marcos. O espaço em que eu estava imerso não era o espaço barco era o espaço barco-marcos ou marco-barcos, que se mostrou muito diferente do barco e do Marcos da loja e muito diferente do veleiro que só veleja e do Marcos velejador. O barco, mar e Marcos compunham um espaço com muita potência de agir e interagir, muito inventivo, muito mais relacional, muito mais, muito mais... Talvez fosse esse espaço que estava buscando quando me atirei ao mar nas primeiras páginas, um espaço que respeitasse a intimidade, que brotasse sentidos das minhas palavras de pensamento e que me deixasse com o desejo de exteriorizar isso e abrir mão dessa intimidade, avançando na direção do privado e do público (e vice-versa).

O fato era que eu tinha uma ideia fixa, um pensar em um espaço de práticas corporais para além do “fazer”, ou seja, pensar em um espaço que também potencializasse as relações proporcionadas pelos encontros. Assim, a pergunta da página anterior deveria ser alterada: como poderia ser imaginado um espaço de práticas corporais para além dos conteúdos? O que eu tinha por hora, era um

desenho esquemático de inter-relações de espaços que apelidei de *Espaço Conceitual* que poderia me ajudar a operacionalizar e *publicizar* o sentido de um espaço de práticas corporais, mas sem perder de vista que esses espaços só se sustentariam se a publicidade do desenho esquemático não incorresse na perda do respeito com o sentido do espaço de práticas corporais, ou ainda, na perda do respeito com a intimidade motivada pelas práticas corporais.

O “espaço conceitual” pode ser entendido como o conjunto dos espaços potenciais de práticas corporais, composto pela inter-relação de quatro dimensões - informação, prática corporal, participação e convivência – que se forem desenvolvidas com base em princípios da promoção da saúde como integralidade, equidade, autonomia, redes sociais, territorialidade e intersectorialidade, possibilitará a construção de um todo organizado com inéditas qualidades.

Figura 2: Desenho do Espaço Conceitual para pensar o espaço das práticas corporais.

A dimensão do fazer a prática contempla a experimentação, a movimentação, a gestualidade e os sentidos e significados nela contida. A dimensão da informação considera, não só as informações ligadas às práticas corporais desenvolvidas, mas também, as demais que dela se originam, respeitando os sentidos implícitos das palavras ditas. A dimensão da participação não está restrita ao fazer parte de determinada prática corporal ou de determinado evento ou passeio, mas em seu

sentido mais amplo, onde participar é discutir novas ideias, é propor alternativas para as práticas corporais, é aceitar e negociar com os outros participantes as tensões geradas pelos diversos pontos de vista. A dimensão da convivência pressupõe os encontros, a formação de grupos e a alteridade, respeitando o que convém e o que não convém. Por exemplo, como poderíamos pensar a caminhada como prática corporal dentro dessa ideia do espaço conceitual? Do ponto de vista do espaço de práticas, ou do fazer a prática, a caminhada pode ser pensada para frente, para trás, para os lados, passadas largas ou curtas, rápida ou devagar, para cima ou para baixo, na chuva ou no sol, sozinho ou em duplas, trios, quartetos e assim por diante. Com relação ao espaço informação, a caminhada pode ser olhada e discutida pelas semelhanças e dessemelhanças do caminhar dos diferentes povos, das pessoas altas e baixas, dos trajetos agradáveis e desagradáveis, das diversas superfícies (asfalto, terra, areia, gelo, pedra, etc.), nas alterações fisiológicas do corpo, nas sensações, nos porquês, e assim vai... No espaço participativo, a caminhada é elemento para relatos de experiências, sugestões de outras possibilidades de caminhar e de outros locais, participação individual e coletiva em eventos, passeios, lideranças no grupo, entre outras. Na convivência, a caminhada pode ser vista como espaço de troca entre o grupo e também com o entorno (vizinhos, família, instituições), no reconhecimento e respeito pelo outro. É claro que ocorre tudo junto e misturado, mas o pensar em partes ajuda a compor o todo e perceber outras possibilidades que o caminhar prescritivo muitas vezes encobre.

Essa história de tornar público alguns pensamentos não me deixava muito tranquilo. Por que eu iria sair desse “meu espaço” pra entrar num espaço público? Isso iria ser muito complexo, muitas justificativas, muitos entendimentos diferentes, muitos questionamentos... Na realidade isso me dava muita preguiça. Por outro lado, era exatamente desse espaço da intimidade que brotava o desejo de exteriorizar para que a intimidade de outras pessoas se manifestasse. Entretanto, já estava claro que não era em qualquer espaço que esse troca-troca de intimidades e significados iria acontecer. Era necessário um espaço com tempo para se

desdobrar e um espaço com fluxos de mão dupla, sobretudo no sistema público de saúde que não tem tempo a perder e no qual as relações, na sua maioria, se estabelecem de forma prescritiva, culpabilizante e verticalizada.

Pensar o espaço conceitual dentro do Sistema de Saúde Brasileiro (SUS) era (ou é) outro desafio, porque, como já dito, as práticas corporais são movimentos estéticos de corpos em conexão, intimamente ligadas às artes que requerem tempo e espaço para serem vivenciadas, mas, de modo geral, a relação que o SUS estabelece com os seus usuários ainda está centrada na urgência e emergência, mesmo com todos os avanços da atenção básica dos últimos anos. Ou seja, não há tempo a perder, pois ainda estamos imersos num cenário de grande vulnerabilidade – acidentes de trânsito, ferimentos com arma branca e de fogo, violência familiar, acidentes de trabalho – que superlotam os espaços com demandas iminentes, o que sobrecarrega e acelera o profissional de saúde, dificultam as relações.

Nesses sentidos, pensar o espaço das práticas corporais no âmbito do Sistema de Saúde requeria pensar em um espaço com tempo, num espaço de trocas, de mais saúde e menos doença, de mais alegria e menos tristeza, mais admiração e menos desprezo, mais atração e menos aversão, mais segurança e menos desespero, mais esperança e menos temor, mais social e menos capital, mais possibilidades e menos impossibilidades, mais experiência e menos experimentos, mais tempo e menos contratempos, mais vida e menos morte.

O céu estava todo azul, mas continuava a chover “Oh torozinho de parpita insistente sô!” Olhei para cima tentando identificar da onde vinham àquelas grandes gotas de água.

Não sei por que cargas d’água continuava pingando.

Comecei a pensar nos diversos espaços do SUS, nos níveis de atenção e aí não sei por que cargas d'água comecei a pensar numa relação de complexidade entre o SUS e o aparente antagonismo existentes entre o público e o privado, o significado e o sentido, o controlador e o libertário, denotação e conotação, mas sempre atento para não incorrer no risco de dualismo radicalizante e sim como díades que “servem, comumente, para especificar dois polos entre os quais um certo domínio pode ser localizado – os pontos finais, por assim dizer, de um segmento de reta em um espaço conceitual”¹⁴⁸. Na verdade, uma carga d'água desabou após a fala do diretor da área de Saúde Internacional da Escola Andaluza de Saúde Pública (EASP)¹⁴⁹, dizendo aos gestores do Ministério da Saúde do Brasil que não era importante a quantidade dos níveis de especialidade de um sistema de saúde. No caso do Sistema de Saúde Pública de Andaluzia (SSPA)¹⁵⁰, por exemplo, a opção feita foi por dois níveis, primária (básica) e a secundária (hospitalar) e no caso do Brasil, a opção foi por três níveis, primária (básica), secundária (especializada) e terciária (hospitalar), mas que poderiam ser quatro, cinco ou seis. A questão de fundo, dizia ele, é que quanto mais níveis de especialização maior é a dificuldade de gestão do sistema e, portanto, o impacto econômico é muito maior, aumentando as dificuldades de sustentabilidade do sistema.

É claro que o que se estava discutindo ali era gestão do sistema – custos, recursos, desempenhos – em suas vertentes política, estratégica e operacional e não espaços para práticas corporais e muito menos intimidades. Mas o que estava pingando por trás de tudo isso é que eles, andaluzes, falavam muito na integração entre a atenção primária e atenção hospitalar ou, na minha cabeça, a integração entre um espaço de atendimento inicial com programas multidisciplinares que busca alternativas para melhorar as condições de saúde nas comunidades com as urgências e emergências

¹⁴⁸ KAPLAN, Abraham. Introdução. In: DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 15.

¹⁴⁹ Realizei estância de quatro meses (doutorado sanduiche) na Escuela Andaluza de Salud Pública em Granada, Espanha, com bolsa CAPES, onde tive a oportunidade de participar de algumas reuniões da Organização Panamericana de Saúde (OPAS/OMS) que realizou estância de um mês nesta escola e também participar das duas semanas que o Ministério da Saúde do Brasil (Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES) e Departamento de Atenção Básica da Secretaria de Atenção à Saúde) esteve na EASP para conhecer o sistema de saúde Andaluz.

¹⁵⁰ O território da Espanha é dividido em 17 comunidades autônomas (Andaluzia é uma delas) que estabelecem com o governo federal (Madrid) relações distintas respeitando, é claro, uma diretriz geral para o país. No caso da saúde, por exemplo, a previsão orçamentária diverge muito de uma comunidade autônoma para outra, pois após a ditadura cada uma negociou da sua maneira. O que se conta é que Andaluzia e Catalunha foram as primeiras a negociar com Madrid e, pela inexperiência, fizeram os piores acordos.

de um hospital. Como numa receita culinária, reservei um pouco dessa água e aguardei até final para conhecer melhor o sistema Andaluz e ver se virava um caldo. Visitei unidades de saúde¹⁵¹, hospitais, parque tecnológico de formação de profissionais e participei de muitas apresentações teóricas sobre SSPA, mas aquela água não apurava. Não conseguia enxergar o “espaço atenção básica” do nosso SUS¹⁵², cheio de múltiplos profissionais e acúmulos de práticas de saúde inventivas e acolhedoras. E não ia enxergar mesmo, era muito diferente apesar do mesmo nome, quase 84% dos profissionais da Atenção Primária eram compostos por Médicos de família (27,38%); Enfermeiros (26,44%); Profissionais Administrativos (15,03%); Zeladores/Condutores (9,32%); Auxiliares de Enfermaria (5,81%); Pediatras (4,97%), não existiam, por exemplo, profissionais de nutrição, educação física, fonoaudiologia, psicologia, entretanto isso não desmerecia e nem desmerece, em hipótese alguma, o sistema Andaluz, ao contrário, o sistema é tido como muito resolutivo, eficiente e com poucas filas de espera. Aí o caldo começou a engrossar, porque o espaço que eu estava procurando não tinha nome certo, tinha uma atitude, um jeito de ser ou talvez um jeito de não ser.

Outra carga d'água que desabou foi ao perceber que eu estava, “naqueles dias”, vivenciando com intensidade um caminho de alternância entre polos aparentemente antagônicos, ou seja, um caminho que estava entre “di-ver-*gentes*” e “não-ver-*gentes*”, porque eu estava num momento de escrever e refletir sobre as práticas corporais no sistema de saúde lendo *La Intimidad do Pardo* quando comecei a participar dessas reuniões de gestão de sistemas regadas de eficiências e

¹⁵¹ Os profissionais que compunham a atenção primária em Andaluzia eram: 6.306 Médicos e Médicas de Família - (27,38%); 6.090 Enfermeiras/os - (26,44%); 3.461 Profissionais Administrativos- (15,03%); 2.146 Zeladores / Zeladores Condutores - (9,32%); 1.337 Auxiliares de Enfermaria - (5,81%); 1.187 Profissionais em Formação - (5,15%); 1.145 Pediatras - (4,97%); 234 Odontólogos - (1,02%); 351 Assistentes Sociais - (1,52%); 322 322 Fisioterapeutas - (1,40%); 229 Técnicos Especialistas em Radiologia - (0,99%); 206 206 Matronas - (0,89%); 15 Terapeutas Ocupacionais - (0,07%).

¹⁵² BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. ***Política Nacional de Atenção Básica*** / Brasília: Ministério da Saúde, 2012, p. 19. A Atenção Básica caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, redução de danos e a manutenção da saúde com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte na situação de saúde e autonomia das pessoas e nos determinantes e condicionantes de saúde das coletividades. É desenvolvida por meio do exercício de práticas de cuidado e gestão, democráticas e participativas, sob forma de trabalho em equipe, **dirigidas a populações de territórios definidos** (grifo nosso), pelas quais assume a responsabilidade sanitária, considerando a dinamicidade existente no território em que vivem essas populações. Utiliza tecnologias de cuidado complexas e variadas que devem auxiliar no manejo das demandas e **necessidades de saúde de maior frequência e relevância em seu território** (grifo nosso), observando critérios de risco, vulnerabilidade, resiliência e o imperativo ético de que toda demanda, necessidade de saúde ou sofrimento devem ser acolhidos.

desempenhos. Daí, flechas que iam e vinham de presumidos extremos começaram a pular na minha cabeça em busca de atitude, espaço e relações com o SUS. Organizei-as de forma que o *hard*, o curto, o rápido e o porquê ficassem apontadas para cima e que a linha de cuidado¹⁵³ do nosso sistema de saúde ficasse com suas durezas para cima e suas levezas para baixo¹⁵⁴.

Figura 3: Fluxo entre levezas e durezas relacionado com os níveis de atenção à saúde do Sistema de Saúde Brasileiro.

A casa saltou aos meus olhos por se apresentar como o espaço mais extremo das levezas, mas que apesar de fazer parte da linha de atenção à saúde com cuidados muitas vezes informais e com grande quantidade de “cuidadores”, o sistema não a reconhece. Está invisível não somente nos custos não contabilizados pelo sistema

¹⁵³ CECILIO, Luiz Carlos de Oliveira; MERHY, Emerson Elias. A integralidade do cuidado como eixo da gestão hospitalar. Disponível em <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-07.pdf>. Acesso em 10/11/2017. De maneira geral, o que se entende e o que compõe cuidado em saúde é: “uma complexa trama de atos, de procedimentos, de fluxos, de rotinas, de saberes, num processo dialético de complementação, mas também de disputa”.

¹⁵⁴ Esse fluxo foi se construindo ao longo de alguns debates privados no enfrentamento das minhas inquietações, mas, sobretudo, se concretizou em diferentes momentos da minha intimidades, regados de silêncio, paixão e pele.

com um exército de cuidadores não remunerados que absorvem boa demanda do sistema de saúde, mas, também, nos mecanismos sociais que deixa de desvelar como a dominação e questões de gênero, ratificando, de certa forma, sua posição de espaço privado. Deste modo, a Atenção Básica se revelou como o espaço reconhecidamente público que, em tese, poderia ser interessante para as práticas corporais, ou ainda, como um espaço potente para se trabalhar com movimentos estéticos de corpos em conexão, intimamente ligadas às artes que requerem tempo e espaço para serem vivenciadas, mas que se mostrava ainda agregador de muitas durezas dos porquês velozes.

Aí é que deu caldo! Porque estava cada vez mais imbricado no desafio de pensar a atenção básica de maneira mais próxima da intimidade dos usuários, ou ainda, mais próxima do fluxo das levezas entre polos aparentemente antagônicos, “di-ver-gentes” e “não-ver-gentes” que possibilitasse ao usuário do sistema se empoderar na sua relação com a intimidade, privacidade e publicidade.

Aí o caldo entornou e o que me passou foi que: da mesma forma que a linguagem fortalece o seu carácter de intimidade quando é dita (exteriorizada) e que essa publicidade só se sustenta com respeito a essa intimidade, o espaço Atenção Básica só fortalecerá seu complexo acúmulo de práticas em saúde e sua multidisciplinaridade (inclusive como espaço para práticas corporais) quando estiver vivo no território (exteriorizado) e só se sustentará quando conseguir respeitar a intimidade e a privacidade do usuário.

E assim fui! Cacei o vento e acelerei, desequilibrando o barco e voltando a equilibrá-lo como um ginasta que depois de uma inclinação tem que inventar uma postura diferente para manter-se em pé num equilíbrio sempre instável. Uma inclinação é como uma inflexão que destrói a nossa identidade e ao mesmo tempo uma reflexão que constrói outra imagem inesperada que define um novo plano de equilíbrio¹⁵⁵.

¹⁵⁵ PARDO, 1996, p. 50. Toda inclinación es una reflexión que destruye la identidad (habitual, convencional, no metafísica) del sujeto, y al mismo tiempo una reflexión que reconstruye otra imagen (nueva o inesperada) que define un nuevo plano e equilibrio.

Estava cada vez mais claro o que estava buscando. Agora sabia o que e onde encontrar. Tinha um claro desafio como profissional de Educação Física: experimentar uma aproximação da Atenção Básica com a privacidade e intimidade dos usuários por meio de práticas corporais. Sabia que não iria ser fácil, mas também sabia muitas outras coisas.

Sabia que um bom caminho seria falar de fora, ouvir de fora, negociar de fora do sistema de saúde para estar um pouco mais livre das amarras das doenças e um “suposto” lazer que com suas sérias brincadeiras de profundos conteúdos poderia ser um bom caminho.

Sabia que para se conseguir diversidade de práticas e sentidos, precisava de multiplicidade de olhares, de profissionais de diferentes áreas para compor um todo que fizessem surgir novas qualidades.

Sabia que para a formação de um grupo divergente e “de ver gentes” era preciso trabalhar com formação permanente¹⁵⁶.

Sabia que para ampliar a proposta das práticas corporais para dentro da Saúde e conseguir construir uma rede de afetos era fundamental o envolvimento dos diversos profissionais de saúde para além do entender a proposta, ou seja, perceber o quanto a proposta poderia soar para dentro das suas práticas como profissional de saúde.

Sabia que muito não sabia, mas também sabia que o lugar do não saber é a morada do desafio dos sentidos sobre os diversos saberes muito sabidos.

Terra à vista!

¹⁵⁶ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. ***Política Nacional de Educação Permanente em Saúde***. Brasília : Ministério da Saúde, 2009. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde 2006; v. 9). O enfoque da Educação Permanente representa uma importante mudança na concepção e nas práticas de capacitação dos trabalhadores dos serviços. Supõe inverter a lógica do processo: 1) incorporando o ensino e o aprendizado à vida cotidiana das organizações e às práticas sociais e laborais, no contexto real em que ocorrem; 2) modificando substancialmente as estratégias educativas, a partir da prática como fonte de conhecimento e de problemas, problematizando o próprio fazer; 3) colocando as pessoas como atores reflexivos da prática e construtores do conhecimento e de alternativas de ação, ao invés de receptores; 4) abordando a equipe e o grupo como estrutura de interação, evitando a fragmentação disciplinar; 5) ampliando os espaços educativos fora da aula e dentro das organizações, na comunidade, em clubes e associações, em ações comunitárias.

Sancho comes to Don Quixote's aid (I, 8).

Ilustração 13: Trem Curitiba – Morretes. Foto: Marcos Warschauer, nov./2017.

O trem no trilho com locomotiva e seus vagões como imagem síntese desse capítulo faz contraponto entre o eixo estruturante dos projetos e programas de governo e a lógica da estrutura narrativa e imaginativa que possibilita sonharmos e nos organizar fora do tempo do hoje, no tempo do “era”, no tempo do “agora eu era” e do era uma vez que unifica o passado com o presente. Do mesmo modo que o trem é um todo com vagões interligados a uma locomotiva, a história de cada um de nós só existe porque existe um todo que forma um conjunto de relações entre cada parte e os projetos e políticas deveriam respeitar esse todo integrado entre os diversos setores e atores. O trem que nos carrega percorre um trilho, que percorre tempos que percorre espaços e que também carrega a nossa infância querida, das cadeiras na calçada, do brincar na rua e das estrelas no céu. A imagem também insinua as inúmeras possibilidades de se chegar a algum lugar e se deparar com o inesperado para além do sonho e da imaginação que pode surgir pelas diferentes perspectivas das observações e reflexões quando se olha pelas várias janelas da composição em composição com a variedade de imagens internas que temos dentro de nós advindas da nossa experiência¹⁵⁷.

¹⁵⁷ MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL. 2004. Esse livro inspira a primeira parte desse capítulo com contribuições na organização dos pensamentos que surgiram após trabalhar com a gravação dos relatos (auto)biográficos dos Educadores Sociais do Programa De Bem com a Vida.

TREM BALA

Ana Vilela

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
 É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
 É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
 É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
 É saber se sentir infinito
 Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
 Então fazer valer a pena
 Cada verso daquele poema sobre acreditar
 Não é sobre chegar
 No topo do mundo e saber que venceu
 É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
 É sobre ser abrigo
 E também ter morada em outros corações
 E assim ter amigos contigo em todas as situações
 A gente não pode ter tudo
 Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
 Por isso eu prefiro sorrisos
 E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim
 Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
 E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
 Também não é sobre
 Correr contra o tempo pra ter sempre mais
 Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás
 Segura teu filho no colo
 Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
 Que a vida é trem-bala parceiro
 E a gente é só passageiro prestes a partir
 Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
 Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
 Segura teu filho no colo
 Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
 Que a vida é trem-bala parceiro
 E a gente é só passageiro prestes a partir

Depois de tanto tempo, ali estava a terra. Daquela distância eu não conseguia dizer se o que estava vendo era uma ilha ou uma península, mas isso pouco importava, porque não era mais uma questão de identidade, era de liberdade. Observei com cuidado as águas por onde iria passar para não me deparar com nenhuma pedra no meio do caminho. Virei a esquerda, contornei a pedra e depois mais a esquerda para poder enxergar atrás da grande jabuticabeira que me acompanha desde a poesia e avistei um local que pudesse atracar com segurança. Provavelmente não retornaria mais a essa aventura, ou melhor, a essa experiência, pois percebia claramente a sua consumação.¹⁵⁸

Deixei o barco e comecei a andar entre os diversos caminhos que se mostravam à minha frente. Não havia indicação por onde seguir, ou o que encontraria ao final de cada um deles, mas a sensação era que o meu caminhar independia do caminho e aí pensei: vou caminhar e ir descobrindo os caminhos mesmo que isso cause certa angústia, porque é uma angústia positiva que põe em movimento (William sobre a sua impressão quando entrou no De Bem com a Vida). E assim fiz. No caminho topei com um senhor muito distinto, já velhinho. Era um homem muito claro, de pele negra, com uma fala tranquila e ritmada que logo se mostrou muito solícito frente a um viajante perdido entre ilhas e penínsulas. Ele só me olhou, mas me olhou de um jeito que eu me senti cumprimentado, mesmo sem nenhuma palavra dita.

O tempo parece que parou... Ali eu vi a força do sentir, o sentimento chega muito antes do que as palavras, do que tudo. Eu posso falar lindo, mas se eu estiver com um sentimento ruim ele vai chegar primeiro e (...) a pessoa não vai se considerar cumprimentada (...) mas se eu der um abraço ou lançar um olhar com sentimento ele vai chegar. (...) o sentimento é sempre presente é sempre aqui agora (Maria das

Grças sobre a sua relação com os participantes do DBV).

¹⁵⁸ DEWEY, 2010, p. 110 e 118. Uma experiência “conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação”. “Toda experiência integral se desloca para um desfecho, um fim, uma vez que só para depois que as energias nela atuantes fazem seu trabalho adequado. Esse fechamento de circuito de energia é o oposto da paralisação, da estase”.

Aproximei-me do senhor e dei um abraço em retribuição ao olhar e disse a ele que não sabia exatamente onde estava e se ele poderia me mostrar alguns registros daquele lugar para que eu pudesse me orientar, mas que eu não queria incomodar porque estava de passagem.

Sem hesitação o homem disse: Esta casa está aberta para ti, mas a tradição desse lugar não são os registros escritos e sim a palavra viva. Aqui os ensinamentos não são sistemáticos, estão ligados às circunstâncias da vida, são ensinamentos muito práticos e muito vivos, porque a experiência fica profundamente gravada na memória. Se você quiser, posso te contar, à beira do fogo, muitas histórias e com elas talvez você possa encontrar o seu caminho, pois a grande história da vida compreende várias histórias.

Confesso que fiquei muito surpreso com a fala desse senhor, e naquela noite fui ao encontro dele à beira da fogueira. Lá, tinha um senhor, Adão, negro, magrinho, muito alto, com uma fala muito pausada. (...) e tocava cavaquinho e (...) eu acho que foi uma das primeiras vezes que eu ouvi a música indo ali do meu lado, era diferente tinha uma questão de pele de estar ali e tinha um encanto (...) de uma música que acontecia aqui, que era uma coisa até palpável (William sobre quando conheceu a música em um bar que o despertou para a profissão de musicoterapeuta).

Após aquele encontro e sem compreender muito as histórias contadas naquela noite, insisti para que o senhor me contasse brevemente sobre aquele lugar e ele, muito gentilmente, me respondeu que o que eu estava pedindo dificilmente seria possível, pois existem coisas que não se explicam, mas que se experimentam e se vivem e se pôs a contar uma história:

Lembro-me de que em 1928, quando servia em Tougan, um jovem etnólogo chegara ao país para fazer um estudo sobre a galinha sacrificial por ocasião da circuncisão. O comandante francês apresentou-se ao chefe de cantão indígena e pediu que tudo fosse feito para satisfazer ao etnólogo, insistindo para que “lhe contassem tudo”. Por sua vez, o chefe de cantão reuniu os principais cidadãos e expôs-lhes os fatos, repetindo as palavras do comandante. O decano da assembleia, que era o Mestre da faca local, e, portanto, o responsável pelas cerimônias de circuncisão e da iniciação correspondente, perguntou-lhe:

- “Ele quer que lhe contemos tudo?”
 — “Sim” – respondeu o chefe de cantão.
 — “Mas ele veio para ser circuncidado?”
 — “Não, veio buscar informações”.

O decano voltou o rosto para o outro lado e disse:

- “Como podemos contar-lhe tudo se ele não quer ser circuncidado? Você bem sabe, chefe, que isso não é possível. Ele terá de levar a vida dos circuncidados para que possamos ensinar-lhe todas as lições”.
- “Uma vez que por força somos obrigados a satisfaze-lo” – replicou o chefe do cantão –, “cabe a você encontrar uma saída para essa dificuldade”.
- “Muito bem!” – disse o velho. — “Nós nos desembaraçaremos dele sem que ele perceba, ‘pondo-o na palha’”^{159;160};

O senhor, mais uma vez, me convidou para participar das histórias daquele povo sentado à beira da fogueira nas outras noites, mas antes que eu pudesse responder ele se despediu gentilmente e tomou o rumo.

Fiquei ali, olhando!

O convite era muito tentador, seria sem dúvida outra experiência inesquecível, mas estava convicto do que eu queria experimentar. Levantei a cabeça, escolhi o meu caminho e me pus em movimento. Foram vários dias caminhando e começou a chover... Muito louco, muito louco a chuva caindo e começou a passar um turbilhão de ideias na minha cabeça (...) a fala do “velhinho” veio forte na minha cabeça se a gente não mudar nosso interno nada de externo modifica e eu comecei a querer entender isso (...) na chuva, na chuva era um dia chuvoso... A partir daquele momento eu vi que eu cresci. (Evandro, a partir de uma fala na reunião de sexta feira. No texto a palavra velhinho está no lugar da palavra Marcos para dar sentido à narrativa). A ideia do pertencimento tomou conta no meu pensar. Peguei um caderninho e anotei uma ideia:

¹⁵⁹ HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição Viva. In: KI –ZERBO, Joseph (Org). *História Geral da África 1: metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.182-183.

¹⁶⁰ “pôr na palha”, consiste em enganar uma pessoa com alguma história improvisada quando não se pode dizer a verdade, foi inventada a partir do momento em que o poder colonial passou a enviar seus agentes ou representantes com o propósito de fazer pesquisas etnológicas sem aceitar viver sob as condições exigidas.

Não quero ser colocado na palha... As pessoas não querem ser colocadas na palha...

Devemos então, vivenciar a vida com as pessoas, no espaço delas, no território delas. Temos que experimentar, vivenciar, (...) a gente não pode se acomodar em um único espaço, muitas vezes aquele espaço não está dando bom resultado (Simone sobre a experiência de trocar de local nos encontros de práticas corporais).

Mais uma noite estava por vir, a luz do dia já estava fraca e pude, então, notar um clarão no céu, deveria ser de uma cidade próxima e caminhei a noite inteira até lá.

Não era uma cidade, era uma estação de trem envolta em forte neblina, cheguei mais perto e percebi que parado ali havia um trem, era um Trem Bala. Estava tão cansado que resolvi entrar no trem, me aconcheguei por ali e adormeci...

Acordei com o barulho da conversa de várias pessoas que aparentemente estavam se divertindo, contando histórias umas para as outras, cada uma no seu tempo e essa relação com o tempo foi uma das coisas que aprendi com aquele “velhinho”.

Respeitar o tempo. Então, a partir daquele encontro eu escolhi não ter pressa, é uma postura e uma escolha: não quero ter pressa (...). Eu faço questão de não ter pressa nas relações, nos encontros, nos momentos (...) porque, vira e mexe, isso passa pela gente, esse tempo que é dinheiro. “Vamos lá: meu tempo, meu tempo tá acabando” Que tempo está acabando? Que tempo é dinheiro? (Willian sobre o seu esforço de trazer tranquilidade às relações na sua vida e no DBV).

Aproximei-me e fiquei mudo, só escutando e observando. Percebi que, de modo geral, elas também não se conheciam, trabalhavam com práticas corporais como dança, teatro, Lian Gong, música, leituras, artes manuais e estavam naquele trem em busca de trabalho que fizesse sentido. As diversas histórias que contavam preencheu o vagão com um clima de felicidade, eram diversas as experiências, eram diversos os olhares sobre as experiências, eram diversos personagens. Parecia outro tempo, o tempo do era, o do abraço do meu pai, que me permitia enxergar cheiros, cores, velocidades, estímulos e ali, cada personagem trazia um corpo diferente (...) superinteressante porque essas coisas despertam realmente o que a gente vem aprendendo aqui, acho que é um novo olhar. (Simone sobre um novo olhar na diversidade das práticas corporais que o DBV desperta) que ia abrindo a cabeça, criando outro norte (...) tanto em relação à emoção, ao sentimento, construção corporal e aí

(...) poderia me tornar uma pessoa melhor capaz de ajudar outras pessoas, construir outras ramificações e despertar esse olhar em outras pessoas (...) e o legal é você, pelo menos, cutucar e fazer ela refletir (Evandro sobre a importância de estar aberto à diversidade cultural para fortalecer os encontros).

Não tardou muito para que eu fosse interpelado por uma daquelas pessoas, me arremessando para o tempo do hoje e querendo saber por que cargas d'água eu tinha entrado naquele trem e quais eram as minhas histórias.

Lembrei-me do velhinho da cidade desconhecida com suas histórias onde tudo se liga, tudo repercute em tudo, onde toda ação faz vibrar as forças da vida e despertar uma cadeia de consequências cujos efeitos são sentidos pelos homens.¹⁶¹ E disse: a história da minha vida compreende várias histórias, posso contá-las a vocês, mas isso requer tempo.

Mais que depressa as pessoas se ajeitaram ao meu lado e eu comecei a falar. Faz de conta que eu era¹⁶² um professor de educação física recém-formado, que via nas doenças uma forma de saúde, mas aí eu comecei a perceber que era uma forma de saúde bem pequena num mundão grandão de doenças, exercícios e remédios.

Comecei a perceber que essa ideia de pensar o corpo a partir da saúde e das práticas corporais fazia mais sentido, então eu sofri um pouco porque eu falei “Vou ter que aceitar isso e jogar tudo fora, tudo que eu aprendi na minha faculdade?”

Nossa eu tinha acabado de concluir “O que que é isso práticas corporais? (...) O que me acalmou um pouquinho foi que eu lembrei da faculdade, da metodologia científica que falava assim “não existe só uma verdade”. Então vamos conhecer essa outra verdade, essa outra prática corporal que não é atividade física. (Simone sobre o seu sofrimento no início do DBV que desconstruía o que havia aprendido na faculdade de Educação Física).

¹⁶¹ HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 199

¹⁶² MACHADO, 2004, 23. O tempo do *era* é impossível de ser explicado pela gramática, mas não na poética ou poesia. “Quando ouvimos um conto – adulto ou criança –, temos uma experiência singular, única, que particulariza para cada um de nós, no instante da narração, uma construção imaginativa que organiza fora do tempo da história cotidiana, no tempo do *era*. Tal experiência diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade”.

E fui me apresentando e tecendo a minha história, as minhas vontades e as minhas descobertas num papo entre páginas que vai, volta e circula na esperança (e no temor) de apresentar um caminho de possibilidades.

Pela cara das caras tive a sensação que ninguém estava entendendo nada do que eu estava falando e eu achei ótimo, não fechar ou não sistematizar e o quanto isso também provoca outra coisa de um outro lado que também é muito interessante (Marcos sobre o trabalho mais aberto e menos sistemático o que cria diferentes possibilidades no entendimento do outro). Era um bom começo para trabalhar com os sentidos dos ditos e não ditos, principalmente quando escutei com o “rabo do olho” dois dele cochichando: eu não entendo nada o que o cara fala, que viagem vai para lá volta para cá depois fala que talvez (Evandro relatando conversas que tinha com Andréa Giampietro . nos primeiros anos no DBV sobre as das dificuldades de entender o DBV que se construía sobre proposta menos diretiva). Mas mesmo assim todos pareciam bem animados.

Aproveitei o clima das histórias e propus uma brincadeira. Sugeri que todos construíssem uma narrativa sobre a sua formação profissional a partir da identificação dos momentos chave da trajetória de vida como profissionais envolvidos com as práticas corporais para que pudéssemos nos conhecer melhor e justifiquei dizendo que essa não era apenas uma brincadeira recreativa, tinha um claro propósito de nos encontrarmos nas nossas histórias e na imaginação das histórias dos outros e, quem sabe, encontrar um eixo em comum. Pode parecer simples e banal, mas trabalhar com a imaginação faz manter viva a chama da flexibilidade e possibilita um rompimento com certos padrões estéticos, mecânicos e de valores que determinam muito nosso comportamento e que atribuem o que entendemos como belo, feio, justo, injusto, certo, errado. O que estou propondo é uma forma de aprendizado e autoconhecimento bem significativa para todos nós quando as histórias que ouvimos ressoam e conversam com a nossa história pessoal, porque é produto de uma ação conjunta de pensamento, sentimento,

percepção, intuição, sensação que compõe uma imagem interna ou um conjunto de
imagens.¹⁶³

Pelo clima de silêncio, movimentos e ritmos fui percebendo um querer desquerido,
uma vontade com medo e dúvidas. Segui em frente e disse: antes de contarmos
nossas histórias é preciso nos concentrarmos e não pegar as primeiras imagens ou
fatos que vêm na nossa memória. É como olhar pelas janelas desse trem e procurar
ver as árvores que estão por detrás das outras árvores e assim ir cada vez mais
para dentro da floresta, é perceber outro olhar, o olhar daquela pessoa que vive ali,
que brinca ali, enfim, ela tem relações ali com outras pessoas (Rodrigo sobre quando
trabalhou pela Eletropaulo na favela que o despertou para as relações e questionamentos das
pessoas), ou seja, ir cada vez mais para dentro da nossa história. Mudar de janela
também nos permitirá mudar de perspectiva e assim podemos adentrar ainda mais
na escuridão da floresta.

Ninguém disse nada, cada um escolheu a sua janela e se sentou.

Não sei quanto tempo passou, porque esse não é o tempo que se mede, é o tempo do
veloz Kairós que nos acompanhava nesse trem bala, mas sei que “depois” todos se
reuniram para contar um pouco da vida¹⁶⁴. Frente ao gostoso imprevisto que
estava prestes a se declarar, pedi autorização para registrar o momento. Peguei o
Peguei o meu caderno de bordo que vem me acompanhando desde sempre, meio
enrugado pelo tempo e pelo molhar e secar da viagem de barco e abri a minha caixa
de ferramentas onde tinha guardado uma filmadora.

Depois abri a minha caixa de brinquedos¹⁶⁵ para deixar fruir e a séria brincadeira
de contar as nossas histórias começou...¹⁶⁶

¹⁶³ MACHADO, 2004.

¹⁶⁴ No capítulo Costurando na pista da cartografia (página 19), apresentei o roteiro com perguntas para nortear os relatos autobiográficos dos educadores sociais.

¹⁶⁵ ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* – 9º ed. – Campinas, SP: Verus Editora, 2012, p. 13-14. “A ideia de que o corpo carrega duas caixas – uma de ferramentas na mão direita, e uma caixa de brinquedos na mão esquerda – me apareceu enquanto me dedicava a mastigar, ruminar e digerir Santo Agostinho (...) a diferença é que ele disse na grave linguagem dos teólogos e filósofos. E eu digo a mesma coisa na leve linguagem dos bufões e do riso. Pois ele, resumindo o seu pensamento, disse que todas as coisas que existem se dividem em duas ordens distintas. A ordem do *uti* (ele escrevia em latim) e a ordem do *frui*. *Uti*, “o que é útil, utilizável, utensílio”. Usar uma coisa é utilizá-la para se obter uma outra coisa. *Frui*, “fruir, usufruir, desfrutar, amar uma coisa por causa dela mesma”.

As histórias se mostraram cheias de emoções e todos estavam muito entretidos. Comecei a perceber que aquelas histórias não só contavam sobre a vida das pessoas com também contavam muito sobre o espaço de práticas corporais que eu estava em busca. As ideias começavam a tomar um rumo, talvez não por acaso eu tenha me afastado do barco com suas levezas e multiplicidade de direções com um simples alterar do leme para embarcar num trem cujo trilho segue em uma direção determinada. Fui anotando, rabiscando e sublinhando trechos das falas de cada um e percebendo que havia temas que se repetiam como violência de gênero, alcoolismo, pertencimento, espaço de conversa, entre outros.

O tema alcoolismo me chamou a atenção, não só porque atinge 12% dos adultos brasileiros e responde por 90% das mortes associadas ao uso de outras drogas¹⁶⁷, mas também porque essa questão estava ali na minha frente, na fala de três dos 16 que relatavam o seu sofrimento e as dificuldades que enfrentaram no convívio familiar.

Eu também sofri muito porque minha mãe é alcoólatra... (Mônica)

Meu pai bebia desde que eu me conheço por gente, ele era um alcoólatra e a gente tinha uma convivência muito difícil. (Andréia Lica)

Ele sempre fez uma coisa que eu nunca aceitei que é beber, eu nunca entendi porque ele bebia se ele tinha uma família feliz, lutadora, batalhadora, todos os irmãos trabalhadores. Eu tomava pancada, gente, de tudo quanto fosse jeito, mas eu não podia ver o meu pai bêbado. (Evandro)

Fui percebendo que o espaço das práticas corporais poderia ser mais potente do que eu imaginava, porque muitos dos temas que poderiam surgir nos espaços das práticas a partir das conversas não estariam, necessariamente, distantes de nós como muitas vezes eu pensei quando assistia, por exemplo, um telejornal que falava sobre a desigualdade de gênero. No meu caso, talvez, esse tema não tivesse me chamado a atenção por não ter vivido tal situação, ou melhor, por não ter vivido claramente tal situação e não ter o olhar atento, pois a desigualdade de gênero é como um iceberg, sua maior parte está escondida, ocorre na invisibilidade.

¹⁶⁶ O resumo dos textos dos relatos de vida de cada educador social que escrevi a partir das filmagens pode ser lido no anexo 2 na página 205 deste documento.

¹⁶⁷ BRASIL. Governo do Brasil. **Portal Brasil, Saúde – Alcoolismo**, publicado em: 17/04/2012. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/04/alcoolismo>. Acesso em 27/12/2017.

sempre fui tachada a moreninha bonitinha da família. Minha tia falava “ah! que neguinha cheirosa da tia”. Eu tenho uma prima que sempre era tratada como branquinha inteligente e eu era moreninha bonita, sempre teve essa diferença. Parece que eu fui criada para ser a bonitinha que ia casar e ia cuidar da família e ela ia ser a que ia estudar. Eu só ficava em casa com a minha mãe cuidando dos meninos menores. Eu não sabia ir a um banco, eu não sabia fazer nada. (Mônica)

Também está na invisibilidade a própria repetição ou reprodução desta violência pelas próprias mulheres que, muitas vezes, entendem esse tipo de agressão como norma social mesmo quando sofreram violências semelhantes.

Passou uns 3, 4 meses a gente estava discutindo e ele me agrediu, me bateu. Eu fiquei sem chão, você não sabe o que você faz porque você não espera uma reação dessa de uma pessoa que você casa e eu fui falar com a minha mãe. Ela, que viveu um casamento de tantos anos com meu pai disse: “você está errada, você tem que respeitar o seu marido, você causou tudo isso e você tem que fazer as pazes com ele”. Sabe quando você fica assim... Putz e agora? Eu chorei o dia inteiro, eu ia trabalhar de olho inchado. Sofri várias agressões durante o meu casamento só que eu não conseguia me separar, minha mãe colocou muito em mim “imagina uma mulher separada o que vão pensar de você”. Ela falava “eu aguento seu pai até hoje, então você tem que aguentar o que você escolheu”. (Andréia Lica)

Então, a ideia de repetição, seja de comportamento ou de conteúdo de práticas corporais, começou a ganhar volume na minha cabeça como dois lados da mesma moeda porque, de um lado, nos deparamos com a repetição mecânica displicente, com submissão as convenções e, por outro, com a repetição e reflexão, vivenciada, que agrega sentido e alarga nossas experiências.

Tinha uma revistinha do Tio Patinhas lá em casa que eu pedia para minha mãe ler, o tempo passava e eu pedia para ela ler de novo e isso me marcou porque era a mesma história. Eu penso nessa questão da repetição, a gente vai criando novos sentidos, novas significações e isso está na música também. (William)

Assim, não era uma simples questão de não repetir movimento para variar a aula com eu pensava quando dava aulas de condicionamento físico, mas ao contrário, repetir o movimento, uma situação ou uma cena e refletir sobre a repetição pode ser muito importante para criar novos sentidos. Nessa direção, fui elaborando com o desenrolar dos relatos algumas pistas que poderiam compor um espaço potente para as práticas corporais.

O espaço do olhar atento: O espaço de práticas deve incentivar o olhar atento para o que se vê, para o que está ao redor e para o que está por dentro, pois, muitas vezes, nos atentamos a “coisa” e o entorno e o interno não estão visíveis aos olhos desatentos. Certamente o olhar difuso não é sinal dos tempos atuais, globalizado, enredado pela internet que despeja diariamente uma infinidade de informações, mas também, por isso, o é. Porque com a velocidade de conteúdos que temos acesso diariamente, não nos sobra “tempo” de olhar ao redor: “Vamos lá: meu tempo, meu tempo tá acabando” Que tempo está acabando? Questionou o Willian no seu relato. O tempo do olhar atento poderia ser uma das respostas, porque logo depois de uma imagem vem outra, depois um texto, depois outro texto, aí vem um link e depois, como se não bastasse um hiperlink e assim o “tempo” nos escapa para exercitar o olhar atento e para ampliar o campo de visão do que nos é apresentado. Este tempo escapadiço não é só o tempo de Kronos, é também paciência, ritmo, música, práticas, motivação, “saco”. Assim, esse espaço do olhar atento também é um espaço de resposta as sistematizações, segmentações, as especializações é a composição com um

Espaço de tempo e ritmo

A musicalização no meu corpo entrava como resposta na educação física. A música motivava o meu corpo a fazer outras coisas, porque a dança está junto com a música, isso gera motivação e você enxerga o seu corpo de forma diferente. (Vanessa)

A dança começou a me deixar mais sociável e as pessoas que me conheciam há mais tempo começaram a identificar isso. (Evandro)

A imagem que eu tenho é desse encanto porque eu acho que foi uma das primeiras vezes que eu ouvi a música indo ali do meu lado, era diferente, tinha uma questão de pele, de estar ali, então esse momento tinha um encanto, de uma música que acontecia aqui, que era uma coisa até palpável. (William)

Esta amplitude do olhar potencializa os sentidos e os significados dos movimentos e da nossa percepção de mundo, ou melhor, da nossa relação com o mundo. Entretanto este “tempo” do olhar atento se aprende e se ensina desde a infância.

Teve uma coisa que ela me ensinou que eu até hoje preservo que é observar o que tem a sua volta. Tínhamos um pequeno jardim e quando íamos para lá brincar de casinha e tinha uma florzinha nova ela dizia “olha

que florzinha linda" e ela me fazia olhar para a flor. Ela sempre foi assim, olhava para as nuvens "olha vamos ver se forma algum bichinho?". O despertar para olhar, para fora, nos detalhes. Mesmo depois de adulta ela me levava para ver coisas que às vezes eu não tinha o olhar e ela dizia "olha isso, olha aquilo". Então esse olhar para o outro de uma forma diferente eu tenho até hoje graças a ela. (Rose)

O espaço da transversalidade: Com um olhar apurado é mais fácil olhar em volta e perceber situações e temáticas que podem estar muito próximos de nós ou em nós mesmos, entretanto há necessidade de atuar na transversalidade, ou seja, “pela oposição entre os eixos vertical e horizontal (coordenadas hegemônicas), realizando um metro-padrão que equaliza a realidade”¹⁶⁸. Ou seja, operar num plano onde toda a realidade se comunica e, assim, o profissional que conduz a prática, por exemplo, não estaria numa posição de distanciamento e sim de coparticipante com todos da cena.

Ele sempre tratou os alunos com um olhar artístico e participantes e não como alunos. (...) Desde o primeiro dia ele tratava a gente como artista e nossas opiniões importavam sim. Ele nunca colocou essa questão de professor que tem todo o conhecimento e do aluno que não tem nada de novo a ensinar, ele sentava no chão com a gente e conversava bastante. Ele nos conhecia bem, identificava nosso potencial e instigava a gente a expandir esses limites, mas ele nunca pediria nada de nós se não estivéssemos prontos naquele momento para fazer. (...) Era um processo colaborativo que é quando a diretora e a dramaturga vão colocando apontamentos para os atores se estimularem a criar cenas. (...) Não existe ninguém que não tenha nada a ensinar, não existe ninguém que saiba de tudo e que não tenha nada para aprender. (Clarissa)

Espaço de controle: A ideia de controle é bem interessante porque nos remete, por exemplo, a ideia de controle social como mecanismo de intervenção da sociedade para garantir a conformidade do comportamento dos indivíduos. Pode ser exercido por sanções e punições ou introduzidos no processo de construção da identidade do sujeito por meio de recurso disciplinador.¹⁶⁹ Mas controle social também pode ser entendido como forma de compartilhar o poder de decisão entre Estado e sociedade sobre as políticas, é um instrumento de expressão da democracia e da cidadania. No caso, as práticas corporais podem tanto ser elemento de indução no processo da

¹⁶⁸ PASSOS; BARROS, 2012, p. 29.

¹⁶⁹ Para maiores informações sobre a temática do controle na saúde: FIOCRUZ - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Disponível: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/consoc.html#topo>. Acesso em 27/11/2017.

construção da identidade que moldam sujeitos e movimentos, como forma de reivindicação popular para o fortalecimento da cidadania. O que quero dizer com controle no espaço de práticas corporais é a possibilidade das pessoas assumirem “certo controle” ou “autocontrole”, não só sobre o movimento, mas principalmente sobre as relações que se estabelecem no espaço das práticas. Ou seja, assumir o controle se posicionando sobre os diversos conteúdos e práticas, não só no falar como também no silenciar, permitindo que o outro assuma o controle e, ao mesmo tempo, respeitando o controle do outro.

Quando cheguei na casa dele estava passando Indiana Jones. Fiquei lá e viu o controle remoto. Acho que eu não tinha controle remoto lá em casa, era aquela televisão de botão. Não sei se ele percebeu que eu estava encantado e que queria mexer. Eu me lembro que ele me entregou o controle remoto e falou “você pode fazer o que você quiser”. Eu me senti muito grande ali, as pessoas têm muito medo de desprogramar, mas ele disse “faz o que você quiser”. Essa imagem do controle remoto eu trago comigo, acho que foi um exercício de liberdade, algo de desejo misturado com liberdade que me marcou. Esse controle remoto me acompanha em muitos momentos. Eu preciso pegar o controle remoto ou entregá-lo para alguém que precisa de certo desprendimento, isso passa por mim e passa pelo grupo. (William)

Estava ficando mais claro o que seria o espaço adequado para as práticas corporais. Anteriormente, quando ainda estava no barco, não tinha muita clareza de como seria o espaço utilizado por um programa de práticas corporais e então, a saída tinha sido pensar como não deveria ser o espaço, mas agora me parece que as coisas entraram nos trilhos. Assim, a partir do que foi exposto, dos relatos de história de vida e das muitas experiências com as práticas corporais eu poderia dizer que espaço de práticas corporais é um espaço de múltiplas possibilidades que inclui além do que foi colocado:

Espaço da conversa e troca:

dizer olha não é assim que funciona, você está me constrangendo, eu fui aprendendo o jeito que eu poderia falar com ele nessa situação e para minha surpresa melhorou muito a minha relação com ele. Eu parei de guardar, comecei a falar o que me incomodava e comecei a mostrar o porquê que eu era daquele jeito com ele. O relacionamento melhorou muito, hoje nós somos muito mais próximos do que antes, eu consigo hoje dar um abraço nele sem ser forçado, porque eu quero dar um abraço. A gente agora é amigo. (Flávia)

É pela troca, como você vai lidar com o outro sem o outro desconfiar de você? E sem você ficar pensando "acho que eles não estão gostando daquilo que estou falando". Acho que isso é a pior coisa para alguém que está diante do público. Começamos a fazer festivais de teatro, cada um fazia a sua peça e os pais ajudavam. Então começamos a envolvê-los. Fizemos isso com música, com campeonato de futebol, desfile de moda enfim, nós fomos envolvendo a comunidade de tal forma que eles não viam mais a escola como o lugar que só estuda, mas como um lugar que faz parte da vida. (Rose)

Espaço do questionamento:

Como o trabalho na favela eu aprendi que as pessoas são pessoas de verdade, porque ali elas falam, elas questionam "porque que você está desligando a minha luz? porque você está me cobrando?" (Rodrigo)

Espaço do pertencimento:

tem o olhar daquela pessoa que vive ali, daquela pessoa que vive ali, que brinca ali, enfim, ela tem relações ali com outras pessoas e isso começou a me despertar para essa questão da relação. (Rodrigo)

No Taboão eu tinha chegado bebezinha de colo, poucos meses de vida, as pessoas me viram crescendo e como meus pais tinham a venda a gente era muito conhecida ali. Aí a gente foi para um lugar que eu não conhecia ninguém, tudo era chato para mim e eu queria voltar para o barraco (...) Nós fomos morar no Alvarenga naquele fim do mundo e para mim foi um fim mesmo. Foi bem difícil, eu nunca tinha visto o cavalo na rua, gente suja, pé no barro. Foi momento muito difícil, até eu me acostumar foram uns dois ou três anos chorando. (Kátia)

O espaço de escuta sem julgamento:

Fiquei careca dos lados, essa foi a parte que eu mais fiquei desesperada, o cabelo da mulher é tudo é o seu espelho. Aí eu fui para a psicóloga, foi muito bom conversar com uma pessoa que me ouvia, ela nunca me apontava só me ajudava. (Mônica)

O espaço do equilíbrio entre o conteúdo e a escuta:

O conteúdo tem que ser dado, mas o conteúdo não é tudo. No Lian Gong eu não fiz diferente. Eu ia, dava as três partes, mas sempre tinha um espaço, ou antes, ou depois da aula, para conversar com os alunos para eu saber como é isso para eles. (Rose)

Espaço de reconhecimento das dificuldades e superação:

Eu guardo a chuteira até hoje e quando eu olho, eu não me lembro de uma coisa ruim, me dá força porque eu consegui passar por isso. O futebol me deixou um cara muito competitivo, quando fui fazer a faculdade eu percebi que tinha isso muito forte em mim. (Evandro)

Eu estava com 26 anos e queria fazer alguma coisa por mim e nessa época meu pai minha mãe estavam se separando porque minha mãe chegou no fundo do poço por causa do alcoolismo dela. Essa parte deprimente, não é só deprimente, tem a questão da superação. Eu quis falar isso pra mostrar como eu cheguei aqui hoje. (Mônica)

Espaço de enfrentamento e apoio:

fazer com que as pessoas que têm potencial se desenvolvam no que elas sabem fazer, porque, às vezes, a tendência é você sufocar o que o outro sabe fazer. (Vanessa)

A escola era bem de periferia, escuro à noite. Na primeira aula que eu fui dar, percebi que os alunos tinham a minha idade ou mais, muitos eram casados e isso me deixou com um frio na barriga. Tive muito apoio na faculdade, fui à trás de pessoas que pudessem me orientar, não pelo conteúdo, porque o conteúdo é fácil. Você vai lá, estuda e você dá. (Rose)

Espaço de respeito aos limites do outro:

Tive uma professora freira, de português. Eu era muito boa aluna e sabia ler. Ela sorteava, e um dia ela chamou o número 33 e eu fui ler uma palavra, mas eu não consegui ler. Ela dizia "errou, repete" eu lia e não saía. "Errou repete", até que ela foi na minha cabeça e começou "você está errando, você está errando". Foi a gota d'água, chorei horrores, fui sentar e ela me pôs para fora porque eu não parava de chorar. Daí em diante eu tive grandes dificuldades, até a fase de adolescente, para ler em público. Isso me serviu de lição no sentido de não exigir do outro aquilo que ele não está preparado. Quando eu dei aula eu sempre me lembrava dessa situação. Foi uma coisa muito boa, ruim na época, mas depois foi um grande aprendizado para respeitar o outro. (Rose)

Eu comecei a fazer terapia e a terapeuta me chamou para eu dar aula para casais porque a gente tem que respeitar muito o espaço, de cuidar do movimento e cuidar da pessoa. Foi muito bacana porque você começa a conhecer muito mais o outro, respeitar muito mais o outro através do movimento. (Andréia Giampietro)

Espaço que potencializa as relações:

Tentar tocar o outro não a partir do que eu estou fazendo, mas do que o outro está sentindo. É algo invisível aos olhos, mas você só consegue quando você entra em contato profundo na relação. (Rodrigo)

Quais sutilezas a gente precisa aguçar para ter uma percepção talvez de movimentos respiratórios, de movimentos sutis de membros, de uma leitura de batimentos cardíacos que estão sendo monitorados?. Então fui apurando um pouquinho dessas sutilezas, de como a gente poderia encontrar uma sonoridade que partisse por aí. Como é que é entrar em contato com isso e a partir disso criar uma linguagem musical que não parta nem de mim nem dele, mas desta relação? Um produto sonoro que mobilize de alguma maneira positivamente na vida do sujeito? Pode ser uma coisa muito legal, mas ela é aqui e ela é nossa. (William)

Espaço de alargamento de experiências corporais

Na escola, uma professora de português me chamou para cantar num coral e eu cantei a música Jangada e também fiz uma encenação de teatro chamado o Alto da Barca do Inferno do Gil Vicente. O circo também foi onde esse corpo estava em evidência, em especial na Lira. Eu tentei ir para a área de desenhista, foram poucos meses, mas acho que deu para dar uma rabiscada. É superinteressante como essas coisas despertam um novo olhar. (Simone)

A minha aula de dança não era uma aula em que você vai aprender o passo, a gente tinha exercício, de contato e improviso, exercício de sensação, tinha roda de conversa, era totalmente diferente de uma aula de academia. (Andréia Giampietro)

Espaço de esperança

Com a transformação social que aconteceu neste lugar, eu tinha uma satisfação: "caramba que legal esse menino vinha de uma situação mais desfavorecida, vinha pedir um brinquedo para mim e agora a gente está aqui jogando bola juntos", Então, o senso de esperança que eu carrego comigo, é possível ocorrerem estas transformações. (William)

Tinha também um menino, desses um pouco maior, que começou a correr atrás de outro. Não faço a menor ideia do motivo, acho que ele queria bater e aquilo me incomodou, o maior correndo atrás do outro e passavam do meu lado. Eu lembro que o primeiro passou e no segundo eu só coloquei o pé, muito ingenuamente, meio sem pensar e pá. Recolhi o pé, não fiz nada, não falei nada, não sei nem se eu olhei para a cara dele. Foi uma mistura de satisfação com medo, algo que eu pude fazer concretamente. Esta lembrança é algo que eu trago até hoje e que me mobiliza a fazer o que eu

faço: tentar enfrentar um pouco a questão das injustiças. Às vezes a gente se coloca na posição de um cara que está correndo atrás ou da posição desse que está correndo de algo maior e que às vezes precisa de um pé na frente. (William)

Espaço de transformação

Fiz dança terapia e comecei a ver mais ainda como a música e o movimento podem transformar a pessoa. (Andréia Giampietro)

Olhava para aquele encontro e percebia que a história de um ressoava na história da vida do outro, que ressoava na minha história e toda aquela cena me remetia à ideia do estar implicado. Folhei as minhas anotações em busca de alguma coisa que pudesse me ajudar e me deparei com a relação do implicar com o intervir anotada no pé da folha que eu rodava. Intervir é fazer um mergulho “no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes.”¹⁷⁰ Estava no rumo, um espaço de práticas corporais que se propõe a intervir no território e que procura agregar muitas das características apontadas acima tem que estar implicado. Não basta envolver as pessoas e instituições que fazem parte de um projeto ou programa de práticas corporais, há que envolver pessoas e instituições que, de alguma forma tangenciam a circularidade deste trabalho. No caso do DBV posso citar como exemplo de pessoas, os agentes comunitários de saúde, os apoiadores, os gerentes das UBS, os familiares e as pessoas responsáveis pelos locais que acontece as práticas. Como exemplo de instituições, vamos encontrar escolas, UBS, centros esportivos, secretarias afins, centros comunitários, mas o que é certo, é que as inúmeras pessoas e instituições que fazem tangência com este tipo de trabalho vão se mostrar à medida que o trabalho avança.

Outra ideia que também ganhou destaque no meu pequeno caderno é que a formação profissional das pessoas que conduzem as práticas corporais não é de grande importância, ou melhor, não está em jogo porque o que realmente conta são as experiências profissionais (das diversas profissões) de cada um, a disponibilidade

¹⁷⁰ PASSOS; BARROS, 2012, p. 26

para as trocas de experiências, o estar implicado e a busca do implicar o outro. O que realmente conta é A MULTIPLICIDADE DE OLHARES IMPLICADOS.

O trem ia a toda velocidade, a paisagem passava como um risco pelas janelas até que alguém, num momento de realidade perguntou:

para onde vai o trem?

Ninguém sabia, mas isso não parecia ser importante naquele momento, porque ali se pactuou os “quererem” e os “experienciarem” e despontou um grupo que iria trabalhar com as práticas corporais, mas...

para onde vai o trem?

Uma ideia passou pela minha cabeça e eu saí correndo atrás dela. Fomos parar junto ao maquinista que ficou ali, olhando e admirando a velocidade da ideia.

Combinamos o destino: São Bernardo do Campo.¹⁷¹

¹⁷¹ São Bernardo do Campo é um município brasileiro do estado de São Paulo com área de aproximadamente 406 km² e população estimada em 820.000 habitantes (2016). Faz parte do ABC Paulista e é uma cidade e tradicionalmente industrial, berço do movimento sindical contemporâneo no Brasil. Conta com teatros, casas de shows, vários parques e hospitais referência para a região.

The Don threatens the peasant who was whipping the shepherd boy (I, 4).

Ilustração 14: The Don threatens the peasant who was whipping the shepherd boy, by Gustave Doré.

DE BEM COM A VIDA

A imagem síntese deste capítulo faz referência aos encontros e às disputas do campo. Inspira a reflexão do jogo dialogado onde eliminar o outro não é o objetivo e sim a conquista das medalhas e a manutenção do jogo. Raios, raios duplos, diz Dick, o vigarista, que age no limite extremo da disputa, perdendo, na maioria das vezes, a noção da realidade e despenca assim que se dá conta dos resultados das suas vigarices. Doodle, o pombo correio, é o perturbador que atrevidamente cruza os céus levando informações para desestabilizar, enfrentar e reestruturar um campo dominado pela Esquadrilha Abutre. Medalha, medalha, medalha é o desejo do cachorro Muttley que aparece como o mediador da disputa “percebendo” os exageros de ambos os lados, assim, hora atua na caça ao pombo, hora corta a corda possibilitando ao pombo voar em liberdade. A diversão é o caminho que percorre o espectador que ao se identificar com um dos lados da disputa ao longo da trama, sofre, deseja, suspira, sonha pelo desfecho esperado, mas ao final, ganhando ou perdendo, torce pela continuidade da brincadeira. A imagem também traz a ideia da brincadeira, do trabalho em equipe, do brincar na tarefa e na disputa, pois os personagens e espectadores se divertem mesmo no resultado adverso, sugerindo o conflito como parte do caminho para as nossas realizações, para encontrarmos o nosso espaço de liberdade de expressão e se sentir um pouco mais De Bem com a Vida.

Prefiero una libertad peligrosa
a una servidumbre tranquila

Maria Zambrano

Ilustração 15: Dastardly and Mutley in Their flying Machines, - Hanna-Barbera. TV cartoon. 1969.

O convite para desenvolver o programa De Bem com a Vida em São Bernardo do Campo não veio por acaso, foi fruto do trabalho realizado em Santo André com o programa Caminhando para a Saúde e das alterações políticas partidárias porque, após as eleições de 2009, houve troca de partido político e algumas pessoas foram convidadas para compor a equipe de trabalho da Cidade de São Bernardo do Campo.¹⁷² Era tudo muito novo, até mesmo a Divisão de Lazer que foi criada em janeiro de 2010 dentro da Secretaria de Esportes e (agora) Lazer. Toda essa mudança deixou um campo muito fértil para a escrita e desenvolvimento do projeto De Bem com a Vida, porque o município estava estruturando não só a política de Lazer como, sobretudo, as políticas de Saúde como mostra o texto do projeto.

Lazer em São Bernardo do Campo:

O Lazer, como objeto de política social, recebeu pouca atenção nos últimos anos na cidade de São Bernardo do Campo. Desconsiderado como unidade administrativa, a ação pública neste campo é caracterizada pela realização de programas setoriais desarticulados, onde além da Secretaria de Esportes, são provedoras de lazer as áreas de Cultura, Turismo, Juventude, Educação e Serviços Urbanos. No campo do lazer esportivo, percebe-se uma rede de centros esportivos que, considerada sua arquitetura e programação, privilegia o esporte formal, embora estejam em curso iniciativas para diversificar estas práticas. A inclinação a esta dimensão do esporte também pode ser percebida nas praças do município, sendo que cerca de 120 destas são providas de quadras poliesportivas, cujo uso é intermitente e predominantemente masculino.

Considerados os investimentos públicos no setor, verificamos que, até o momento, a maior parte do orçamento da pasta é aplicada no esporte representativo. Aos munícipes está disponível uma rede de centros esportivos que, aos finais de semana, apresenta funcionamento precário e, considerada sua distribuição geográfica, mostra-se insuficiente para garantir o acesso a este direito nas diferentes regiões da cidade. Dos quatro parques existentes, três conferem força à condição de centralização dos principais equipamentos públicos de lazer, restando ao Parque Estoril não ser refém desta regra.

¹⁷² Cabe aqui um agradecimento especial ao Eduardo Tadeu da Costa e ao Paulo Henrique dos Santos, parceiros do Lazer em Santo André que acreditaram no meu trabalho e fizeram o convite para pensar e desenvolver o programa De Bem com a Vida.

Relacionado especificamente à saúde e aos espaços conceituais que se quer criar, consideramos no lazer o seu potencial de mobilização que, ao promover diversas formas de sociabilidade e reciprocidade por meio das práticas corporais, pode provocar mudanças de comportamento em relação à apropriação destes direitos. Consideramos também que, ao desenvolver o lazer tendo como área de abrangência as 32 unidades de saúde do município, estaremos contribuindo para a necessária descentralização desta política.

O sistema de saúde em São Bernardo do Campo:

O sistema de saúde de São Bernardo foi identificado pela população nos últimos anos como o setor mais precário. A atual gestão orientada pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS e a partir da Participação Popular tem feito investimentos importantes para o fortalecimento da Saúde Pública no município em consonância com o SUS. Principalmente em relação ao fortalecimento da Atenção Básica na cidade, com foco no atendimento integral a todos, conforme as necessidades de saúde da população e com investimento em novos serviços.

Outro aspecto importante trata-se do investimento no trabalho da equipe multiprofissional nas unidades de saúde com o objetivo de articular o cotidiano dos funcionários com as necessidades de saúde e sociais da população. O papel da educação permanente dos trabalhadores, com o objetivo de ressignificar a relação entre usuário e profissional de saúde, é determinante para práticas em que o foco seja a qualidade de vida e não somente a cura de determinados agravos.

A atual gestão junto com o Conselho Municipal de Saúde realizou a VI Conferência Municipal de Saúde, que somada à realização das Plenárias com a participação efetiva da população sobre o Plano Plurianual da cidade definiram as prioridades nas políticas públicas, principalmente no campo da Saúde Pública. Em geral as propostas trataram da humanização, resolutividade no atendimento, a educação permanente dos funcionários, sobre a importância de ações intersetoriais que promovam a qualidade de vida da população.

Em resposta a essas necessidades a Secretaria Municipal de Saúde apresentou o fortalecimento da Atenção Básica, por meio da ampliação da Estratégia de Saúde da Família, com contratação de Agentes Comunitários de Saúde, médicos e outros profissionais; a organização do serviço de saúde mental à luz da integralidade e promoção em saúde, visando a equidade. Também propôs a construção de um novo hospital, a instalação de Unidades de Pronto Atendimento 24 horas; o matriciamento; definição das linhas de cuidado conforme as necessidades e metas em saúde do município.

*O trabalho intersetorial pode significar o rompimento da fragmentação do cuidado à população por diversos espaços institucionais. Espaços como as unidades de saúde, que em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer poderá contribuir de forma importante na consolidação da qualidade de vida dos usuários, que poderão desenvolver práticas corporais, de lazer, com acesso à informação e participação popular.*¹⁷³

Mesmo frente a este cenário bem favorável com a Saúde que focalizava o fortalecimento da atenção básica, o papel importante da educação permanente no ressignificar das relações entre usuários e profissionais de saúde e também a identificação de tangências intersetoriais interessantes entre o Lazer e Saúde, as mudanças não iriam ser fáceis, pois não eram essas, de forma geral, as ênfases dadas pelo governo anterior. De saída havia alguns pontos que aproximavam a Saúde do Lazer: (A) a possibilidade da democratização dos espaços públicos para romper com a fragmentação do cuidado e promover a descentralização dos espaços de lazer; (B) o foco das ações apontado para as necessidades do munícipe valendo-se do potencial de mobilização do Lazer que poderia ajudar a provocar mudanças de posicionamento frente aos direitos do cidadão; (C) a importância da promoção da saúde e da prevenção de doenças na qualidade de vida da população.

A expectativa de desvelar os espaços que possibilitassem trabalhar com as práticas corporais e de lazer no sistema público de maneira intersetorial, ou pelo menos com uma interface que possibilitasse a construção de um trabalho que mobilizasse a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Esporte e Lazer era grande. As primeiras conversas para a implementação do De Bem com a Vida foram feitas na Divisão de Lazer e ficaram claras as dificuldades que enfrentaríamos.

Uma das dificuldades dizia respeito aos conteúdos, pois na maioria das vezes, se privilegia o fazer a atividade física e pouco se explora outras dimensões da relação entre profissional e comunidade¹⁷⁴, o que torna as práticas corporais distantes da realidade dos usuários, dos profissionais e dos diferentes setores que compõem a administração pública. Outra dizia respeito à organização dos grupos, pois, muitas vezes, estes são formados com enfoque nas doenças, o que pouco incentiva a

¹⁷³ Excertos retirados do texto do projeto do De Bem com a Vida que foi organizado e escrito por COSTA, Eduardo Tadeu, WARSCHAUER, Marcos e SANTOS, Paulo Henrique (Divisão de Lazer da Secretaria de Esportes e Lazer) e por gestores do Departamento de Atenção Básica da Secretaria de Saúde de São Bernardo do Campo em outubro/2009.

¹⁷⁴ CARVALHO, 2006.

dimensão subjetiva e educativa da ação¹⁷⁵. Além disso, a visão de que as práticas corporais precisam, necessariamente, de ambientes apropriados e de materiais específicos desencorajam usuários e profissionais na implementação de grupos em locais “alternativos”, ou não específicos para a prática como, por exemplo, grupos de caminhada pelas ruas do bairro.¹⁷⁶

O objetivo geral do De Bem com a Vida era desenvolver práticas alimentares, corporais e de lazer, alinhadas com a ideia de espaços de convivência, informação e participação (espaço conceitual), visando à melhoria da qualidade de vida no município. Os objetivos específicos apontavam para o ressignificar e diversificar as práticas corporais e de lazer existentes na rede de saúde; promover práticas alimentares e estilos de vida saudáveis; fomentar as ações educativas de incentivo ao consumo de alimentos saudáveis; desenvolver ações inovadoras de promoção da saúde ensejadas no território da atenção básica; fomentar rede de comunicação e troca de conhecimento entre as UBS/PSF; desenvolver em conjunto com os profissionais das UBS/PSF envolvidos com o projeto temas voltados para promoção da saúde, práticas alimentares, corporais e de lazer na comunidade.

A interface entre Saúde e Lazer se ajusta com a realização de uma reunião entre os secretários de Esporte e Lazer e Saúde¹⁷⁷. Nesse momento é apresentado o projeto De Bem com a Vida baseado no conceito da ambiência¹⁷⁸ e da promoção da saúde e apoiado em curso de “formação de multiplicadores” com um ano de duração para envolver os profissionais de saúde e conhecer as práticas corporais que já estavam sendo desenvolvidas nos territórios.

Nesta reunião apareceu outra grande dificuldade que enfrentaríamos com a fala da diretoria do esporte, avaliando que o projeto que estava sendo apresentado não interessava porque já se tinha na cidade atividade física nos centros esportivos. Entretanto, a compreensão mais aprofundada da Saúde sobre os conceitos apresentados avaliou o projeto como estratégia interessante para envolver os usuários com a sua UBS de referência e criar interface com outras práticas de saúde.

¹⁷⁵ WARSCHAUER, 2008.

¹⁷⁶ WARSCHAUER, 2009.

¹⁷⁷ Meados de setembro de 2009.

¹⁷⁸ BRASIL, 2006.

Em linhas gerais o processo da implementação das práticas corporais do De Bem com a Vida de São Bernardo do Campo apoiou-se em cinco grandes pilares, mas é verdade que esses pilares não apareceram *a priori* e tão pouco foram descobertos nas discussões “entre mim e eu mesmo”¹⁷⁹. Eles foram “aparecendo” nas reflexões ao longo dos primeiros anos de trabalho do De Bem com a Vida e, muitas vezes, brigados com os parceiros e suportados pela “turma” do lazer que agregava muita experiência com sugestões de oficinas, disponibilidade para reflexões e quebras de paradigmas.

Como ponto de partida o projeto se baseou em duas ideias principais: 1) a formação de um espaço de práticas corporais e, 2) o respeito e o reconhecimento ao profissional que conduziria essas práticas. O Espaço de práticas corporais era uma ideia imprecisa, talvez ainda seja, e sempre foi tema de muitas reflexões ao longo da minha experiência profissional. O que eu tinha, além de muitos sentidos implícitos, era um desenho esquemático do espaço conceitual (**espaço conceitual - primeiro pilar metodológico**), entretanto, o que fui percebendo ao longo do trabalho era que esse desenho já carregava no seu íntimo os fundamentos para a prática da promoção da saúde, como, por exemplo, a integralidade, participação, autonomia e intersetorialidade, mas eles não estavam explícitos no desenho, estavam ali, latentes, implícitos nas várias certezas incertas e nos vários dizeres e que só conseguiram estar desenhados (publicizados) como pano de fundo após o primeiro ano de trabalho.

Uma coisa que salta aos olhos é exatamente gente conseguir fazer essa promoção da saúde. A gente consegue fazer no dia a dia, não é escrita, não é um chavão. Nós fazemos a promoção da saúde na pessoa como um todo.

Eu acho que nós fazemos assim, o ser humano está aqui e tudo que envolve o ser humano nós entramos, então a gente conversa, a gente da prática, a gente da dança, fala de culinária, fala de nutrição. Isso salta aos olhos, o sucesso do projeto é exatamente esse. O que eu acho que dificulta ainda, já foi pior, é exatamente esse relacionamento do educador social com os profissionais de saúde. Já melhorou bastante, mas eu acho que ainda tem muito a melhorar. Eles ainda não entenderam que nós os ajudamos e eles nos ajudam, há uma troca e eles ainda não conseguiram entender. (Rose)

¹⁷⁹ Exceção a ideia do espaço conceitual que imaginei quando voltava para São Paulo, dirigindo pela Dutra após o Congresso Paulista de Saúde Pública de São José dos Campos em agosto de 2009.

Figura 4: Desenho final do Espaço Conceitual com os fundamentos da promoção da saúde.

O segundo ponto de partida estava no respeito e no reconhecimento ao profissional que iria ser contratado (futuro educador social), ou em outras palavras, partimos da premissa de que esse sujeito era um profissional, que carregava consigo experiências, valores e entusiasmo e, portanto, ele já sabia o que tinha que fazer com as práticas corporais nos grupos. Assim, deixá-lo trabalhar com liberdade de criação, confiar no seu potencial era o que se tinha que fazer para ele se envolver com a proposta.

E aí eu vim fazer a entrevista com Marcos e aí eu lembro até hoje quando ele me falou o que fez fazer “Tlimmmm” Ele falou assim “o projeto aqui é assim, assim, assim” Explicou e tal, “então vocês são bem livres para trabalhar o que vocês sentirem vontade de trabalhar com os alunos” e ele falou “se um dia tiver sol e você quiser ir tirar o sapato e andar na grama com eles e tudo você pode fazer isso”. Aí eu “Ah! Como assim eu posso fazer isso? Eu posso fazer isso e ainda vou ganhar para isso? trabalhar o que eu quiser com eles a minha arte se eu quiser? Tudo? - “Tudo”. Nossa! Aí eu fiquei encantada. (Flávia)

quando ele falou você pode dar o que você quiser o que você sente da turma eu falei “ Como assim” (risos) como eu posso dar aula do que eu quiser. “Ana é assim é um trabalho na UBS, mas se um dia você quiser ir para a praça fazer alguma coisa de alongamento, essas coisas que você já faz, você é do teatro e da dança, contadora de história, você é atriz, você já

dá aula, então se (...) cada dia que você quiser você pode fazer uma coisa diferente. Eu fiquei... “meu”... (Ana Cláudia)

Você confia na gente e isso é a melhor coisa que uma pessoa pode ter que é trabalhar com alguém que coordena você e confia. Então isso faz com que a nossa criatividade amplie porque a gente vai fazendo, vai chegar aqui, vai falar e o teu olho vai brilhar e a gente vai fazer mais coisas. (Rose)

Trabalhar sobre a confiança e a liberdade de criação no desenvolvimento das práticas nas UBS era, em tese, uma boa estratégia e que se mostrou efetiva ao longo do processo, entretanto criava insegurança tanto do lado do educador social como do lado dos gestores do projeto, porque com uma proposta menos impositiva iríamos nos deparar com as angústias, inseguranças e inflexibilidades dos educadores sociais.

Eu cheguei em casa toda feliz e falei Marcelo eu recebi uma ligação lá da Secretaria de Esportes para fazer uma entrevista e meu marido falou: “vai lá ver o que que é”. Me preparei e vim fazer a entrevista com o Marcos. Aí, cheguei em casa e o meu marido perguntou “e aí como é que foi lá?” e eu disse que foi tudo bem e eu acho que já vou começar e ele perguntou “mas é para você fazer o quê?” Aí eu olhei pra ele e falei assim: “Nossa! Eu também não sei o que é para fazer”. (Mônica)

Meio caindo assim, como é que é a musicoterapia como educador, eu não sabia o que eu ia fazer, a gente tinha esse exercício de liberdade e eu tinha essa questão de me jogar também, eu pensava vamos descobrir caminhando, a gente não precisa saber pra começar a caminhar. “Meu vamos caminhar e a gente vai descobrindo os caminhos durante esse caminhar”. Então, ao mesmo tempo que isso causava uma certa angústia eu acho que era uma angústia positiva que te põe em movimento. (William)

Em 2009 e 2010 eu estava muito insegura ainda, achando o que eu ia fazer, não sabia direito o que fazer. Fazia o Lian Gong, dava minha aula lá e ia embora, conversava com os alunos, mas era uma coisa assim, mais fechada, sistemática, não saía muito daquilo. Acho que depois em 2011-2012 eu comecei a procurar outras formas de passar as práticas. (Maria do Carmo)

tem as coisas do nosso cotidiano que às vezes nos fortalece a ser assim por um instinto de defesa. Às vezes você é duro porque você já tomou tanta pancada que se você abrir e tomar mais pancada você talvez vai ser sempre tomador de pancada. (Evandro)

A própria proposição do De Bem com a Vida causava certa insegurança, porque de um lado apontava para um fazer não específico, inventivo e para a construção de

um caminhar coletivo, mas por outro, abarcava conceitos e fundamentos específicos como os da promoção da saúde, práticas corporais, atividade física, territorialização, saúde ampliada, e que eram “postos na mesa”, discutidos e, em cima deles, requeridos os porquês das atividades propostas nos grupos de práticas.

porque a princípio foi difícil, foi tenso, porque o Marcos (...) começou a trazer um pouco das práticas corporais e eu falei “Meu eu não sei o que que é isso, eu só tenho isso, e aí?” Então eu sofri um pouco porque eu falei “Vou ter que aceitar isso e jogar tudo fora tudo que eu aprendi na minha faculdade” Nossa eu tinha acabado de concluir “O que que é isso práticas corporais? E eu ainda falei “Ele odeia o educador físico”, mas aí a gente vai aprendendo. Ele batia na tecla da ginástica. (Simone)

pra mim tudo aquilo que o Marcos falava no início era utopia “Meu, esse cara é sonhador, não dá para alcançar isso”. Eu tinha isso muito duro em mim e era forte. Eu ia dar aula, tentava fazer, só que eu via que não rolava e eu desistia, chegava aqui “meu não vai, não vai, não vai”. (Evandro)

Eram tantas as certezas do que se queria construir, mas também eram tantas incertezas com o projeto e a relação que iríamos estabelecer com a Saúde que no projeto executivo foi incluído curso de formação de multiplicadores com a duração de um ano. **(Formação de multiplicadores - segundo pilar metodológico).**

E o que foi legal também em 2010 é que começaram as reuniões semanais com a Yara que era professora da USP que veio e a gente teve muitos contatos com a UBS, muita troca, comecei a entender o que era uma UBS, o que que eles faziam lá. Vinham enfermeiros, vinham ACS, vinham recepcionistas, a gente tentou trazer todo mundo da UBS para essas reuniões. É que no começo, vinha todo mundo, mas depois começaram a mudar e deixaram só os ACS vindo. (Maria do Carmo)

O curso de formação de multiplicadores foi oferecido para os profissionais de saúde das UBS, para os profissionais que conduzem as práticas e para lideranças comunitárias com o objetivo de desenvolver novas práticas nas comunidades e ressignificar as já existentes com o olhar do lazer, da saúde ampliada, da promoção da saúde, do espaço conceitual e do conceito de práticas corporais. Assim, em fevereiro de 2010 iniciou-se o curso de formação com mais de 100 participantes¹⁸⁰. Os conceitos de práticas corporais, promoção da saúde, prevenção de doença,

¹⁸⁰ Dois profissionais de saúde designados por cada UBS, 32 pessoas da comunidade sendo uma referência de cada UBS e quatro responsáveis pelas aulas de Lian Gong e Yoga)

acolhimento e mapeamento das práticas corporais nos territórios tomaram conta dos debates de todas as sextas-feiras.

Figura 5: Curso de formação de multiplicadores.

Lembro-me de uma atividade que aconteceu no curso de formação. As pessoas foram divididas em classes profissionais (enfermeiros, auxiliar de enfermagem, agentes comunitários, recepcionistas, comunidade, responsáveis pelas práticas) e tinham que responder individualmente a pergunta “o que é vida?” e em grupo responder as perguntas: o que é ser_____ (sua profissão) dentro da UBS e quais eram as alegrias, tristezas, problemas e soluções.

Após intensa discussão, os grupos apresentaram sua resposta, mas o que mais me marcou foi que todos os grupos relataram excesso de atribuições, se sentiam como “os carregadores de pedras” da UBS. Os recepcionistas, por exemplo, justificaram “o seu peso” da seguinte forma: “muitas vezes os médicos se atrasam e os usuários ficam muito bravos, descarregam toda a raiva em cima de nós, xingam, dizem que o atendimento é ruim, que o sistema de saúde é péssimo, mas aí o médico chega... Oi Dr. Tudo bem? Eles se esquecem de tudo e nós ficamos com que cara?” (Marcos)

Importante

O que é a Vida

A vida é acreditar que podemos fazer algo diferente, não somente para ajudar o próximo, mas a nós mesmos. É tentar ser alegre mesmo diante das dificuldades, as pessoas não tem culpa do que passamos. Viver é tentar tirar o melhor de cada um, o "ser humano" por pior que seja um dia já teve algo de bom, o ser jovem, de correr, brincar, pular e o melhor de tudo é servir daquilo que para nós nos parece insignificante. Viver é dar valor a família, amigos, animais, pois assim estaremos amando a Deus, que tudo criou e que nos ama independente dos nossos defeitos, pois ele acredita em seus filhos, eu acredito na vida, eu acredito que podemos melhorar sempre!

Figura 6: Resposta de participante no curso de formação de multiplicadores sobre o que é vida.

Figura 7: Resposta do grupo de agentes comunitários sobre o que é ser agente comunitário na UBS.

Este curso com duração de um ano mostrou-se fundamental para ampliar a relação entre as secretarias de Saúde e Esporte e Lazer, promover a troca de conhecimentos entre o Lazer e a Saúde, dar suporte às inquietações dos diversos profissionais e apresentar mais detalhadamente o projeto que estava sendo implementado.

No segundo semestre de 2010 começamos a pensar outras possibilidades para as práticas que até então estavam restritas ao Lian Gong e Yoga. Reunimos esses professores e conversamos sobre a possibilidade de agregar vários conteúdos numa mesma prática, ou seja, aulas de práticas orientais (Lian Gong, Tai chi, massagem, yoga, danças circulares), tudo junto e misturado, no lugar de práticas específicas. Essa discussão não foi tranquila porque alguns defendiam a especificidade de cada prática, não acreditando na possibilidade de misturar conteúdos numa mesma aula. Mesmo sem unanimidade e incerteza do que estávamos propondo (não éramos profundos conhecedores das práticas orientais) resolvemos enfrentar o desafio e juntar os conteúdos numa mesma aula.

Em novembro de 2010 foram contratados outros quatro orientadores de práticas para trabalhar conteúdos de ritmo e movimento (danças, atividades lúdicas com ritmos, etc.) e fazer o contraponto com as práticas orientais. Assim, no conjunto, as práticas foram divididas em orientais e ritmo e movimento e cada UBS passou a ter dois dias da semana com atividades sendo, um dia de uma hora com ritmo e movimento e outro dia de uma hora de práticas orientais. Esses profissionais passaram a ser chamados de Educadores Sociais (ES), trabalhando duas horas por dia em duas UBS no mesmo dia (de segunda a quinta-feira com as práticas na UBS e na sexta no curso de formação).

Aí em 2011 começou realmente com ritmo e movimento e práticas corporais com 16 educadores, em duplas, não era mais só yoga e Lian gong e aí ficou muito legal achei muito bom esse novo formato. (Maria do Carmo)

Em maio de 2011 o De Bem com a Vida amplia os conteúdos desenvolvidos nos grupos com rodas de conversa, poesias, músicas, leituras, movimentos corporais, alimentação, etc. Paralelo a isso, foram contratados mais oito ES (totalizando 16) de diferentes formações profissionais (**multiplicidade de olhares – terceiro pilar metodológico**) que passaram a trabalhar quatro horas por dia em uma única UBS,

sendo que duas horas com práticas corporais e duas para conhecer os profissionais de saúde e o cotidiano da unidade.¹⁸¹

Lembro-me da angústia de alguns ES por terem que ficar ali “parados” na UBS sem poderem formar novos grupos de práticas. A solução foi arrumar uma tarefa para esse período: sentar na sala de espera da UBS e anotar tudo o que poderiam observar – movimentação dos médicos, enfermeiras, agentes comunitários, quem falava com quem, felicidades, amarguras, etc. – para depois discutirmos nas reuniões de formação. Este exercício foi muito bom para começarmos a compreender a complexidade do espaço UBS e como poderia ser o espaço de práticas corporais. (Marcos)

Figura 8: Multiplicidade de olhares.

Para melhorar a troca de experiências entre os educadores sociais com distintas formações, o trabalho passou a ser feito em duplas, ou seja, um ES com maior

¹⁸¹ A ampliação do horário com “proibição de formar novos grupos de práticas corporais para além das duas primeiras horas de trabalho “pode ser considerado um momento chave da implementação do De Bem com a Vida”, porque os ES estavam acostumados, somente, a “ensinar” as práticas e agora passaram a ficar duas horas “criando vínculo” com os profissionais de saúde e conhecendo o cotidiano da UBS.

experiência em ritmos e movimentos iria fazer dupla com outro com maior conhecimento nas práticas orientais. Assim, por exemplo, uma UBS teria aulas de ritmo e movimento na terça-feira e práticas orientais na quinta-feira.

depois que eu e o Evandro agente se afinou, porque até então a gente era meio... né? Um dia a gente sentou e falou o que está acontecendo, vamos conversar e aí eu falei o que me incomodava e ele falou que incomodava e a gente resolveu. Pronto, deste dia em diante a gente começou a trabalhar em dupla, e aí o Evandro também me ajudou bastante, me dar uns toques sabe “não Flávia é isso, isso, isso, calma, vai assim, vai assado, não é por aí” e aí eu fui indo. (Flávia)

a partir dali também eu comecei a ter um relacionamento melhor com a minha dupla, com a Flávia, porque muita coisa emperrava entre nós, porque eu achava que ela era... que era dela, mas a maioria das coisas eram minhas, então a partir dali ficou muito mais gostoso e (...) as coisas foram evoluindo, foram ganhando mais confiança, foram ganhando mais liga. Hoje, de um ano, até mais, um ano e meio ou dois anos eu posso dizer que nós trabalhamos em dupla. Então, é muito gostoso o trabalho em dupla, eu não sabia, bem mais gostoso, menos estressantes e bem menos cansativo. (Evandro)

Trabalhar com o William foi muito bom, porque ele era mais tranquilo, mais ponderado, mais sossegado, e eu era sempre 220. A gente conseguiu trabalhar junto numa calma e conseguiu fazer o trabalho bem feito porque ele “pera aí”. “Tá, eu vou fazer isso aqui e você faz isso”, mas “Pera aí”. Sempre tinha um “pera aí” e eu acho que isso foi bom, o “pera aí” às vezes foi bom também. (...) Ouvir “pera aí” de vez em quando é bom porque você precisa de um freio, a gente aprende e sabe que precisa dessa troca. (...). Quando a gente muda de dupla a gente perde aquele vínculo que tinha, perde um monte de coisa. Trabalhar com a Maria do Carmo é sempre tranquilo também, mas [com o William] a gente já tinha um... Quando a gente conhece o outro a bastante tempo é fácil, mas quando começa de novo você vai caminhando, você tem que saber o que vai fazer, de que forma vai fazer, mas isso também é bom, não é ruim porque a gente aprende de outra forma. (Andréia Lica)

Eu acho que o trabalho em dupla é uma coisa que tem por natureza uma potência e é dessa potência que eu falo o tempo inteiro. Porque você tem uma troca muito grande, primeiro por tipos de pessoas, por ideais e por práticas e eu acho que isto é um contraponto muito bom, muito forte. E eu acho que o fato da gente estar em vários lugares também gera potência (Rodrigo)

a gente conseguiu trabalhar muito bem juntos e eu acho que a gente conseguiu uma parceria que foi fundamental para o nosso trabalho crescer.

Nós somos diferentes, mas a gente conseguia “linkar” algumas coisas. Eu falo que é engraçado, porque o William trabalhou na Igreja São José e eu nunca trabalhei na igreja e as pessoas me conheciam, a gente tem uma afinidade, uma coisa que foi legal é que a gente trocou muito o que estava acontecendo, o exemplo que eu posso dizer foi a colcha de retalhos que a gente fez. No grupo dele as pessoas não fizeram, mas tiveram pessoas que fizeram pedaços de crochê e enviaram para a gente fazer. (Andréia Lica)

Esta estratégia de trabalho em duplas associada à multiplicidade de olhares potencializou o olhar atento para os espaços internos e externos da UBS, possibilitou ampliar a diversidade de conteúdos e lidar melhor com o repertório mais sistemático da atividade física o que acarretou na necessidade dos educadores sociais serem mais inventivos na atuação junto aos grupos de práticas.

Nós já trabalhamos algumas composições espaciais, mas sempre com o próprio corpo deles para construir um ambiente sempre utilizando o corpo dos participantes. Então, se nós queremos construir um parque. O que cada um gostaria de compor nesse cenário? Então, tem pessoas que vão fazer personagens, sei lá, um casal namorando, mas outra pessoa vai querer ser um banco ou uma cachoeira alguma coisa assim. (Clarissa)

Num primeiro momento a gente falou pouquinho da resistência de como é o de bem com a vida com mais liberdade contra corpos que são mais resistentes, que querem o repertório mais fechadinho, que é aquilo que eles estão habituados, que é aquilo que chega até eles das ginásticas, em fim, em contraposição com o corpo que experimenta mais. Como é que a gente pode diluir um pouco melhor essas fronteiras. Eu Sempre tentei entender, eu nunca fui de confrontar, provocar sim, mas nunca fui de bater muito de frente com isso não. Então como é que é entender e dialogar com essas outras naturezas corporais, essas outras instâncias. (William)

Se no começo eu pensava em uma prática para tentar trabalhar em todos os grupos e depois da aula eu deixava isso fugir e tomar os próprios caminhos, hoje eu tento trabalhar os mesmos pontos, mas às vezes eu vou trabalhar um ponto aqui nesse grupo hoje e só no mês que vem o mesmo ponto no outro grupo, porque eles estão com energias diferentes, em momentos diferentes, com vontade diferente e precisando de coisas diferentes. E também tem intensidades e durações muito diferentes o trabalho com um grupo que tem menos de 10 pessoas e outro que um dia de sol chega a 50. (Clarissa)

eu faço [artesanato] porque elas querem, porque surgiu. Por exemplo, o ano passado, nos grupos, eu fiz em cada um dos grupos uma colcha de retalhos, cada duas ou três pessoas levaram um pedacinho de tecido a

gente juntou e montou uma colcha e no final a gente sorteou para as pessoas do grupo. Mas isso foi assim: “gente eu tenho uma proposta” Falei o que era, “vocês topam fazer?” e elas “topamos”. Então a gente fez e a colcha de retalhos serviu para outras coisas, a gente trabalhou outras atividades, trabalhou juntar o pedacinho de cada um que são as diferenças.
(Andréia Lica)

Muitas vezes não é na aula, é fora da aula, mas que se deu na conversa em aula, por exemplo, quando a gente teve que fazer nos grupos a pesquisa de oficinas¹⁸², veio aquele monte de sugestões. Ah! Beleza, saíram estas e as outras? E aí veio a cobrança [do próprio grupo]... Vamos cantar? Vamos fazer um grupo de coral? Vamos jogar xadrez? Vamos fazer mais jogos? Essa necessidade me fez buscar a pessoa que canta (...) busquei fora e fui fazendo esses links. Mas dentro da prática [...] é na conversa também que eu conheço um pouco mais a aluna e eu faço a proposta, eu falo que é isso mesmo o nosso projeto, essa relação, essa diversidade, trazer a sua prática, não é só a minha não, não é me copiar, é a sua, que pode ser qualquer coisa, uma música, uma pintura. (Simone)

A multiplicidade de olhares também perturbou o campo hegemônico da Educação Física com diversidades de profissionais e conteúdos, incompreensões e falta de identidade e criou certa desorganização, o que dificultou o controle que o conselho de classe da educação física vem impondo sobre as pessoas e profissionais que lidam com o corpo. Mesmo assim, a secretaria de Saúde recebeu uma intimação porque um Agente Comunitário de Saúde estava caminhando com um grupo de pessoas na rua, o que expõe, a meu ver, a fragilidade desse conselho na incompreensão sobre os diversos temas do cuidado em saúde.

Mesmo com o curso de multiplicadores as inseguranças e incertezas dos educadores sociais continuavam, pois ainda havia dificuldades de entendimento sobre os conceitos que estavam em jogo e também sobre as práticas que cada educador social desenvolvia. Assim, em fevereiro de 2011 quando terminou o curso que acontecia às sextas-feiras, se manteve o dia como um espaço de formação permanente dos educadores sociais que ocorreram no Lazer **(formação permanente – quarto pilar metodológico)**.

No início, esse espaço de encontros serviu principalmente para os educadores sociais se conhecerem, trocarem experiências sobre as diversas práticas

¹⁸² A pesquisa de oficinas foi um recurso que utilizamos para nos ajudar a conhecer os desejos dos participantes sobre outros conteúdos para contratação. Oficinas de massagem, suco, estética facial, agroecológica, customização de camisetas, música são alguns exemplos.

profissionais e mapearem espaços próximos às UBS para a realização das atividades.

Assistir todas aquelas pessoas que eu não conhecia e cada um trazendo um repertório de vida e um produto de trabalho eu falei: “caramba meu, acho que vai ser muito legal eu conhecer mais essas pessoas e construir este trabalho em conjunto”. (William)

[No território] fui encontrar as pessoas (...) e a gente foi entrando nesses lugares, descobrindo esses corpos, como é que eram, como é que não eram. Entendendo qual era o meu repertório, como é que a gente podia encontrar com aquilo que eu, enquanto profissional, trazia de experiências para a gente criar algo nosso. (William)

Figura 9: Formação permanente.

Depois com o programa mais consolidado o espaço de formação permanente ajudou a instigar os educadores e fortalecer vínculos.

Eu acho que os nossos encontros aqui também sempre foram bastante provocativos, entre as falhas de nós educadores e a fala do Marcos, eu acho que sempre veio de alguma maneira e nos provoca, me provoca e me movimenta de algum modo. Eu acho que nossos encontros são muito produtivos por esse movimento de potencializar a vida do profissional, da

gente se encontrar e permear, essa permeabilidade dos grupos aqui e de vocês lá no meu grupo, isso passa por tudo. (William)

todo esse movimento no sentido da ideia e você nos motiva, você nos cutuca, você dá exemplo, põe um filme, brincadeira, jogos, e isso faz com que nos possamos fazer cada vez mais, fazer mais, fazer mais... Eu vejo como a maioria, a gente conversa muito informalmente. (Rose)

Eu acho que as reuniões de sexta, mesmo que aparentem serem chatas, elas não são. Eu acho que são reuniões muito proveitosas, a gente sai pensando, (...) faz a diferença (...) se não fossem essas reuniões se a gente tivesse ficado só lá com a Cíntia ¹⁸³ eu acho que ia ser difícil fazer essa unificação do que é o De Bem com a Vida (...), isso também me deixou meio assim eu falei será que vai dar certo essa história, mas aí observando... (...) conheci melhor as pessoas, fiz parceria com Evandro com a Gisele e comecei a ver (...) Essas reuniões são muito importantes, você é muito importante nisso, mesmo com esse seu não colocar... “não sei...”. Acho que não sabe mesmo, mas isso dá mais chance das pessoas se abrirem e colocarem seu potencial (...) acho que só ajuda, acho que isso é muito importante é uma coisa que eu tinha medo que acabasse quando a gente fosse contratada ¹⁸⁴ (Maria das Graças)

Encontrar os espaços para fazer as práticas corporais também foi outro desafio porque, no Esporte, “pairava” a contínua ideia de que a cidade já tinha um programa de atividade física nos centros esportivos e, portanto, o DBV não era necessário. No Lazer, tínhamos uma visão de certa forma parecida, porque o que estávamos propondo não era um programa de atividade física e que desenvolver o DBV nos centros esportivos seria muito difícil, não somente pela negativa de agendamento dos espaços pelo Esporte, mas, sobretudo, pelo entendimento das pessoas que os centros esportivos eram espaços de atividades físicas. Assim, a deliberação era ficar longe dos centros esportivos e encontrar outros lugares que não tinha nenhuma atividade.

tinha uma sede que era um barracão lá na praça e a gente mudou para essa sede. A sede era cheia de frestas e a gente ficava com medo de que ia cair alguma coisa na cabeça da gente, mas nunca caiu nada, o chão era limpinho, estava tudo certo. Depois a gente passou para um lugar em frente que era uma quadra de futebol que tinha um espaço que fazia churrasco e a gente ficava naquele lugar, o chão era todo irregular, então a gente enfrentou muitos desafios muitas coisas difíceis no começo. (Maria do Carmo)

¹⁸³ Cíntia era da empresa que ganhou a licitação e no início acompanhava os encontros de formação.

¹⁸⁴ Após três anos os educadores sociais foram contratados pela fundação do ABC – Central de convênios.

Esse espaço foi fundamental para colocar em discussão as melhores estratégias de trabalho, aprender sobre a prática do outro, estabelecer comunicação direta e franca e pactuar definições (muitas vezes compartilhadas e outras não) de diretrizes, planejamentos, ações e avaliações ao longo dos anos.

Após os primeiros anos de trabalho, com alguma dificuldade de formar grupos dentro das UBS e a necessidade de potencializar os multiplicadores que participaram do curso de formação de multiplicadores, criou-se o que se chamou de núcleo de trabalho (**núcleo de trabalho – quinto pilar metodológico**) também com o objetivo de trazer mais próximo do programa os gerentes das UBS e os apoiadores institucionais¹⁸⁵,

Figura 10: Núcleo de trabalho do território.

Lembro-me como se fosse hoje, lá em cima naquela sala, logo quando reuniu todo o grupo, a gente estava com dificuldade de formar os grupos dentro da UBS com os funcionários, tinha muita negação aí eu me lembro de uma fala do Marcos, ele falou bem assim, me lembro com todas as

¹⁸⁵ BRASIL. Ministério da Saúde. HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4a ed. Brasília (DF): MS; 2008 p 53-53. Apoio institucional é uma função gerencial que reformula o modo tradicional de se fazer coordenação, planejamento, supervisão e avaliação em saúde. Um de seus principais objetivos é fomentar e acompanhar processos de mudança nas organizações, misturando e articulando conceitos e tecnologias advindas da análise institucional e da gestão.

palavras porque eu acho que ele notou que o grupo também estava com certo sentimento de rejeição com os funcionários. Ele falou assim: “Se nós não mudarmos o que nós somos por dentro nada do externo vai mudar”.
(Evandro)

Entretanto, a demanda de trabalho dos profissionais de saúde dificultou o apoio direto ao programa da maneira como foi pensada no início, mesmo das pessoas que estavam entusiasmadas após o curso de formação de multiplicadores. De qualquer forma, o envolvimento foi aumentando no decorrer dos anos com a participação dos educadores sociais nas reuniões internas da UBS, com um melhor entendimento dos conceitos discutidos no curso e com a visibilidade que o programa alcançou no governo.

O Lazer continuava ofertando atividades, mas agora com o objetivo de conhecer as peculiaridades do cotidiano das UBS e a relação que os usuários estabeleciam com a sua UBS de referência. Foram contratados violeiros para tocar música na sala de espera das UBS, o que foi uma experiência muito valiosa. A ideia era que os violeiros fizessem uma provocação de alegria dentro do espaço UBS, normalmente reconhecido como espaço de doença, e o resultado nos surpreendeu pelas inúmeras possibilidades de reflexão. Por exemplo

A gerente do Planalto ficou meio brava porque as funcionárias começaram a dançar durante uma oficina de Violeiros. (...) Foi um baile na recepção muito legal para quem chegava... Tipo, você chega no hospital para passar no médico e não espera aquela cena. Foi muito engraçado, ele [violeiro] foi passando pelo corredor e os médicos falaram: nossa que legal, hoje está diferente, podia vir todos os dias. (Katia)

As respostas dos usuários frente a essa provocação foi muito interessante, tinha estranhamento de alguns... “Será que eu vou ouvir o meu nome?” (...) “tem um cara aqui cantando e eu quero prestar atenção quando eu vou ser chamado”. Teve um senhor que puxou o violeiro pra ele e ficou cantando junto um bom tempo. (Katia)

As experiências que os violeiros relataram sobre a sua atuação também foi muito positiva e nos fez pensar, por exemplo, no tema do cuidado invisível, ou ainda, no alcance da ação para além do espaço UBS a partir do que nos foi relatado por um dos violeiros contratados.

Eu estava indo de ônibus numa manhã para tocar na sala de espera de uma UBS como vinha fazendo todas as manhãs. Eu vestia a camisa verde do De

Bem com a Vida e uma senhora que estava no ônibus se aproximou de mim e me perguntou se era eu que tinha tocado na UBS Nazaré no dia anterior e eu respondi que sim. Ela olhou fixamente para mim e me agradeceu dizendo: o senhor não sabe o quanto me fez bem ouvir aquelas músicas na sala de espera, mudou o meu dia. Eu fiquei ali, parado, sem muito que dizer, agradei e desci do ônibus para tocar na próxima UBS, feliz pelo alcance da felicidade e consciente da potencialidade do trabalho (Violeiro).

Nos fez pensar também na potência do estrangeiro.

A pessoa que quer autonomia parte do princípio que ela tem que mudar, ela tem que fazer coisas diferentes, mas isso só acontece, no meio que a gente vive hoje onde tudo é automatizado, por intermédio do estranho. Por que o violeiro faz tanto sucesso? Porque ele não é esperado. (Rodrigo).

A rotina é isso, você cai tanto na rotina que não percebe uma saída, (...) o estrangeiro percebe porque ele é novo. Eu posso estar no mesmo ambiente e fazer coisas diferentes, vai ser uma coisa e vai ter um tipo de potência. Agora, eu posso estar como estrangeiro e vai ter outro tipo de potência. (...) Então, para encontrar uma potência, para encontrar esse novo de novo, é difícil porque (...) o estrangeiro tem um impacto. Então, ficar neste estrangeirismo, vamos dizer assim, é bom, tanto como dupla, tanto quanto lugares diferentes ou como relação, porque a potência permanece viva. (Rodrigo).

Em muitos finais de tarde aconteciam discussões (disputa de ideias) no Lazer, nos primeiros anos com o Paulão e depois com Meire e Patrícia. Estávamos empolgados com todo o processo. Eu, muito afoito, “inventava moda” dentro da Secretaria de Esportes e Lazer, sempre questionando tudo e criticando as ações e condutas adotadas sem reflexão. Por exemplo, usar colete nos eventos do DBV para o público saber quem eram as pessoas da organização. Havia caixas de coletes e o seu uso em eventos era tradição, principalmente nas atividades do Expresso Lazer¹⁸⁶. No caso dos eventos do De Bem com a Vida que juntavam 800 a 1000 pessoas eu insistia que ninguém usasse os coletes, pois a maioria das pessoas fazia parte de grupos nas UBS e, portanto, se conheciam, não estavam sós. Se nós estávamos em busca de formar um espaço com participação, convivência, informação e práticas, os coletes estavam na contra mão. Meire, por exemplo, entendia que os coletes eram fundamentais, pois haveria grande número de pessoas concentradas e qualquer imprevisto as pessoas com coletes eram facilmente identificadas e poderíamos agir

¹⁸⁶ Expresso Lazer era um programa intersetorial que cuja gestão também era feita no Lazer, mas nesse caso era com a Secretaria de Educação.

com bastante agilidade. Independente do certo ou errado, do uso ou não do colete o que estava em jogo era a reflexão da natureza do evento que estávamos propondo e isso era determinante para compor o espaço de práticas corporais.¹⁸⁷

Paulão, (que nos primeiros anos era meu “chefe” direto) mais contido se apresentava para o debate nos finais de tarde. Era divertido e muito importante, porque entre conversas, discussões e até brigas íamos criando jargões como, “Marcão você é chato para C***” ou “*Marcão, junto!*”, dando risada é claro, mas pondo limites, porque no início ele era o interlocutor do Lazer com o Secretário de Esportes e Lazer e depois, quando assumiu outros cargos, o interlocutor com o governo.

O que quero dizer com esses exemplos é que a criação de um projeto e a execução de um programa depende de limites e interlocução comprometidas (no bom sentido do compromisso e não da barganha), formadas a partir do aumento da transversalidade, “garantindo uma comunicação que não se esgota nos dois eixos hegemônicos de organização do sócius: o eixo vertical que organiza as diferenças hierarquicamente o eixo horizontal que organiza os iguais de maneira corporativa”¹⁸⁸. O “freio” discutido, bem brigado e implicado é fundamental porque quando eu ia passar dos limites o jargão “Marcão, junto!” me dizia que por alguma razão, a proposta, a ideia ou a discussão tinha avançado as possibilidades reais, seja de orçamento, convencimento do governo, ou mesmo de aceitabilidade frente aos olhares pouco acessíveis dos muitos que trabalhavam na Secretaria de Esportes e Lazer.

A interlocução implicada media a busca das levezas do programa com as durezas institucionais, com os olhares de desaprovação e com as forças contrárias que julgam o inovador com discursos e poderes embasados na autoridade do hegemônico e que podem estar ali, bem ao seu lado, quase um “morando com o inimigo”. Digo isso porque um dos nossos maiores enfrentamentos estava ali, na sala ao lado, dentro da Secretaria de Esportes e Lazer, recheado de certezas, autoridades e poderes políticos que revelava e compunha fortemente com o campo

¹⁸⁷ Vale destacar que este tipo de discussão que aparentemente tem pouca importância é retrato das marcas que de forma consciente ou não vamos adotando como importantes e necessárias. Numa academia de ginástica, por exemplo, as camisetas estão marcadas com as palavras, professor, instrutor, personal trainer, hierarquizando a estrutura das relações colocando importância e valor.

¹⁸⁸ PASSOS; BARROS, 2012, p. 28.

hegemônico da Educação Física. Ou seja: a autoridade técnico/tática (do futebol, do vôlei, do movimento certo, da fisiologia, biomecânica, da saúde como ausência de doença e da atividade física como fundamental para a saúde) e a autoridade do poder (do treinador, do personal trainer e do professor sabedor, do especialista, da prescrição).

Estava eu ali, frente a frente com o que me angustiava: o campo hegemônico da Educação Física, dualista, técnico, prescritivo, que culpabiliza o outro numa relação causa e efeito, que ensina os pequenos e os grandes a competir, a confrontar, a passar por cima do outro e a ganhar medalha a qualquer custo, mesmo tendo que excluir a maioria (gordinhos, baixinhos, inábeis, solidários, tímidos) em detrimento dos poucos que recebem as medalhas. Medalha, medalha, medalha... dizia o Mutley para tirar Dick das enrascadas no desenho Esquadrilha Abutre. Isso tudo estava ali, na sala ao lado, Dick Vigarista, Muttley, Klunk e Zilly, além do General que comandava tudo à distância. A caça ao pombo Doodle adentrou o campo com um time de peso formado pelos representantes dos dominantes do campo da Educação Física após a apresentação do De Bem com a Vida para os secretários, mas, ano a ano, foi amargurando sucessivas derrotas para o campo da saúde embasado nas políticas de saúde, nas experiências e no próprio projeto que foi posto na mesa desde o início até se consolidar no governo¹⁸⁹ e ser, cada vez mais, empurrado para fora da Secretaria de Esportes e Lazer.

Inicialmente, me parecia que essas disputas dentro do campo da Educação Física tinham como objetivo a destruição do outro como requisito da sobrevivência, mas era exatamente ao contrário. Estar em campo com o “time” das práticas corporais, com os conceitos de promoção da saúde e no Lazer, fazendo frente aos dominantes do campo era estar autorizado a jogar o jogo e ser reconhecido e respeitado como legítimo participante/oponente. Estar em campo é ter a possibilidade de jogar, é fazer com que o adversário te observe, organize suas estratégias de enfrentamento e reestruture suas ações. É também exigir de nós a observação mais atenta do adversário e a reestruturação das nossas estratégias e ações, afinal, o jogo só é jogado quando se tem adversário, assim, o objetivo não é destruí-lo e sim vencê-lo e

¹⁸⁹ Hoje (2017) após a eleição com mudança de governo, partido e referenciais teóricos e conceituais o programa De Bem com a Vida se sustenta somente no bojo da Secretaria de Saúde. A Secretaria de Esportes e Lazer e o campo da Educação Física, a meu ver, amarguraram mais uma derrota para a incompreensão frente às suas certezas.

conquistar mais um troféu. Entretanto, para ter algum sucesso na reestruturação do campo é necessário um articulador/mediador, alguém que não esteja “brigando” em campo, que faça o papel do estrangeiro, que freie e articule as novas possibilidades e saídas para se jogar com potências e evitar o “jogo morno” ou o não jogo. Ou seja, a presença do mediador estrangeiro é fundamental para perceber o que vai se construindo durante o jogo entre as certezas hegemônicas e as incertezas da subversão. Entretanto, há de ser um mediador estrangeiro e implicado com a proposta, o que é imprescindível para o enfrentamento do campo hegemônico.

No campo da Saúde não era diferente, o De Bem com a Vida também fazia o papel do estranho, do fora, com práticas corporais “diferentes” do referencial saúde-doença (leituras, canto, manualidades, música, teatro, entre outras), criando outras possibilidades como os violeiros, a dança de salão¹⁹⁰ na sala da comunidade¹⁹¹ após o fechamento da UBS, passeios aos museus, andar de metro e o próprio curso de formação na saúde que foi proposto, organizado e mediado pelo Lazer, enfrentando, muitas vezes, as estruturas e práticas consolidadas.

Na Vila March teve uma época que me deixava com os pelos desse tamanho. Tinha escada e a nossa sala ficava lá em cima. As senhoras bem da terceira idade de 70 e poucos anos, 80, subiam e as ACS “pegavam no colo”, no colo não, mas no braço e ficava demorando para subir. Eu ficava lá esperando “mas essa turma não sobe?” Um dia eu fui lá e falei “o que está acontecendo?” “Porque elas podem cair” [falou a ACS] e eu falei “Como assim?” E comecei. A senhora mora em sobrado? Moro. A senhora sobe escada? Subo. E eu falei [para a ACS] “você está lá o tempo todo? Então, vamos parar com isso”. Aí fiz uma reunião com as ACS e elas me olharam de uma forma que parecia que elas queriam me estrangular. Hoje em dia elas falam “Ai, Rose, A gente era tão boba.” (Rose)

As disputas no campo Saúde também eram grandes com limites muito bem definidos. A supremacia e a distância dos saberes do campo Saúde sobre o Esporte

¹⁹⁰ A dança de salão foi um projeto proposto pelo Lazer no programa De Bem com a Vida, para “perturbar” o espaço Sala da Comunidade que encontrava resistência dos gestores das UBS em abrir as portas após o expediente. Foram contatados professores de dança com experiência em vários ritmos para mobilizar o espaço, agregar pessoas que estavam chegando do trabalho e incentivar uma prática corporal que não tinha ênfase na técnica da dança, mas no encontro e nas possibilidades e experiências de cada um. O projeto agregou a ideia do Espaço Conceitual e da formação permanente as sextas à noite para dar unidade à proposta.

¹⁹¹ Sala da comunidade é o nome dado a uma das salas das UBS reformadas de São Bernardo do Campo. Esta sala recebeu esse nome por ter duas portas de acesso, uma porta de acesso para dentro da UBS que fica aberta até o fechamento da unidade e a outra com acesso para a rua que permitem ações propostas pelos moradores da região após o horário de expediente, mas sempre com diálogo e pactuação entre moradores e gestores da unidade.

era medida em “anos luz” com “forças” que repeliam qualquer tipo de aproximação para além das permitidas. Eu fazia o papel do estrangeiro no campo da Saúde, mediando, freando e articulando novas possibilidades que também iam se construindo durante o jogo desse campo. Não raro, eu escutava falas como nós da Saúde é que pagamos os salários desses Educadores Sociais. Porque eles não cumprem os horários como nós cumprimos? Porque eles têm um espaço privilegiado de encontros semanais se eles são da Saúde? Porque eles estão divididos de forma que não seguem a territorialização da saúde?

Após oito anos jogando em São Bernardo do Campo, o que me passa é a certeza de sempre carregar as incertezas mais certas para contrapor com as certezas mais incertas e descobrir os caminhos que irão compor com as nossas experiências. Um dos caminhos foi perceber que é possível o enfrentamento e a reestruturação do campo hegemônico da Educação física por meio das práticas corporais, mas é preciso fazê-lo na tangência de outros campos, como o da saúde e das artes, com mediadores implicados “entrecampos” para que ressoe com mais potência para dentro da Educação Física, sobretudo no que tange ao cuidado.

Passando pelos vários relatos e pela prática de estar desenvolvendo esse trabalho já algum tempo, eu vejo assim, eu acho que não tem como a gente não se implicar no trabalho, a gente fala sobre o cuidado e automaticamente, se estamos implicados nisso, estamos nos cuidando e vamos nos transformando e tentando melhorar... (William)

Então, esse produto era uma coisa que me encantava, essa fronteira não delimitada dos corpos, porque o produto é nosso, a gente vai se permear, esse corpo é poroso, ele entra ele sai e a gente vai criar uma coisa nossa. É uma das coisas que a gente trabalha ao longo do tempo e consequentemente o profissional fica implicado. Eu estou completamente implicado dentro do repertório dos encontros que eu faço parte do De Bem com a Vida (...) e uma das coisas que eu gosto no desenvolver desse trabalho é que ele é feito de afeto. O afeto é bastante mobilizador para transformação quando um profissional se implica, enfim, é uma relação que se cria. (William)

Outro caminho incerto que se mostrou muito potente foi desenhar de forma esquemática os quatro espaços (informação, prática, participação e convivência) que compunham o espaço conceitual. Este publicizar ajudou a deixar claro qual era o entendimento inicial de um espaço de práticas corporais, mas, como já foi dito, sem perder de vista que esses espaços só se sustentariam se com a publicidade do

desenho esquemático não houvesse a perda do respeito com o sentido do espaço de práticas corporais, ou ainda, na perda do respeito com a intimidade motivada pelas práticas corporais. As diferentes formas de entendimento desse esquema repercutiram também de maneiras diferentes em cada prática e, muitas vezes, quando nas reuniões de formação nos referíamos a ele utilizávamos a expressão: os quatro pilares do De Bem com a Vida.

Hoje a dança para mim é uma ferramenta muito forte, não para deixar a galera dançante, mas eu utilizo a dança para tentar formar esse espaço de participação, esse espaço de equidade..., aqueles 4 pilares que a gente já conhece. Hoje para mim dança não é só em casal, quando a gente dança a gente constrói um ritual (...) você com você mesmo, você com o outro, é o tato, a sensação, é a emoção. (Evandro)

Eu percebo que a minha relação com os participantes sempre foi muito boa, muito tranquila, mas a minha relação com outras esferas como a dona do espaço, o gerente da UBS, o enfermeiro, não era muito boa. (...) A partir do momento que eu comecei a entender e valorizar os pilares eu comecei a ter mais atenção no sentido da relação. Então esses pilares foram fundamentais para a minha evolução nesta relação. (Evandro)

Na relação com o meu pai, eu não contei, depois eu tive um bate papo com ele (...) entendi porque ele fazia aquilo e a partir disso eu consigo ver o meu pai tomar uma, ele não bebe mais como antes, eu tomo até cerveja com ele.

Minha mãe olha e diz "eu não acredito você tomando cerveja com o seu pai". Foi por causa desse dia, foi por causa desses pilares, foi por causa do que eu falava que era utopia. Isso me transformou. (Evandro)

Ao longo dos anos o De Bem com a Vida foi ganhando vida, mostrando para nós várias possibilidades de fortalecimento do programa. Percebemos que era importante não perder de vista a ideia do Espaço Conceitual e tentar criar vínculo com e entre as UBS, assim a oferta de oficinas e eventos tornou-se sistemática ao longo dos anos. Nos primeiros anos houve muito investimento nos grandes encontros que reuniam todas as UBS (encontrão). Com o passar dos anos conseguimos ir diminuindo o investimento financeiro, pois os participantes começaram a compor com a programação, apresentando os diversos produtos e atividades que foram desenvolvendo nos encontros do DBV (encenações, comidas, manualidades, oficinas e ajuda na organização das oficinas). Estes “encontrões” também foram tema de muitas discussões durante as formações, pois havia diferentes entendimentos sobre o que era participação.

Lembro-me do festival gastronômico que foi um grande evento no parque com várias oficinas de culinária e degustações. Algumas filas longas se formaram e eu ficava muito incomodado com aquilo. Até que num momento, a Cleide (Profa. da Faculdade de Saúde Pública que estava visitando o evento) me falou para olhar para a cara das pessoas. “Consegue ver alguma pessoa triste, reclamando, impaciente? Elas estão todas se divertindo, conversando na fila, alegres, conhecendo outras pessoas. Elas estão participando...” (Marcos)

Abaixo está representada a linha do tempo com os maiores eventos e oficinas que necessitaram de contratações, muitas outras ocorreram, mas com pouco ou nenhum investimento financeiro.

Figura 11:
Out./2010 – fotos da festa de lançamento do programa DBV.

Destaque para a massagem, violeiros, degustação de sucos que depois viraram oficinas ao longo do ano.

Figura 12:

Nov./ 2010 – Oficinas de massagem.
Realizadas em todas as UBS do município.

Figura 13:

Nov./2010 – oficina de sucos com degustação.
Realizadas em todas as UBS do município.

Figura 14:

Mai./2011 – Violeiros na UBS.

Violeiros foram contratados para tocar na sala de espera de todas as UBS o que ajudou a mostrar um pouco da relação de cada UBS com os frequentadores.

Figura 15:

Jun./2011 – “Encontrão” no parque.

Repetindo o evento de lançamento foi realizado outro grande evento (encontrão) no parque com práticas orientais, danças e músicas. Foram fornecidos ônibus para as pessoas chegarem ao parque.

Figura 16:

Set./2011 – O primeiro grande baile.

Este primeiro baile reuniu as 32 UBS do município e serviu com estudo piloto para pensar o deslocamentos das pessoas pela cidade sem fornecimento de ônibus.

Figura 17:

Dez./2011 – Filarmônica de SBC.

Durante o mês anterior da Filarmônica de SCB todas as UBS confeccionaram instrumentos musicais com sucata e ensaiam Asa Branca para apresentaram no dia do evento.

Figura 18:

Fev.2012 – DBV e Expresso Lazer.

Integração com o Expresso Lazer. Outro grande projeto intersetorial do Esporte e Lazer, mas a com Secretaria de Educação. Os eventos aconteceram em todas as UBS.

Figura 19:

Jun./2012 – Encontrao no parque.

Outro encontrao, com ênfase na participação das pessoas com o DBV em painéis e árvore dos desejos, mas o transporte ainda era oferecido pelo município com um ônibus em cada UBS.

Figura 20:

Out./2012 – Dia das crianças nas UBS.

Os grupos do DBV interessados decidiram formas de participar com os profissionais de saúde. A maioria das UBS fizeram brinquedos artesanais com material reciclado (ex. bonecas de pano na foto).

Figura 21:

Dez./2012 – 2ª Mostra de Saúde.

Após participarem da 1ª Mostra de Saúde de 2010, alguns grupos quiseram participar da 2ª Mostra de Saúde com a apresentação de pôsteres.

Figura 22:

Fev./2013 – DBV e Expresso Lazer na UBS.

Outra edição do Expresso na UBS. Nesse ano houve a tentativa de envolver mais os profissionais de saúde, mas isto não ocorreu. Os eventos aconteceram em todas as UBS.

Figura 23:

Mai./2013 – Oficina de música da cultura popular brasileira.

Oficina realizada por Inimar dos Reis em todas as UBS. Em alguns locais a oficina aconteceu junto com o programa Tempo de Escola da Secretaria de Educação de São Bernardo do Campo.

Figura 24:

Mai./2013 – “Sarais” nas UBS.

Muitos “Sarais” foram realizados por iniciativa da própria unidade e o DBV ajudava na organização e divulgação para os grupos. (Foto: Sarau UBS Ipê).

Figura 25:

Jun./2013 – Oficinas agroecológicas nas UBS.

Além de discutir o tema, as oficinas foram realizadas em três partes na tentativa de aumentar a vínculo entre os participantes e a UBS. As oficinas aconteceram em todas as UBS.

Figura 26:

Implantação dos bailes a partir de 2013.

Os bailes reuniam todas as UBS e foram realizados anualmente. Em 2015 houve ampliação do programa DBV com dança no período noturno em algumas UBS e escolas a noites.

Abr./2013 – baile.

Set./2014 – baile.

Abr./2015 – baile dos anos 60.

Jun./2016 – baile de máscaras.

Figura 27:

Ago./2014 – Festival gastronômico no parque.

Com oficinas e degustação de comidas com todas as UBS. Os participantes do DBV puderam, em um dos espaços, compartilhar receitas e levar os produtos para degustação.

Figura 28:

Jun./2015 – Outro “encontrão” no parque.

A ideia dos encontros no parque era ir aumentando gradativamente a participação da comunidade na proposição de oficinas e ir diminuindo o investimento financeiro do governo mostrando à população a possibilidade de fazer eventos com pouco recurso financeiro.

Figura 29:

Dez./2016 – Último encontro no parque antes da mudança de governo.

Nesse evento praticamente não houve investimento. Um violeiro e uma dupla de palhaços foram contratados, mas a programação toda foi feita em cima das apresentações dos participantes do DBV.

Com todos esses eventos e oficinas e as divertidas discussões brigadas entre o Marcos, a Meire, a Patrícia e o interlocutor “Paulão pé no chão”, fomos costurando um interessante trabalho e o De Bem com a Vida foi ganhando reconhecimento em São Bernardo do Campo. A Divisão de Educação Permanente e Gestão Participativa, por exemplo, com endosso do Departamento de Atenção Básica, apontou o DBV como parte dos estágios obrigatórios do curso de especialização em Saúde da Família promovido pela Faculdade de Medicina do ABC com o intuito de

fortalecê-lo dentro das ações da Saúde. Na Secretaria de Esportes e Lazer o programa foi destaque na ação 2146 - Ampliar as ações do Projeto De Bem com a Vida do Plano Plurianual para os anos de 2014 a 2017. Para as eleições municipais de 2013, o governo incluiu o De Bem com a Vida no seu programa (2013 / 2016) na seção da Saúde - ações de implementação: “redes de cuidados intersetoriais que atendam o cidadão na plenitude de suas necessidades, a partir de um olhar mais integral e equânime sobre os diferentes problemas e necessidades da população”¹⁹² (SBC, 2012).

Se por um lado o De Bem com a Vida ia sendo reconhecido em São Bernardo do Campo, por outro havia a necessidade de se conhecer mais a fundo as relações que o programa estabeleceu e também identificar possíveis transformações ocorridas nesses oito anos, porque nas muitas reuniões que participávamos na Saúde, no Esporte ou no próprio governo, perguntas como o que era o DBV? Ou, o que o diferenciava de outras atividades com o corpo? Ou ainda, quais as mudanças no cotidiano dos usuários do SUS e nas suas relações com a UBS?, tornaram-se frequentes. Ou seja, contar em pouco tempo ou em palavras os sentidos implícitos do programa era tarefa quase impossível. A resposta era sempre decepcionante tanto para quem perguntava como para quem respondia, porque quem respondia se centrava na ideia de práticas corporais desenvolvidas nas UBS do município o que, no frigor dos ovos, era o mesmo que dizer, ginástica nas UBS. Quem perguntava se frustrava porque tinha ouvido falar do DBV na UBS ou de algum vizinho participante de que o programa era diferente das tradicionais ginásticas. Havia, portanto, uma frustração pela impotência de não conseguir publicizar, ou ainda, de não conseguir dizer em palavras os sentidos que o programa estava conseguindo produzir, mas havia também uma satisfação de perceber que de alguma forma os sentidos estavam sendo ditos.

acho que a gente já criou uma Egregory e funciona desse jeito, funciona por causa disso. Por isso quando alguém pergunta o que é o de bem com a vida a gente não sabe nem explicar por que é uma energia. E o positivo disso, acho que nós todos aqui acreditamos, é que cada pessoa tem, todo mundo tem isso dentro, você só tem que despertar e o projeto De Bem com a Vida faz isso, do jeitinho e como dá. (Maria da Graça)

¹⁹² SBC – São Bernardo do Campo. São Bernardo não pode parar. Programa de governo 2013/2016. São Bernardo do Campo: 2012, 63p.

A saída escolhida foi realizar uma cartografia do De Bem com a Vida, pois, assim, teríamos a possibilidade de aproximação dos fluxos e linhas de forças que compõem o território DBV, como um objeto dinâmico, vivo, repleto de inter-relações.

O exercício que se segue e último desta travessia procura contar, a partir das histórias (relatos de experiências) dos educadores sociais, algumas das relações que o DBV teceu e identificar possíveis transformações nos participantes e nos próprios educadores.

Teve um dia que eu fiz um cartazinho e escrevi assim: conte uma história para mim e fiquei na recepção. Chegaram para mim várias histórias e eu não imaginava que fossem chegar histórias de pessoas que trabalhavam na UBS. Sentavam do meu lado “abaixa esse cartaz aí... Faz de conta que eu não estou falando uma história para você sobre mim, faz de conta que eu estou falando alguma coisa do De Bem com a Vida, faz caras e bocas” e a pessoa ia falando ali... (Ana Cláudia)

Peneirando

E aí eu trago um relato de uma senhora, ela se chama Dona E. Hoje ela não faz parte mais dos grupos porque ela fez uma cirurgia e ela ficou um pouco debilitada. Há um ano, eu fazia uma atividade, eu sempre começava com essa atividade para descontrair, eu colocava uma música que é de uma peneira e agente simulava uma peneira, a gente gesticulava e fazia uma peneira e peneirava, peneirava, peneirava, bem rápido. Eu falava que elas tinham que peneirar com a cintura, mexer o quadril e elas gostavam sempre dessa prática. A Dona E. começou a faltar porque ela já estava ficando debilitada e um dia agente estava conversando no grupo sobre ela e as meninas falaram: A dona E. é o maior barato... Elas começaram a falar da dona E., falar como era o jeito dela, que ela era toda animada, enfim, e começaram a contar várias situações dela. Uma dessas situações é a que um dia indo embora do grupo, elas estavam subindo o morro para ir para casa delas e de repente a dona E. sai correndo na frente e as duas que estavam com ela estranharam. Ela foi falar com o pedreiro que estava na frente da casa fazendo a obra e ele estava com uma peneira, peneirando areia e aí ela chegou: "Ô moço, não é assim que se faz não, é assim". Ela pegou a peneira dele e começou a balançar. Ouvindo um relato de um relato foi muito legal, muito bacana, mostrava como que ela se tornou especial dentro do grupo. Até hoje se fala dela, as pessoas lembram. De vez em quando a gente faz visita na casa dela e faz a atividade na casa dela. (Rodrigo)

Meu pai

Meu pai sempre fez uma coisa que eu nunca aceitei que é beber. Eu nunca entendi o porquê ele bebia se a gente era uma família feliz, lutadora, batalhadora, todos os irmãos trabalhadores. (...) Eu tomava pancada de tudo quanto fosse jeito, mas eu não podia ver o meu pai bêbado. Isso pra mim... Tanto que eu falo me emociono até hoje, eu podia ser mandado embora, não conseguir a construção dos meus sonhos, mas,

ver o meu pai bêbado era muito ruim, muito, muito, muito, muito, muito, muito. (...). Aí eu me lembro, como se fosse hoje, lá em cima naquela sala, logo quando reuniu todo o grupo a gente estava com dificuldade de formar os grupos dentro da UBS com os funcionários, tinha muita negação, aí eu me lembro duma fala que o Marcos falou, me lembro com todas as palavras porque eu acho que ele notou que o grupo também estava com certo sentimento de rejeição com os funcionários. Ele falou assim: “Se nós não mudarmos o que nós somos por dentro nada do externo vai mudar”, de acordo com aquela situação que a gente estava vivenciando. Aí ele teve essa fala nessa reunião e eu saí... Eu me lembro certinho... num sábado, meu pai bebeu, ficou bêbado a gente discutiu e eu falei meu vou sair, vou correr, (...) eu queria entender o porquê ele fazia aquilo porque para mim não tinha o porquê. E aí eu saí pra correr na chuva, muito louco, muito louco... A chuva caindo e começou a passar um turbilhão de ideias na minha cabeça e eu comecei a querer entender porque algumas coisas davam tão erradas para mim. (...) A fala do Marcos veio forte na minha cabeça: se a gente não mudar nosso interno nada do externo modifica. Eu comecei a querer entender isso então eu corri 10 quilômetros, eu corri de Mauá até Ribeirão Pires na chuva, na chuva era um dia chuvoso, eu me lembro que eu voltei leve, leve, até o meu semblante mais calmo, mais tranquilo eu olhava pro meu pai e ele bêbado. Eu sei que a partir desse dia eu comecei a entender o projeto, a partir desse dia eu comecei a entender o que o Marcos realmente queria era que o porquê de fazer é tão importante o como fazer. O porquê de fazer fundamenta o como fazer, só que eu só tinha o como fazer, as vivências que eu tinha só me agregaram à prática, o como fazer, eu não tinha essa teoria, eu não tinha essa abertura de entender que a teoria fundamenta a prática, fundamenta assim. Se você ler, se você consegue conhecer novos autores isso vai fundamentar você de alguma maneira. A partir daquele momento, eu vi que eu cresci, eu tomei tanta pancada, mas eu não aprendi com as pancadas. Com as pancadas eu aprendi a ser mais duro (...). A partir daí eu vi que as minhas aulas e os nossos encontros ficaram mais ricos com as alunas, eu deixei de ser o bobo da corte, eu me nomeio assim, antes de ter essa passagem eu era um bobo da corte eu ia lá alegrar a galera. Eu achava que estava fazendo alguma coisa, mas não estava, hoje tem fundamento que eu faço, naquela época, antes dessa passagem, não tinha, porque eu era preso, porque eu acho que as nossas verdades, às vezes são ensurdecedoras. Às vezes você ouve alguma coisa e a verdade que você carrega está latente ali, não, isso não, isso não, isso não, então ela te deixa cego (...) a partir daí eu fui norteando um cara mais sensível mais legal, mais educado (...). Quando fala do De Bem com a Vida, pra mim é evolução, é a minha evolução. O De bem com a vida me mostrou novos personagens, hoje eu entendo quando a Gianpietro me falava com relação ao ritmo, a sensação, nada daquilo pra mim fazia sentido em relação à dança, hoje faz porque eu não estava maduro para entender aquela informação que ela me dava. Vieram novos personagens, Jaime Arouxa, Paulo Roberto Cuba, Rogério Mendonça... Então você vai agregando personagens e abrindo a sua cabeça, vão criando outro norte, vão deixando as atividades mais ricas. Muito legal porque, a partir disso, eu comecei a ter um feedback maior das alunas, você começa a identificar coisas no grupo mais sensíveis que aos antigos olhos passavam despercebidas. (Evandro)

Como vou lidar com isso?

F. é um aluno que eu tenho, eu não sei bem o diagnóstico dele, ele tem um atraso mental. Chegou lá com a mãe, totalmente tímido, não falava e quando ele chegou eu falei "Jesus, como eu vou lidar?" Porque eu nunca tinha tido, até então, um aluno assim. Ele começou a ir com a mãe e ela começou a superproteger ele muito. "Ah!, vamos fazer duplas" era ele e a mãe, ela não largava, era muito ali. Eu não tenho experiência com esse tipo de aluno, acho que o menino não vai ficar independente, ele já tem 32 anos e aí eu percebi que eu comecei arrancar um sorriso do F., que ele começou a se soltar mais. Tem uma agente de saúde que trabalha comigo e ela me ajudou bastante nisso porque eu acho que ela já tem mais experiência com esse tipo de situação, ela começou a incentivar ele "Vamos lá F., vem comigo" e começou a falar com a mãe dele "mãe deixa ele um pouquinho, calma ele está aqui com a gente". Começou aos poucos, começou na brincadeira a falar para a mãe dele "eu vou te separar dele... você pode parar... sai os dois... não, agora ele é meu". Fazia esse tipo de brincadeira e a gente percebeu que o F. começou a gostar muito disso, de sair um pouco da aba da mãe, a gente percebia que ele se entregava muito mais, começou a conversar mais, começou a olhar mais a gente nos olhos, começou a brincar, sorrir, a fazer as coisas com mais vontade. Todas as vezes que ele estava separado da mãe ele ficava mais livre e a gente falou "opa! esse é o caminho". A mãe dele era muito protetora e conservadora, ela foi lá, na verdade, porque ela queria que o F. emagrecesse. Aí um dia a gente estava lá na aula e o F. apareceu sozinho e a gente fez assim "meu Deus cadê a mãe dele?" Aí a gente perguntou: "F. cadê a sua mãe?" "Ah não vai vir hoje". A mãe dele nunca mais foi, ele começou a ir sozinho começou a conversar... Já conversa, já brinca, já dá risada, já faz piada e foi tudo muito assim... Ele foi gostando, foi ficando e a gente foi tendo essa percepção, claro com muitos medos né, porque a gente não tem experiência com isso, ficamos morrendo de medo, mas a gente foi devagarzinho. A turma também ajudou muito por que a turma o acolheu numa boa ninguém fez diferença porque era o F. que tem necessidade, não, ninguém fez distinção. A gente teve um probleminha com a mãe porque teve um mês que o F. começou a não ir às aulas ou chegava atrasado e a gente pensou "Será que aconteceu alguma coisa? O F. está doente?" Aí a gente foi procurar saber e a agente de saúde foi lá. "Está tudo bem com o F. é que ele perdeu a hora" ela falava, ele perdeu a hora, ele perdeu a hora. Estranho o F. nunca perdeu a hora ele sempre estava lá às 7h15 e aula começa às 7h30. Até que um dia o F. foi, chegou atrasado e a gente perguntou "F. o que aconteceu com você, você estava doente?" "É que minha mãe me dá o remédio sempre de noite e o remédio é muito forte, me faz dormir muito, eu já falei para ela não me dar o remédio de noite porque eu quero acordar para ir no De Bem com a Vida, mas ela não quer saber. Agora sabe o que eu tô fazendo? Eu tô pegando o remédio, finjo que tomo e jogo fora para poder acordar e vir no de bem com a vida". Então, conversei com o psicólogo e eu não sei em que pé anda, eu não conversei mais com ele, mas ele tem ido às aulas e ele nunca mais comentou nada. O F. é o orgulho da turma, meu orgulho, orgulho da Agente de Saúde. A gente ficou muito feliz porque pôde ajudar esse menino, pôde ajudar a relação com essa sua mãe, mesmo que um pouco, conseguiu fazer com que ela soltasse um pouco F. e percebesse que ele tem condições. (Flávia)

Capoeira

Estava tendo um grupo de crianças com capoeira no parque e nós estávamos comendo. O seu S. foi lá, ficou olhando na beirada e o professor falou "Sr. Sr. Fica aqui no meio". Aí ele ficou no meio e a criançada começou a jogar capoeira e ele ali no meio. O homem começou a gingar e aí os alunos também quiseram, até eu joguei capoeira. Foi muito legal, teve uma hora assim que eu parei e falei para a ACS "pára tudo e olha o que está acontecendo aqui" Os olhos da meninada!, Foi muito legal, acho que o aprendizado dos dois lados foi maravilhoso, quanto terminou os meninos agradeceram "muito obrigado por vocês me deixarem ensinar um pouquinho da capoeira". Ai choraram, abraçaram, mereceria ter um filme, foi muito legal. (Rose)

Alimentação e olhar

Quando eu entrei no N. eles já faziam os passeios. Toda última quinta feira eles fazem um passeio e quando chove vamos ao único lugar que tem cobertura que é no Salvador Arena. Alguns vão porque querem comer, só simplesmente porque querem comer. Eu fui educando porque no começo era um horror, a gente colocava as coisas lá e a turma avançava, salve-se quem puder e tinha gente que não conseguia comer. Levava-se refrigerante, fritura. Eu durante seis meses fui conversando com as enfermeiras, com as ACS e fui mudando. Hoje no N. tem uma equipe, elas vão de luva, elas põem o negocinho para não cair o cabelo, elas colocam e as alunas ajudam. Primeiro chegam as frutas, todo mundo come fruta e vão fazer as atividades que o lugar oferece, depois na hora de servir as ACS servem, eu também, quando vai a gerente também, elas sentam e nós servimos como se estivessem num restaurante. Um dia eu perguntei para elas, agora que a gente faz deste jeito vamos comparar antes e depois. "Ah! Professora, antes a gente parecia um bichinho". E parecia mesmo. Tirei umas fotos que não tive coragem de mostrar para elas porque ia desvalorizar muito. Eu trabalhei com textos em cima disso. Hoje em dia eles são maravilhosos, eles têm o olhar, porque quando eu falo desse olhar que eu tenho eu peço para eles também terem. (Rose)

O outro lado do dentista

O dentista da V.M. é muito brincalhão quando ele me encontra ele vem me beija e diz "e aí professora, preciso fazer a sua prática". Ele é gordo e muito simpático. Aí um dia ele falou assim "qualquer dia eu vou lá" e eu disse "gostaria mesmo", mas séria e ele falou assim, "porque estou muito gordo?" eu disse "não, gostaria que o Sr. fosse qualquer dia me visitar". Passou um tempinho, fiz uma roda com a turma e comecei a perguntar os nomes e comecei a perceber a flacidez. Comecei a dar exercício para flacidez da boca e aí eu percebi que a maioria tinha dentadura. "Usa prótese, mas vai ao dentista?", perguntei e elas "não". Saindo de lá encontrei o dentista e falei "Dr. preciso do Sr." e contei. Ele foi, viu que muita gente precisava ou por causa de prótese solta ou larga ou porque a prótese estava machucando, ou porque estava quebrada.

(...) Aí um dia que eu não podia ir à aula ele foi, eu não assisti, mas a turma falou que foi ótimo. Ele é 10, ele faz piada, fez de conta que estava fazendo ginástica, deitou no chão, tudo falando da boca. Eles adoraram. Então houve uma aproximação muito grande, eles não olharam só a prótese. Teve esse olhar, tinha flacidez mesmo, aí a fono foi falar sobre exercícios, foi um trabalho legal, mas só aconteceu na V.M. (Rose)

De Bem com a Vida na escola

Quando eu comecei lá na escola, eu já estava aqui no De Bem com a Vida e já tinha uma visão dessa questão do bem estar, de trabalhar a educação física para ter esse vínculo com as pessoas. Não é só ir lá, dar a ginástica, virar as costas e ir embora. Às vezes, eu converso com as minhas alunas disso: se eu estou aqui no projeto, dou a minha dança e viro as costas e vou embora, pra mim isso não é legal e não deveria nem ser para vocês. Quando eu entrei na prefeitura, toda segunda-feira nós temos a formação que é um horário para a gente fazer uma troca de experiência, fazer os nossos planejamentos de aula. Aí, eu chegava lá no infantil e eles não queriam saber nada do meu planejamento... Nada. Eu sofria, fiquei uns três meses sofrendo. Demorou pra cair a ficha. Aí eu comecei a pensar e analisar... Por que eu sou duas pessoas, de manhã eu sou uma, as pessoas vêm se divertem e fazem o que querem e à tarde tem que ser tudo do meu jeito, do jeito que eu planejo? Tem que ser e tem que dar certo? Eu vejo que a criança é que nem o idoso, que nem a gente, elas têm o tempo delas também, tem horas que vai rolar o planejamento, mas tem horas que elas não estão afim daquilo, elas estão a fim só de correr, de contar história. Aí eu comecei a escutar mais eles, a sentar e escutar. Eu achava que era produção, eu chegava lá e tinha que dar a minha aula, mas não estava rolando, aí eu comecei a fazer um pouco do De Bem com a vida lá na escola “vamos sentar, vocês querem falar o quê?” “Ah! Professora. É isso, no domingo eu fiz isso, fui passear com a minha família”... Eu vi que começou a mudar um pouco a minha relação com eles e a rolar mais. (Monica)

Bolinha de massagem

A filha e o neto moravam com a avó, mas a filha trabalhava o dia inteiro e ela ficava com o neto. Como bom adolescente ele começou a brigar com a avó e ela me dizia assim "meus filhos não foram assim" e ela sempre falava que não conseguia se relacionar com o neto. Um dia dei a massagem nos pés com a bolinha, um fazia a massagem no outro. Passou um pouco e ela falou assim "professora sabe que eu tive uma ideia e deu certo, eu pequei a bolinha e falei para o meu neto - Você não quer eu faça massagem no seu pé? - porque ele sempre reclamava que o tênis estava apertado" Ai ela fez massagem e não sei se foi no mesmo dia ou em outro momento, que ela conseguiu falar para ele o quanto ela ficava muito triste porque os dois brigavam muito e eles se entenderam. Ai eu contei para o Marcos porque foi naquela época que o Marcos dizia assim: faça com que o aluno leve para casa o conhecimento. (Rose)

Um, dois... Um, dois

Recebi uma ligação falando para começar em janeiro... Fiquei muito feliz. “E agora? Vou preparar as minhas aulas e expressão corporal, de jogo cênico. Desci para o poliesportivo do Taboão. Chegando lá, tem tudo para você fazer esportes. Tinha pesinho, tinha colchonete e o pessoal estava lá vestido um, dois... um, dois... e eu... “Ah, tá”

- Oi gente eu sou a Kátia... Sou formada em artes cênicas, eu vou passar aqui..... os exercícios no colchoneeeeteeeeee, mas eu queria conhecer vocês...

- Ah, tá! Depois a gente fala professora, você vai começar a aula quando?

- Nossa gente como assim? Então tá, vamos lá.

Mandei todo mundo para o colchonete. Gente, eu preciso ter um plano B, ninguém me falou que ia ser isso. Eu pensei que eu ia chegar e o pessoal já ia “Vamos fazer uma cena, nós estamos abertos para outras propostas”, mas não. Terminou a aula, parecia que tinha passado um caminhão por cima de mim. Chegou uma aluna para mim e falou assim

- Professora, você pode pegar mais pesado tá? O pessoal aqui é acostumado.

- Mais pesado... Tá, só que eu não vou pegar mais pesado..

- Por que não professora?

- Eu não vou dar aula de ginástica pra vocês, isso aqui é só para conhecer vocês, ver até onde vai o limite de cada um...

- O pessoal tá sabendo isso?

- Eu não sou formada em educação física, eu sou formada em Educação Artística.

- E o pessoal tá sabendo disso?

- Não sei, se não ouviram eu vou falar de novo. Gente junta aqui. Sou formada em Educação Artística e vou tentar passar para vocês um pouco do meu conhecimento da minha área ok?

Foi todo mundo pra casa e na próxima aula todo mundo... um dois, um dois. Enfim, aos poucos eu fui... não, não fui. Até hoje eu tento, eu juro pra vocês. (Katia)

Na hora da camisinha

Ontem foram 15 alunos da faculdade de medicina no Nazareth. Na hora que eles entraram foi na hora que eu rasguei a camisinha. Eu tinha feito uma preparação, falando de assoalho pélvico, já tinha falado de secura de vagina, de relação sexual, terceira idade pode namorar sim, e o respeito, o amor que é importante, daquele jeito que vocês devem ter falado e a camisinha era o ponto final. Quando eu fiz isso... eles entraram e eu sentei em cima da camisinha. Por elas e não por eles. Eles entraram, expliquei o que era o projeto, perguntei se eles queriam fazer alguma pergunta, mas não quiseram. O professor falou que talvez voltassem na quinta feira. Eu falei assim "A minha aula é como uma vitrine de doces, você passa "Hum! deve ser uma delícia.

Será? Tem que provar" Aí eles já deram uma risadinha. Aí eles estavam saindo e eu falei "posso dar um conselho? Ele disse "pode". Ai eu falei "Tornem-se médicos humanistas, tá?" porque os alunos reclamam. "Olhe para a cara do seu paciente, pergunte o nome, escute o que ele tem para falar" Aí uma aluna falou é isso mesmo sabe por quê? Isso, isso, isso... "Foi muito legal, muito. Depois eu dei os parabéns para ela". Ah! Preciso por isso no relatório. Aconteceu, não estava programado, é isso que é o DBV. (Rose)

O filho que eu não tive

A gente fez uma roda de conversa, isso já faz uns dois ou três anos, hoje a pessoa nem frequenta mais. A gente estava fazendo uma roda de conversa porque o grupo tinha crescido e para fazer uma aproximação fizemos apresentações, cada um falando um pouquinho de si. Aí teve uma das senhoras que, na hora dela falar, ela saiu. Voltou e pulou. Aí uma das meninas "A fulana de tal não falou!" "Ah! Meu nome é tal e eu não quero falar". Tá bom, tudo bem. Foi se passando o tempo o grupo foi ganhando um núcleo mais legal! E aí, eu não me lembro direito, era um desses informativos no final da aula e essa pessoa que não quis falar levantou a mão e falou assim "Evandro, eu queria falar". Pode falar. Todo mundo achou que ela ia falar algo relacionado ao que a gente estava conversando, ela pegou e falou assim: "Ó! Eu na vida hoje não tenho muitos motivos para sorrir, eu sou uma pessoa viúva, não tenho filho, o filho que Deus me deu ele levou na gestação, mas eu estou vindo aqui, criando novos vínculos e, professor Evandro, o senhor é o meu filho que eu não tive". Nossa meu, eu não, sabe... aí é legal que muda o personagem ela estava falando e aí todo mundo olhou pra minha cara... Eu não falei nada. (Evandro)

Baita artista

A. é um cara do Jd. O., um estilo meio ripe (...)sempre quando chegava às atividades que eu faço em círculo, eu notava que algumas pessoas não queriam dar a mão para ele. Ele tinha a unha meio suja, cheirava um pouco suor. Aí eu lembro que nessas junções do Expresso Lazer com o DBV que tentávamos pegar artistas da região para se apresentar, ele se ofereceu. No dia que foi tocar ele deu um show, perfeito, um baita artista. A partir dali as pessoas começaram a respeitá-lo mais, conseguiram enxergar esse outro lado do cara. Ele ia um pouco sujo e as pessoas tinham essa visão de mendigo e ele era um cara que por questões de drogas ele tem uma limitação no seu caminhar. (Evandro)

Cutucando a onça com vara curta

No início, eu era muito de fazer de propósito, cutucar a onça com vara curta. Eu chegava, eles vinham todos preparados para a aula e eu falava "pega a cadeira, vamos fazer um círculo e vamos conversar". Eu notava a inquietação de alguns e era isso que eu queria. Uma vez eu lembro que um senhor no meio da sala se levantou e falou "eu vou embora". Ele poderia ter ido embora quieto, mas ele quis me cutucar, aí eu falei Por quê?" E ele disse "porque eu vim aqui para a ginástica" e eu disse "quem

disse que não estamos fazendo ginástica? Por favor, sente-se que vou explicar. Ginástica cerebral conhece?" E ele disse "como assim?" Você está começando a pensar e o seu Tico e Teco estão fazendo ginástica". Aí eu comecei a explicar... "Até hoje ele fica numa boa na minha aula". (Rose)

O olhar do outro

Na sensibilização do Baeta eu falei "olha, eu quero apresentar o De Bem com a Vida, mas eu não quero apresentar só a minha fala, porque ela vai ficar pobre, eu quero apresentar a fala das pessoas". Então, no grupo eu falei "olha gente eu quero apresentar lá, mas a fala de vocês complementa a minha, já que não dá para levar todo mundo, aí eu gravei todo mundo [participantes] deixei uma pergunta bastante aberta "Como você entende o espaço do nosso encontro, espaço do de bem com a vida, como é para você?" Eu me surpreendi... E o que passa pela fala que me encantou foi "olha aqui é um lugar onde a gente valoriza bastante os encontros; aqui é um lugar onde a gente tem liberdade para falar um com o outro e que a gente sente que não vai ser julgado, é um espaço para ser mais feliz independente das várias coisas que estão na nossa vida é um espaço que a gente encontra pessoas bacanas que estão aí para desenvolver algo junto". E tentar desnudar um pouquinho essas falas que são mais simples, mas que a gente sente que por trás o olhar está diferente, um olhar diferente, um jeito de se portar diferente, uma maior expressividade. Partindo do corpo a gente tenta ampliar a nossa expressividade, tentar se comunicar melhor sobre o nosso sentimento, sobre quem somos, dizer o que estamos sentindo e consequentemente se a gente se reconhece melhor a gente vai reconhecer quem está do nosso lado. Então essas falas me fizeram bastante sentido. (William)

Reflexão

Hoje eu sei porque eu passei por tudo aquilo lá, porque eu quase fiquei careca, porque hoje eu estou aqui e eu sei que eu mereço estar aqui. Esse momento pra mim é um momento muito maravilhoso, às vezes eu penso desse momento da minha vida acabar, é um momento muito bom que eu estou passando, estar concursada lá na escola, estar no De Bem com a Vida aqui, minha filha está na faculdade e meu casamento está muito bem. Por que meu casamento está bem hoje? Porque eu estou bem, eu me dei importância e é isso que eu queria falar pra vocês que eu mereço estar aqui hoje, obrigada. (Mônica)

O que eu achava muito engraçado era que com o tempo eu senti culpa de trabalhar aqui no DBV porque eu falava assim "como é que pode você acordar de manhã para trabalhar, mas você vai feliz e você gosta de estar lá". A gente vincula o emprego com o sofrimento..."
(Mônica)

Gente! Acabou porque acabou o filme, tá? (Rose)

E assim fomos...

ESPAÇO DO “ENTRE”

A beleza não está nem na luz da manhã nem na
sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio
tom, nessa incerteza.

Lygia Fagundes Telles

Ilustração 16: Skulptur “Reconciliation” by Josefina de Vasconcellos. Berlin, Alemanha. Foto: Marcos Warschauer, 2011.

O abraço “*entre*” um muro que não existe mais faz alusão às possibilidades de rupturas dos muros que nos cercam mesmo que pareçam intransponíveis. Sugere o encontro num espaço sem fronteiras onde é possível reunir, incorporar, organizar, costurar, acumular, colher, recolher e que nos aproxima do mundo por meio da brincadeira, do jogo sem regras, inventivo, criativo que sempre se renova e nos faz sonhar com as inúmeras possibilidades. O *Espaço do Entre* diminui as distâncias que o moderno e o autoritário afastaram e integra o poeta ao leitor, o acadêmico ao não acadêmico, o hábil ao não hábil, o magrinho ao gordinho. O tempo que passa no *entre* é o da poética, o tempo do era, do agora eu era, que não está nem no passado e nem no futuro, mas no instante onde encontro em mim o outro. O produto do espaço do *entre* e do tempo do era é algo não vendável, que não tem dono, que não é de um, nem é do outro, é um produto da vida que surge a partir dos encontros. É uma produção de saúde que agrega, que fortalece, que dá vida, que ilumina caminhos e que se desdobra sem deixar lados, porque o lado do um e o lado do outro se dissolveram.

O trabalho com os Educadores Sociais deu vida à morta expressão acadêmica “viver os autores”. Foram sete anos de convívio com eles, autores e referências, que ainda impulsionam os encontros, acompanham de perto, descobrem os nós, as tangências e produzem saídas compartilhadas entre todos, das quais nos alimentamos.

Para eles, escrevo estas cartas...

Granada, março de 2017.

Queridos De Bem com a Vidantes....

O tempo aqui em Granada muitas vezes parece diferente, castelos, igrejas e estátuas construídos ainda na Idade Média podem ser vistos por todas as partes. Na Praça Isabel La Católica tem uma estátua da Rainha Isabel com o Cristóvão Colombo ajoelhado aos seus pés simbolizando o momento em que foram financiadas as expedições de Colombo que acabaram por descobrir as Américas. Quando vi e ouvi isso contado por uma amiga de 17 anos o tempo sumiu. Estava diante de uma estátua que existe antes da nossa existência na história do mundo... Fiquei ali parado, pensando no tempo, nas distâncias, nas dificuldades de comunicação com seus mensageiros a galope que hoje se evaporaram no clicar de um botão. Então, me lembrei das “cartas”, não tivemos tempo de trabalhá-las nos grupos do De Bem com a Vida, vocês se lembram? Aquelas cartas que colocávamos no correio em busca de notícias da família, do amigo ou do amor, que deixavam as distâncias monstruosas, quase inalcançáveis, escancarando nossa pequenez. As cartas que hoje quase não existem mais também deixavam o tempo leeeento, o tempo não passaaaava, as notícias não viiiiinham e o coração se mostrava nas angústias, nos sofrimentos e nas alegrias. O tempo das cartas passou, mas ele ainda é o mesmo, é o tempo do relógio, do cronograma, do cronômetro, é o tempo de Kronos, filho de Urano (céu estrelado) e de Gaia (terra). O tempo surgiu quando o céu, Urano, não se encontrava ainda lá no alto, no firmamento, ele sempre ficava sobre Gaia, não saía de cima, ficava agarrado como uma segunda pele e não parava de fazer amor e filhos com ela, era sua única atividade. Não havia nenhum pedacinho de Gaia que não estava coberto por Urano, assim, não havia espaço entre o céu e a terra e não havia tempo, até que Kronos, a pedido de sua mãe que não aguentava mais ter tantos filhos e filhas comprimidos no seu ventre, castra seu pai com uma foice de ferro bem afiada. Com tamanha brutalidade, Urano se separa de Gaia e vai se esconder “lá em cima”, com isso surge o espaço entre o céu e a terra e também surge o tempo porque, as crianças — os Titãs, no caso — vão poder sair de dentro da sua mãe terra. As novas gerações começam a habitar o presente e

as crianças a simbolizar, ao mesmo tempo, a vida e a história. É o futuro, que até então estava obstruído pela pressão de Urano sobre Gaia, que se abre.¹⁹³

Era disso que tratavam as cartas, da intimidade, do tempo, do espaço, das novas gerações, da vida e das relações que podem, com um pequeno descuido, acabar se evaporando pela velocidade do tempo e pela especificidade dos espaços. Fico pensando muito no tempo, no espaço, nas relações e na intimidade porque foram partes muito importantes do trabalho que fizemos no De Bem com a Vida ao longo desses anos, por isso escrevo. Sei que deveria escrever pelo menos 16 cartas, para deixar mais claro as individualidades dentro desse todo que construímos ao longo das várias gestações... Mariana, Laís, Arthur, Agatha, mas sei das minhas limitações como escritor. A história do homem ilha não se afasta de mim, talvez porque o texto que escrevi quando jovem nas insuportáveis aulas de redação tenha marcado na minha vida a desconstrução do homem ilha, isolado, para a construção de um homem península que, por uma pequena parte, se encontra, se relaciona e por outra, maior, constrói a sua intimidade.

Isto que lhes digo pode parecer como uma gota no oceano, mas se é de fluxo que se formam os lagos e oceanos, não há o que temer.

Abraço apertado

Marcos Warschauer

*É precisamente nas coisas mais profundas e importantes que estamos
indizivelmente sós.*

*Rainer Maria Rilke
(cartas a um jovem poeta)*

¹⁹³ FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos: Aprender a viver II*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Recurso digital.

Granada, abril de 2017.

Corajosos amigos,

As cartas não me saem da cabeça, sei que alguns de vocês trabalharam com escritas nos grupos, mas eu não sei como foi, eu não sei o que aconteceu, eu..., simplesmente, não tive tempo de perguntar. Estão vendo... Esse tempo e esse espaço vêm me perseguindo já há um bom tempo e tomando espaço na minha cabeça desde quando comecei a trabalhar com as práticas corporais. Sabe, nessa correria, nesse tempo que se foi, fiquei com a sensação de que muito ficou por dizer, mas também que muito foi dito sem mesmo ter que pronunciar alguma palavra, talvez essa seja a cara do De Bem com a Vida, ou melhor, as suas duas caras que, para serem percebidas, precisou de muita arte, muita inventividade, muito comprometimento e poucas palavras.

Fico sempre pensando como teria sido esse enfrentamento se tivéssemos levado a cabo as cartas. Sobre quais espaços teríamos avançado frente às inúmeras possibilidades? Quais conexões poderiam ter sido feitas?

Quando começamos o trabalho no De Bem com a Vida também foi assim, não sabíamos no que ia dar, por quais conexões e espaços avançaríamos, também não tínhamos claro o que eram as práticas corporais com seus espaços e possibilidades, mas, com o passar dos anos, compreendemos que o que fazíamos tinha padrão e estrutura, não era apenas uma alternância do fazer e do ficar sujeito a algo, eram as duas coisas relacionadas e esse fluxo é que conferiu significado às diversas atividades que realizamos no De Bem com a Vida. Ao olharmos para esse fluxo podemos vê-lo como uma composição de várias partes que saem de um lugar e vão para outro. À medida que uma parte avança, leva a outra que, por sua vez, é a continuidade da que veio antes, assim cada parte ganha distinção em si e confere significado ao todo organizado.

Da minha janela vejo Serra Nevada, que se destaca na paisagem por sua grande altitude e cume branco. Nessa época do ano ainda é possível ver muita neve, mas

com a chegada do verão muitas águas e pedras vão rolar compondo diferentes fluxos. É uma paisagem estonteante que me faz pensar na vida e nos fluxos dos trabalhos que tive o privilégio de desfrutar com vocês. Fico imaginando uma pedra que com o degelo rola morro.

*“Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente “prática”. A pedra parte de algum lugar e se move, com a consistência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e um estado em que ficará em repouso – em direção a um fim. Acrescentemos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui; e de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética.”*¹⁹⁴

É nessa continuidade da pedra que se desloca em relação que vejo o De Bem com a Vida. Uma grande experiência com características muito específicas, porque essa mesma ideia de fluxo se aplica aos movimentos dos corpos. Há atividades que são caracterizadas pela sua automatização e não permitem uma sensação daquilo que se refere e nem para onde se vai. Obstáculos são superados, chega-se a um fim, mas não a um desfecho ou consumação na consciência. Os movimentos são realizados sem a ligação do que veio antes com o que vem depois, como uma coisa que vai substituindo a outra, mas não absorve nem leva adiante, se chega ao fim, mas não a um desfecho ou consumação. É nesse sentido que me referia às ginásticas do poliesportivo com certa ênfase, a ponto de alguns de vocês falarem nos seus relatos que eu não gostava do educador físico e que me referia às ginásticas de forma displicente. É verdade. Mas também é verdade que o contraponto com as práticas corporais, naquele momento, era fonte de provocação para explorarmos os sentidos das práticas corporais e, depois, tentarmos dar algum significado. Entendo que foi bem interessante, pois conseguimos compreender que numa prática corporal o desfecho não é uma conclusão instigada a partir de premissas ou proposições isoladas, como num experimento, com elementos prontos e separados que, quando manipulados, vão dar origem a uma terceira coisa.

¹⁹⁴ DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 115/116. As referências sobre experiência estão baseadas nesse livro.

Aprendemos que as premissas só emergem quando uma conclusão se torna manifesta, ou seja, quando se chega a uma conclusão, ela é a de um movimento de antecipação e acumulação que finalmente se conclui, não é composta por partes distintas e independentes, é a consumação de um movimento.

No reflexo da janela cujo fundo sugere o libertar dos vários fluxos de águas e pedras que vão rolar nesse verão e que se repetem ano após ano, vejo o De Bem com a Vida, com suas várias experiências que se repetem de maneira singular, que provocam diferentes fluxos nas diferentes pessoas, mesmo que elas sejam as mesmas.

Beijos,

Marcos Warschauer

Os homens, com o auxílio das convenções, têm resolvido tudo com facilidade e pelo lado mais fácil da facilidade; mas é claro que precisamos ater-nos ao difícil.

Rainer Maria Rilke
(cartas a um jovem poeta)

Granada, maio de 2017.

Arrojados amigos,

Desde que cheguei aqui tenho andado bastante, as pessoas de maneira geral andam muito por aqui, o fluxo de carros é semelhante ao de uma pequena cidade, mas o respeito pelo pedestre está anos luz na nossa frente. A universidade que estou fica no alto de uma colina a uns 3 km de distância e muitos me aconselharam a fazer o percurso caminhando porque é um exercício que faz bem para a saúde. É impressionante como a principal relação que se estabelece quando se fala em caminhar para o trabalho é a da atividade física com a saúde. Claro que após anos no De Bem com a Vida a relação que eu estabeleci não foi só esta. Verifiquei onde estavam os museus, parques, teatros, monumentos, miradores, “calles” arborizadas, e por supuesto Alhambra. Também consciente dos benefícios à saúde decidi: vou de ônibus na subida e desço a pé pelos mais variados caminhos. De qualquer forma essa temática da atividade física e da saúde que por anos tentei convencê-los da sua secundária importância, tomava tempo e espaço na minha cabeça.

Penso que após todas as experiências que vivenciamos com diversos corpos em relação, mesmo com alguma dificuldade e tensão como relatou a Simone, conseguimos avançar bastante nesse campo e fomos desvendando conceitos entre os sentidos de cada um e os significados que pactuávamos, o que me permitiu estar aqui, escrevendo esta carta após ter enfrentado o papel em branco e avançado por um longo texto de doutorado. Aqui, consegui escrever um pouco sobre o conceito da atividade física e o das práticas corporais e como eles se relacionam. Com calma, “observando...” (como diria a Graça) e acumulando as nossas “experiências” do De Bem com a Vida com a leitura dos relatos de vocês, foi possível perceber que esse “corpo em experiência” se relaciona com as práticas corporais, não pela atividade, seja ela de caminhada, corrida, fitness, yoga, massagem, musculação, escalada, leitura, pintura, sexo ou pela ideia de contraponto com o conceito de atividade física, mas pela relação que estabelece com o movimento. É um pouco do que disse a Mônica no seu relato: “não tem como a prática corporal se desvincular da atividade

física totalmente porque não deixa de ser uma atividade física, mas tem todo um processo antes e não é só isso, tem toda uma integração”.

Hoje é possível dizer que a atividade física é um conceito que parte do referencial da física newtoniana, tem como base os movimentos corporais que resultam em gasto energético proporcional ao trabalho muscular e que se caracteriza por movimentos inestéticos e automáticos que não permitem, ao sujeito da prática, a sensação do que se refere e nem para onde se vai. Não é a praticidade e o conteúdo que aproxima ou afasta o movimento da ideia de atividade física, é a submissão às convenções, a incoerência e complacência displicente, a desatenção para com as pendências, a monotonia, a submissão coagida.

As práticas corporais, por sua vez, têm o seu significado expresso num conjunto de características que estão mais apuradas no texto do doutorado, lá pela página 99, mas vou resumir mesmo sabendo que os significados das palavras não conseguirão explicitar o fundo de sentido implícito em cada palavra. Assim, como disse, as práticas corporais têm o seu significado expresso num conjunto de características que de forma bem resumida, pode ser anunciada como sendo movimentos estéticos de corpos em conexão, intimamente ligados às artes na materialidade dos corpos. São movimentos que necessitam de amadurecimento (vivenciados) para adquirirem profundidade e largueza, que requerem tempo para acúmulo, amadurecimento e reflexão e espaço para se relacionar com a trama.

Nesse sentido, podemos perceber que não é possível compreender as práticas corporais pela hermenêutica, mas pelas “sutilezas” dos sentidos que evoca, na sua relação com as experiências, na relação com o que é público e o que é privado, na ressonância entre o sentido implícito e o significado explícito.

Fico pensando em como seria trabalhar as cartas nas sutilezas dos sentidos, será que conseguiríamos? Desenhos, cheiros, sabores, cores... São sempre instigantes as possibilidades que descobrimos quando trabalhamos com um tema ou uma ação. Vocês se lembram dos violeiros, da filarmônica e do festival gastronômico?

Agora vou andando para descobrir outras facetas dessa cidade... Ou como diria o Will, vamos caminhar e a gente vai descobrindo os caminhos durante o caminhar.

Cuidem-se...

Marcos Warschauer

*Tudo está em deixar amadurecer e então dar à luz. Deixar cada impressão,
cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na
escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o
próprio entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora
do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente,
tanto na compreensão quanto na criação.*

*Rainer Maria Rilke
(cartas a um jovem poeta)*

Granada, junho de 2017.

Audazes De bem com a Vidantes,

Alhambra é divino!

Não é possível descrevê-la com palavras, pois cada lugar, cada castelo, cada canto dos seus imensos jardins são capazes de despertar múltiplas sensações. Seria possível descrevê-la nessa pequena carta? Impossível. Numa grande carta? Impossível ainda. Essa impossibilidade das palavras está me atormentando.

Ao longo das minhas caminhadas diárias com percursos pouco harmônicos conheci algumas livrarias e me deparei com um livro cujo título era *La Intimidad* de José Luiz Pardo¹⁹⁵. Comprei. Durante a leitura comecei a entender que trabalhar com as cartas seria um desafio, não seria tarefa muito simples e talvez por isso tenha se perdido no contexto de uma ação coletiva. Trabalhar com a linguagem é como trabalhar com as práticas corporais, porque ambas são linguagens, ambas estão recheadas de sentidos implícitos e significados explícitos que, de alguma forma, vão sendo pactuados no nosso cotidiano para poderem se tornar públicos. A grande maioria das pessoas de Granada conhece Alhambra, os significados de muitas das inscrições, da sua história e são capazes de descrevê-la em detalhes, mas quando você a contempla, qualquer descrição se torna insuficiente. É assim mesmo, é nessa dupla cara, nessa oscilação entre os sentidos implícitos da nossa intimidade e os significados explícitos, públicos ou privados que se confere a nossa realidade.

Então, quando disse que o De Bem com a Vida tem duas caras estava me referindo aos significados explícitos da cara externa e aos sentidos implícitos da cara interna, estava me referindo que foi possível ao longo desses anos de trabalho perceber os ditos não ditos, ou melhor, perceber que existia grande diferença entre o que era falado e o que era dito nos grupos de práticas corporais. Essa dupla cara se caracteriza por um doblez que são mutuamente irreduzíveis já que se apoiam uma na outra, e é essa ligação que confere realidade à linguagem humana e que confere os sentidos e os significados das práticas corporais.

¹⁹⁵ PARDO, José Luiz. *La Indimidad*. Valência Pre-Textos, 1996. Segunda reimpressão, 2013.

A cara externa da dobrada da linguagem está no significado linguístico das palavras e da identidade social das pessoas, isso quer dizer que para saber exatamente o que alguém está falando é necessário que o significado explícito seja pactuado, assim como numa política pública ou no programa De Bem com a Vida. Desse modo, a cara pública da palavra só se sustenta sobre a limitação dos seus diversos significados, isso quer dizer que para limitar a debilidade natural da linguagem inventou-se uma força artificial que contém um determinado significado. É dizer também que limitar a debilidade da linguagem é um modo de reconhecer sua existência a partir da sua deficiência. Assim, por exemplo, ao pactuar o programa De Bem com a Vida entre as secretarias de Saúde e Esporte e Lazer na tentativa de que os acordados cheguem efetivamente a dizer algo ou a fazer algo, é assumir a sua deficiência, porque as palavras por si só, sem a força desses acordos, não chegariam jamais a dizer explicitamente ou a fazer absolutamente nada. Pactuar com os participantes dos grupos do De Bem com a Vida sobre o que vai ser feito nos grupos é também assumir a deficiência das palavras e dos acordos. Deste modo, respeitar o que foi pactuado (a cara pública) é também respeitar o inesgotável fundo implícito de sentido que pertence a todas as palavras ditas, é respeitar o inesgotável fundo implícito de sentidos que pertence ao De Bem com a Vida, é respeitar o inesgotável fundo implícito que pertence a cada um dos participantes dos grupos. E é exatamente nesse fundo inesgotável que mora a outra cara da linguagem, a cara interna – a dobrada interna do sujeito ou da linguagem – ou ainda, a chamada intimidade. É na intimidade onde residem as diferenças individuais dos seres humanos (ou a falta de identidade) e o sentido implícito das palavras (ou a falta de significado), duas coisas que são estritamente íntimas. O implícito da linguagem não é o explícito reprimido ou encoberto, é algo não explicável, não traduzível à linguagem da denotação, é algo que quando se explicita ou se traduz, se destrói e se perde. É Alhambra vista pelos meus olhos que não é explicável e nem traduzível à linguagem da denotação. A intimidade só existe quando não é explicitada e quando não gera nem direitos e nem obrigações, ou seja, quando a falta de significado ou excesso de sentido não se converte em lei (ou tarefa) que deva ser cumprida entre os implicados. A força da intimidade reside na própria debilidade da palavra e isso implica que se mantenha no limite do inegociável, pois é o conteúdo não informativo da linguagem que parece desaparecer quando consideramos a linguagem como um mero sistema de transmissão de informação.

Intimidade é o que não conseguimos traduzir em palavras quando apreciamos uma obra de arte ou quando fazemos uma prática corporal ou quando contemplamos Alhambra. A intimidade é o conteúdo não informativo das práticas corporais que desaparece quando queremos explicitá-lo e que não está presente nos movimentos mecânicos e displicentes.

Esta é a dupla cara do De Bem com a Vida, por um lado existem os combinados dentro dos grupos, a força dos contratos de trabalho, as relações entre secretarias e governo e por outro existe o indizível, toda a galáxia (ilimitada) de conotações e ressonâncias que passa por dentro de cada um, na intimidade de cada um. É esse inesgotável fundo de sentidos que passa por todos os envolvidos no De bem com a Vida que dificulta “a gente explicar o que é, da gente entender o que é. A gente só trabalha com o que tem do dia a dia, então quando alguém pergunta com o que você trabalha, por que as pessoas se sentem tão bem, não conseguimos explicar”¹⁹⁶, mas é possível perceber que algo bom foi dito porque “o que eu vejo no dia a dia é que as pessoas chegam no De Bem com a Vida de um jeito, vocês sabem disso vocês vêm isso, ela chega de um jeito, com um semblante, com uma palavra. Ela fala com você de uma forma, mesmo que ela use a mesma palavra hoje e amanhã, mas ela tem um tom de voz diferente, o semblante dela muda e é isso que dá prazer, é disso que eu gosto”¹⁹⁷ e isso ajuda a construir a intimidade dos participantes com todo o respeito. Isso é dizer que a cara pública desse *doblez* é sustentada sobre o respeito da sua outra face, a cara da intimidade essencial para viver a vida que vale a pena ser vivida.

Termino sem palavras, mas com muita intimidade.

Beijo grande, Marcos Warschauer

*As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis
quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos
acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que
nenhuma palavra nunca pisou.*

*Rainer Maria Rilke
(cartas a um jovem poeta)*

¹⁹⁶ Andréia Giampietro

¹⁹⁷ Andréia Giampietro

Granada, Julho de 2017.

Persistentes De Bem com a Vidantes...

O tempo por aqui mudou completamente, já é verão, faz um calor muito forte e Serra Nevada não se destaca mais com o seu cocuruto branco. Foi muito interessante ver como a cidade mudou com a chegada do verão. Os bares foram para a rua, com tendas e aspersores de água para dar conta do calor. A cara dos espaços mudou. Numa praça perto de casa um restaurante construiu um “puxadinho” de uns 10x10 que tomou conta do espaço que as crianças brincavam na primavera. No centro da cidade, ruas foram cobertas com panos para fazer sombra no caminhar dos turistas. Um cinema ao ar livre também foi construído, bandas de música e músicos solitários podem ser vistos por todas as partes. O verão chegou e com ele os espaços se transformaram, mas o verão não tirou a questão dos espaços da minha cabeça.

Como vocês sabem, os espaços de práticas sempre foi tema na minha cabeça. Na verdade, virou um tema muito caro para mim, na época dos grupos de caminhada em Santo André. Lá comecei a minha busca de locais para as caminhadas nas ruas da cidade, fui ao geoprocessamento e fiz mapas com circuitos de pequena, média e grande distâncias ao redor dos quarteirões próximos das UBS. Assim, o caminhante que pertencia a um grupo da sua UBS de referência poderia fazer a sua caminhada por percursos com distâncias conhecidas e avançar de níveis, aumentando a distância percorrida e diminuindo o tempo. A partir do espaço medido em metros e do tempo medido em minutos foi possível calcular a velocidade e fazer um programa de caminhada pelas ruas da cidade, atribuindo intensidades e controlar o desenvolvimento do trabalho. Genial! Um programa que dava autonomia para as pessoas (podiam caminhar quando quisessem) pelas ruas da cidade com controles que poderiam ajudar os profissionais de saúde e a pessoa com relação à sua saúde. Claro que não deu certo, havia muita reclamação, os percursos, por exemplo, passavam por um ferro velho com todos os metais expostos, passavam por calçadas “quebradas”, passavam por aclives e declives muito acentuados. Os grupos de caminhada não se restringiam aos controles, as intensidades e aos níveis, talvez

nem passassem por isso. No “frigor dos ovos” foi isso que eu fiz em Santo André e foi aí que tudo começou.

Olhar para esse trabalho hoje é muito interessante, porque determina modos de pensar e agir e, a partir daí, é possível pensar algumas questões que estão presentes no nosso cotidiano e nas falas de muitos profissionais de saúde, sobretudo o da educação física. Por exemplo, se o caminhante está com um bom ritmo, se seu aproveitamento está satisfatório e se está fazendo a sua caminhada ou o seu exercício com regularidade. Vamos chamar esse contexto de **“espaço do fazer”** e deixar algumas perguntas no ar. O que é ritmo ou o que é um ritmo bom? O que é aproveitamento ou o que está sendo aproveitado? Qual a importância da regularidade do fazer na nossa vida?

Frente às reclamações e pouca utilidade dos percursos comecei a pensar mais sobre a questão dos espaços pautados no conceito de ambiência que valoriza confortabilidade, a produção de subjetividades e pode ser vista como ferramenta facilitadora de processos de trabalho. Com o De Bem com a Vida essa questão se mostrou primordial, porque não se tratava de um “espaço do fazer” (espaço/local) para podermos realizar as práticas corporais, mas de um espaço de relações. Assim, partimos, ainda em 2009, da ideia que chamei de espaço conceitual para conseguir dar os primeiros passos na busca de um legítimo ambiente para as práticas corporais. Vocês devem se lembrar disso, ali estavam desenhados e relacionados entre si o espaço da prática, da informação, da participação e da convivência que posteriormente passou a ganhar fundo com os fundamentos da promoção da saúde e que, por mais de ano, habitou a nossa sala de reuniões. O que a princípio parecia um desenho se mostrou uma potente ferramenta porque a partir dali começamos a “brincar” com os significados e os sentidos, com o público e o íntimo, com o dizível e o indizível, com o fora e com o dentro. Começamos a perceber também que tudo isso não se tratava de um dualismo com componentes que se dividem e se opõem, tratava-se de uma díade que serve para especificar dois polos entre os quais certo domínio pode ser localizado. Nesse sentido, foi possível irmos localizando e relacionando experiências que, ora estavam mais posicionadas, por exemplo, na relação práticas-informação, ora nas práticas-participação e ora encontravam na participação-convivência o seu núcleo formador. É como disse o Evandro, “A partir do momento que eu comecei a entender e valorizar os pilares eu comecei a ter mais

atenção no sentido da relação. Então esses pilares foram fundamentais para a minha evolução nesta relação. Hoje, a dança para mim é uma ferramenta muito forte, não para deixar a galera dançante, eu utilizo a dança para tentar formar esse espaço de participação, esse espaço de equidade, aqueles quatro pilares que a gente já conhece”. Com isso vocês foram articulando as diversas proposições nos grupos com o espaço conceitual e procurando identificar no território, com a ajuda dos ACS, locais que facilitassem essas relações.

Conforme vocês iam identificando espaços potentes para as práticas corporais eu via que havia uma “mistura” com as histórias de vida de cada um (individual) e uma apropriação do grupo discutida por meio da multiplicidade de olhares (coletivo) e isso foi nos possibilitando ter maior clareza das características de um legítimo espaço de práticas corporais. Por exemplo, o Rodrigo trazia muito forte a questão do estrangeiro como possibilidade de quebra da rotina e isso povoou as nossas conversas nas formações das sextas, acenando com a possibilidade de troca de duplas e, portanto, troca dos educadores sociais nos grupos e olhares diferentes sobre os mesmos espaços, “impondo”, de certa forma, aos grupos um recomeçar e um novo olhar sobre as práticas. Confesso que isso sempre me instigou, achava, como ele, que a troca aumentaria muito a potência de agir dos grupos, mas percebia que a Saúde trabalhava numa lógica diferente, quase inversa, a do vínculo: o usuário do sistema de saúde está vinculado a sua UBS, conhece o médico que o atende, conhece a enfermeira e os agentes comunitários e também conhece o seu educador social. Não quis encarar esse enfrentamento, mas quero deixar aqui uma pergunta. Se estamos trabalhando na perspectiva de uma saúde ampliada, com o conceito das práticas corporais, e também a partir da amplitude de experiências não seria um erro manter os grupos vinculados aos mesmos profissionais de saúde? Não estaríamos os condenando ao cerceamento das suas possibilidades?

Há muitos exemplos, mas vou trazer só mais dois para não ocupar o tempo de vocês. Assim, trago primeiro o exemplo da Ana Cláudia e da Clarissa que trouxeram o teatro colaborativo nas suas bagagens que é quando “a diretora e a autora, de certa forma, a dramaturga, vão colocando apontamentos para os atores se estimularem a criar cenas e a trabalharem em grupo com outros profissionais. Identificava o nosso potencial e instigava a gente a expandir esses limites, nunca pediria nada de nós se não estivéssemos prontos naquele momento para fazer. É

um processo de construir junto a prática, de ter essa liberdade de poder, de repente, lembrar de algo que estava lá esquecido na memória, ou então trazer uma peteca que ela fez ou que a família dela fez para contribuir com os outros.”¹⁹⁸

A ideia de diminuir a distância entre o professor e o aluno, o médico e o paciente, o educador social e o participante nos instigavam muito e fortalecia a ideia da transversalidade nos espaços de práticas corporais. É como disse Clarissa “Não existe ninguém que não tenha nada a ensinar, não existe ninguém que saiba de tudo e que não tenha nada para aprender. Eu acho que isso no De Bem com a Vida é um dos pontos que fortalece muito o trabalho, essa troca de experiências, troca de práticas, essa vivência em conjunto”.

Outro exemplo está no relato da Andréia Lica, ele fala por si.

Um dia eu contei a minha história para elas, das violências que eu vivi porque, principalmente na Vila São Pedro no Parque São Bernardo, são lugares que elas sofrem muita violência doméstica. O dia que eu contei isso muitas pessoas choraram, porque elas diziam “eu não imagino que você viveu uma vida dessa”. E aí você vê que você pode de alguma forma, não que você vai ser um exemplo, mas que você pode mostrar para elas que elas podem falar. Você pode dar voz àquilo que elas viviam e você fica muito mais próximo da realidade delas, porque aí elas vão ver que você viveu aquilo e elas não vão se sentir envergonhadas de falar. As pessoas diziam “mas porque você continuava casada?” e eu falava, “mas porque vocês também continuam casadas?”. Então, a gente trocava muita experiência e eu falava assim “a gente não está aqui para falar o que é certo ou o que é errado, mas para falar das vivências e, às vezes, para abrir um pouco e tirar aquela dor que a gente guarda aqui dentro”.

Muitos outros exemplos como esses foram nos instigando a pensar os espaços de práticas corporais por diversos ângulos e possibilidades como o das diferentes formas de participação, do cuidado invisível, do olhar atento, do controle, da conversa, do questionamento, do pertencimento, da escuta sem julgamento, do equilíbrio entre conteúdo e escuta, do reconhecimento das dificuldades e superação, do enfrentamento e apoio, do respeito ao limite do outro, do alargamento das experiências, da esperança e das transformações. Vamos chamar esse contexto de **espaço de relações**, porque também determina modos de pensar e agir e também

¹⁹⁸ Este trecho combina as falas da Ana Cláudia e da Clarissa sobre o teatro colaborativo.

uscita reflexões. Com todos esses sentidos, só é possível compreender o espaço de relações por essa multiplicidade de olhares e elementos que transitam entre os polos dos diversos espaços relacionados, hora mais para lá, hora mais para cá, e que também não podem ser pensados somente pela hermenêutica, mas pelo sentido que cada elemento evoca, pela relação com as experiências e pela relação do que é público e do que é íntimo.

Há outra questão que está muito ligada ao espaço das relações, que não está fora, nem dentro e que vem sendo “dito” desde o começo que é o espaço do entre com o tempo do era. Um espaço sem fronteiras determinadas onde cabem eu, você e todos que quiserem se aproximar, um espaço de liberdade e de criação que surge a partir do desenquadramento de nós mesmos que ao mesmo tempo que nos provoca nos traz confiança. É um espaço que cabem as verdades e as verdades não verdadeiras, um espaço de legitimidade e de reconhecimento onde estão os livros de histórias e brincadeiras, os contos, as poesias e os livros acadêmicos. É o tempo do era, o do era uma vez ou do agora eu era que junta ao mesmo tempo a universalidade do ser humano e sua existência e que é capaz de reunir, incorporar, organizar, costurar, acumular, congregar, coabitar, colher, recolher e tudo mais que se possa querer. Esse espaço do entre com o tempo do era comporta desde a contestação do homem ilha (lembra dele?), aos mecanismos duros, concretos e corretos da escrita erudita que muitas vezes, impostos pelos professores, vão criando marcas e adoecendo os diversos meninos e os diversos professores que, por FALTA DESSE ESPAÇO, não conseguem aprender ensinando nem ensinar aprendendo. É um espaço de encontros onde você e você mesmo ou eu e eu mesmo nos comunicamos pelo implícito, sensível e íntimo. É um espaço dinâmico que nos aproxima do mundo por meio da brincadeira, do jogo sem regras, inventivo, criativo que sempre se renova e nos faz sonhar com as inúmeras possibilidades. O brincar sustenta o mistério que lhe é próprio, cada gesto, cada experiência, revela surpresas, desvela o novo, cria constante renovação e abre novas possibilidades para a manifestação do íntimo frente ao indizível.

É desse espaço que partem os beijos molhados e os abraços apertados, os olhares atentos e que nos fazem tão bem...

Acho que é por isso que eu posso dizer que eu sou tão feliz. Sou muito feliz por estar aqui, sou muito feliz por fazer parte. Eu sou feliz porque eu vejo a

felicidade nas alunas, aquelas alunas que às vezes elas vêm de um contexto que, muitas vezes, elas não contam e eu também não quero saber, mas você vê que é sofrido, a vida delas tem muitas interrogações, muitas coisas que elas não conseguem administrar direito, mas naquele momento que elas estão com a gente é tudo. Isso a gente nunca pode esquecer. Quando elas falam muito obrigado professora e vêm aqueles beijos molhados que elas dão, gente isso é muito sério, elas estão dizendo de coração, isso não é em qualquer lugar (Rose)

Penso que foi a partir desse Espaço do Entre que conseguimos nos comunicar no De Bem com a Vida, não estando no lazer e nem na saúde, não estando na UBS e nem na comunidade, não estando na política (partidária) e nem alheio a ela. Nesse espaço conseguimos “brincar” com as durezas, com as lamentações, com os sofrimentos, com as imposições e com as disputas dos diversos campos; conseguimos devolver mais leveza, contentamento, alívio, liberdade, encontrar o lado positivo das disputas e perceber os nós, tangências e saídas das práticas corporais na saúde.

Foi esse espaço, o do “entre”, que permitiu realizarmos o trabalho que vocês tão bem conhecem e que não conseguem explicar. É desse espaço que vem a minha a sensação de que muito ficou por dizer, mas também que muito foi dito sem mesmo ter que pronunciar alguma palavra.

Então meus amigos eu lhes rogo, nunca percam de vista esse espaço para poder manter viva a chama do De Bem com a Vida aí em São Bernardo do Campo.

E assim vamos...

Saudade de vocês, Marcos Warschauer

Não investigue agora as respostas que não lhe podem ser dadas, porque não poderia vivê-las. E é disto que se trata, de viver tudo. Viva agora as perguntas. Talvez passe, gradativamente, em um belo dia, sem perceber, a viver as respostas.

*Rainer Maria Rilke
(cartas a um jovem poeta)*

Felicidade

Luiz Tatit

Não sei porque eu tô tão feliz
 Não há motivo algum pra ter tanta felicidade
 Não sei o que que foi que eu fiz
 Se eu fui perdendo o senso de realidade
 Um sentimento indefinido
 Foi me tomando ao cair da tarde
 Infelizmente era felicidade
 Claro que é muito gostoso
 Claro que eu não acredito
 Felicidade assim sem mais nem menos é
 muito esquisito

Não sei porque eu tô tão feliz
 Preciso refletir um pouco e sair do barato
 Não posso continuar assim feliz
 Como se fosse um sentimento inato
 Sem ter o menor motivo
 Sem uma razão de fato
 Ser feliz assim é meio chato
 E as coisas nem vão muito bem
 Perdi o dinheiro que eu tinha guardado
 E pra completar depois disso
 Eu fui despedido e estou desempregado
 Amor que sempre foi meu forte
 Não tenho tido muita sorte
 Estou sozinho, sem saída, sem dinheiro e
 sem comida
 E feliz da vida!!!

Não sei porque eu tô tão feliz
 Vai ver que é pra esconder no fundo uma
 infelicidade
 Pensei que fosse por aí, fiz todas terapias
 que tem na cidade
 A conclusão veio depressa e sem nenhuma
 novidade

O meu problema era felicidade
 Não fiquei desesperado, não, fui até bem
 razoável
 Felicidade quando é no começo ainda é
 controlável
 Não sei o que foi que eu fiz
 Pra merecer estar radiante de felicidade
 Mais fácil ver o que não fiz
 Fiz muito pouca aqui pra minha idade
 Não me dediquei a nada
 Tudo eu fiz pela metade, porque então tanta
 felicidade
 E dizem que eu só penso em mim, que sou
 muito centrado
 Que eu sou egoísta
 Tem gente que põe meus defeitos em
 ordem alfabética
 E faz uma lista
 Por isso não se justifica tanto privilégio de
 felicidade
 Independente dos deslizes dentre todos os
 felizes
 Sou o mais feliz
 Não sei porque eu tô tão feliz
 E já nem sei se é necessário ter um bom
 motivo
 A busca de uma razão me deu dor de
 cabeça, acabou comigo
 Enfim, eu já tentei de tudo, enfim eu quis
 ser conseqüente
 Mas desisti, vou ser feliz pra sempre
 Peço a todos com licença, vamos liberar o
 pedaço
 Felicidade assim desse tamanho
 Só com muito espaço!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2008. 188p. (Trad. de Henrique Burigo. Título original: *Infanzia e storia: distruzione dell'esperienza e origine della storia*; 1978).

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** – 9º ed. – Campinas, SP: Verus Editora, 2012.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75.

BATISTELLA, Carlos. Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde. In: FONSECA, Angélica Ferreira e CORBO, Ana Maria D'Andrea (Org.) **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nickolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. **VIII Conferência Nacional de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 1986. (Anais). http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf. Acessado em 25/09/2012.

BRASIL. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080.htm>. Acesso em 20/10/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Ambiência**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Portaria nº 687 MS/GM, de 30 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. (Série B. Textos Básicos em Saúde)

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS**. 4a ed. Brasília (DF): MS; 2008 p 53-53.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 64 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde 2006; v. 9).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica** / Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Governo do Brasil. **Portal Brasil, Saúde – Alcoolismo**, publicado em: 17/04/2012. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/04/alcoolismo>. Acesso em 27/12/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático: promoção da saúde** / Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. – 1. ed., 2. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNaPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância à Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e pesquisa**, v. 28, n. 1, 2002. p. 11-30.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o patológico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CARVALHO, Yara Maria de, et al. Avaliação qualitativa de programas e políticas públicas voltadas para a saúde da população programa CuritibAtiva. In: **XI Congresso Paulista de Saúde Pública**; 2009; São José dos Campos/SP; (Anais). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública; 2009. V.18, p. 170-171.

CARVALHO, Yara Maria de. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. **Revista Brasileira Saúde da Família**, Brasília, n. 11, p.33-45, jul/set. 2006.

CASPERSEN, C.J.; POWELL, K.E.; CHRISTENSON, G.M. Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. **Public Health Reports**. 1985, 100, 2, 126-31.

CECILIO, Luiz Carlos de Oliveira; MERHY, Emerson Elias. A integralidade do cuidado como eixo da gestão hospitalar. Disponível em <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-07.pdf>. Acesso em 10/11/2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Editora Ática. 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. s/d.; Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3 Ed. São Paulo: Editora. Nacional, 1979.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2010. p. 143-153.

D'URSO, Lourdes, e. al. Avaliação do Programa Pratique Saúde em Guarulhos SP: Processo de Trabalho e Gestão. **In: 12 Congresso Paulista de Saúde Pública, 2011, São Bernardo do Campo (Anais)**. São Paulo Faculdade de Saúde Pública; 2011.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, António; Finger, Matthias (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

FERREIRA NETO, João Leite et al . Processos da construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 1997-2007, Oct. 2013.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos: Aprender a viver II**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Recurso digital.

FIOCRUZ – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Disponível:**

<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/consoc.html#topo..> Acesso em: 27/11/2017.

FLECK, Marcelo P de Almeida, et al. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref". **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 178-183, Abr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102000000200012>. Acesso em 22/05/2017.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida, et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v.21, n.1, p. 19-28 Jan/Mar 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44461999000100006>. Acesso em 22/05/2017.

FRAGA, Alex Branco. Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

HALLAL, Pedro, et al. Avaliação quali-quantitativa do programa Academia da Cidade, Recife(PE): concepção dos professores. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, V. 14, n. 1, 2009.

HARLEY, John Brian. The Map as Biography: Thoughts on Ordnance Survey Map, Six-inch Sheet Devonshire CIX, SE, Newton Abbot. **The Map Collector**, n. 41, 1987.

HARLEY, John Brian, **Mapas, saber e poder. Confins** [Online], n.5, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5724>. Acesso em: 16/10/2017.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição Viva. In: KI –ZERBO, Joseph (Org). **História Geral da África 1: metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.Pg. 167- 212.

INIESTA, Montserrat; FEIXA, Carles. Historias de vida y Ciencias Sociales. Entrevista a Franco Ferrarotti. **Periferia: Revista d'investigació i formació en antropologia**, UAB, Barcelona: v.2, n 5, p. 1-14, dez 2006. Disponível em: <http://revistes.uab.cat/periferia/article/view/162>. Acesso em 22/09/2017.

JASMIN, Marcelo. Efeitos de uma intensa presença (Apresentação). In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas: entrevista com Marie-Christine Josso. ***Aprender ao longo da vida***, n. 2, 2004. p. 16-23.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: Nóvoa, António; Finger, Matthias (Orgs). ***O método (auto)biográfico e a formação***. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2010. p. 59-69.

KAPLAN, Abrahan. Introdução. In: DEWEY, John. ***Arte como Experiência***. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). ***Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades***. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 76-91.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. ***Rev. Bras. Educ.***, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em : 10/08/2015.

LARROSA, Jorge. Experiencia y alteridad en educación. IN: SKLIAR, Carlos; LARROSA, Jorge. ***Experiencia e a alteridad en educación*** 1ª. Ed. – Rosário: Homo Sapiens Ediciones, 2009.

LARROSA, Jorge. ***Linguagem e educação depois de Babel***. Traduzido por Cynthia Farina, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. ***Movimento***, Porto Alegre, v. 16, n.1, p.11-29, janeiro/março de 2010.

LEE, I-Min. et al. Effect of physical inactivity on major non-communicable diseases worldwide: an analysis of burden of disease and life expectancy (for the Lancet Physical Activity Series Working Group.). ***The Lancet*** v. 380, n. 9838, p. 219–229.

LÜDKE, Menga. & André, Marly. E. D. A. ***Pesquisa em educação: abordagens qualitativas***. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, Madel Therezinha. ***Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais***. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL. 2004.

MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental (introdução), **Ethnologia**, n. s., 6-8, 1997. p.31.

MALTA Deborah Carvalho, et al. Política Nacional de Promoção da Saúde, descrição da implementação do eixo atividade física e práticas corporais, 2006 a 2014. **Rev Bras Ativ Fis e Saúde**, Pelotas/RS, v. 19, n. 3, p. 286-299 Mai/2014.

MALTA, Deborah Carvalho et al. A implementação das prioridades da Política Nacional de Promoção da Saúde, um balanço, 2006 a 2014. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 11, p. 4301-4312, Nov. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014001104301&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em 23/03/2017.

MARTINS, Cleide Lavieri, et al. Avaliação do Programa Pratique Saúde em Guarulhos SP: atividade física e seus benefícios. **In: 12 Congresso Paulista de Saúde Pública, 2011, São Bernardo do Campo. (Anais)** São Paulo: São Paulo: Faculdade de Saúde Pública; 2011.

MARTINS, José Clerton de Oliveira, et al. De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, vol. 15, n. 2, p. 219-228, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v15n2/v15n2a05.pdf>. Acesso em 25/04/2017.

MASSIMO Canevacci. Corpos Ubíquos. In: Carvalho, Yara Maria de; Fraga, Alex Branco; Gomes, Ivan Marcelo (Org.). **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec Editora, 2016, p. 94-123.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. 9.ed. Revisada e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORAES, Sumaya Mattar. **Aprender a ouvir o som das águas: o projeto poéticopedagógico do professor de arte**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8.ed. revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

OPAS Cartas - **Documentos que norteiam a Promoção da Saúde**. Disponível no endereço eletrônico da OPAS: <https://www.opas.org.br/carta-de-ottawa/>. Acesso em 10 set. 2017. (OPAS: Carta de Ottawa, 1986).

PARDO, José Luís. Políticas de la intimidad. Ensayo sobre la falta de excepciones", **Lógos. Anales del Seminario de Metafísica**, v. 32, n. 1, p. 145-196, 1998. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ASEM/article/viewFile/ASEM9899110145A/16745>. Acessado em: 30/05/2017.

PARDO, José Luiz. **La Indimidad**. Valência Pre-Textos, 1996. Segunda reimpressão, 2013.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 17-31.

PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PEREIRA, Érico Felden; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SANTOS, Anderlei dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.241-50, abr./jun. 2012.

PLATÃO. **A república**. s/d. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REDAÇÃO. Como hábitos diários podem influenciar a longevidade. **Revista Veja**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/saude/como-habitos-diarios-podem-influenciar-a-longevidade/>. Acessado em: 22/05/2017.

ROCHA, Dais G; et al. Processo de revisão da Política Nacional de Promoção da Saúde: múltiplos movimentos simultâneos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 11, p. 4313-4322, 2014.

RUSTIN, Michael. What's wrong with happiness? **Soundings**, n.36, p. 67-84 July. Disponível em: https://www.lwbooks.co.uk/sites/default/files/s36_06rustin_1.pdf. Acesso em: 22/05/2017.

SBC – São Bernardo do Campo. São Bernardo não pode parar. Programa de governo 2013/2016. São Bernardo do Campo: 2012.

SEEMANN, Jörn Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: Marandola Jr, Eduardo; Holzer Werther; Oliveira, Livia de. **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Org). **Práticas corporais – gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, v.1. 2005.

SILVA, Patrícia Ferrás Araújo da; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria. Os sentidos e disputas na construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 441-465, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n2/0103-7331-physis-24-02-00441.pdf>. Acesso em: 16/05/2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias, HETKOWSKI, Tânia Maria, (orgs). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STANISLAVSKI, Constantin, (1863-1938) **A construção da personagem**, tradução Pontes de Paula Lima. 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SWAAIJ, Louise Van; KLARE, Jean. **Atlas da Experiência Humana**. São Paulo: Publifolha, 2004.

THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5ed. São Paulo: Editora Polis, 1987.

WARSCHAUER, Marcos; D'URSO, Lourdes. Ambiência e formação de grupo em programas de caminhada. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, supl. 2, p. 104-107, Abr/Jun 2009.

WARSCHAUER, Marcos, et al. Assessing the program “Practice your health” municipal health Guarulhos/SP - Brasil. In: **21st IUHPE World Conference on**

Health Promotion, 2013, Pattaya. (Anais) 21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013.

WARSCHAUER, Marcos, et all. Assessment of the program “Practice your health” in Guarulhos (São Paulo/BRAZIL): the environment in question. In: **21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013, Pattaya. (Anais)**. 21st IUHPE World Conference on Health Promotion, 2013.

WARSCHAUER, Marcos. **Lazer e saúde: as práticas corporais no sistema público de Santo André. 2008**. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WARSCHAUER, Marcos; CARVALHO, Yara Maria de. O conceito “Intersetorialidade”: contribuições ao debate a partir do Programa Lazer e Saúde da Prefeitura de Santo André/SP. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 191-203, 2014.

WEBER, LÍlian; GRISCI, Carmem Ligia lochins; PAULON, Simone Mainieri. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, nº 4, artigo 4, Rio de Janeiro, Dez. 2012.

WHO – World Health Organization. WHOQOL: **Measuring Quality of Life**, 2017. Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/whoqol-qualityoflife/en/>. Acesso em 22 mai 2017.

ANEXO 1 – RESUMO DOS RELATOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCADORES

SOCIAIS

Andréia Lica Ferreira de Souza (41 anos -Gestão Ambiental)

Sempre fui muito ligada aos meus avós. Eu morei com a minha avó materna por algum tempo e foi ela que me alfabetizou porque ela era professora de japonês. Ela era muito disciplinadora e eu tenho essa característica por conta disso. Como neta de japonês ela me cobrava muito, eu não podia ser sua neta, tinha que ser a pessoa... sempre a melhor. Desde pequena a gente aprendeu com Rádio Taissô, que são atividades de cinco minutos que você alonga e espreguiça seu corpo. Minha avó me ensinou a trabalhar com artes manuais, trabalhar com a criatividade porque a gente construía brinquedos com materiais reutilizados. Ela também ensinou trabalhar a coordenação motora como, por exemplo, pegar grão de feijão cru com o hashi e colocar dentro do copinho. Quem fizesse mais rápido numa quantidade determinada ganhava. Tudo isso foi trazendo o meu lado competitivo e eu tenho muito esse lado dentro de mim. Formos eu, meu pai, minha mãe e mais três irmãos para o Japão. A vida lá é muito diferente daqui, mas tudo que eu tinha aprendido quando pequena era muito próximo. Eu olhava as letras e alguma coisa eu consegui entender, mas não consegui entender tudo porque o japonês é muito difícil. No começo a gente ia procurar os lixões, porque os lixões no Japão são ricos, você consegue móveis e bicicletas. A gente chegou lá só tinha uma TV, um Futon para dormir no Tatame no chão, panelas e só. Então os lixões abasteceram a nossa casa por um tempo no começo. Tive que começar a trabalhar, porque a gente foi com uma dívida de passagem altíssima. Nós ficamos um ano só pagando dívidas. A empresa onde eu fui trabalhar era uma empresa de CDs e pianos. Eu comecei a fazer conferência de CDs, eu olhava o defeito e via se estava OK. Cheguei a fazer a média de 5500 CDs dia. Era muito, tinha dia que eu fazia 7000. Só que aí eu percebi que quanto mais eu fazia mais eles queriam que eu fizesse, então eu agia mecanicamente, só que chega uma hora que você cansa. Com 17 anos eu pedi para minha mãe me emancipar e eu decidi casar, era uma fuga para sair de dentro de casa. Meu pai bebia desde que eu me conheço por

gente, ele era um alcoólatra e a gente tinha uma convivência muito difícil. Eu casei com 17 anos, o rapaz era bonito e minha mãe o adorava e tudo. Passou uns 3, 4 meses a gente estava discutindo e ele me agrediu, me bateu. Eu fiquei sem chão, você não sabe o que você faz porque você não espera uma reação dessa de uma pessoa que você casa e eu fui falar com a minha mãe. Ela, que viveu um casamento de tantos anos com meu pai disse: “você está errada, você tem que respeitar o seu marido, você causou tudo isso e você tem que fazer as pazes com ele”. Sabe quando você fica assim... Putz e agora? Eu chorei o dia inteiro eu ia trabalhar de olho inchado, Sofri várias agressões durante o meu casamento só que eu não conseguia me separar, minha mãe colocou muito em mim “imagina uma mulher separada o que vão pensar de você”. Ela falava ” eu aguento seu pai até hoje, então você tem que aguentar o que você escolheu”. fiz cinco anos de casada acabei engravidando. A Giovana nasceu e passou e depois de seis meses eu fiquei grávida da Gabriela e aí a minha vida virou um inferno de novo. Eu Nunca tive uma vida tranquila enquanto eu estava com ele. Voltei para o Brasil, minha sorte é que tinha a minha irmã para me ajudar a cuidar dos filhos. Aí surgiu a oportunidade de trabalhar para ser professora de artesanato.

William Aparecido das Neves Leles (33 anos – musicoterapia).

Minhas memórias vão caminhando como se fossem mosaicos e eu quis deixar o que foi aparecendo como marcas. Tinha uma revistinha do Tio Patinhas lá em casa que eu pedia para minha mãe ler, o tempo passava e eu pedia para ela ler de novo e isso me marcou porque era a mesma história. Eu penso nessa questão da repetição, a gente vai criando novos sentidos, novas significações e isso também está na música também. Durante a minha infância, às vezes, meu pai ia ao bar e me levava. Era uma questão bastante ingênua e de vez em quando o pessoal fazia música. Nesse bar tinha um senhor, Adão, negro, magrinho muito alto com uma fala muito pausada e tocava cavaquinho. A imagem que eu tenho é desse encanto porque eu acho que foi uma das primeiras vezes que eu ouvi a música indo ali do meu lado, era diferente, tinha uma questão de pele, de estar ali, então esse momento tinha um encanto, de uma música que acontecia aqui, que era uma coisa até palpável. Tinha também um menino, desses

um pouco maior, que começou a correr atrás de outro. Não faço a menor ideia do motivo, acho que ele queria bater e aquilo me incomodou, o maior correndo atrás do outro e passavam do meu lado. Eu lembro que o primeiro passou e no segundo eu só coloquei o pé, muito ingenuamente, meio sem pensar e pá. Recolhi o pé, não fiz nada, não falei nada, não sei nem se eu olhei para a cara dele. Foi uma mistura de satisfação com medo, algo que eu pude fazer concretamente. Esta lembrança é algo que eu trago até hoje e que me mobiliza a fazer o que eu faço: tentar enfrentar um pouco a questão das injustiças. Às vezes a gente se coloca na posição de um cara que está correndo atrás ou da posição desse que está correndo de algo maior e que às vezes precisa de um pé na frente. Outra coisa que me marcou. Eu tinha um vizinho que mudou para Franco da Rocha. Passaram-se anos e nós fomos fazer uma visita para eles lá. Quando cheguei na casa dele estava passando Indiana Jones. Fiquei lá e viu o controle remoto. Acho que eu não tinha controle remoto lá em casa, era aquela televisão de botão. Não sei se ele percebeu que eu estava encantado e que queria mexer. Eu me lembro que ele me entregou o controle remoto e falou “você pode fazer o que você quiser”. Eu me senti muito grande ali, as pessoas têm muito medo de desprogramar, mas ele disse “faz o que você quiser”. Essa imagem do controle remoto eu trago comigo, acho que foi um exercício de liberdade, algo de desejo misturado com liberdade que me marcou. Esse controle remoto me acompanha em muitos momentos. eu preciso pegar o controle remoto ou entregá-lo para alguém que precisa de certo desprendimento, isso passa por mim e passa pelo grupo. Eu morava mais na periferia do que eu moro hoje, é uma outra relação que se tem com a rua, acho que quanto mais periférico a relação com a rua se torna mais permeável, as pessoas se frequentam mais e eu tinha uma relação mais saudável e ingênua. Tinha o menininho que percorria as casas para pedir brinquedo usado e, de vez em quando, minha mãe falava comigo e a gente dava uns brinquedos. Aí, muitos anos depois, eu jogava bola com esse mesmo menino na rua. Com a transformação social que aconteceu neste lugar, eu tinha uma satisfação: “caramba que legal esse menino vinha de uma situação mais desfavorecida, vinha pedir um brinquedo para mim e agora a gente está aqui jogando bola juntos”, Então, o senso de esperança que eu carrego comigo, é possível ocorrerem estas transformações. Veio o primeiro trabalho e com ele consegui comprar o meu violão. Meus Primeiros passos com a música. Troquei o violão e comprei uma guitarra e aí começaram os meus estudos que passaram pelos

amigos e depois por um guitarrista conceituado até a época da minha faculdade. Um dia passei na biblioteca e vi um livro do Perls que foi o fundador da Gestalt-terapia área da Psicologia. Comecei a ler e me encantei como essa questão do processo terapêutico. Entrei na faculdade de musicoterapia, e foi um momento que eu desenvolvi outros sentidos para o som, para o silêncio, para as palavras com o silêncio, por aquilo que é dito, o que é expresso, por aquilo que não é dito. Então eu passei a ter mais cuidado tanto na fala, na expressão, quanto no silêncio. O ruído passou a compor essa minha paisagem esse meu corpo. Eu tinha uma professora que trabalhou com paciente em coma. “Caramba meu, como é que é entrar na relação terapêutica e estabelecer uma relação sonora com um corpo em coma?”

Quais sutilezas a gente precisa aguçar para ter uma percepção talvez de movimentos respiratórios, de movimentos sutis de membros, de uma leitura de batimentos cardíacos que estão sendo monitorados?. Então fui apurando um pouquinho dessas sutilezas, de como a gente poderia encontrar uma sonoridade que partisse por aí. Como é que é entrar em contato com isso e a partir disso criar uma linguagem musical que não parta nem de mim nem dele, mas desta relação?

Um produto sonoro que mobilize de alguma maneira positivamente na vida do sujeito? Pode ser uma coisa muito legal, mas ela é aqui e ela é nossa.

Rosemari Pierini Martins (67 anos - ciências físicas e biológicas)

Olhando para o meu pai em descobri que ele me inseriu nas práticas corporais porque ele tinha o hábito de fazer alongamento. Eu pequenininha via isso e ele me convidava a fazer junto. Me ensinou a pular corda, a caminhar, a correr, essa

brincadeira com o corpo, esse lidar com o corpo. Minha mãe era a própria mãe feminina, aquela que gostava de ler romances e gostava de brincar de casinha e contar muitas histórias para mim. Acho que é por isso que gosto tanto de ler. Mas teve uma coisa que ela me ensinou que eu até hoje preservo que é observar o que tem a sua volta. Tínhamos um pequeno jardim e quando íamos para lá brincar de casinha e tinha uma florzinha nova ela dizia "olha que florzinha linda" e ela me fazia olhar para a flor. Ela sempre foi assim, olhava para as nuvens "olha vamos ver se forma algum bichinho?". O despertar para olhar, para fora, nos detalhes. Mesmo

depois de adulta ela me levava para ver coisas que as vezes eu não tinha o olhar e ela dizia "olha isso, olha aquilo". Então esse olhar para o outro de uma forma diferente eu tenho até hoje graças a ela. Chegava da escola, tirava o uniforme e ia brincar. Mudei de escola e fui estudar numa escola bem maior que pegava o quarteirão inteiro e no recreio eu ficava no cantinho sozinha com o meu lanchinho, mas tinham outras meninas que também ficavam sozinhas com o seu lanchinho e acabamos formando um grupinho de sozinhas com os seus lanchinhos. Na quarta série tive uma professora freira, de português. Eu era muito boa aluna e sabia ler. Ela sorteava, e um dia ela chamou o número 33 e eu fui ler uma palavra, mas eu não consegui ler. Ela dizia "errou, repete" eu lia e não saía. "Errou repete", até que ela foi na minha cabeça e começou "você está errando, você está errando". Foi a gota d'água, chorei horrores, fui sentar e ela me pôs para fora porque eu não parava de chorar. Daí em diante eu tive grandes dificuldade, até a fase de adolescente, para ler em público. Isso me serviu de lição no sentido de não exigir do outro aquilo que ele não está preparado. Quando eu dei aula eu sempre me lembrava dessa situação. Foi uma coisa muito boa, ruim na época, mas depois foi um grande aprendizado para respeitar o outro. Eu fui fazer piano e todas as vezes que tinha alguma festa na escola tinha show de talentos. Daí, resolvi fazer pintura a mãos livres, culinária, puericultura e quando eu estava na 6ª série começaram a inserir fanfarra e eu fui lá tocar caixa. Todo esse contexto foi me levando até o final da escola quando eu tive que fazer a escolha para a faculdade. Resolvi fazer biologia porque eu sempre fui muito ligada a natureza, sempre tive bichinhos, tartaruga, peixinho, plantas e ajudei a minha mãe a cuidar. Entrei na faculdade. Uns três meses depois me candidatei às aulas de ciências e biologia. A escola era bem de periferia, escuro a noite. Na primeira aula que eu fui dar, percebi que os alunos tinham a minha idade ou mais, muitos eram casados e isso me deixou com um frio na barriga. Tive muito apoio na faculdade, fui à trás de pessoas que pudessem me orientar, não pelo conteúdo, porque o conteúdo é fácil. Você vai lá, estuda e você dá. É pela troca, como você vai lidar com o outro sem o outro desconfiar de você? E sem você ficar pensando "acho que eles não estão gostando daquilo que estou falando". Acho que isso é a pior coisa para alguém que está diante do público.

Começamos a fazer festivais de teatro, cada um fazia a sua peça e os pais ajudavam. Então começamos a envolvê-los. Fizemos isso com música, com campeonato de futebol, desfile de moda enfim, nós fomos envolvendo a comunidade

de tal forma que eles não viam mais a escola como o lugar que só estuda, mas como um lugar que faz parte da vida. Foi para mim um grande desafio de gerar mudanças e uma grande satisfação. Comecei a olhar no fundo do túnel e estava vindo a minha aposentadoria. Conheci no parque Celso Daniel o Lian Gong e Tai Chi, comecei a gostar e todo o domingo eu ia. Fui fazer cursos de formação de Lian Gong e Thai Chi. Em 2005 fiz parte do projeto em Santo André dando aulas. Desde que eu dava aula para os meus alunos na escola eu nunca ficava presa ao conteúdo. O conteúdo tem que ser dado, mas o conteúdo não é tudo. No Lian Gong eu não fiz diferente. Eu ia, dava as três partes, mas sempre tinha um espaço, ou antes ou depois da aula, para conversar com os alunos para eu saber como é isso para eles.

Rodrigo Felício Tomaz (34 anos - educação artística - Artes Cênicas)

Aí entrou a arte. Eu conheci um professor que dava aula na casa da música e aí eu comecei a ir para esse lado de música clássica, só que a situação estava ficando preta, eu tinha uns 16 anos e minha mãe falava que eu precisava

ter uma profissão. Eu passei na Federal e quando terminei fiz estágio na Eletropaulo. O trabalho era árduo, você tinha que andar na favela, não tinha como ficar entrando de carro. Você tinha que ir na casa das pessoas, fazer a inspeção elétrica, tinha que orientá-las, conversar com elas,

mas elas não queriam conversar. Eu lembro muitas vezes que, andando na favela, eu falava "Nossa eu tenho que sair daqui", com raiva mesmo. "Nossa aqui eu não posso ficar, que lugar horrível que lugar horrível." Já estava beirando os meus 18 anos, eu ainda fazia parte da igreja e trabalhava em um grupo de entrega de marmita para moradores de rua e eu conheci uma menina. A gente começou a se paquerar, mas ela participava de outro grupo que era de palhaço de hospital que tinha na igreja e ela me chamou para ir. Eu fui na paquera, só que no dia que eu entrei no hospital eu falei "nossa!". Esqueci da menina, porque ação foi muito maior do que aquilo que eu esperava. Eu lembro muito bem do dia, tinham muitas crianças carentes que estavam há tempo naquele hospital e eu senti uma potência muito maior do meu corpo. Então como palhaço eu senti que esse corpo era livre, eu podia tudo e a partir dali eu comecei a querer saber o que era esse palhaço. Com trabalho

na favela eu aprendi que as pessoas são pessoas de verdade, porque ali elas falam, elas questionam “porque que você está desligando a minha luz? porque você está me cobrando?” Tem outro olhar também, tem o olhar daquela pessoa que vive ali, que brinca ali, enfim, ela tem relações ali com outras pessoas e isso começou a me despertar para essa questão da relação, Então eu comecei a me voltar um pouco para o teatro, para esse trabalho de relação, Conheci uma pessoa que se chama Ricardo Pusset do grupo Lumen. Ele vem da linha do palhaço, mas também vende um teatro de relação que quer sentir a potência das pessoas. Conversando com Ricardo numa oficina que ele estava fazendo, ele falou que a ideia era justamente tentar tocar o outro não a partir do que eu estou fazendo, mas do que o outro está sentindo. É algo invisível aos olhos, mas você só consegue quando você entra em contato profundo na relação. Eu falei nossa é isso que eu quero e eu comecei a caminhar por esse sentido de tentar procurar um teatro voltado para essa questão. Percebi que era fundamental a prática para tentar ter esse corpo mais perceptivo. A partir dali eu comecei a fazer oficinas e comecei a me voltar mais para o teatro.

Maria das Graças Souza Ganiko (64 anos – psicologia – psicoterapia - terapeuta corporal)

A criança quando brinca já começa a ter práticas corporais. Comecei a me ver e percebi que eu era uma criança pouco ativa, eu preferia brincadeiras menos ativas, eu gostava de brincar de roda, de boneca, passa-anel em vez de pular corda, subir em árvore ou corrida. A família foi a minha primeira influência.

É uma família de nordestinos lá de Pernambuco, então uma família bem alegre, divertida, todo encontro nos fins de semana tinha festa e toda a festa tinha dança, música e dança. Não precisava ter motivo para ter festa. Minha mãe cantava muito, desde pequeninha eu ouvia ela cantar, tudo que ela fazia ela fazia cantando e eu aprendi muito, aprendi todas as músicas do tempo dela e gostava de cantar junto com ela. Meu avô era tipo forte, parecia índio, meio duro e machista, mas ele gostava muito de dançar, a gente brinca que a gente aprendeu a dançar antes de andar. Meus pais e todos os tios gostavam de dançar e o meu avô é que ensinava a gente a dançar, ele que ensinou bolero, valsa, rancheira, as danças regionais de Pernambuco. Foi passando o tempo e começou aquela cultura de corpo, e aí eu

pensei: bom preciso voltar para o esporte, faz bem, é saudável para o corpo e a gente tinha que fazer. Fui fazer aula de yoga, me encantei e pensei: aqui é minha praia, vou praticar alguma coisa física que é bom para saúde. Pratiquei um pouco de yoga, acho que por um ano. Fui para a natação, mas a natação tinha um aquecimento antes na beirada da piscina que eu não conseguia depois fazer aula de natação. Polichinelo, eu passava mal e aí o professor perguntava: você tomou café? Você não tomou café? Experimentei de tudo, não vai dar e parei a natação, não conseguia. Voltei a pensar na yoga. Na academia de yoga descobrir o Tai Chi Chuan, a yoga era meio parada e o Tai Chi era mais dinâmico parecia dança e fui fazer o Tai Chi e aí eu conhecia as danças circulares e me apaixonei. Aí descobri a psicologia, fiz vestibular, passei, tinha tudo que eu queria, não passava pela medicina e ia estudar o comportamento humano que era o que eu queria. Mas não gostei muito do divã e me encantei com psicodrama que era alguma coisa mais dinâmica. Durante o curso de psicodrama eu fui fazer um curso de teatro porque fazia parte e aí eu me encantei com a expressão corporal. Cheguei a trabalhar e preparar grupos de expressão corporal e voltei a pensar o corpo, mas num corpo de uma forma diferente, não do esporte da competição, no corpo para ajudar o comportamento, para estudar as pessoas.

Maria do Carmo Souza (62 anos - comunicação social)

Nós éramos uma família de cinco irmãos mais o meu pai e minha mãe. A gente morava num bairro afastado de Santo André chamado Parque João Ramalho. Eu lembro que lá tinha muito verde, muita terra. O quintal era enorme, tinha um monte de pé de frutas, de goiaba, banana e não tinha separação entre vizinhos. As crianças vizinhas vinham na casa da gente e a gente ia na casa dos vizinhos, era uma coisa muito legal muito divertida. Em frente de casa tinha um córrego, um riozinho com areia branquinha, a gente brincava e meu avô tirava areia de lá porque ele fazia casas. Todas as casas da região eram feitas pelo avô e pelos tios, eles sabiam construir, eles eram pedreiros. Eu ia a pé todos os dias para escola, ia eu e uma amiga e na volta, para o tempo passar mais rápido, a gente vinha jogando queima, a gente fazia bolinha de papel e ficava

jogando uma na outra. No caminho também tinha o homem que vendia cocada que era uma delícia. A gente parava na casa dele, me lembrei disso agora, a gente pegava a cocada quentinha. No ginásio eu comecei a aprender a fazer ginástica como tem hoje, eu lembro que a ginástica era bem pesada, tinha abdominal, tinha não sei o quê. Não era assim uma coisa light, uns alongamentozinhos não, tinha que fazer ginástica mesmo e muitas vezes, 20 vezes cada exercício ou 30 vezes e depois voltava tudo a pé para casa, as pernas ficaram fortes. Quando criança a gente começou aprender os primeiros passos de dança, então, dançar era uma coisa natural como andar, porque o avô saía com a gente pelo salão de casa e ficava dançando. A prendemos todos os ritmos valsa tcha-tcha-tcha, mambo, bolero, todos os ritmos da época a gente sabia dançar. Entrei na faculdade, escolhi comunicação social na área de publicidade e propaganda, não sei porque eu escolhi isso, a gente sai do colegial geralmente sem saber o que vai fazer. Como eu gostava de cinema de teatro de ouvir música eu achei que comunicação era legal. Eu gostei do curso, achei muito divertido. No primeiro ano de faculdade eu fui fazer teatro e eu sempre fui muito tímida, eu tinha dificuldade de me expressar falando, mas eu gostava muito de escrever, gostava muito de ler eu, era muito aplicada na escola. Eu descobri que para você melhorar a saúde a gente tem que buscar o equilíbrio em todos os setores da vida, no corpo, na mente, nas emoções e os exercícios físicos. Eu tentei academia de ginástica fiz um ano, fiz curso de jazz, dança de salão, mas o que pegou mesmo foi a filosofia oriental o yoga. Aí eu descobri o Tai Chi e foi melhor para mim, porque é muito mais movimentado que a yoga. Nas aulas tinha filosofia por trás e eu gostava de estudar essa parte filosófica. Depois eu descobri a dança circular e me apaixonei porque eu sempre gostei de dançar.

Mônica Silva Oliveira Chaves (38 anos – educação física)

Eu sou a mais velha de cinco irmãos e a única menina do lado da minha mãe. Na família do meu pai já tinham outras primas. Eu sempre fui diferenciada porque eu era da parte morena da família e sempre fui tachada a moreninha bonitinha da família. Minha tia falava “ah! que neguinha cheirosa da tia”. Eu tenho uma prima que sempre era tratada como branquinha inteligente e eu era moreninha bonita, sempre teve essa diferença. Parece que eu fui criada para

ser a bonitinha que ia casar e ia cuidar da família e ela ia ser a que ia estudar. Eu me sentia assim até alguns anos atrás. Eu morava no centro e estudava numa escola boa, mas quando meu pai perdeu o emprego nós fomos morar no Alvarenga naquele fim do mundo e para mim foi um fim mesmo. Foi bem difícil, eu nunca tinha visto o cavalo na rua, gente suja, pé no barro. Foi momento muito difícil, até eu me acostumar foram uns dois ou três anos chorando. Eu só ficava em casa com a minha mãe cuidando dos meninos menores. Eu não sabia ir em um banco, eu não sabia fazer nada. Hoje eu sinto um pouco, mas eu levo isso de lição e eu faço ao contrário com a minha filha. Eu também sofri muito porque minha mãe é alcoólatra.

Com mais ou menos 15 anos eu conheci meu marido foi um refúgio daquele mundinho e minha mãe me deixou sair um pouquinho de casa, ele me levava para passear. Eu engravidei tinha acabado de completar 17 anos, foi na minha primeira relação sexual. Foi um momento muito difícil tanto é que eu joguei o meu vestido de noiva no lixo. Eu não gosto muito de me lembrar daquela época porque o meu marido sempre foi muito independente. Eu pensava que eu ia casar com ele e íamos viver, eu ele e minha filha naquele mundinho. Ele falava assim pra mim "você tem que sair, você tem que ter amigas, você tem que fazer as suas coisas". Eu achava que ele queria o meu mal, mas não era, ele queria o meu bem, ele queria me preparar para as coisas que meu pai e minha mãe não fizeram, mas isso me machucava muito. Eu tinha uma tristeza muito grande, meu cabelo começou a cair, eu queria me separar, mas eu não aceitava a separação. Ele continuou a vida dele, ele continuou trabalhando, continuou saindo com os amigos dele, continuou bebendo a cerveja e eu não. Com 17, 18 anos era dona de casa esperando ele chegar do serviço e isso me machucava. Fiquei careca dos lados, essa foi a parte que eu mais fiquei desesperada, o cabelo da mulher é tudo é o seu espelho. Aí eu fui para a psicóloga, foi muito bom conversar com uma pessoa que me ouvia, ela nunca me apontava só me ajudava. Eu estava com 26 anos e queria fazer alguma coisa por mim e nessa época meu pai minha mãe estavam se separando porque minha mãe chegou no fundo do poço por causa do alcoolismo dela. Essa parte deprimente, não é só deprimente, tem a questão da superação. Eu quis falar isso pra mostrar como eu cheguei aqui hoje. Consegui uma bolsa de 80% para fazer a faculdade. Escolhi educação física porque eu lembrei que eu gostava dessa questão do corpo, de dançar, de fazer essas coisas de modelo. Consegui um estágio e conheci um professor de educação física que me ensinou muitas coisas, trabalhar

com dança, trabalhar com hidroginástica, fazer tudo dentro de um clube, até academia de musculação, foi um estágio muito importante, muito legal. Depois passei num concurso público em Santo André para dar aula em escola, estudei muito para passar neste concurso. Eu tive ali o meu marido e a minha filha que me ajudaram muito. Meu marido, por mais dificuldades que tivemos no começo, ele me mostrou o valor de uma pessoa ali do lado porque me ajudou muito nos momentos difíceis da faculdade, ele estava ali comigo.

Evandro Volpe (31 anos – educação física)

Eu tive uma infância muito boa, eu vivi com os meus pais morando com meus avós. Meu avô era caseiro de uma escola estadual e nessa escola tinha um quintal muito grande pegando um quarteirão inteiro, era uma mini chácara.

Eu sou meio caipirão e tive uma infância regada de pegar fruta no pé, de brincar, de guerrinha de barro, rodando pião e brincando de esconde-esconde. O futebol aparece na minha vida aos 14 anos. Eu comecei a ter certa desenvoltura com futebol na escola e aí fui fazer um teste, passei e assinei contrato com o Nacional e comecei a jogar. Fui pro São Caetano e União Bandeirante no Paraná e lá eu tive uma situação que foi meio constrangedora. No dia de assinar o contrato o diretor marcou uma reunião comigo às 6 horas da tarde. Entrei na sala e aí ele começou a falar, perguntar algumas coisas e eu vi que ele começou a querer entrar muito na minha vida pessoal, principalmente com relação aos relacionamentos. Aí eu falei: olha, eu vim aqui para assinar o contrato, eu vou assinar ou não? Aí ele falou assim: você vai, mas você vai ter que passar no teste. Mas eu já fiz o teste já peguei o resultado não tô aprovado? Você está aprovado, ele disse, mas tem um outro teste. O cara queria que eu passasse uma noite com ele para assinar o contrato, ele fazia isso com todos. Liguei pro meu pai, expliquei e ele falou “filho vem embora não vai ficar nesse lugar”. Fui para o Vitória da Bahia num time de expressão maior e tive uma experiência muito legal, muito boa. Era final da taça Juniores e a gente ia fazer uma preliminar do jogo principal Bahia e Vitória que lá é pior que Corinthians e Palmeiras. Tinham umas 10/15 mil pessoas dentro do estádio e eu sei que estava no fim do jogo e a gente estava ganhando de 1 a 0. O cara cobrou o lateral para mim, eu fui dar um estourão de esquerda e eu furei a bola,

aí o cara pegou e fez o gol. O estádio inteiro quase entra em campo pra me bater, foram os cinco minutos mais longos da minha vida, os caras tocavam a bola pra mim e o meu corpo tremia da unha do dedão até o último fio de cabelo. É um coro muito forte te xingando é uma pressão muito grande. Eu guardo a chuteira até hoje e quando eu olho, eu não me lembro de uma coisa ruim, me dá força porque eu consegui passar por isso.

O futebol me deixou um cara muito competitivo, Quando fui fazer a faculdade eu percebi que tinha isso muito forte em mim. Entrei na faculdade de educação física porquê de um jeito ou de outro eu queria estar ligado ao esporte. Lá tinha uma professora de ginástica rítmica que, num bate-papo informal, me falou que pela minha altura, pela coordenação motora e pela desenvoltura talvez eu tivesse mais sucesso na dança. A dança começou a me deixar mais sociável e as pessoas que me conheciam há mais tempo começaram a identificar isso. Quando você tem esse feedback, você começa a se animar porque as pessoas começam a te elogiar, começam a ver a sua evolução. Vou falar agora de uma coisa... o meu pai. Ele sempre fez uma coisa que eu nunca aceitei que é beber, eu nunca entendi porque ele bebia se ele tinha uma família feliz, lutadora, batalhadora, todos os irmãos trabalhadores. Eu tomava pancada, gente, de tudo quanto fosse jeito, mas eu não podia ver o meu pai bêbado. Tanto que eu falo me emociono até hoje, eu podia ser mandado embora, não conseguir a construção dos meus sonhos, mas ver o meu pai bêbado era muito ruim, muito, muito, muito, muito. Os meus irmãos mais velhos, meu irmão e minha irmã, eles já estavam acostumados, mas eu não sei porque, eu não.

Clarissa Franchi (26 anos - Teatro)

Eu era filha única, mas brincar sozinha não era problema, eu usava bastante a imaginação. Depois, meus primos nasceram e eles eram as únicas crianças com quem eu tinha contato. Fui para a escola e eu era o que eles chamavam de criança extrovertida, porque quando chegava uma criança nova na escola eu ia lá pegava a criança e ia brincar com ela.

Meus pais se separaram quando eu tinha mais ou menos cinco anos porque o

processo foi muito longo, começou aos quatro e pouquinho e durou até os sete. Eu costumo contar a minha vida bem pela escola porque eu passei uma grande parte da minha vida dentro dela. Meus pais continuaram disputando a minha guarda e brigavam muito e isso me atingiu naquele momento. Então, se eu era uma pessoa mais expansiva eu passei a ficar mais quieta não me relacionava muito com as outras crianças da escola. Meu pai cobrava muito, muito, muito, muito uma postura minha impecável. Eu tinha que ficar extremamente reta, extremamente com a postura correta e ele até falava que se eu não ficasse reta ele iria colocar uma tábua nas minhas costas. Eu também lembro que eu não conseguia mais me curvar mesmo que eu quisesse e as crianças perguntavam quando a gente sentava no chão porque eu não sentava como elas, mas eu não conseguia mais naquele momento fazer aquilo. Fui para o ginásio e aí eu comecei um processo de retomada do que eu era, então eu comecei a me abrir de novo para as pessoas, conversar com quem chegava novo na escola. Tinham aqueles grupinhos, eu não era de nenhum deles, eu andava por todos eles, as pessoas gostavam de mim e confiavam em mim. Só tinha um problema, na minha casa moravam eu, meu avô, minha avó, minha mãe e meu tio. Era extrema a falha de comunicação e havia muita agressividade. Era uma bomba-relógio aquela casa. Quando estava só eu e os meus avós não tinha problema nenhum, mas quando todos estavam em casa era questão de uma frase que alguém falou e a outra pessoa entendeu errado ou uma coisa absurda como um bife que minha vó estava acabando de grelhar e não estava ainda pronto na mesa e meu tio virava mesa com o almoço todo pronto e ninguém mais almoçava. Eram coisas ridículas, bem pequenas que viravam coisas muito grandes. Isso sempre teve. Eu não posso falar do meu colegial sem falar do Marcelo Janine que era professor de teatro na época, uma das pessoas mais generosas e gentis que eu conheci, um artista e uma pessoa incrível. Ele sempre tratou os alunos com um olhar artístico e participantes e não como alunos. Desde o primeiro dia ele tratava a gente como artista e nossas opiniões importavam sim. Ele nunca colocou essa questão de professor que tem todo o conhecimento e do aluno que não tem nada de novo a ensinar, ele sentava no chão com a gente e conversava bastante. Ele nos conhecia bem, identificava nosso potencial e instigava a gente a expandir esses limites, mas ele nunca pediria nada de nós se não estivéssemos prontos naquele momento para fazer. Ele acreditava que os mais velhos passavam experiência para os mais novos, mas os novatos que chegavam sempre tinham algo

ou algum ponto de vista novo ou questões novas para trazer e essa troca era muito importante, tanto para os veteranos quanto para os novatos. Como eu disse: não existe ninguém que não tenha nada a ensinar, não existe ninguém que saiba de tudo e que não tenha nada para aprender.

Simone Rodrigues dos Santos (31 anos – educação física)

Eu nasci no dia 21 de março de 1985 em alagoas, de lá vim para São Paulo e fui morar na casa da minha tia e depois construímos uma casa. Para resumir um pouco a minha infância eu trouxe a poesia de uma aluna minha que se

chama Maria Aparecida e eu vou ler para vocês: Infância na Roça: só quem nasceu na roça é que pode contar o quanto é divertido morar lá. No meu tempo não tinha televisão, mas a gente não ficava sem diversão. Brincava de roda, de Pequim e de peão. Brincava de casinha, mas que tempo bom. Brincava de pedrinha, de perna de pau, pulava amarelinha, mas que legal. Montava cavalo, andava de bicicleta, criança lá na roça não fica quieta. Tomava banho de rio, brincava de correr, criança lá na roça se diverte para valer. Amarrava o cipó no galho, do pau fazia balanço, mas que legal. Eu pulava corda, soltava pipa, tomava banho na água da bica. Eu pulava corda como ninguém, brincava de bola, de curupira também. De bolinha de gude, de bambolê, era muito bom você pode crer. De boneca de pano, fogão de barranco, panela de barro, mas que encanto. Tinha boca de forno, a dança das cadeiras, também tinha Andoleta, eram muitas as brincadeiras. A gente também fazia muita tentação, veja só o que aprontou o meu irmão. Furou dois olhos em um mamão, tirou semente e fez um buracão, Acendeu uma vela dentro do mamão e colocou no meio da escuridão para assustar um homem valentão, Quando o homem viu aquilo fez um barulhão, encheu de bala aquele mamão porque pensou que era assombração. Na adolescência eu o resumo o meu corpo como um corpo em evidência. Na escola, uma professora de português me chamou para cantar num coral e eu cantei a música Jangada e também fiz uma encenação de teatro chamado o Alto da Barca do Inferno do Gil Vicente. O circo também foi onde esse corpo estava em evidência, em especial na Lira. Eu tentei ir

para a área de desenhista, foram poucos meses, mas acho que deu para dar uma rabiscada. É superinteressante como essas coisas despertam um novo olhar. Eu fiz muitos cursos, balconista, barista e com todos esses encontros e convívios eu digo que o convívio com o grupo, em grupo e com suas diversidades me ensinou o respeito pelo próximo, como me relacionar com o corpo de um outro de uma forma saudável e de forma que eu me descobria pela relação, pela interação e pela composição. Aí chegou a hora de parar um pouquinho de brincar dessa história de lazer e trabalhar. Vamos fazer alguma coisa séria porque a família exigia um pouco disso. Antes da faculdade eu fui trabalhar na lanchonete da Juvelina e ela foi tudo para mim. Foi uma pessoa incentivadora, me dava livro para ler e chegou até a me dar cheque para fazer a faculdade, pagou curso de natação também. Na faculdade, de educação física, eu tive vários professores e conteúdos e os que mais me interessaram foram os jogos cooperativos, as atividades motoras e a natação. Também me fascinava a fisiologia e promoção da saúde.

Ana Cláudia Viana de Lima (35 anos -Licenciatura em Letras)

Sempre fui agitada, queria jogar na rua, andava sem camiseta, era bem moleca. Era uma briga porque minha mãe queria me educar bonitinha como minha irmã era em casa, mas eu não era. As brincadeiras sempre foram muito presentes na minha vida, principalmente com a parte imaginativa. Eu sempre gostei de brincar de faz-de-conta, brincar com tecidos, caixas, muitas caixas. A parte da minha mãe inteira era nordestina, então eu aprendi a dançar com os meus tios e vendo a minha mãe dançar. O meu avô, que tinha mais de 80 anos, também me ensinou. Não tinha meninos pra gente dançar, então se dançava menina com menina e era legal e gostoso. Quando chegou a Lambada e o Aché que dava para dançar solto, não precisava mais dos meninos, então a gente ficava inventando coreografias. Quando tinham as festas, além de dançar e fazer alguma coisa com o teatro ou desfilarmos eu ainda fazia parte da recreação. Dos 10 aos 14, além de ter jogado handebol e ter praticado atletismo eu comecei a jogar vôlei. Fiz CEFAN, porque era para ser professora, para trabalhar com crianças, foi muito legal e foi quando eu aprendi a ser mais humana, ter mais consciência das coisas, ser mais crítica e a pensar mais

antes de falar. E assim foi. Eu estudei 4 anos no CEFAN e já apontando mais para o teatro e apontando mais para dança e para o vôlei. O teatro era outra vivência, eu podia ser o que eu quisesse ser, e eu via que eu conseguia fazer com que aquele personagem que me davam chegasse nas pessoas. A recreação veio para mim na época do magistério porque a gente era incentivada a educação física voltada para a criança e não como um esporte ou como ginástica para adulto. Com o teatro da Conspiração eu entrei para ensaiar e era um processo colaborativo que é quando a diretora e a dramaturga vão colocando apontamentos para os atores se estimularem a criar cenas. O teatro uniu várias coisas que eu tinha estudado antes, o aquecimento, alongamento e a musculação para comportar todo o desgaste físico. Quando eu fui para a recreação o meu corpo já era todo outro, era brincante, era de rua, tudo que eu tinha tido na infância, todo eu, mas como uma consciência muscular, eu sabia o que eu estava fazendo. Em 2001, quando eu fui para o teatro da Conspiração, o trabalho do ator era totalmente corporal, então tudo que era do vôlei, da recreação, tudo o que eu já tinha estudado do modelo da passarela, do andamento da postura estava no teatro, então isso me deu o outro enriquecimento corporal. Eu não fazia algo sem pensar no corpo e isso para mim foi uma mega-descoberta. O trabalho era todo desconstrução do corpo, tudo o que a gente fazia era partitura corporal, um trabalho que soa para caramba e aí eu fui estudar a dança folclórica brasileira.

Andréa Giampietro Batista (45 anos - Ciências da Computação)

Quando eu era pequenininha eu subia nos pés do meu avô e ele me ensinava a dançar valsa. Ele falava para mim: quando eu for dançar com você na sua formatura eu não quero que você vai pra lá e vai pra cá, porque isso é muito feio, a valsa tem três tempos. Todo dia que ele chegava na minha casa era isso que ele fazia comigo e eu achava aquilo o máximo, subir no pé dele dançar a valsa. Infelizmente ele não dançou na minha formatura porque já estava doente no hospital na época, mas foi aí que tudo começou. Eu devia ter uns 12 anos, minha irmã tinha sete a outra tinha cinco e eu tinha mais duas primas e a gente brincava de fazer coreografia ensaiava desfile pra gente apresentar. Eu gostava de educação física, mas naquela época educação física era para você dar aula. E eu falava vou

dar aula para gente da minha idade? Olha esses moleques como eles são. Fiz ciências da computação. Eu não posso falar que me arrependi, foi uma fase muito boa da minha vida. Eu sempre gostei de trabalhar com o corpo, Eu trabalhava das 8 às 5 e das 5 em diante comecei a fazer aulas de dança de salão, fazia oficina de tudo que você pode pensar na vida, oficina de teatro, oficina de jogos teatrais, fazia alongamento, ósseo alinhamento. Comecei a dar aulas e fazia aula com um cara que tinha uma técnica totalmente diferente, ele trabalhava só com sensação não tinha passo, então é muito mais difícil você aprender. Eu comecei a fazer terapia e a terapeuta me chamou para eu dar aula para casais porque a gente tem que respeitar muito o espaço, de cuidar do movimento e cuidar da pessoa. Foi muito bacana porque você começa a conhecer muito mais o outro, respeitar muito mais o outro através do movimento. Era eu e a psicóloga que fazia o trabalho e aí ela começou a me dar os pacientes individuais, eles faziam comigo e eu fazia um relatório e passava para ela. Foi muito, muito produtivo porque ela me passava muitas informações muita coisa do que eu uso hoje também, ela me passava muitos exercícios. A minha aula de dança não era uma aula que você vai aprender o passo, a gente tinha exercício, de contato e improviso, exercício de sensação, tinha roda de conversa, era totalmente diferente de uma aula de academia. Aí eu comecei a dar aulas na casa de bruxa e foi o outro universo que se abriu. Eu fiz um curso de bruxaria onde a gente aprende a trabalhar com cristais e como ervas, fiz curso de massagem, de tarô, meditação, eu fiz um monte de outras coisas e me perguntava: Andreia você é analista de sistemas o que é que você vai fazer com tudo isso de conhecimento? Fiz dança terapia e comecei a ver mais ainda como a música e o movimento podem transformar a pessoa. Eu comecei a dar aula particular em casa, foi crescendo e comecei a fazer grupos. No começo eu fiquei muito mal porque eu era muito certinha, eu queria tudo muito correto o seu pé aqui sua mão é ali, o alinhamento é aqui, você tem aula de técnica e depois tem aula de musicalidade, onde você vai tentar colocar a música no corpo... Não rola. Aí teve um dia que eu falei não vou mais dar aulas não vou mais nada, fiquei mal, fiquei quase um mês assim. Eu buscava sentir e as pessoas buscavam fazer e quando você vai dançar não bate, não rola o negócio. Aí eu não queria mais porque eu não sentia mais com ninguém. Só vai entender isso quem realmente conseguiu sentir isso em dois. Sozinho é mais fácil porque eu estou sozinho vou fazer o que eu quiser eu viajo para onde eu quiser, mas em dois é mais difícil só que muito mais real. Eu comecei a

perceber que o que eu mais gostava não era só dançar, era ver a transformação das pessoas, O que eu faço hoje me completa, o que eu vejo hoje me completa, eu vejo a transformação das pessoas. Eu acho que a forma como a gente vê a vida é que vai mudando, que vai se transformando . Eu acho que as pessoas às vezes sofrem exatamente por isso, pela forma que levam a vida, elas esquecem que se você for simples as coisas se encaixam mais facilmente.

Flávia de Carvalho Maranhão (31 anos - Artes Cênicas)

Quando eu tinha uns sete anos, a minha mãe me perguntou se eu queria entrar no Balé, fiz um teste e entrei no Municipal de São Caetano. Comecei a fazer balé e me apaixonei por aquilo, fui indo, fui fazendo me formei no balé por volta dos 15 anos. Eu sou muito amiga da minha mãe, ela sempre me deu liberdade para falar o que eu quisesse, o primeiro beijo, a primeira transa, tudo, a minha mãe é bem cabeça aberta mesmo. Quando eu era menor eu nunca me dei muito bem com meu pai, não de brigar, era uma questão de afinidade. Só que o meu pai sempre foi um bom pai para gente, ele sempre fez de tudo pela gente, a gente nunca teve problemas dentro de casa, ele era um pai bem presente, levava na escola, acompanhava e ia assistir o balé. Quando íamos num restaurante e eu via ele sendo um pouco grosseiro com as pessoas, mas a minha mãe não falava nada, ficava morrendo de vergonha, só que ela sofria com aquilo e eu via o sofrimento dela, só que eu era muito pequena para entender o porquê daquilo. Isso fez eu me afastar do meu pai. Eu fui crescendo, fui amadurecendo, eu comecei a bater de frente com meu pai, não de brigar, mas de dizer olha não é assim que funciona, você está me constrangendo, eu fui aprendendo o jeito que eu poderia falar com ele nessa situação e para minha surpresa melhorou muito a minha relação com ele. Eu parei de guardar, comecei a falar o que me incomodava e comecei a mostrar o porquê que eu era daquele jeito com ele. O relacionamento melhorou muito, hoje nós somos muito mais próximos do que antes, eu consigo hoje dar um abraço nele sem ser forçado, porque eu quero dar um abraço. A gente agora é amigo. Um dia, uma amiga minha falou que tinha um grupo de balé no AD São Caetano que estavam precisando de gente. Aí eu fui, entrei nesse grupo e lá é que eu comecei a viver a profissão bailarina, ir para festivais, competir, ficar dias fora, ensaiar e apresentar. Comecei a perceber que a professora não me dava muito

destaque nas apresentações, eu quase nunca dançava na frente, eu era sempre a do meio e quando as bonitas não podiam, aí ela me punha, eu era a segunda opção.

Eu era a única do grupo que não tinha uma dança solo, a única. Eu chamei a professora, falei que estava saindo do grupo e desabafei. Ela foi bem fria e falou assim: “é Flávia, eu tenho que pôr as melhores sempre na frente porque é o cartão de visita do clube, eu não posso por uma mais ou menos”. Eu fiquei tão mal, tão mal, chorei dias e dias com aquilo. No vestibular em fiquei em dúvida entre dança e artes cênicas, mas eu escolhi artes cênicas porque eu também gostava muito de atuar. Comecei a fazer exercícios psicológicos, exercícios teatrais, que foram me soltando foram fazendo eu me soltar aí eu me soltei de vez. Comecei a me impor mais, comecei a falar não, não quero e acabou e comecei a descobrir as coisas sobre a minha sexualidade. Fiz muitos amigos na faculdade muitos amores, experimentei diversas coisas desde drogas até beijo com menina.

Katia Tomé da Silva (35 anos - educação artística - artes cênicas)

Impossível falar de mim sem falar da minha família que é meu alicerce. Eu sou filha de pais que vieram do interior do Paraná em busca de uma vida melhor. A gente foi morar num barraquinho no Taboão onde morei os meus seis primeiros anos de vida, me lembro como se fosse ontem, muitas histórias dali. Nesse barraquinho, meus pais fizeram uma vendazinha com refrigerantes, sorvetes, doces chicletes, menos bebida alcoólica porque eles eram evangélicos. Minha mãe usava coque, ela tinha um cabelão lindo, preto, lisinho, comprido, mas ela lavava, esperava secar e colocava o coque. Eu ia pra igreja e via aquelas senhoras com coque e falava pra minha mãe “mãe eu nunca vou usar coque na minha vida”. Então um dos motivos para eu não ter feito balé foi o coque. Fiquei fascinada com a televisão. Os anos 80 foi o auge de programas infantis, tinha a Xuxa, tinha o balão mágico, tinha a Mara e Angélica, tinha Trem da Alegria, tinha muita coisa para criança. Eu decorava todas as coreografias da Xuxa, da Mara, eu pegava escova de cabelo e fingia que era microfone, eu viajava no meu mundinho, filho único tem que ser criativo com as brincadeiras. Meu pai trabalhava das 2 às 10 da noite, então quando ele chegava em casa, na janela da venda tinha uma frestinha, ele cocava a mão ali de noite para dizer que chegou e eu ia do lado

de dentro e colocava a mão também, era um sinal pra dizer que chegou. Aí um dia ele chegou e não fez esse sinal porque tinha uns homens discutindo. Meu pai entrou rápido, teve tiroteio e o cara caiu na frente de casa morto. Teve um outro incidente que foi no barraco do vizinho e também amanheceu um corpo lá. Essas e outras, meus pais disseram “isso aqui não é vida”. Juntaram uma grana, uma tia no Paraná ajudou também e a gente comprou um terreno no Ipê onde eu moro até hoje e construíram a casa rapidinho. Só que no Taboão eu tinha chegado bebezinha de colo, poucos meses de vida, as pessoas me viram crescendo e como meus pais tinham a venda a gente era muito conhecida ali. Aí a gente foi para um lugar que eu não conhecia ninguém, tudo era chato para mim e eu queria voltar para o barraco... Dos 7, 8, 9 até os dez anos eu fiquei nessa de coreografia, eu queria ser a Mara, eu queria ser apresentadora de programa infantil e atriz. Comecei no teatro tarde, fui fazer um curso de interpretação com 17 anos. Aí chega o momento das artes cênicas. Um momento muito importante, porque eu era muito tímida muito, muito, muito, de ter vergonha de comprar uma calça jeans na loja, vergonha da vendedora, de dizer não para vendedora. O teatro que eu tinha feito lá trás já tinha me ajudado a me desinibir um pouco, mas aí na faculdade e eu deslanchei com muitos exercícios. Passei o ano de 2011 inteirinho trabalhando com eventos. Em 2012 fui trabalhar no Hopi Hari pela primeira vez na hora do horror, só que aí chega uma época que apertava e eu tinha que procurar outras coisas, então eu trabalhei em gráfica, trabalhei nas Lojas Americanas atrás de caixa, só que eu não tinha estudado para aquilo.

Rosana Rodrigues de Oliveira (39 anos – assistência social)

Há uns quatro anos atrás eu estava na sala de serviço social lá no Hospital das Clínicas e falei: “meu Deus eu não aguento mais ficar trabalhando aqui o que eu vou fazer?

Para onde eu vou? Eu não quero mais ser assistente social,

quero trabalhar com dança, ganhar dinheiro com isso e viver disso, mas como?”

Meu pai tinha falecido e eu falei não agora é que eu vou sair mesmo do Hospital das Clínicas porque eu não quero mais, não me faz feliz eu não quero ficar aqui. Todo mundo falava que eu era diferente das pessoas que trabalhavam no hospital porque todo mundo... não é que eram tristes, eram, sei lá e eu sempre rindo. Eu estava me

preparando para sair, mas o meu pai ficou doente, Aí eu ficava de dia no Hospital das Clínicas e a noite no Hospital do Câncer e dormia lá. De dia no Hospital das Clínicas e a noite dormia no Instituto do Câncer e com isso passou um ano. Meu pai faleceu e aí eu descobri porque eu tinha passado por tudo aquilo no Hospital das Clínicas, as muitas vezes que eu me sentia mal e que queria sair correndo, várias coisas que aconteciam lá dentro e que eu não concordava. Eu fiquei lá esse tempo todo para cuidar dele, para ajudar no tratamento. Pedir as contas sendo concursada é um negócio que vocês não têm noção, é uma pressão, é triste. Eu não falei para ninguém, fui lá pedir demissão e pronto. Tanto que quando eu pedi demissão, eu não esqueço, as pessoas que foram fazer o meu exame demissional me falaram "Rô, parabéns" e eu perguntei "por quê?" "Porque você só tem 5 anos aqui e se você passa de uns 8 você não tem mais coragem de pedir demissão. Eu estou aqui velho já, não consigo sair, estou aqui". No último dia que eu passei lá parece que as pessoas estavam falando para mim "vai minha filha, vai que você está fazendo a coisa mais certa".

Vanessa Vassalo Silva (37 anos – psicologia)

Eu tenho 35 anos, sou paulista, casada e estou indo para a terceira filha. A minha aproximação com as práticas corporais não foi diretamente com o corpo, tanto é que quando eu era criança eu não gostava de fazer educação física, eu pedia dispensa, na verdade eu mentia que estava doente para não ir mesmo. Eu não gostava de jogar, eu não gostava de participar de jogos, talvez pela forma que era a educação física dentro das escolas. Quem jogava bem tinha aquele grupinho, quem não jogava ficava excluído, então aquilo gerava certa repulsa, mas eu gostava de outras coisas, eu gostava de dança e de música. A musicalização no meu corpo entrava como resposta na educação física. A música motivava o meu corpo a fazer outras coisas, porque a dança está junto com a música, isso gera motivação e você enxerga o seu corpo de forma diferente. Desde muito cedo eu descobri que eu tinha algo diferente na voz, e que eu gostava de cantar. Se eu estou bem você percebe pela voz e se eu não estou bem você também percebe pela voz, ela denuncia muita coisa. Este é um segredo que estou contando. Eu me envolvi com grupos musicais da igreja, fiquei mais de 10 anos

cantando na igreja católica. Participei de vários concursos de banda, várias viagens, gravações em estúdio. Em paralelo eu tinha amigos que eram de grupos de rock, de MPB, então quando eu não estava na igreja estava fazendo rodas de música, ensaiando na garagem de alguém e a gente se apresentava em alguns lugares, em algumas festas. Eu passei por todos os estilos musicais, Rock, música da igreja, MPB, Forró Universitário, tirando o Funck que na época não tinha tanto. Não dá para cantar separado do seu corpo, é automático, seu corpo vai responder, mesmo que seja uma música bem parada. Aí eu resolvi escolher um curso para entrar na faculdade, eu queria música, mas eu também gostava muito de psicologia, porque eu gosto do relacionamento das pessoas, eu gosto de estar no meio de grupos, de entender o outro e também de me entender. Durante a faculdade de psicologia eu tive várias vivências de grupos de teatro, grupos de roda de músicas, danças circulares. Eu trabalhei muito tempo no Call Center e tirei muitas lições dali porque o jogo de cintura que você tem que ter, a paciência, a resolução de conflitos é muito grande. Eu também trabalhei no departamento de RH da prefeitura com o psicólogo, foi uma grande escola porque lá a gente fazia treinamento, recrutamento e seleção e visitava todos os departamentos da prefeitura. Eu retornei com a música através de uma pessoa que morava no meu prédio, tinha uma plaquinha escrito: aulas de espanhol. Comecei a fazer aula particular e aí ele falou para mim do Evangelho de Cristo, ele me falou de Deus de uma maneira diferente que saltou aos meus olhos. Eu não vivo Deus como uma doutrina, como uma regra de uma instituição religiosa, como as pessoas falam. Eu enxergo Deus de maneira existencial porque Deus está dentro de mim, ele está dentro da minha corrente sanguínea e é uma coisa que é interna. Nesse meio tempo eu estava fazendo casa da música, fiquei dois anos, lá você aprende toda a vivência de corpo, expressão corporal, a relaxar, você trabalha a sua voz, você entende a sua potência vocal e o seu ritmo. Também me matriculei num curso de liderança pastoral e desenvolvimento de pessoas. Foi um ano de curso e lá eles ensinavam como liderar grupos e como fazer com que as pessoas que têm potencial se desenvolverem no que elas sabem fazer, porque, às vezes, a tendência é você sufocar o que o outro sabe fazer.

ANEXO 2 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA

Todos os relatos autobiográficos dos educadores sociais foram gravados em áudio e vídeo, e esse material foi utilizado com dupla finalidade. Uma delas foi na formação permanente das sextas-feiras, não só pelo conhecimento e reconhecimento de si e do outro com relação às suas proposições nos grupos de práticas corporais e eventos realizados pelo Lazer, mas também como trabalho na identificação das principais ideias contidas nos relatos como forma de despertar o olhar / a escuta atentos para as falas nos grupos de práticas corporais. Um dos exercícios que fizemos foi formar duplas de trabalho para uma releitura dos relatos apresentados. Assim, os relatos gravados em áudio e vídeo foram sorteados entre as duplas (dois relatos para cada dupla) e, após escutá-los novamente, compuseram outro relato a partir das falas, destacando o que lhes “saltaram aos olhos”.

A outra foi utilizá-lo como dado de pesquisa para compor o texto cartográfico do De Bem com a Vida. Após escuta exaustiva das falas e com atenção flutuante ¹⁹⁹ voltada também para uma comunicação não verbal como gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito²⁰⁰, os dados foram recortados em unidades de registro constituídas de frases, expressões e acontecimentos relevantes. Após a seleção dos trechos das narrativas, quadros temáticos, um para cada Educador Social, foram elaborados. Entretanto, havia muitos elementos de cada um dos ES, como suas histórias de vida, seus relacionamentos, suas amarguras e sucessos e, portanto, havia a necessidade de aprimorar o critério de organização para ficar mais clara a trama e de fácil localização. A opção foi incluir três grandes eixos: o primeiro eixo delimitava as narrativas específicas da história de vida do Educador Social (HV); o segundo eixo dizia respeito aos relatos que relacionavam a sua história de vida com as suas práticas no De Bem com a Vida (HV/DBV); e o terceiro eixo continha as narrativas específicas do projeto (DBV). Também foram identificados relatos de experiência e

¹⁹⁹ THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 5ed. São Paulo: Editora Polis, 1987.

²⁰⁰ LÜDKE, Menga. & André, Marly. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

as conversas ao final dos relatos que se destacaram, como mostra o exemplo do quadro a seguir.

<i>Máq. móvel</i>	<i>filme 0</i>	<i>Educador Social "A"</i>	<i>Classificação</i>	<i>Tema</i>	<i>OBS</i>
06:08	08:22	E aí eu trago um relato de uma senhora, ela se chama Dona E. Hoje ela não faz parte mais dos grupos porque ela fez uma cirurgia e ela ficou um pouco debilitada. Há um ano, eu fazia uma atividade, eu sempre começava com essa atividade para descontraí, eu colocava uma música que é de uma peneira e agente simulava uma peneira, a gente gesticulava e fazia uma peneira e peneirava, peneirava, peneirava, bem rápido. Eu falava que elas tinham que peneirar com a cintura, mexer o quadril e elas gostavam sempre dessa prática. A Dona. (continua...)			Relato de experiência
09:03	09:20	Hoje eu não tenho esse contato com a televisão e acho que para mim é bom porque me coloca em outro lugar. Hoje eu não tenho televisão em casa e estou pensando em não ter. Porque isso traz uma outra relação até com as pessoas, porque elas me contam o que está na televisão. Então, eu acho que é mais legal. Até no grupo lá, quando elas falam alguma notícia "Ah! você viu?" - "Não, não vi, me conta" E elas me contam, isso é bacana e com outras pessoas também.	HV/DBV	1. espaço 2. relação com participantes	
<i>Máq. móvel</i>	<i>filme 1</i>				
02:09	02:23	Aí entrou a arte. Então eu acho que foram três coisas que favoreceram para os meus valores de hoje, acho que até para o corpo: a superproteção da minha mãe a religião e a arte.	HV	terceiro eixo da HV	
<i>Máq. móvel</i>	<i>filme 4</i>				
12:55	13:08	(PERGUNTA) Fiquei com a ideia de que você traz um pouco, não a relação de professor aluno, isso você deixou claro, mas delas se perceberem. Como é que você lida, se isso acontece, com a relação de eu perceber o outro, como você enxerga isso nas práticas?			
13:08	13:57	Eu acho que quando você se percebe automaticamente você percebe o outro e é pouco do que eu trago para elas. Então quando eu falo para ela se perceber é porque ela vai se perceber tanto que ela vai perceber o outro. Acho que é muito a ideia do Lume que eu carrego. Ele falou "eu vou fazer o outro me sentir não pelo contrário, eu vou lá e faço ele me sentir. Não. Eu vou sentir o outro pelo sentido dele, eu vou chegar até ele". Porque ele faz isso? Porque ele se conhece, ele se percebe, então ele se percebe tanto que ele percebe o outro e aí o outro pode se conectar com ele. Ele pode sentir a emoção do teatro, ele pode sentir a emoção do que ele está fazendo, acho que é um pouco por essa ideia	DBV	percepção de si	Conversações

Quadro 1: Exemplo do quadro de categorias analíticas elaborado para cada Educador Social.

Os recortes temáticos e a planificação das categorias caminhavam, de certa forma, na contra mão da pesquisa qualitativa que procura evitar a separação entre o

pesquisador, o objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa. Então, os vídeos também foram divididos, pois diferente do material escrito, o material gravado em áudio e vídeo expõe a vida, os “imponderáveis da vida real”, ou nas palavras de Malinowski.

*existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento. Chamemos-lhes imponderabilia da vida real. Neles se incluem coisas como (...) a existência de fortes amizades ou hostilidades e os fluxos dessas simpatias e desgostos entre as pessoas, o modo subtil mas inequívoco como as vaidades e ambições pessoais têm reflexos sobre o comportamento do indivíduo e as reacções emocionais de todos os que o rodeiam*²⁰¹

Produziu-se quatro vídeos²⁰² que, em conjunto com as planilhas de cada educador social compuseram os dados da pesquisa. 1 - *História de vida*: 16 pequenos vídeos com as histórias de vida de cada ES; 2 - *De Bem com a Vida*: um vídeo organizado por temas juntando todos os ES; 3 *Conversações*: um vídeo separado por temas juntando todos os ES; 4 - *Relatos de Experiências*: vídeo com os relatos de experiências que mais se destacaram.

Os temas encontrados para o vídeo **Temáticas do De Bem com a Vida** foram:

<i>Temão</i>	<i>Teminhas</i>		
INÍCIO DO PROJETO	Início do projeto		
ATUAÇÃO	Atuação		
RELAÇÕES	Com os participantes	Com os Educadores Sociais	Com a Saúde
PRÁTICAS CORPORAIS	Arte	Corpo	Diversidade de práticas
GESTÃO DO PROGRAMA	Reunião às Sextas-feiras	Trabalho em duplas	
O QUE É O DBV	O que é o DBV		
TRANSFORMAÇÃO	Transformação		

Quadro 2: Temas do vídeo De Bem com a Vida.

Os temas encontrados para o vídeo **Conversações** foram:

²⁰¹ MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental (introdução), *Ethnologia*, n. s., 6-8, 1997, p.31.

²⁰² Cabe aqui um agradecimento à Victoria Negreiros Guedes, estudante de cinema da ECA que participou do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo.

RELAÇÃO: PERCEPÇÃO DO OUTRO E DE SI	2'49	2'37	1'25	3'20	6'58	
	Empoderamento dos participantes	O que mantêm as pessoas no DBV	Percepção de si - perceber o outro	Encontrar o outro - Paixão e sentimento	O que é o DBV na fala dos participantes	
DIVERSIDADE DE PRÁTICAS	3'50	4'37		4'32		
	Diversidade de práticas	Para além da atividade física		Atividade com textos e criatividade		
LIBERDADE E GESTÃO	1'10	5'05	7'01	3'58		
	O que o Marcos quer?	Gestão DBV	Relação com as alunas e local	Espaço conceitual nas relações		
RELAÇÃO COM A UBS	9'52		5'54			
	Promoção Saúde		Profissional de saúde			
HISTÓRIA DE VIDA NO DE BEM COM A VIDA	3'32		2'13			
	HV e relação com as participantes		HV e Alcoolismo			
TRABALHANDO EM DUPLAS	10'19					
	Trabalho em dupla					
CORPO: CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA	6'13	10'54				
	Corpo e cultura	Educação física e corpo				
ENCONTROS SEMANAIS SERÁ?	'30'42					
	Encontros semanais, será?					
SAÚDE E FÍSICA QUÂNTICA	8'10					
	Saúde e física quântica					
POTÊNCIA DO OLHAR ESTRANGEIRO	7'42					
	Mudar as duplas e olhar do estrangeiro					
SUBSTITUIÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL	8'31					
	Substituição do Educador social e espaço					
PERCEPÇÃO E TRANSFORMAÇÃO	7'42					
	Transformação ES					
ENFRENTAMENTO: PÚBLICO E PRIVADO	5'07					
	Enfrentamento com empresa privada					
RELAÇÃO COM A ESCOLA	8'24					
	DBV na escola					

Quadro 3: Temas do vídeo Conversações.